

Rosemeire Selma Monteiro-Plantin

Frasesologia

(Volume 1)

Era uma vez um Patinho Feio
no Ensino da Língua Materna



Fraseologia

**Era uma vez um Patinho Feio no Ensino de
Língua Materna**

(Volume 1)

Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Henrique Paim

Universidade Federal do Ceará – UFC**Reitor**

Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor

Prof. Henry de Holanda Campos

Edições UFC**Diretor e Editor**

Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselho Editorial

Presidente

Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães

Conselheiros

Prof^ª. Adelaide Maria Gonçalves Pereira

Prof^ª. Angela Maria R. Mota de Gutiérrez

Prof. Gil de Aquino Farias

Prof. Ítalo Gurgel

Prof. José Edmar da Silva Ribeiro

Rosemeire Selma Monteiro-Plantin

Fraseologia

Era uma vez um Patinho Feio no Ensino de Língua Materna

(Volume 1)



Fortaleza
2014

Fraseologia: era uma vez um Patinho Feio no ensino de língua materna (Volume 1)

© 2014 Copyright by Rosemeire Selma Monteiro-Plantin

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todos os Direitos Reservados

Editora da Universidade Federal do Ceará – UFC

Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

CEP: 60.020-181 – Tel./Fax: (85) 3366.7766 (Diretoria)

3366.7499 (Distribuição) 3366.7439 (Livraria)

Internet: www.editora.ufc.br – E-mail: editora@ufc.br

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Moacir Ribeiro da Silva

REVISÃO DE TEXTO

Isabel Ferreira Lima

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA – NORMAS DA ABNT

Luciane Silva das Selvas

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO

Carlos Raoni Kachille Cidrão

CAPA

Valdiano Araújo Macedo

Editora Filiada à



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

M772f Monteiro-Plantin, Rosemeire Selma
Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I) / Rosemeire
Selma Monteiro-Plantin - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
309 p. : il. ; 21 cm. (Estudos da Pós-Graduação)

ISBN: 978-85-7485-179-2

1. Lingüística. 2. Lingüística aplicada. 3. Fraseologia. I. Título.

CDD 418

ELOGIO AO APRENDIZADO

Bertold Brecht

Aprende o que é mais simples!
Para aqueles cujo momento chegou, nunca é tarde demais.
Aprende o ABC: não basta, mas aprende-o!
Não desanimes!
Tens de assumir o comando!
Aprende, homem no refúgio!
Aprende, homem na prisão!
Mulher na cozinha, aprende!
Aprende, sexagenário!
Tens de assumir o comando!
Procura a escola, tu que não tens casa!
Cobre-te de saber, tu que tens frio!
Tu, que tens fome, agarra o livro: é uma arma!
Tens de assumir o comando!
Não tenhas medo de fazer perguntas:
não te deixes levar por convencido,
vê com teus próprios olhos!
O que não sabes por experiência própria,
a bem dizer, não sabes.
Tira a prova da conta:
és tu quem vai pagar!
Aponta o dedo sobre cada item,
pergunta: como foi parar aí?
Tens de assumir o comando!

AGRADECIMENTOS

O rigor exigido no texto científico me faz lançar neste espaço algumas palavras de agradecimento que não encontrariam acolhida em outro lugar.

A Deus, que não se enfada de me mostrar que viver, embora seja difícil e até perigoso, é uma delícia.

A Osvaldo Francisco Monteiro, meu pai, certamente o homem mais importante da minha vida, que de forma despretensiosa apresentou-me o mundo das expressões.

A Bruno Murbak (*in memoriam*) e Isaura Francisca Monteiro, meus avós, que deram continuidade ao meu fascínio com suas discussões acaloradas nas quais brigavam e faziam as pazes, em meio a provérbios, ditos populares e expressões afins.

À Ednalva Selma Monteiro (*in memoriam*), minha mãe, que pelo menos teve tempo de ver meus filhos e a árvore que plantei, só lamento ter ficado devendo-lhe o livro...

Aos meus filhos Bruno Gabriel e Vítor Guilherme, que me ensinaram que ser mãe talvez até seja padecer no paraíso, mas também é uma benção de Deus e nossa única certeza de ressurreição.

À Ana Júlia, minha neta, que me desafia, a cada encontro, com novas expressões.

Ao meu marido Sylvain Plantin, por me amar como sou.

Aos meus irmãos e soldadinhos de chumbo: Osvaldo, Alexandre e Ary, minhas irmãs Tatiana, para sempre minha princesa amada, Thaís, minha estrela adorada, e minha prima e xará Rosimeire, por tantas coisas...

Aos meus sobrinhos Laryssa, Lucas, Vinícius, Carolina, Luka, Lísea e Leandre, não por buzinares nos meus ouvidos, mas por encherem de alegria minha vida.

A cada melhor amiga que eu tenho e de quem simplesmente sou: Miguelina de Freitas, Maria Salete Lierman, Elisabete Coradin, Márcia Miranda, Simone Ryan, Bernardete Biasi (*in memoriam*) e Francisca Maria Gordiano.

À Maria Erotildes Moreira, Marilene Pinheiro e Regina Cláudia Pinheiro, sempre prontas para uma força-tarefa, a quem e de quem posso pedir e dar colo.

A Jaime, Edson Jorge, Adair, Rafael e Edson Carlos, amigos que eu amo de paixão.

A Alexandre Fattori, por cuidar dos meus velhos para mim e ser aquele com quem sempre posso contar.

A Antonio Pamies, exemplo de quem eu quero ser “quando crescer”.

A cada um dos meus colegas do Departamento de Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Ceará, aos quais eu adoro pertencer.

À Maria Elias Soares e Maria do Socorro Aragão, esperando que nunca desistam de mim.

A cada um de meus alunos, sentido real do meu trabalho.

A todos os que acharem que deveriam estar nestes agradecimentos e só não estão porque sempre peço, por minha culpa, minha tão grande culpa.

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado a todos aqueles que elegeram as unidades fraseológicas como objeto de pesquisa e se dedicam com afincos a sua identificação, classificação, comparação e contraste, analisando estruturas, sentidos e aplicações.

No labor científico de nossas atividades, muitas vezes não nos damos conta do papel que essas unidades representam nas diferentes línguas naturais.

Elas constituem mais de 50% do inventário lexical, e com suas combinações, às vezes inusitadas, são as principais emissárias da sonoridade e de imagens peculiares a cada língua.

As unidades fraseológicas estabelecem uma espécie de solidariedade linguística, na medida em que são prerequisite indispensável para que possamos fazer parte, efetivamente, de uma comunidade linguística. Elas povoam nosso imaginário coletivo, transportando nossas emoções, lembranças, lágrimas e sorrisos, sendo a melancolia, a alegria e o colorido da língua.

Há nelas um intrínseco potencial unificador, capaz de fazer com que nos sintamos pertencendo a nossa língua e, por extensão, todos aqueles com os quais podemos partilhá-las são os que podemos chamar de nossos.

Mas, paradoxalmente, ao mesmo tempo que nos particulariza, quando conhecemos as expressões de outras línguas podemos sair de nosso etnocentrismo e nos abrimos para o outro.

O conhecimento dos usos e sentidos das unidades fraseológicas, em cada uma das línguas que não seja a nossa, de certa forma é a porta de entrada para a tolerância, para a compreensão e para o respeito ao outro.

Ao descobrirmos o que se diz, em diferentes línguas, para saudar, ofender, mostrar alegria ou tristeza, pesar ou contentamento, indiferença, euforia ou êxtase, paixão, dores e amores, estamos penetrando no universo alheio e percebendo diferentes formas de pensar, atribuir valor e de fazer um recorte naquilo a que chamamos de realidade.

Um sentimento de alegria pura e autêntica pode emergir da partilha e do confronto de diferentes visões de mundo, além da percepção de que aquilo que se diz na nossa terra pode ter viajado no tempo e no espaço, perdendo e ganhando não apenas massa fônica, mas também diferentes temperos, cores, sabores e sensações.

Por tudo isso, convém olhar para essas expressões com carinho, respeitando os séculos de bagagem que ensejam, e acrescentar um pouco de cada um de nós, para que prossigam viagem e possam embalar, consolar, acalmar e acalentar gerações vindouras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 COMENDO MINGAU PELAS BEIRADAS OU BOTANDO LENHA NA FOGUEIRA?.....	21
1.1 História da Disciplina – <i>Trilhando o Caminho das Pedras</i>	21
1.2 O que é Fraseologia? – <i>Procurando Agulha no Palheiro</i>	23
1.3 Precisando os Conceitos – <i>Colocando os Pingos nos Is</i>	33
1.4 Teoria Fraseológica – <i>De Grão em Grão a Galinha Enche o Papo</i>	34
1.5 Estudos Fraseológicos no Brasil – <i>Santo de Casa também Faz Milagre</i>	41
1.6 Categorização das Unidades Fraseológicas – <i>Nem Tudo que Reluz é Ouro!</i>	48
1.6.1 A teoria clássica ou realismo semântico – <i>Filho de peixe, peixinho é</i>	49
1.6.2 A teoria prototípica – <i>Diz-me com quem andas e eu te direi quem és</i>	50
1.6.3 A concepção teórica – <i>Nem tanto ao mar, nem tanto à terra</i>	61
1.7 A Delimitação das Unidades Fraseológicas – <i>Sepa- rando o Joio do Trigo</i>	64
1.7.1 As parêntias – <i>O filho pródigo</i>	65
1.7.2 As expressões idiomáticas – <i>Rei da cocada preta</i> ...	70
1.7.3 As colocações – <i>Unha e carne</i>	72
1.7.4 Os pragmatemas – <i>A educação vem do berço.</i>	73

1.7.5	Expressões de classificação complexa – <i>Carne de pescoço</i>	77
1.7.5.1	Estereótipos e clichês – <i>Toda unanimidade é burra</i>	77
1.7.5.2	Os bordões – <i>A voz do povo é a voz de Deus ...</i>	79
1.7.5.3	Os slogans – <i>Vende mais porque é fresquinho, ou é fresquinho porque vende mais? ...</i>	81
2	CAIU NA REDE É PEIXE	85
2.1	Características das Unidades Fraseológicas – <i>Quem Vê Cara não Vê Coração</i>	85
2.1.1	Polilexicalidade – <i>Quem tem um não tem nenhum</i>	85
2.1.2	Fixação ou cristalização – <i>Pau que nasce torto morre torto</i>	87
2.1.3	Idiomaticidade, opacidade e transparência – <i>As aparências enganam</i>	88
2.1.4	Convencionalidade e frequência – <i>Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?</i>	91
3	É DE PEQUENO QUE SE TORCE O PEPINO.....	93
3.1	Da Competência Fraseológica à Competência Discursiva – <i>A União Faz a Força</i>	93
3.2	A Memória Semântica e o Desenvolvimento da Competência Discursiva – <i>Água Mole em Pedra Dura, Tanto Bate até que Fura</i>	94
3.3	A Teoria dos Esquemas e a Competência Discursiva – <i>Dançando conforme a Música</i>	103
3.4	O Ensino de Língua Materna – <i>Fazendo Tábula Rasa do Conhecimento Linguístico?</i>	107
3.5	Competência Fraseológica em Língua Materna – <i>Do Falante Ingênuo ao Poliglota em sua Própria Língua...</i>	110
4	NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA	115

4.1	Percurso dos Estudos Fraseológicos – <i>Não Há Rosas sem Espinhos</i>	115
4.2	Desafios e Perspectivas – <i>Não Há Mal que sempre Dure e não Há Bem que nunca se Acabe</i>	115
4.3	Do Patinho Feio ao Despertar do Cisne – <i>Quem Espera sempre Alcança</i>	119
5	O DESPERTAR DO CISNE	121
5.1	Relatos de Pesquisa – <i>Botando a Mão na Massa</i> ..	121
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	175
	BIBLIOGRAFIA TEMÁTICA	243

INTRODUÇÃO

Embora os estudos fraseológicos no Brasil estejam consolidados em uma significativa produção científica, as unidades fraseológicas seguem marginalizadas no ensino de língua materna.

A consistência da produção científica nesta área pode ser exemplificada por uma centena de teses de doutorado e dissertações de mestrado dedicadas aos estudos fraseológicos; pela atuação de consistentes grupos de pesquisa em diferentes universidades brasileiras; pela publicação de capítulos de livros e de artigos científicos; pela realização do I Seminário Internacional de Fraseologia, em Brasília, em outubro de 2010, e do I Congresso Brasileiro de Fraseologia, juntamente com o II Congresso Internacional de Fraseologia, também em Brasília, em novembro de 2011, no qual foram apresentados cerca de 120 trabalhos da área; e, até mesmo, pela criação da Associação Brasileira de Fraseologia (2011).

Optamos pela denominação *unidades fraseológicas* (UFs), para designar as sequências linguísticas que constituem o objeto de estudo da Fraseologia, por considerarmos tal híperônimo suficiente para abarcar sentenças proverbiais, expressões idiomáticas (EI), pragmatemas e fórmulas situacionais, colocações, locuções fixas, frases feitas, clichês e chavões.

Podemos contar, no Brasil, com consistentes estudos contrastivos dedicados às UFs, ainda que não numerosos. Todavia, carecemos de obras de referência teórica e metodológica que nos auxiliem no ensino/aprendizagem de língua materna, na promoção de uma competência discursiva suficiente para dar conta do nível fraseológico, na recepção e na produção dos mais diferentes discursos.

Essas expressões têm encontrado algum espaço, especialmente no ensino de línguas estrangeiras, talvez por serem de difícil compreensão para os falantes não nativos de uma língua.

O que, provavelmente, dificulta a compreensão direta dessas unidades, aos falantes não nativos, é a sua não composicionalidade semântica, ou seja, o sentido da expressão não decorre da soma do sentido de cada uma das palavras que a constituem.

Se tomarmos como exemplo *tomar um chá de cadeira*, *tomar chá de sumiço*, *dar uma colher de chá*, *estar frito*, *descascar o abacaxi*, *comer mingau pelas beiradas* e *ir comer capim pela raiz* veremos que tais expressões não se referem ao universo gastronômico brasileiro, como seria possível supor em uma interpretação literal. Tais expressões referem-se, respectivamente, a: ficar esperando em vão por alguém com quem se marcou um encontro ou uma consulta; desaparecer das vistas de alguém; conceder uma chance ou oportunidade; encontrar-se em uma situação difícil; resolver um problema; ir com cautela para alcançar um objetivo; morrer.

Entretanto, o uso, ou o tratamento didático, de frases feitas, provérbios, expressões idiomáticas e demais UFs tem sido marginalizado, tanto na tradição literária brasileira quanto em nosso ensino de língua materna.

Uma evidência da marginalização dessas unidades é que há recomendações expressas para a sua não utilização em inúmeros materiais didáticos, dedicados ao ensino de língua materna, com a justificativa de que evidenciariam falta de criatividade e pobreza de vocabulário.

A despeito dessa marginalização, as UFs constituem um espaço privilegiado para a reflexão sobre o processamento da linguagem verbal, porque, além de serem portadoras da cultura, são propícias à desautomatização dos mais diferentes usos linguísticos.

A fim de contribuir para o preenchimento da lacuna existente nesta área, propomos uma coletânea constituída por três volumes, sendo o primeiro, teórico; o segundo, aplicado ao ensino; e o terceiro, dedicado às interrelações com outras disciplinas.

Pretendemos com esta obra oferecer o primeiro manual de Fraseologia em língua portuguesa, publicado no Brasil, a exemplo do *Manual de Fraseologia Espanhola*, de Gloria Corpas Pastor, publicado na Espanha pela Editora Gredos, em 1996, e *La Didactique du Français Idiomatique*, de Maribel González-Rey, publicado na Bélgica, em 2008, pela editora E.M.E. (Éditions Modulaires Européennes).

Este primeiro volume é dedicado a toda a comunidade linguística e, de forma especial, aos professores de português como língua materna e estudantes de Letras (graduandos e pós-graduandos), futuros professores e/ou pesquisadores dessa língua.

Nossos objetivos primordiais são:

- Apresentar resultados e contribuições para a pesquisa fraseológica que desenvolvemos no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará; com três dissertações de mestrado (duas defendidas em 2011/2012 e uma em andamento) e seis teses de doutorado em andamento;
- Diminuir a distância entre a pesquisa realizada na universidade e a prática de sala de aula, principalmente no tocante ao ensino de língua materna;
- Conferir um tratamento didático especial e diferenciado às UFs já cristalizadas no português do Brasil e referentes a diversos campos semânticos, propondo uma desautomatização dessas estruturas.

- Propiciar, aos professores e futuros professores de língua materna, a compreensão de fenômenos linguísticos específicos, tais como: delimitação e categorização de diferentes unidades léxicas; constituição e processamento do léxico mental; motivação e arbitrariedade; regularidade e irregularidade; composicionalidade e não composicionalidade semântica; fixação e mobilidade dos constituintes; criatividade e convencionalidade; sentido literal e sentido idiomático; etimologia; diacronia e sincronia; variação e mudança, norma padrão e erro; regionalismos e universais linguísticos; tendo como objeto de estudo fraseologismos da língua portuguesa.

Organização dos Três Volumes

O **primeiro volume** é dedicado a aspectos teóricos da Fraseologia e foi organizado em cinco capítulos.

No **primeiro capítulo**, apresentamos a história da Fraseologia, enquanto disciplina linguística, desde os primeiros trabalhos desenvolvidos na antiga União Soviética e na República Democrática Alemã até o que vem sendo desenvolvido no Brasil, passando pelos contemporâneos estudos europeus, principalmente os realizados na Espanha e na França. Desta forma, pretendemos cotejar as principais teorias fraseológicas, os principais estudos realizados no Brasil e as diferentes delimitações das UF's.

O **capítulo dois** é dedicado à análise, através de exemplos em língua portuguesa, das características das UF: polilexicalidade, fixação, idiomaticidade, contrastada com opacidade e transparência semântica dos constituintes, e, por fim, convencionalidade e frequência de uso.

O **capítulo três** é dedicado ao estudo da competência fraseológica como integrante da competência discursiva. Tecemos considerações sobre a organização do conhecimento na memória, sobre a teoria dos esquemas e discutimos ainda o tratamento que as UF têm recebido no ensino de língua materna.

O **capítulo quatro** é constituído pela síntese da trajetória da pesquisa fraseológica, por suas principais contribuições possíveis de aplicação didática e pelos desafios e perspectivas futuras desse campo de estudo tão profícuo para o ensino de língua materna.

No **capítulo cinco**, apresentamos relatos de pesquisa com orientações metodológicas para o desenvolvimento de atividades didáticas com diferentes UF. Tais orientações são fruto do trabalho que desenvolvemos na graduação do Curso de Letras, mais especificamente na disciplina de Estágio em Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Ceará, desde setembro de 2008. São apresentadas propostas de trabalho com diferentes tipos de UF, com vistas à compreensão de distintos fenômenos linguísticos.

Uma **bibliografia temática** é apresentada para orientar pesquisadores que pretendam aprofundar seus estudos na área. Vale dizer que essa bibliografia é fruto de dois estágios pós-doutorais que tivemos oportunidade de realizar. O primeiro estágio foi financiado pela Fundación Carolina/Espanha, na Universidad de Granada, no período de outubro de 2006 a dezembro de 2007, com a colaboração do professor Antonio Pamies Bertrán. O segundo foi financiado pela Ca-

pes/Brasil (Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior), na Université Paris 13, no laboratório Lexiques, Dictionnaires, Informatique, com a colaboração do professor Salah Mejri, no período de setembro de 2011 a agosto de 2012.

No **segundo volume**, apresentamos algumas propostas de atividades com UFs com vistas a analisar fenômenos linguísticos, tais como: origem, motivação e arbitrariedade; delimitação e categorização de diferentes unidades léxicas; regularidades e irregularidades; composicionalidade e não composicionalidade semântica; fixação e mobilidade dos constituintes; criatividade e convencionalidade; variação e mudança; norma padrão e erro; regionalismos e universais linguísticos.

No **terceiro volume**, organizamos uma coletânea, de diferentes autores, dedicada à Fraseologia e suas relações com outras disciplinas, contemplando: Aquisição da Linguagem; Lexicologia, Lexicografia e Fraseografia; Terminologia; Tradução e Fraseologia Contrastiva; Tratamento Automático da Linguagem (TAL); Estudos Cognitivos e Estudos Linguístico-Culturais.

1

COMENDO MINGAU PELAS BEIRADAS OU BOTANDO LENHA NA FOGUEIRA?

1.1 História da Disciplina – *Trilhando o Caminho das Pedras*

Fraseologia é o termo utilizado para designar tanto o conjunto de fenômenos fraseológicos como a disciplina que os estuda (ainda que para alguns pesquisadores trate-se de uma subdisciplina da Lexicologia). Nossa concepção é a de que se trata de uma disciplina independente, mas concernente a todos os níveis de análise linguística, como mostraremos mais adiante.

Enquanto conjunto de fenômenos fraseológicos comum a todas as línguas naturais, a Fraseologia constitui um estupendo recurso linguístico, do qual os falantes fazem uso em seu cotidiano, em contextos precisos e com objetivos específicos.

Tendo em vista a importância do caudal fraseológico da língua portuguesa apresentamos, em outro trabalho, um panorama histórico de adagiários, compilações de provérbios, antologias e demais obras fraseológicas, em língua portuguesa, contemplando desde a mais remota coleção de provérbios portugueses que, segundo Leite de Vasconcelos, encontra-se incluída nos *Refranes o Provérbios en Romance* (compilada por Hernan Nuñez e publicada pelo seu discípulo, Leon de Castro, em 1555), até os recentes dicionários de expressões idiomáticas, publicados em 2012.

Tal panorama será acompanhado de uma classificação temática das obras apresentadas, bem como de uma discussão acerca de sua importância para a compreensão das idiossincrasias da lusofonia e/ou dos (possíveis) universais fraseológicos.¹

Embora este livro não seja dedicado à análise das publicações paremiológicas (coleções de provérbios, adagiários, refraneiros, florilégios, anexins, ditos populares, frases feitas e demais obras similares), dado a importância de tais coleções na consolidação e transmissão da cultura de um povo, julgamos pertinente reproduzir as palavras com as quais Francisco Rodriguez Marín² inicia sua coleção:

No adagiário encontra-se, para quem o souber procurar, o remédio, ou pelo menos, o alívio de todos os males. Tu brincas com remédios excelentes para o corpo e para o espírito doentes, e mais ainda, porque evitas as enfermidades com as tuas regras higiénicas e com as sãs máximas da moral, que é governo e higiene da alma e pauta de bem viver. Em ti encontra consolo o triste, decisão o irresoluto, paciência o nervoso, correcção o vicioso, prudentes hábitos de economia o perdulário, o literato casticismo e agilidade de espírito; o artífice lições para o seu ofício; o marinheiro, conselhos náuticos; o lavrador, conhecimentos agrícolas e meteorológicos; o homem de ciência, luminosos aforismos; e todos ensino gratuito e saudável; porque és livro aberto a todos os olhares e sábia solução para todos os problemas (tradução LIMA, 1963, p. 14-15).³

¹ Trata-se de um projeto desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

² MARÍN, Francisco Rodriguez. *Los 6.666 refranes de mi última rebusca*. Madri, 1934.

³ LIMA, Fernando de Castro Pires de. *Adagiário português*. Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Gabinete de Etnografia: Lisboa, 1963, p. 14-15.

Uma vez esclarecido estarmos considerando Fraseologia como a disciplina linguística que se ocupa do estudo das unidades fraseológicas, cabe esclarecer em que consiste a disciplina, bem como delimitar e categorizar o objeto do qual se ocupa.

Porém, os limites da Fraseologia são difíceis de estabelecer, principalmente por não haver consenso entre os linguistas quanto à delimitação das unidades que podem ser objeto de investigação, e tampouco em relação à categorização dessas unidades.

1.2 O que é Fraseologia? – *Procurando Agulha no Palheiro*

Vejamos, inicialmente, como o verbete *fraseologia* é apresentado em três dicionários eletrônicos.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. VERSÃO 2.0. SÃO PAULO: OBJETIVA, ABRIL, 2007.

fraseologia

substantivo feminino

1. **Rubrica: gramática.** a parte da gramática que se dedica ao estudo da frase.
2. **Rubrica: estilística, gramática.** o conjunto das construções mais características de uma língua ou de um escritor *Ex.: <a f. latina> <a f. de Guimarães Rosa>.*
3. **Rubrica: gramática, lexicologia, linguística.** frase ou expressão cristalizada, cujo sentido ger. não é literal; frase feita, expressão idiomática (p.ex., *fazer uma tempestade em um copo de água*).
4. Estudo ou compilação de frases feitas de uma determinada língua.

5. M.q. *frasismo*6. **Rubrica: música.** estudo da organização métrica de uma composição

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO SÉCULO XXI. RIO DE JANEIRO, NOVA FRONTEIRA E LEXICON INFORMÁTICA, 1999, CD-ROM, VERSÃO 3.0.

fraseologia

[De fraseo- + -logia.]

S. f. E. Ling.

1. Parte da gramática em que se estuda a construção da frase.
2. Construção de frase peculiar a uma língua, ou a um escritor.
3. Conjunto ou compilação de frases ou locuções de uma língua ou de um escritor.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (DRAE)

fraseología

(De *frase* y *-logía*)

1. f. Conjunto de modos de expresión peculiares de una lengua, de un grupo, de una época, actividad o individuo.
2. f. Conjunto de expresiones intrincadas, pretenciosas o falaces.
3. f. **palabrería.**
4. f. Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo.

5. f. Parte de la lingüística que estudia las frases, los refranes, los modismos, los proverbios y otras unidades de sintaxis total o parcialmente fijas.

Antes de tomarmos posição, apresentaremos uma síntese da concepção de diferentes pesquisadores acerca da definição de Fraseologia e de seu objeto de análise, acompanhada de nossas reflexões.

De acordo com Mironesko (1997), a fraseologia teórica foi iniciada pelo russo Michail Vasilevich Lomonósov (1711-1765), que, ao incluir parêmsias e modismos russos em sua gramática, procedeu uma análise minuciosa, assinalando uma semelhança entre a palavra e as frases. A autora lembra que, ao se referir aos idiomatismos e às locuções, Lomonósov destaca a importância do conhecimento dessas frases e idiomatismos para um bom conhecimento da língua.

Em seu *Essai de sémantique*, Bréal (1897 [1924]) apresenta a distinção entre *fórmulas*, *locuções* e *grupos articulados*. Sua definição de grupos articulados abarca as expressões fixas diversas, que, segundo o autor, são fixadas pelo uso, não tendo ocorrência isoladamente, ainda que o falante tenha consciência da fixação: “a linguagem apresenta palavras que o uso reuniu há tanto tempo que em nossa consciência elas nem existem mais em estado isolado” (p. 172).

A classificação apresentada por Gabelentz (1901) inclui as sentenças, os aforismos, as fórmulas de saudação, de insulto e de súplica, assim como outras expressões compostas por aliterações e assonâncias. Outro traço assinalado por esse autor é que uma unidade léxica pode conservar um sentido arcaico dentro de uma expressão fixa (*apud* ZULUAGA, 1980, p. 34).

Embora não tenha tratado especificamente de Fraseologia, em seu *Curso de Linguística Geral*, Saussure adverte para o fato de que “não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas que são elas próprias signos” (SAUSSURE, 1916, p. 148). Para o mestre genebriano, o que entendemos atualmente como unidades fraseológicas eram então *agrupamentos*. Tais agrupamentos são definidos por ele como

[...] sintagmas, compostos por duas ou mais unidades consecutivas, que estabelecem um encadeamento de caráter linear e podem corresponder a palavras, a grupos de palavras, a unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie, como as palavras compostas, derivadas, membros de frases e frases inteiras (SAUSSURE, 1916, p. 143-144).

O autor faz ainda referência às *locutions toutes faites*, inserindo-as entre os fatos da língua, e não da fala.

[...] Um grande número de expressões que pertencem à língua são as frases feitas, às quais o uso proíbe de mudar qualquer coisa mesmo se se pode distinguir nelas, mediante a reflexão, partes significativas (para que fim?). E também assim, se bem que em menor grau, com expressões tais como “acertar na mosca” ou ainda “ter dor de (cabeça, etc.)...”, cujo caráter usual sobressai das particularidades de sua significação ou de sua sintaxe. Essas expressões não podem ser improvisadas, elas são fornecidas pela tradição [...] (SAUSSURE, 1916, p. 144).

Na Europa Ocidental, as primeiras investigações sobre as expressões fixas foram realizadas por Charles Bally, que, em 1909, utiliza o termo *fraseologia* com o sentido de disciplina científica, tal como o utilizamos atualmente. Ele considera locução composta quando “em um grupo de palavras, cada unidade gráfica perde uma parte de sua significação individual, ou não conserva nenhuma, se

a combinação de seus elementos se apresenta com um único sentido” (BALLY, 1909, p. 65-66). Considerado o pai da Fraseologia, Bally classifica as expressões linguísticas em três grupos, a saber:

- combinações livres: associações ocasionais ou agrupamentos passageiros (*ter uma casa*);
- agrupamentos usuais ou séries fraseológicas (*ter sorte*);
- unidades fraseológicas (*ter o rei na barriga*).

Entretanto, podemos dizer que as bases teóricas que propiciaram as pesquisas em Fraseologia foram estabelecidas pelos linguistas soviéticos por volta de 1940, com destaque especial para Vinogradov (1947). Foram estes linguistas que estabeleceram os conceitos fundamentais da disciplina. Posteriormente, estas pesquisas foram desenvolvidas nos trabalhos da Europa oriental, principalmente na República Democrática Alemã (RDA).

No Brasil, devemos a Ortiz Alvarez a divulgação dos trabalhos de Vinogradov e Polivanov. Segundo esta autora, Vinogradov (1946; 1947) “estudou os tipos básicos de unidades fraseológicas, próprios do sistema linguístico comum e aquelas categorias principais que orientam o mecanismo de formação de frases na língua”.

Polivanov (1931 *apud* ORTIZ-ALVAREZ, 2011, p. 10) considera a Fraseologia como ciência linguística cujo objeto de estudo são as expressões fixas e seus significados individuais, aos quais denomina fraseologismos.

A exemplo de outros pesquisadores franceses, Maurice Gross (1982) não fala em Fraseologia, mas em frases fixas, formas ou expressões fixas, o que incluiria as formas proverbiais, as expressões idiomáticas e as formas compostas.

Gaston Gross (1986, p. 2) assinala que a fixação é uma propriedade das línguas naturais cuja importância foi por muito tempo menosprezada. “A fixação é um processo linguístico no qual um sintagma em que os elementos são livres transforma-se em um sintagma em que os elementos não podem ser dissociados”, nesta categoria ele inclui as expressões idiomáti-

cas, os idiotismos (galicismos, anglicismos, germanismos...), os nomes compostos, as locuções (verbais, adjetivais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas), as frases fixas e os verbos suporte.

Gertrud Greciano (1986) considera a Fraseologia como uma disciplina independente dedicada à análise das unidades fraseológicas e inclui nesta categoria: lexias compostas, desvios, locuções, idiomatismos, ditos, lugar-comum, clichês e provérbios.

Salah Mejri (1987) define Fraseologia como o fenômeno que se exprime através de associações sintagmáticas recorrentes, e a fixação como o processo pelo qual tais associações sintagmáticas se realizam. Mejri tem se dedicado a pesquisas sobre o processo de fixação (*figement*) contemplando elementos tais como: verbos suporte, colocações, expressões idiomáticas, pragmatemas, locuções, provérbios, esteriótipos...

Fiala (1988, p. 32) diz que a Fraseologia “é constituída de combinações recorrentes, mais ou menos estabilizadas, de formas lexicais e gramaticais”. Ele lembra que tais unidades aparecem como fixações construídas em contextos restritos, embora possa haver algumas variações.

Gibbs (1994), por sua vez, não fala em Fraseologia, mas em idiomatismos e conjunto de linguagem estereotipada, no qual inclui: ditos, provérbios, verbos frasais, idiomatismos, binômios, comparações cristalizadas, compostos frasais, verbos idiomáticos e rotinas conversacionais.

Burger (1998) chama de Fraseologia a disciplina que se ocupa do estudo de uma grande variedade de combinações de palavras (fraseologismos), que abrange de colocações até provérbios. Afirmar ainda que “via de regra, os fraseologismos são semanticamente mais complexos do que as palavras”⁴ (BURGER, 1998, p. 75).

⁴ Tradução: professor Herbert Andreas Welker, Universidade de Brasília.

Na Espanha, foi Julio Casares (1992 [1950]) um dos primeiros a sistematizar o estudo das locuções, das frases proverbiais, dos refrões, e dos modismos. Seu trabalho foi de grande contribuição para a delimitação e classificação das construções pluriverbiais, convertendo-se em referência obrigatória para o estudo destas expressões em língua espanhola, em particular, e nas línguas latinas de uma maneira geral.

Gloria Corpas Pastor (1996), em seu *Manual de Fraseologia*, apresenta um estudo detalhado de seus aspectos formais semânticos e pragmáticos e uma tipologia que estabelece a distinção entre colocações, locuções e enunciados fraseológicos (fórmulas, parêmiias...).

Para a paremióloga Julia Sevilla (1997), há uma multitudine de termos para denominar as unidades que constituem o objeto de estudo da Fraseologia:

Expressões idiomáticas, expressões fixas, modismos, idiotismos, locuções, timos, muletas linguísticas, clichês, esteriótipos, giros, frases feitas, ditos, refrões, provérbios, frases proverbiais, apelativos que usamos em maior ou menor medida em outras línguas, como em francês *expression idiomatique*, *expression figée*, *expression imagée*, *idiotisme*, *locution*, *cliché*, *tournure*, *phrase faite*, *phrase proverbiale*, *oroverbe*, *dicton*; em italiano (*espressione idiomática*, *modo de dire*, *idiotismo*, *locuzione*, *proverbio*, *modo proverbiali*), em alemão (*Phraseologismus*, *Redewendung*, *Redensart*, *Idiotismus*, *Sprichwort*), em inglês (*idom*, *proverb*, *cliché*) (SEVILLA, 1997, p. 432).

Para Maribel Gonzalez Rey (2004, p. 115), Fraseologia é “o estudo científico da combinatória fixa das línguas, com um material classificado como heterogêneo (expres-

sões idiomáticas, frases feitas, fórmulas rotineiras, colocações, refrões e outras parêmys)”. Para ela, as características comuns a tais combinações (pluriverbalidade, fixação dos componentes, idiomaticidade, repetição e reconhecimento pela comunidade) permitem que sejam agrupadas em um único conjunto, o das unidades fraseológicas.

Antonio Pamies Bertran (2012) assinala que os estudos fraseológicos tiveram grande desenvolvimento a partir do momento em que se desenvolveram de forma mais independente dos demais estudos lexicográficos. Para ele, tal desenvolvimento deve-se principalmente a uma reação contrária a ideias anteriores, como é comum em se tratando de Ciências Humanas. Este pesquisador concebe Fraseologia como uma disciplina à parte, situada na fronteira entre a sintaxe e o léxico. Tendo em vista o direcionamento de suas pesquisas estar voltado para a relação entre língua e cultura, suas análises contemplam um leque expandido de UFs: provérbios, expressões idiomáticas, colocações, pragmatemas e culturemas; a fim de contemplar o fenômeno não apenas do ponto de vista lexical, mas também pragmático.

Mario Garcia Page (2011) adverte para o fato de que ao adotarmos um conceito ilimitado, ou muito amplo, de Fraseologia, incluindo, além das locuções, os refrões, as frases proverbiais, os dialogismos, as colocações, os compostos etc., torna-se praticamente impossível de se abarcar o *corpus* desta disciplina. Por isso, opta por um conceito restrito centrado apenas nas locuções, o que, segundo ele, possibilita uma melhor precisão na descrição linguística e na análise do fenômeno.

Esta concepção ampla de Fraseologia é pouco adequada por causa da imprecisão na análise a ela associada. Por exemplo, não me parece muito acertado chamar refrões, locuções ou colocações de unidade fraseológica, fraseolo-

gismo, expressão fixa, etc. Não parece correto que locuções, colocações e compostos façam parte de um mesmo paradigma. Ainda que estas formas linguísticas partilhem traços comuns, é necessário distinguir os traços destas formas evitando a mistura indiscriminada. Defendemos uma concepção estrita de Fraseologia como disciplina encarregada de estudar as locuções (GARCIA-PAGE, 2001, p. 208).

Na América Latina, os estudos fraseológicos tiveram impulso inicial graças aos trabalhos de Augusto Zuluaga (1980), de origem colombiana, e das cubanas Zoila Vitória Carneado Moré e Antonia Maria Tristá Perez (1985), com as publicações: *Introducción al estudio de las expresiones fijas* e *Estudios de fraseología*, respectivamente.

Para tratar do fenômeno ao qual estamos nos dedicando neste livro, Tagnin (2005) prefere falar de convencionalidade, que define como sendo todas as combinações aceitas de comum acordo por uma comunidade linguística, posição que retoma em:

A Fraseologia (ou Convencionalidade) inclui desde colocações (co-ocorrência de palavras) de vários tipos, tais como praça pública, controle de qualidade, mentira deslavada, executar uma tarefa, chover torrencialmente, até expressões idiomáticas (pagar o pato, estourar a boca do balão), provérbios (Quem tudo quer, tudo perde), fórmulas situacionais (parabéns, Vai tirar o pai da força? Sorte sua!). Em outras palavras, os fraseologismos referem-se a combinações de palavras que ocorrem de forma recorrente em um dado idioma (TAGNIN, 2011, p. 278).

Cláudia Maria Xatara (2006) classifica a Fraseologia como subárea da Lexicologia que trata de um subconjunto vocabular, no qual se inserem unidades lexicais complexas denominadas unidades fraseológicas.

Ellis (2008) assevera que a Fraseologia liga palavras, semântica e uso social.

Para Ortiz-Alvarez (2011, p. 9), Fraseologia é

a ciência que estuda as combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos e não pertencem a uma categoria gramatical específica.

Ela destaca como traços distintivos do sistema fraseológico: a organização sintática na qual aparecem combinadas palavras e orações, a metaforização; a presença de uma categoria semântica especial de significado fraseológico e o contexto em que são utilizadas, e inclui nessa categoria

todas as combinações em que os componentes são geralmente estáveis (em alguns casos a estabilidade é parcial, permitindo algumas alterações, que não mudam o significado total da expressão) e possuem traços metafóricos (ORTIZ-ALVAREZ, 2011).

Maria Eugênia Olímpio de Oliveira Silva (2011, p. 162) adota um conceito amplo de Fraseologia. Para ela, trata-se de uma

disciplina linguística que tem por objetivo o estudo de certos tipos de fenômenos léxicos reunidos, geralmente, sob o termo unidades fraseológicas, ou seja, combinações estáveis de palavras que apresentam certa fixação de forma e significado.

Guilhermina Jorge (2011) considera Fraseologia como disciplina independente da qual fariam parte das unidades de análise: locuções, frases feitas, expressões idiomáticas, lugares-comuns, colocações, estereótipos, clichês, provérbios, máximas, citações e sentenças.

1.3 Precisando os Conceitos – *Colocando os Pingos nos Is*

Cientes de que o trabalho científico exige rigor teórico e metodológico, e também de que a precisão dos conceitos é essencial para o alcance de tal rigor, após inúmeras leituras, apresentamos nossa concepção de Fraseologia.

Trata-se de uma disciplina independente, relacionada a todos os níveis de análise linguística (do fonético ao discursivo-pragmático), cujo o objetivo é o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente.

Optamos pela denominação *unidades fraseológicas*, para designar as unidades linguísticas que constituem o objeto de estudo da Fraseologia, por considerarmos tal hiperônimo suficiente para abarcar: sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina ou cristalizadas, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações.

Pretendemos no decorrer de nosso trabalho discutir cada um dos pontos de nossa definição, com o intuito de melhor explicitá-la, confrontando cada um de seus aspectos com exemplos da língua portuguesa, para ver em que medida podem ou não ser incluídos nesta categoria.

1.4 Teoria Fraseológica – *De Grão em Grão a Galinha Enche o Papo*

Gaston Gross (1996) lembra que uma reflexão aprofundada sobre termos compostos teve início com Darmesteter, em 1874, na obra *Traité de la formation de mots composés*, na qual apresenta a oposição entre compostos e justapostos.

Devemos a Darmesteter uma análise do processo de fixação. Ele estabeleceu a distinção entre construções desviantes (que se apresentam de forma elíptica com o apagamento do substantivo oiseau em rouge-gorge) e aquelas que são conformes mas devem sua existência ao tempo, o que quer dizer à grande frequência com a qual certos elementos são reunidos em determinadas sequências. Do ponto de vista semântico, a definição de Darmesteter sobre nomes compostos continua atual: “*Le nom composé évoque dans l’esprit non les images distinctes répondant à chacun des mots composants mais une image unique.*” Esta análise criou toda uma tradição. Para ele, um termo composto é uma frase em redução (GROSS, 1996, p. 21).

Se pretendemos traçar o percurso histórico do tratamento conferido às unidades fraseológicas nos estudos linguísticos, devemos lembrar também que Herman Paul (1881) tratou dos fenômenos de fixação e de idiomaticidade em língua alemã, além de haver definido idiomaticidade como um fenômeno segundo o qual “o sentido da expressão idiomática não pode inferir-se da combinação dos elementos componentes”.

No que concerne à língua inglesa, Henry Sweet (1891) chama a atenção para a existência de “frases especiais” denominadas por ele como *idioms*. Tais frases seriam regulares do ponto de vista formal, porém irregulares do ponto de vista semântico.

Bréal (1897 (1924)) explica ainda o surgimento de alguns neologismos como resultado de alterações ou fonéticas (que pode ser exemplificado em língua portuguesa com “você” procedente de vossa mercê); a criação de expressões fixas com base em modelos já existentes; a existência de arcaísmos manifestados em diferentes formas gramaticais, em construções sintáticas ou significados léxicos.

Gabelentz (1901), por sua vez, interessou-se pelos aspectos fônico-prosódicos das expressões fraseológicas, apresentando o conceito de fala fixa-ritmada, que se refere à distribuição equilibrada de acentos e tonicidade em uma frase, o que contribui para que com o hábito da repetição tal frase possa ser mais facilmente retida na memória, chegando a automatizar-se. Esse autor considera que um dos fatores que propiciam o surgimento das expressões fixas é de caráter psicológico: a complacência em unir palavras que apresentem semelhanças fonéticas e que estejam relacionadas semanticamente, seja por afinidade, seja por contraste, ficando neutralizada a oposição semântica nesse último caso.

Saussure (1916) define aglutinação como um fenômeno no qual dois ou mais termos, originariamente distintos, mas que se reencontram frequentemente na sintaxe, em uma frase, soldam-se em uma unidade absoluta e dificilmente analisável e relaciona os *agrupamentos* às relações sintagmáticas, embora sinalize a importância das relações paradigmáticas para seu reconhecimento e análise. Para ele, o estabelecimento de diferentes associações, entre os elementos linguísticos que constituem tais agrupamentos, podem provocar variações no seu interior.

Ainda que nem sempre de forma explícita, podemos reconhecer o estabelecimento dos eixos sintagmáticos e paradigmáticos, propostos por Saussure, em diversos trabalhos

atuais sobre Fraseologia, nos quais tais noções subjazem à definição das unidades fraseológicas como: pluriverbiais e combinatórias (sintagmático); ou ainda na discussão sobre a possibilidade de comutação dos elementos constitutivos e de diferentes graus de fixação (paradigmático).

Em Jespersen (1924) encontramos a oposição entre liberdade combinatória e fixação.

Secheyhay (1921), em um trabalho intitulado “Locuções e compostos”, distingue síntese pura e síntese construtiva e apresenta as características próprias a cada uma dessas duas formações lexicais. Para ele, a locução é síntese pura, enquanto nos compostos trata-se de síntese construtiva.

Isačenko (1948) correlaciona morfologia, sintaxe e fraseologia em um artigo publicado em *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 7.

Podemos assinalar três das obras de Charles Bally (1951) como precursoras da elaboração de uma teoria fraseológica, a saber: *Précis de stylistique*; *Traité de stylistique* e *Linguistique générale et linguistique française*. Além de estabelecer critérios para distinguir o grau de fixação de diferentes tipos de combinação de palavras, Bally também apresentou alguns indícios para o reconhecimento dos fraseologismos, explicitando, por exemplo, o conceito de arcaísmo.

Na mesma linha de raciocínio de Saussure, Bally considera as associações e os agrupamentos responsáveis pela assimilação dos fatos da língua. Assinala, porém, que tais agrupamentos e/ou associações podem ser passageiros ou, por causa da repetição, tornarem-se usuais, vindo a transformarem-se em unidades indissociáveis.

[...] 1) quando a combinação se decompõe imediatamente após ter sido criada e as palavras que a integram adquirem de novo plena liberdade para constituir outras combinações; 2) quando as palavras, pelo fato de serem usadas constantemente em uma combinação dada para expressar uma ideia, perdem por completo sua independência, ligam-se indissolivelmente entre si e adquirem seu sentido somente nessa combinação (1951, p. 67-68).

Vale destacar, também, a classificação que esse autor apresenta do grupo que se tornaria o objeto de estudo da Fraseologia.

As **séries fraseológicas** seriam os agrupamentos usuais, quando o grau de coesão é relativo. É o caso das palavras que compõem uma expressão, mas possuem, isoladamente, uma autonomia, que se perde no conjunto. Adaptando seus exemplos à língua portuguesa, poderíamos citar, por exemplo, *amar loucamente* e *desejar ardentemente*.

As **unidades fraseológicas**, por sua vez, seriam aquelas em que o grau de coesão é absoluto. É o que ocorre quando as palavras que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto passa a ter um novo significado. Este significado não é resultado da soma dos significados de cada um dos elementos. Cita como exemplos desse tipo as locuções adverbiais e verbais tais como *ainda há pouco*, *mais ou menos*, *sem parar* etc.

Em seus trabalhos dentro da Semântica Estrutural, Coseriu (1960) lembra que durante o processo de comunicação os falantes selecionam e combinam as palavras entre si a fim de expressarem seus pensamentos, comunicarem-se com os demais e interagirem com o meio em que vivem. Às vezes, formam combinações livres determinadas apenas pelas regras do sistema, denominadas por ele como técnica livre do discurso.

Outras vezes, porém, nos deparamos com estruturas pré-fabricadas utilizadas pelos falantes em suas produções linguísticas. Essas estruturas pré-fabricadas são aquelas denominadas por Coseriu como discurso repetido.

Ainda em 1960, Greimas publica um importante artigo no periódico francês *Cahiers de Lexicologie*, n. 2, no qual procede uma análise semiótica de idiotismos, provérbios e ditos populares.

Benveniste (1967) distingue sinapse, palavra composta e derivados: *máquina de costura, selo postal e lavanderia*.

Martinet (1975) forja o termo *sintema*, definindo-o como uma sequência formada por vários monemas lexicais que funcionam como uma unidade sintática mínima. Além disso, sem fazer referência semântica, classifica entre os sintemas as palavras derivadas (desejável, refazer), estrutura que para grande parte de autores é derivação, e não composição.

Potier (1987) conceitua lexia complexa como sequência fixa, constituída por um conjunto formado por várias palavras integradas: *limpa vidros*.

Rosemarie Gläser (1986) publica em Tübingen o livro *Phraseologie der englische Sprache*.

Gaston Gross (1996) publica *Les expressions figées en français – noms composes et autres locutions*, segundo o qual:

Uma sequência é fixa do ponto de vista sintático quando ela recusa todas as possibilidades combinatórias ou transformacionais que caracterizam habitualmente uma sequência desse tipo. Ela é fixa semanticamente quando o sentido é opaco ou não composicional, ou seja, quando ele não pode ser deduzido dos sentidos dos elementos componentes. A fixação pode ser parcial se a restrição que atinge uma dada sequência não é absoluta, se existe certo grau de liberdade (p. 139).

Mejri (1997) publica a obra que, em nosso entendimento, constitui o mais completo estudo dedicado ao fenômeno fraseológico, *Le figement lexical – descriptions linguistiques et structuration sémantique*, no qual chama a atenção para a noção de *continuum* no tratamento de sequências fixas, para mostrar como a passagem de uma sequência livre se dá de maneira gradual e imperceptível para uma sequência fixa. Além disso, ele lembra que na maioria das vezes são ressaltadas frequentemente as variações sintáticas (diferentes variações combinatórias aceitas por certas sequências e rejeitadas por outras); porém, Mejri assinala que a ideia de *continuum* é incontornável no estudo da fixação, que ela é inerente ao sistema linguístico que se apresenta em todos os níveis de análise linguística.

Pamies Bertrán (2007) apresenta uma definição minimalista das unidades que constituem objeto da Fraseologia, porém com plasticidade suficiente para abarcar sequências pertencentes a categorias diversas:

Definimos as UFs como unidades multi-lexemáticas, mais ou menos fixas e potencialmente idiomáticas. A partir desta base comum, diversas categorias fraseológicas se opõem entre si por seu *status* morfossintático e comunicativo (p. 185).

As questões didáticas relacionadas à Fraseologia têm sido tratadas principalmente por Imaculada Peñadez Martinez, Leonor Ruiz Gurillo e Maria Isabel Golzalez Rey, respectivamente com as obras: *La enseñanza de las unidades fraseológicas* (1999) e *La didactique du français idiomatique* (2007).

Ainda na perspectiva didática, salientamos também o magistral artigo de Ettinger (2008), publicado em *Cuadernos de Fraseologia Galega*, n. 10.

Vale lembrar que o estudo da Fraseologia como componente fundamental da gramática de uma língua só foi reconhe-

cido no âmbito da Linguística Cognitiva a partir dos anos 1990. Até então, as unidades de que se ocupa eram consideradas como um estorvo, ou pelo menos um elemento incômodo da língua, tanto para os estruturalistas, por conta do caráter assistemático dessas expressões, como para os gerativistas, porque contrariavam a capacidade gerativa da gramática a partir de um número limitado de regras. O que não significa que não tenha havido estudos sobre esse tema em ambas as escolas linguísticas.

Nos últimos anos, na Europa, tem havido um incremento no interesse pela Fraseologia, especialmente por parte de recentes correntes linguísticas que se concentram no estudo das unidades fraseológicas em seu contexto.

Desta forma, correntes teóricas ou disciplinas como a Psicolinguística, a Linguística Cognitiva e/ou a Linguística Computacional podem oferecer um tratamento mais adequado a esses fenômenos que “insistem” em permanecer no sistema linguístico; conferindo-lhes seu merecido *status* de signo de identidade de uma determinada comunidade linguística.

Nossa principal intenção foi demonstrar que o fenômeno do qual se ocupa a Fraseologia não é constituído de exceções e de anomalias, mas, longe disso, as UFs são inerentes a todas as línguas naturais.

Uma evidência da não marginalidade das UFs no sistema linguístico pode ser vista em nosso levantamento apresentado acima, que, embora não exaustivo, pretende ser um indicativo das contribuições advindas de tão renomados e diferentes pesquisadores que em diferentes momentos e em diferentes línguas se debruçaram sobre o fenômeno fraseológico.

1.5 Estudos Fraseológicos no Brasil – *Santo de Casa também Faz Milagre*

Nosso levantamento foi realizado no período de agosto de 2007 a abril de 2012 e é direcionado a pesquisadores interessados na produção acadêmica em Fraseologia realizada no Brasil, ou por pesquisadores brasileiros, ou ainda sobre fenômenos fraseológicos pertinentes ou relacionados ao português do Brasil.

Para realizarmos nosso levantamento, recorremos a uma das principais agências de fomento à pesquisa no país, o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), que, através da Plataforma Lattes, gerencia as informações concernentes às pesquisas desenvolvidas em todas as universidades brasileiras.

Os professores das universidades brasileiras que contam com programas de pós-graduação devem, obrigatoriamente, manter seu currículo atualizado junto à Plataforma Lattes, com informações sobre suas publicações, projetos de pesquisa, participações em eventos científicos, orientações e demais produções de natureza intelectual, técnica e artística. Vale dizer que os programas de pós-graduação são avaliados periodicamente com base nas informações constantes nessa plataforma.

Foram consultadas também as páginas eletrônicas dos Programas de Pós-Graduação em Linguística em todo o país, com vistas a encontrar grupos ou projetos de pesquisa e orientações concluídas, ou em andamento, que por algum motivo não constassem ainda na Plataforma Lattes do CNPq.

A fim de reconstituir a trajetória dos estudos em Fraseologia no Brasil, apresentaremos inicialmente as influências teóricas que nortearam as primeiras investigações. Uma lista sucinta de artigos científicos, dissertações de mestrado e teses

de doutorado relativas à pesquisa fraseológica brasileira foi incluída em nossa bibliografia temática, apresentada neste livro.

Embora ainda fortemente marcada pelo estudo contrastivo de expressões idiomáticas centrado principalmente no ensino de línguas estrangeiras, a Fraseologia no Brasil tem sido estudada como subdisciplina da Lexicologia/Lexicografia, ou como disciplina independente, por pesquisadores que atuam em diversos programas de pós-graduação, em diferentes regiões do país.

Esses pesquisadores se dedicam ao estudo das unidades fraseológicas sob diversos enfoques, a saber: sintáticos, semânticos, pragmáticos, traductológicos, lexicológicos, lexicográficos e cognitivo-culturais.

Independentemente do *status* de disciplina ou de subdisciplina, ela tem interessado a muitos linguistas, nos últimos anos, em especial aos pesquisadores da Psicolinguística, da Linguística Cognitiva e da Linguística Computacional. Provavelmente porque os estudiosos dessas áreas se deram conta do papel que as unidades fraseológicas desempenham no desenvolvimento da competência discursiva dos falantes de uma dada língua.

Os estudos que os espanhóis, alemães e russos chamam de fraseológicos nem sempre são assim denominados nos estudos realizados em diferentes países e/ou línguas.

Se em Portugal encontramos diversos (embora ainda não numerosos) trabalhos em Fraseologia: Desmet (1991); Ranchhod (1993); Athayde (2001); Jorge (2005); Marçalo (2007); no Brasil, fala-se, quase sempre, em *expressões idiomáticas*, sendo esta a denominação mais recorrente nos títulos das investigações (teses, dissertações, artigos e projetos de pesquisa) realizados até então; ainda que o termo *fraseologia* apareça no in-

terior de alguns dos trabalhos: Tagnin⁵ (1988, 1989); Lodovici (1987, 1990, 2007); Xatara (1994, 1998); Ortiz-Alvarez (2000) e Araújo-Vale⁶ (2002), por exemplo.

Tal postura é semelhante à encontrada em trabalhos publicados na França, que se referem a *expressions figées*, como vemos em: Danlos (1981); Gross (1996); Mejri (1997); Martin (1994) e Schapira (1999).

Já nos trabalhos publicados em língua inglesa, em que predomina um ponto de vista teórico, os fenômenos fraseológicos são frequentemente agrupados sob diferentes hiperônimos: *stereotyped utterances*, *coumpounds*, *coded wordgroups*, *read made utterances*, *collocations* e *idioms*.

Com vistas a evidenciar a evolução e a consolidação da Fraseologia no Brasil, cabe mencionar os pesquisadores brasileiros que, com sua formação doutoral e pós-doutoral, foram precursores na orientação de pesquisas voltadas para a descrição, categorização e funcionamento de unidades linguísticas que anteriormente eram deixadas de lado ou tratadas como curiosidades, exceções e/ou anomalias. Dentre eles destacamos: Maria Aparecida Barbosa, Maria do Socorro Silva de Aragão, Maria Tereza Biderman, Maria Helena de Moura Neves, Margarida Basílio, Ieda Maria Alves, Enilde Faulstich, Stela Ester Ortweiller Tagnin, Maria Luisa Ortiz Alvarez e Cláudia Maria Xatara.

Optamos por apresentar o que consideramos marcos teóricos para o desenvolvimento das pesquisas em Fraseologia no Brasil, conscientes do risco que corremos de omitir trabalhos e pesquisadores importantes:

⁵ Também “expressões convencionais”.

⁶ “expressões cristalizadas”.

- RIBEIRO, João. Publicação do livro *Frases feitas: estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios*, 1908.
- PEREZ, João. *Provérbios brasileiros*, 1961.
- FRANCO, Cid. *Dicionário de expressões populares brasileiras*. [s.d.].
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Locuções tradicionais do Brasil*, 1977.
- MAGALHÃES Júnior, Raimundo. *Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos*, 1977.
- BIDERMAN, Maria Tereza. Publicação do livro *Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional*, [1978].
- LOFFLER-LAURIANT, Anne-Marie; LOBATO, Lúcia Pinheiro; TUKIA, Marc. Publicação do artigo “Pour une étude contrastive des lexies complexes: cas particulier des lexies à chiffres en français, portugais et finnois”. *Cahiers de Lexicologie*, v. 34, n. 1, p. 61-86, 1979.
- PUGLIESI, Márcio. *Dicionário de expressões idiomáticas*, 1981.
- SERPA, Oswaldo. *Dicionário de expressões idiomáticas inglês-português, português-inglês*, 1982.
- MOTA, Leonardo. *Adagiário Brasileiro*, 1982.
- STEINBERG, Martha. *1001 provérbios em contraste*, 1985.
- NASCENTES, Antenor. *Tesouro da Fraseologia brasileira*, 1986.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Criação e coordenação do primeiro Grupo de Trabalho de Lexicologia junto à Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística

(ANPOLL), que posteriormente viria a abrigar os trabalhos sobre Fraseologia, sob a coordenação da professora Cláudia Maria Xatara, 1986.

- CAMARGO, Sidney & STEINBERG, Martha. *Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas inglês-português*, 1989.
- TAGNIN, Stella Ester Ortweiller. Publicação do livro *Expressões idiomáticas e convencionais*, 1989.
- CREUS, Susana Quinteros de. Organização de número temático dedicado à Fraseologia, da revista *Letras de Hoje*, v. 39, n. 1, com a participação de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, 2004.
- ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa. Criação e coordenação do grupo de pesquisa A Fraseologia e sua equação nas subáreas da Linguística Aplicada, na Universidade de Brasília, 2004.
- XATARA, Cláudia Maria. Publicação do capítulo “As unidades fraseológicas e terminológicas em dicionários bilíngues gerais”. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIGER, Maria da Graça. (Orgs.). *As ciências do léxico*, 2004.
- SILVA, José Pereira da. Início do projeto de pesquisa Dicionário Brasileiro de Fraseologia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004. (em andamento).
- TAGNIN, Stella Ester Ortweiller. Publicação do livro: *O jeito que a gente diz – expressões idiomáticas e convencionais*, 2005. (Reedição da obra de 1989, com a inclusão das colocações e de um capítulo sobre Linguística de *Corpus*).
- OLÍMPIO de OLIVEIRA SILVA, Maria Eugênia. Publica, em espanhol, o livro *Fraseografía Teórica y Práctica*, 2007.

- MARQUES, Elizabete Aparecida. Criação e coordenação do grupo de pesquisa GEFRAS (Grupo de Estudos em Fraseologia), na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2008.
- XATARA, Cláudia Maria & OLIVEIRA, Wanda Lacerda. Publicação do Novo PIP – *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso francês-português/português-francês*, 2008.
- XATARA, C. M., OLIVEIRA, W. L. Novo PIP – *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso fr-port/port-fr*. 2. ed. v. 1. São Paulo: Editora de Cultura, 2008, 669 p.
- ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa. Coordenação do I Seminário Internacional de Fraseologia na Universidade de Brasília, 2010.
- OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, Maria Eugênia. (2011) Coordenação e participação em uma mesa-redonda sobre Fraseologia durante o I Congresso Internacional de Estudos do Léxico na Universidade Federal da Bahia.
- ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa. (2011) Coordenação do I Congresso Brasileiro de Fraseologia na Universidade de Brasília.
- ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa & UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva. Publicação da coletânea *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*, com prefácio de Carmen Mellado Blanco e a participação de dezesseis pesquisadores de universidades nacionais e estrangeiras, 2011.
- Criação da Associação Brasileira de Fraseologia (2011) durante o I Congresso Brasileiro de Fraseologia, na Universidade de Brasília, sob a presidência da professora Maria Luisa Ortiz-Alvarez.

- NASCIMENTO, Suzete Silva. Publicação da coletânea *Fraseologia & CIA*, com prefácio de Maria Luisa Ortiz-Alvarez, 2012.
- Lançamento da revista *Frasema*, o primeiro periódico científico brasileiro dedicado à Fraseologia, pela Universidade Federal do Ceará, sob a direção da professora Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, 2012.

Cabe também destacar a importância da participação de pesquisadores brasileiros, com a apresentação de suas pesquisas, em eventos científicos promovidos pela EUROPHRAS (Sociedade Europeia de Fraseologia) e pela EURALEX (Associação Europeia de Lexicografia). Tal participação propicia a divulgação e o intercâmbio de pesquisas em desenvolvimento, tão necessário para a consolidação dos estudos nesta área. Dentre os pesquisadores que têm participado desses eventos nos últimos cinco anos, destacamos: Maria Luisa Ortiz Alvarez (Universidade de Brasília/UnB), Maria Eugênia Olímpio de Oliveira Silva (Universidade Federal da Bahia/UFBA), Cláudia Maria Xatara e Maria Cristina Parreira (Universidade Estadual Júlio de Mesquita/UNESP), Elisabete Aparecida Marques (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/UFMS), Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (Universidade Federal do Ceará/UFC) e Vitalina Maria Frosi (Universidade Caxias do Sul/UCS).

Ainda que os estudos fraseológicos no Brasil tenham se desenvolvido substancialmente nas últimas quatro décadas e estejam atualmente em plena consolidação, persiste, todavia, um profundo desconhecimento desse domínio de estudo, no conjunto das pesquisas linguísticas, em que predominam os estudos do discurso e da análise de gêneros textuais.

Necessitamos ainda, no Brasil, de obras de referência teórica sobre Fraseologia e suas aplicações, e também de obras com propostas de sistematização do conjunto das unidades fraseológicas do português brasileiro, que considerem os efetivos usos linguísticos no estágio atual dessa língua, falada por quase duzentos milhões de pessoas.

1.6 Categorização das Unidades Fraseológicas – *Nem Tudo que Reluz é Ouro!*

Postular que as UFs não precisam ser ensinadas para a produção de mensagens linguísticas porque *todo mundo sabe*, e que o processo de recepção, processamento e compreensão se dá intuitivamente, uma vez que ocorreria de forma automática em língua materna, ao nosso ver, esconde uma realidade psicológica muito mais complexa ligada à capacidade humana de categorização.

Essa realidade psicológica é a que pretendemos esmiuçar antes de propor uma delimitação das UFs, para em seguida propormos uma classificação baseada na teoria dos protótipos que nos parece bastante adequada para o tratamento que pretendemos conferir ao conjunto de fenômenos fraseológicos.

Estamos cientes de que grande parte do labor científico consiste na determinação e definição do objeto de estudo e na identificação e classificação dos elementos ou unidades que o constituem, levando em conta (possíveis) diferentes níveis de análise.

Apresentaremos teorias gerais de categorização semântica, por entendermos que a forma de organização dos conceitos em categorias é talvez a questão mais central nos estudos em memória semântica. Destacam-se nesse campo a teoria clássica (também conhecida como realismo semântico), a prototípica e a concepção teórica. Lançaremos mão de tais teorias

para auxiliar uma tomada de posição na delimitação de nosso objeto de estudo, retomando parte de nossa tese de doutorado, defendida em 2001, na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da professora Leonor Scliar-Cabral.

1.6.1 A teoria clássica ou realismo semântico – *Filho de peixe, peixinho é*

A concepção clássica de conceitos, de base aristotélica, vigorou até por volta de 1970. De acordo com essa concepção, as categorias tinham fronteiras claras e eram definidas pelo que tinham em comum e diferente, conforme o princípio do *genus proximum et differentia specifica*, ou seja, os conceitos seriam concebidos como conjuntos de propriedades ou atributos. Para estabelecer a relação de pertença de um membro a determinada categoria, era necessário operar com traços binários organizados em dois grupos: os essenciais e os acidentais.

Posteriormente, ficou conhecida como modelo das condições necessárias e suficientes, e mais recentemente como teoria de Katz e Fodor. No estudo da linguagem, essa teoria prevaleceu desde a antiguidade e, no domínio da semântica, manifesta-se como pressuposto fundamental da análise componencial. Os componentes do sentido de uma palavra, de acordo com esse tipo de análise, são as condições necessárias e suficientes da concepção clássica.

É interessante observar que todos os membros de uma categoria apresentam *status* semelhante, uma vez que, nessa concepção, nenhum membro pode ser mais central do que outro.

1.6.2 A teoria prototípica –

Diz-me com quem andas e eu te direi quem és

A primeira grande ruptura com a teoria clássica pode ser creditada a Wittgenstein (1953). Ao tecer considerações sobre semelhança de família e fronteiras estendidas, o filósofo abre caminho para a revolução que se daria posteriormente com as pesquisas de Rosch.

Embora a teoria clássica postulasse que as fronteiras entre as categorias eram claras e podiam ser definidas levando em conta o que há em comum entre os membros, Wittgenstein demonstrou que a categoria JOGO não segue o modelo clássico, uma vez que não há propriedades comuns que se interseccionem para todos os membros da categoria:

Considere, por exemplo, os procedimentos que chamamos de “jogos”. Refiro-me a jogos de tabuleiro, jogos de cartas, jogos de bola, jogos olímpicos etc. O que é comum a todos eles? Não diga: “algo deve ser comum a todos eles, senão não se chamariam jogos”, mas olhe se há algo comum a todos eles. Pois se você os contempla não verá com efeito algo que seja comum a todos, mas verá semelhanças, afinidades, na verdade toda uma série delas. Como disse, não pense, mas olhe: olhe, por exemplo, os jogos de tabuleiro, com suas múltiplas afinidades. Agora passe para os jogos de cartas; aqui você encontra muitas correspondências com aqueles da primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem, e outros surgem. Se passarmos agora aos jogos de bola, muita coisa comum se conserva, mas muitas se perdem. São todos “recreativos”? Compare o xadrez com o jogo da amarelinha. Ou há em todos um ganhar e perder, ou competição entre os jogadores? Pense no jogo de paciência. Nos jogos de

bola há um ganhar e perder; mas se uma criança atira a bola na parede e a apanha outra vez, este traço desapareceu. Olhe que papéis desempenham a habilidade e a sorte. E como é diferente a habilidade no xadrez e no tênis. Pense agora nos brinquedos de roda: o elemento de recreação está presente, mas quantos dos outros traços característicos desaparecem! E assim podemos percorrer muitos, muitos outros grupos de jogos e ver semelhanças surgirem e desaparecerem. E tal é o resultado desta consideração: vemos uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente. Semelhanças de conjunto e de pormenor. Não posso caracterizar melhor essas similaridades do que com a expressão “semelhanças familiares”, pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: compleição, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento etc., etc. e digo: os “jogos formam uma família” (WITTGENSTEIN, 1975, p. 71).

Como pode ser depreendido do excerto acima, há membros que partilham alguns atributos; outros membros, outros atributos. Desta forma, não existem atributos comuns a todos. Wittgenstein faz uso da metáfora *semelhança de família* para descrever a estrutura de jogo: se todos os jogos forem comparados entre si, será possível perceber que não há traço comum a todos eles, mas há similaridades e relações, havendo uma sobreposição e um cruzamento de similaridades. Da mesma forma, os vários membros de uma família possuem semelhanças: cor dos olhos, temperamento, estatura etc. Tal qual postulamos ocorrer com o conjunto das UF.

Wittgenstein também observou que a categoria jogos pode ser estendida e novos jogos podem ser adicionados, contrariando assim a noção de fronteira fixa. Para exem-

plificar isso, ele cita a categoria NÚMEROS, que pode ser estendida ou limitada dependendo dos propósitos. Primeiramente, os números são apresentados como sendo inteiros, depois vão sendo estendidos para racionais, reais, complexos e outros tipos de números inventados pelos matemáticos, demonstrando a possibilidade de criação de fronteiras artificiais de acordo com objetivos específicos, evidenciando, assim, que tanto a extensão quanto a limitação artificial podem ocorrer em uma categoria.

Já que na teoria clássica as categorias são definidas por uma coleção de propriedades compartilhadas, nenhum membro poderia ser mais central do que outro. Porém, de acordo com o exemplo de Wittgenstein, os números inteiros seriam os membros mais centrais da categoria números. Vale lembrar que uma definição precisa de números deve incluir os inteiros, mas não precisa incluir os números fracionários, por exemplo.

Convém salientar, porém, que Wittgenstein não chegou a falar de membros centrais e periféricos. Sendo assim, embora a teoria dos protótipos faça uso da teoria de Wittgenstein, elas não são equivalentes.

Entretanto, Wittgenstein pode ser considerado o precursor da *revolução roschiana*, uma vez que Rosch (1973) conhecia as ideias do filósofo e foi a primeira a fornecer uma perspectiva geral para os problemas das pesquisas anteriores, referentes à categorização semântica.

Ela desenvolveu o que foi chamado de “teoria dos protótipos e categorias de nível básico ou teoria prototípica”. As contribuições de seus experimentos são geralmente reconhecidas pela Psicologia Cognitiva como tendo revolucionado o estudo da categorização na psicologia experimental.

Os resultados de seus experimentos dividem-se em dois tipos: os efeitos prototípicos que dão continuidade à pesquisa de Berlin e Kay sobre as cores e os efeitos de nível básico que generalizam as observações de Brown (1970-1958).

Na teoria clássica, as propriedades definitórias de uma categoria são partilhadas por todos os membros e estes têm igual *status*. As pesquisas de Rosch sobre os efeitos prototípicos visavam apontar assimetrias entre os membros de categorias e estruturas assimétricas dentro das categorias. Seus estudos iniciais foram sobre as cores. Ela estudou a língua dani (Nova Guiné), língua que possuía somente duas categorias de cores básicas: *mili* (*dark-cool*: preto, azul e verde) e *mola* (*light-warm*: branco, vermelho e amarelo).

Rosch (1973) constatou que os falantes da língua *dani*, quando questionados sobre o melhor exemplo de suas duas categorias de cores, escolhiam as cores focais, por exemplo: branco, vermelho ou amarelo para *mola*, com diferentes falantes fazendo diferentes escolhas.

Alguns de seus experimentos demonstraram que os nomes das cores focais são aprendidos mais facilmente que os nomes de cores não-focais. Além disso, as crianças também apontaram as cores focais como os melhores exemplos da categoria CORES. As cores focais correspondem ao que Rosch, em seus últimos trabalhos, chamou de pontos de referência cognitiva ou protótipos.

Rosch estendeu os resultados de suas pesquisas sobre as cores para outras categorias, inicialmente para as categorias de objetos físicos. Em todos os casos, assimetrias (efeitos prototípicos) foram encontradas: os sujeitos julgaram que certos membros de uma categoria eram mais representativos que outros. Esses membros mais representativos foram chamados de membros prototípicos.

Seguem abaixo os paradigmas experimentais utilizados no estudo das categorias de objetos físicos:

- a) classificação direta: solicita-se que os sujeitos classifiquem, numa escala de um a sete, o quanto os vários membros de uma categoria são bons exemplos;
- b) tempo de reação: solicita-se que o sujeito pressione um botão para indicar a verdade ou falsidade de uma determinada frase, como: um [exemplo] e um [nome de categoria], isto é *uma galinha... é um pássaro*. O tempo de resposta é menor para os exemplos mais prototípicos;
- c) produção de exemplos: quando solicitados para listar ou desenhar exemplos de membros de categorias, os sujeitos preferiam os exemplos mais prototípicos;
- d) assimetrias em classificação de similaridades: os exemplos menos representativos são frequentemente considerados mais similares aos exemplos mais representativos do que o inverso. Para os americanos, o México é mais parecido com os Estados Unidos do que os Estados Unidos são parecidos com o México;
- e) assimetria e generalização: a informação nova é generalizada do membro mais representativo para o menos representativo da categoria. Uma doença é transmitida dos *robins*⁷ para os patos, e não o contrário;

⁷ Robin = pássaro-de-peito-ruivo.

- f) *semelhanças de família*: caracterizando *semelhança de família* como as similaridades percebidas entre os membros representativos e não-representativos das categorias, Rosch demonstrou que havia correlação entre *semelhanças de família* e *classificação numérica do melhor exemplo*.

Há pelo menos dois aspectos principais a serem destacados no trabalho de Rosch, que interessam ao nosso trabalho com as UFs: ter iniciado uma recusa geral aos postulados da teoria clássica e ter elaborado experimentos aplicáveis para demonstrar os efeitos prototípicos, como os efeitos de nível básico, por exemplo.

Concordando com o que assevera Lakoff (1987), os experimentos de Rosch demonstraram a inadequação da teoria clássica, mas os efeitos prototípicos por si só não forneceram qualquer teoria alternativa da representação mental. O autor assinala ainda três fases do pensamento de Rosch sobre a categorização que julgamos pertinente apresentar.

Primeira fase (final da década de 1960 ao início da década de 1970): como estava estudando cores, formas e emoções, Rosch acreditava que os protótipos eram primariamente assunto de *saliência perceptual*, *memorização* e *estímulo de generalização*:

- *saliência perceptual*: o que é mais prontamente percebido pelas pessoas;
- *memorização*: quais coisas são mais facilmente lembradas;
- *estímulo de generalização*: habilidade para generalizar alguma coisa a outra que é similar fisicamente.

Segunda fase (do início até a metade da década de 1970): sob a influência da psicologia do processamento da informação, Rosch considerou a possibilidade de os efeitos prototípicos poderem fornecer uma caracterização da estrutura interna da categoria. A classificação como melhor exemplo pode refletir diretamente a estrutura interna da categoria na representação mental.

Terceira fase (final da década de 1970): Rosch chegou a conclusões sobre os efeitos prototípicos, definidos operacionalmente através dos experimentos infradeterminados às representações mentais. Os efeitos limitavam as possibilidades do que uma representação poderia ser, mas não havia uma correspondência de um para um entre os efeitos e as representações mentais. Os efeitos tinham fontes, mas não se conseguia determinar a fonte de dado efeito.

Barsalou (1983, 1984) estudou as categorias *ad hoc* (categorias que não são fixas ou convencionais, mas que surgem por alguns propósitos imediatos). A categoria *ad hoc* é construída com base em um modelo cognitivo do assunto em consideração. Exemplo: *coisas para tirar de uma casa durante um incêndio; o que dar de presente de aniversário* etc. Barsalou observou que este tipo de categoria possui estruturas prototípicas, estruturas que não existem previamente, pois elas não são convencionais e sustenta que, nesses casos, a natureza das categorias é determinada, principalmente, pelas metas, de modo que a estrutura objetiva é função de um modelo cognitivo.

Voltando ao trabalho de Rosch, destacamos que ela observou que o nível psicologicamente mais básico está no meio da taxonomia hierárquica.

SUPERORDENADO	ANIMAL	MOBÍLIA
NÍVEL BÁSICO	CACHORRO	CADEIRA
SUBORDINADO	CÃO DE RAÇA	CADEIRA DE BALANÇO

Em Rosch *et al.* (1976) o nível básico é:

- o nível mais alto em que as formas dos membros da categoria são percebidos totalmente;
- o nível mais alto no qual uma única imagem mental pode refletir a categoria inteira;
- o nível no qual os sujeitos são rápidos para identificar os membros da categoria;
- o primeiro nível nomeado e entendido pela criança;
- o primeiro nível a entrar no léxico da língua;
- o nível com lexemas curtos;
- o nível no qual os termos são usados em contextos neutros;
- o nível no qual muito do nosso conhecimento é organizado; e
- o nível mais alto em que a pessoa usa ações motoras similares para interagir com os membros da categoria.

Já Lakoff (1987) observa que a percepção da configuração “parte-todo” é a determinante fundamental do nível básico, por isso, quando se solicita aos sujeitos para listarem os atributos de categorias, eles listam muito poucos atributos dos membros da categoria do nível superordenado (VEÍCULO, MOBÍLIA), ao contrário do nível básico (CADEIRA, CARRO).

Nosso conhecimento no nível básico seria então organizado em torno da divisão parte-todo, considerando as seguintes características: as partes são relacionadas às funções; as partes

determinam a forma que é percebida, isto é, interagimos com as coisas através de suas partes: a divisão parte-todo determina qual programa motor é usado para interagir com o objeto.

Um dos resultados surpreendentes sobre a categorização relaciona-se à aquisição de conceitos pelas crianças. Pesquisas anteriores ao trabalho de Rosch e Mervis (1975) concluíram que as crianças de três anos não tinham domínio sobre a categorização. Esta conclusão era baseada na *performance* de crianças em exercícios de classificação. Rosch observou que estes estudos envolviam a categorização do nível superordenado.

Rosch e Mervis compararam exercícios de classificação para o nível básico e superordenado. A classificação de nível básico requeria habilidade para colocar juntas as imagens de dois diferentes tipos de vacas (comparadas a um avião). A classificação de nível superordenado requeria habilidade para colocar juntos vaca e cachorro (quando comparados ao avião) ou moto e avião (quando comparados à vaca). A partir dos três anos as crianças eram bem sucedidas na classificação de nível básico e apresentavam problemas no nível superordenado, mas aos quatro anos já apresentavam quase 100% de correção.

Entretanto, Lakoff (1987) observa que não é verdadeiro que crianças de três anos não dominem a categorização, visto que a categorização de nível básico se encontra perfeitamente dominada. Para ele, o nível superordenado é que será dominado posteriormente, pois a habilidade para categorizar o nível básico surge primeiro e a lógica geral de classe é aprendida depois.

Mervis (1984) observou que, apesar de as categorias das crianças serem diferentes das categorias dos adultos, ambas são determinadas pelos mesmos princípios que determinam a categorização de nível básico. A diferença das categorias é determinada por três fatores:

- a criança não sabe sobre os atributos culturalmente significantes;
- a saliência de atributos particulares pode ser diferente de uma criança para um adulto;
- as crianças podem incluir falsos atributos no processo de decisão (leopardo: miau – gatinho).

A estrutura de nível básico é determinada pela correlação: a estrutura do objeto percebido como um todo se correlaciona com nossa interação motora com o objeto e a função das partes.

Consideramos que a noção relevante de propriedades não é algo independente de qualquer natureza, ela é o resultado das interações dos nossos ambientes físicos e cultural e de nosso aparato cognitivo. Estas propriedades interacionais formam agrupamentos em nossa experiência e protótipos e estruturas de nível básico podem refletir estes agrupamentos.

Dessa forma, assumimos neste trabalho que a melhor maneira de se pensar em categorias de nível básico é admitir que elas são, como definidas por Lakoff (1987), medidas humanas (*human-sized*). Elas dependem não dos próprios objetos, independentes das pessoas, mas do modo como as pessoas interagem com os objetos: o modo como os percebem, os representam na mente, organizam as informações sobre eles e como agem com seus corpos (propriedades interacionais).

Além disso, categorias de nível básico possuem propriedades diferentes das categorias superordenadas. As categorias superordenadas não são caracterizadas por imagens mentais ou ações motoras. Não temos imagens mentais abstratas de MOBÍLIA, a não ser dos objetos de nível básico. Mas as categorias superordenadas possuem outros atributos mais genéricos que podem incluir os membros da classe por seus propósitos e/ou funções.

Uma das ideias que Rosch tem regularmente enfatizado é que as categorias ocorrem em sistemas, e estes sistemas incluem categorias contrastantes. A categorização depende, e em larga escala, da natureza do sistema em que está inserida. Rosch fez uso de categorias contrastantes para tentar produzir uma teoria de categorização de nível básico. Segundo a pesquisadora, no nível básico, as categorias são maximamente distintas, isto é, elas maximizam as similaridades percebidas entre os membros das categorias e minimizam as similaridades percebidas entre categorias contrastantes. Uma tentativa de capturar esta intuição foi realizada através de uma medida quantitativa que foi chamada de validade da pista categorial (*category cue validity*).

A validade da pista categorial é a probabilidade condicional de um objeto estar em determinada categoria se ele possuir certas características. As melhores características são aquelas que agem o tempo todo nas categorias de um nível. Essa validade é definida como a soma de todas as pistas individuais características associadas à categoria.

A maior validade em uma taxonomia hierárquica deve ocorrer no nível básico. As categorias subordinadas como CADEIRA DE COZINHA devem ter uma maior validade de categorias porque a maioria dos atributos de cadeira de cozinha seria compartilhada com outros tipos de cadeira e somente poucos atributos diferenciariam as cadeiras de cozinha de outras cadeiras. Os atributos individuais compartilhados entre as categorias teriam uma baixa validade de pistas para a categoria CADEIRAS DE COZINHA. Já para as categorias superordenadas, a validade das categorias deve ser baixa, desde que elas deveriam ter poucos ou nenhum atributo em comum.

No entanto, Murphy (1982) *apud* Lakoff, observou que os indícios de validade para uma categoria superordenada são sempre maiores ou iguais àqueles para o nível básico e que a maioria

dos atributos não está diretamente ligada às categorias superordenadas na memória. Para Lakoff, isso seria verdadeiro, considerando-se que o nível básico é o nível em que muito do conhecimento é organizado. Não obstante, isso requer uma definição psicológica de atributo, não uma noção de atributos como existentes objetivamente no mundo. A validade de pistas categoriais definida por atributos psicológicos pode se correlacionar com a categorização de nível básico. Lakoff conclui que categorias de nível básico são bastante diferentes para as pessoas, principalmente porque o conhecimento é organizado nesse nível.

Ao correlacionarmos os resultados de pesquisas baseadas na teoria dos protótipos com a delimitação das unidades que seriam objetos de estudo da Fraseologia, podemos dizer que a determinação da prototipicidade e/ou da centralidade dos membros da categoria depende da importância conferida aos traços característicos dos componentes.

Desta forma, as sentenças proverbiais seriam centrais para um estudo no qual a convencionalidade e a frequência fossem preponderantes; as expressões idiomáticas, para os centrados na idiomaticidade e na fixação; as colocações e os pragmatemas aos centrados na fixação e na convencionalidade, por exemplo.

1.6.3 A concepção teórica –

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra

Os primeiros trabalhos em que a concepção teórica aparece mais nitidamente foram publicados em 1985 por Carey, “*Conceptual change in childhood*”, e Murphy e Medin (1985), “*The role of theories in conceptual coherence*”. Desde então, tal concepção tem sido tema central de diversos trabalhos em Psicologia Cognitiva e dentre eles comentaremos os estudos de Oliveira (1991a, 1991b, 1993).

O princípio básico da concepção teórica é o de que cada conceito deve ser visto como parte da teoria em que se encontra inserido, ou seja, o conceito é um elemento constitutivo.

Vale lembrar que a concepção clássica e a concepção prototípica têm em comum a visão dos conceitos como consistindo de conjuntos de propriedades.

Pela concepção teórica, em adendo, um conceito é constituído não apenas de propriedades, mas também de relações com outros conceitos.

Os conjuntos dessas relações que articulam os conceitos entre si formam redes, as quais são vistas como “teorias”. Por teorias, neste contexto, deve-se entender não apenas teorias científicas, mas também estruturas cognitivas do senso comum. Por exemplo, com referência aos animais, qualquer ser humano normal, mesmo que não tenha recebido instrução formal alguma, sabe que os animais nascem, crescem e morrem, que os animais precisam se alimentar para manterem-se vivos, que os animais procriam, pertencendo os filhos à mesma espécie que os pais, e assim por diante. A esse tipo de conhecimento se costuma aplicar o termo “ingênuo” (naive). As ideias relacionadas no exemplo acima constituiriam então uma zoologia ingênua, a qual juntamente com a Física ingênua, a Química ingênua, a Psicologia ingênua (esta mais conhecida como Psicologia - folk psychology), etc. formariam o senso comum (OLIVEIRA, 1993, p. 37).

Oliveira (1993) ressalta que a principal característica da concepção clássica é a precisão. Em suas palavras, seria a atribuição aos conceitos da natureza do tudo ou nada e a ideia de que um conceito possa ser definido por uma lista de propriedades necessárias e suficientes.

Em seguida, põe em relevo o paradoxo dessas características evidenciando contradições nos exemplos tradicionalmente apresentados, o das *cores* e a definição de *homem* como um animal racional.

Não é óbvio que as cores não têm limites precisos? Dadas duas cores quaisquer, sempre podemos imaginar, ou mesmo produzir, uma terceira que constitua um caso intermediário entre ela. [...] Uma pessoa insana, um louco, é concebido normalmente como desprovido de razão, como um ser irracional. Mas embora possamos negar aos loucos alguns dos direitos e prerrogativas dos seres humano normais, não lhes tiramos o atributo de humanidade: um louco não deixa de ser um homem – é um homem irracional (OLIVEIRA, 1993, p. 41).

As evidências contrárias à noção de que um conceito possa ser definido por uma lista de condições necessárias e suficientes podem ser exemplificadas também através do conceito de cão: uma das propriedades definidoras desse conceito é a de apresentar quatro patas, no entanto, ao encontrarmos um cão com três patas, não lhe negamos a natureza de cão, ao invés disso, dizemos tratar-se de um cão com três patas (OLIVEIRA, 1993, p. 41).

Pode-se contra-argumentar que, na realidade, aciona-se o conceito que é limitado pela adjunção de um atributo.

O postulado desta tese em relação à categorização é o de que ela se processa essencialmente de duas formas, perceptiva e conceitual.

Porém, é preciso considerar que a capacidade de categorizar perceptivamente é inata em muitas espécies, entre elas a espécie humana.

Para dar um exemplo, em um domínio que é especificamente humano, Morais (1999)⁸ lembra que

a categorização fonética emerge com uma tal regularidade no fim do primeiro ano de vida em qualquer língua que até hoje tenha sido estudada, que é difícil imaginar que esta capacidade não seja determinada biologicamente.

A capacidade de categorização conceitual, por sua vez, estaria ligada à aplicação das estruturas inatas (perceptuais) às diferentes experiências, em diferentes contextos.

1.7 A Delimitação das Unidades Fraseológicas – *Separando o Joio do Trigo*

Como já mencionado anteriormente, a delimitação das UF's não é tarefa das mais fáceis, pois em relação ao reconhecimento dessas unidades, já em Bally (1951) encontramos referência a essa dificuldade:

não há limite definido entre o fato da língua, marca do uso coletivo, e o fato da fala, que depende da liberdade individual. [...] é difícil classificar uma combinação como unidade, porque diversos fatores concorreram para produzi-las e em proporções difíceis de determinar (BALLY, 1951, p. 143).

Poderíamos apresentar inúmeras classificações propostas para as UF's, entretanto, acreditamos que mais importante do que definir *a priori* o fenômeno a ser estudado é investigar as características essenciais do fenômeno. Uma vez identificados os traços característicos das unidades analisadas, será possível, então, definir o fenômeno e delimitá-lo.

⁸ Comunicação pessoal.

Permitimo-nos reproduzir aqui uma perspicaz citação que encontramos na tese da professora Lúcia Fulgêncio (2008) e que julgamos pertinente para nosso trabalho:

É um erro capital teorizar antes de ter os dados. Insensivelmente, começa-se a distorcer os fatos para adaptá-los às teorias, em vez de fazer com que as teorias se adaptem aos fatos (In: Sherlock Holmes, em *A scandal in Bohemia*, de Arthur Conan Doyle, 1891).

Por isso, de acordo com a teoria dos protótipos, anteriormente explicitada, adotaremos a noção de *continuum* no tratamento das UFs, de forma que postularemos a existência de uma gradação na centralidade dos componentes da categoria constituída pelos fenômenos fraseológicos.

Consideramos como pertencentes ao conjunto das UFs as parêmiias ou sentenças proverbiais, as expressões idiomáticas e os idiotismos, as colocações e os pragmatemas, cuja ordem de apresentação já carrega indícios de prototipicidade. Além disso, teceremos alguns comentários acerca de formas que partilham de certos traços das unidades precedentes, sem poderem ser incluídas integralmente na categoria, e nem totalmente descartadas, guardando entre si o que classificamos como semelhança de família, trata-se dos estereótipos, clichês, bordões e *slogans*.

1.7.1 As parêmiias – *O filho pródigo*

As primeiras UFs que constituíram objeto de análise (mesmo antes de serem classificadas como tal) foram as parêmiias (provérbios, refrões, ditos, sentenças, aforismos, wellerismos, dialogismos etc.)⁹.

⁹ Para uma classificação minuciosa das parêmiias ver Leite de Vasconcelos (s.d.); Carrusca(s.d.) e Pires de Lima (1963).

Podemos dizer que as parêmias estariam entre as primeiras unidades fraseológicas que suscitaram interesse, pois há testemunhos muito antigos delas, inicialmente de maneira dispersa e posteriormente, dentro de coleções (GONZALEZ REY, 2002)¹⁰. Paczolay¹¹ cita exemplos do antigo Egito e da Mesopotâmia (1997, p. 12), além de fontes literárias que incluíam grande número de parêmias, como os livros clássicos chineses e sânscritos (1998, p. 263). No ocidente, a Bíblia é a fonte paremiológica por excelência: nos livros atribuídos ao rei Salomão, Provérbios, Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos abundam as máximas que fizeram história (ver CANTERA, 1993); e do Novo Testamento procedem muitos dos provérbios ocidentais mais difundidos (ver FUNK¹²: 1998a; 1998b; SCHULZE-BUSACKER¹³, 1997) (IÑESTA & PAMIES, 2002, p. 8).

Dada a heterogeneidade de suas características, as parêmias têm sido objeto de estudo das mais diversas disciplinas (antropologia, semiologia, etnologia, folclore...), tendo sido consideradas por Pires de Lima (1963) como um dos capítulos mais importantes da etnografia.

Embora haja estudiosos que se ocupem exclusivamente das parêmias, há fraseólogos que a elas se dedicam, como parte das unidades lexicais de que se deve ocupar a Fraseologia.

¹⁰ GONZALEZ-REY. *La prhaséologie du français*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002.

¹¹ PACZOLAY, Gyula. Some notes on the theory of proverbs. In: P. Durčo (Ed). *Phraseology and paremiology*, 1998.

¹² FUNK, Gabriela. (a) A constrastive analysis of the textual and social function of proverbs in german and portuguese. In: P. Durčo (Ed.). *Phraseology and paremiology* (p. 262-266), 1998. (b) A Bíblia como indicador da importância do provérbio no âmbito de culturas diferentes. *Paremia*, v. 7, p. 97-106.

¹³ SCHULZE-BUSACKER, Elisabeth. La place du proverbe dans la mentalité médiévale. *Paremia*, v. 6, p. 565-576, 1997.

Consideramos as parêmiias como parte da Fraseologia de uma língua dada, ainda que possa ser tratada à parte, o que nos permite falar em Fraseoparemiologia.

Em relação às pesquisas paremiológicas contemporâneas, podemos citar pelo menos três importantes publicações sistemáticas: *Proverbium*¹⁴; *De Provérbio*¹⁵ e *Parêmia*¹⁶.

Uma das principais características dos provérbios é transmissão de uma lição, ensinamento ou conselho de forma independente, impessoal e atemporal, sem o comprometimento direto do enunciador.

Vejamos um exemplo, diante de uma situação em que um enunciador *a* julga que *b* está sendo precipitado e que sua precipitação poderá prejudicar a conquista dos objetivos de *b*, se ao invés de alertar *b*, explicitando sua opinião *a* disser, *quem tem pressa come cru*, estará transferindo a responsabilidade da enunciação para a memória coletiva da comunidade linguística partilhada por *a* e *b*.

Ao utilizar um provérbio, o enunciador não se compromete, nem se responsabiliza pelo conteúdo proposicional veiculado, uma vez que não é o autor do enunciado. Além disso, cabe ao interlocutor aceitar ou não a proposição como uma crítica a sua conduta.

A atemporalidade dos provérbios é garantida pela possibilidade de atualização/adaptação de seu conteúdo semântico, sem carecer do conhecimento de suas condições iniciais de produção (origem, motivação, interlocutores, referentes, contexto...).

¹⁴ Revista *Proverbium* (University of Vermont, Burlington, Estados Unidos), dirigida por Wolfgang Mieder.

¹⁵ Revista *De provérbio* (University of Tasmânia, Austrália), dirigida por Teodir Flonta.

¹⁶ Revista *Parêmia* (Universidad Complutense de Madrid), dirigida por Julia Sevilla Muñoz.

Desta forma, em *mais vale um pássaro na mão do que dois voando*, o sentido será construído levando em conta o conhecimento partilhado entre os interlocutores, que por sua vez deverão adaptar o plano do conteúdo à enunciação. Tal plasticidade, decorre principalmente do reconhecimento implícito de que os provérbios são transmissores de conhecimentos universais, herdados da experiência de nossos ancestrais.

Se definir uma UF, para incluí-la ou não, já é tarefa difícil, a definição de provérbios não escapa de tal dificuldade.

A definição e delimitação das parêmiias têm sido objeto de estudo de inúmeros pesquisadores, podemos citar, destacando apenas alguns: Sevilla, Chacotto, Diaz Ferrero, Funk, Anscombe, Mieder, Mejri, Tamba, Zouogbo, Kleiber e Conenna.

Embora provérbio seja o protótipo da categoria, diversas sentenças são incluídas como objeto de estudo, tais como: adágio, refrão, dito, ditado, frase feita, máxima, citação, sentença, aforismo, wellerismo, dialogismo...

Optamos pela expressão sentença proverbial, que consideramos como um hiperônimo, sinônimo de parêmia, como um conceito *guarda-chuva*, passível de abrigar todos os membros da categoria, sem estabelecer uma gradação. O que significa dizer que para o estudo que pretendemos empreender, não haverá membro prototípico, nem periféricos, ou seja, todos os membros da categoria serão 100% membros.

Embora haja divergência nos estudos que contemplam as parêmiias de uma forma geral, notadamente em relação ao seu caráter didático, ou ainda acerca do sentido metafórico, pretendemos destacar-lhes as congruências. Portanto, consideramos sentença proverbial as expressões linguísticas que são:

- gramatical e textualmente independentes, do ponto de vista da enunciação, constituindo uma frase e até mesmo um texto – *Tal pai, tal filho. / Pai fazendeiro, filho doutor, neto pescador.*
- relativamente fixas do ponto de vista morfossintático, nas quais as flexões e alterações sejam bloqueadas, ou pelo menos restritas – *Quem tem boca vai a Roma. / Em casa de ferreiro, espeto de pau.*
- propícias à memorização, do ponto de vista fônico, por meio de recursos sonoros característicos: aliterações, assonância, rima, eco... – *Quem conta um conto aumenta um ponto. / Beleza não se põe na mesa.*
- testemunhas da herança cultural, do ponto de vista didático e pragmático, com as quais se possa aconselhar, avaliar, julgar... – *Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. / Quem fala a verdade não merece castigo. / Quem com ferro fere, com ferro será ferido.*

Consideramos as sentenças proverbiais como peças propícias a uma série de reflexões de cunho social, etnológico, cultural e linguístico, que pretendemos levar a cabo no capítulo cinco, com a apresentação de propostas didáticas nas quais será conferido um tratamento específico a sequências, tais como:

Caiu na rede é peixe.

Deus dá o frio conforme o cobertor.

Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas.

Cana na fazenda dá pinga, pinga na fazenda dá cana.

Praga de urubu não pega em beija-flor.

1.7.2 As expressões idiomáticas – *Rei da cocada preta*

Nessa categoria, encontram-se os fraseologismos prototípicos, sendo os primeiros evocados, quando se pede um exemplo de UF e sobre os quais se desenvolveram a maior parte das pesquisas com estudos fraseológicos em língua portuguesa, no Brasil, ou por brasileiros, notadamente dedicados ao ensino de línguas estrangeiras e/ou ao contraste entre diferentes línguas.

Vejamos algumas definições de expressões idiomáticas: “é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA, 1998, p. 18). Ou ainda:

[...] suas partes combinatórias não podem ser desmembradas em unidades singulares de sentido. Ao contrário, o significado deve ser depreendido a partir da totalidade da unidade frasal que terá um sentido próprio e peculiar (ZAVAGLIA, 2006, p. 29).

Para citar apenas alguns trabalhos realizados com as expressões idiomáticas, na perspectiva do ensino de língua estrangeira, ou do contraste com o português do Brasil, temos para o espanhol, Roncolato (1997,1998), Ortiz-Alvarez (2000), Ferraro (2000), Rios (2002), Oliveira Silva (2004), Santos Araújo & Garcia da Silva (2006), Marques (2011) e Rádís Baptista (2012); para o galego, Ares Licer (2007); para o francês, Blum (1990), Xatara (1998), Fornicola (1999), Riva (2006), Rios (2004); para o inglês, Tagnin (2005), Brezolin (1994), Camargo & Steinberg (1992), Camargo (1999), Perigo (2002), Falcão (2005); para o alemão, Glenk (2003), Schemann (2002), Welker (2002), Batista (2012); para o italiano, Caramori (2000), Zavaglia (2006), Sabino (2002), Gonçalves e Sabino (2001); para o búlgaro, Tchabanova (2008); para o holandês, Augusto (2005).

Podemos dizer que a independência contextual das expressões idiomáticas é bem menor do que a das sentenças proverbiais, pois os provérbios são apresentados em forma de frases e podem ser facilmente adaptadas a um contexto, que pode até ser extralinguístico; enquanto as expressões idiomáticas, por sua vez, carecem de integração a um contexto frásico, ou pelo menos sintagmático.

Uma certa independência contextual pode ser alcançada pelas EI quando passam a funcionar como peças comunicativas, cuja possibilidade de interpretação estará condicionada ao reconhecimento da intertextualidade e/ou de inferências.

Podemos citar como exemplo o que comumente ocorre em títulos de livros (*Curto Circuito*); filmes (*Bicho de Sete Cabeças*); telenovelas (*Cama de Gato*); emissões televisivas (*Saia Justa*), canções (*Gota d'água*). Graças ao conhecimento do sentido não composicional da expressão, são geradas expectativas de que não se trata de um livro sobre eletricidade, um filme e uma telenovela sobre animais, e nem uma emissão televisiva sobre moda, mas, respectivamente, de: um conflito, um exagero, uma armadilha e uma situação constrangedora¹⁷.

Um tratamento didático adequado de tais expressões pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva, principalmente no que concerne a ampliação do léxico, conforme pretendemos demonstrar no volume dois desta coleção.

Uma das características que julgamos (ao lado da fixação) na identificação de uma expressão idiomática é a não composicionalidade semântica, para nós, sinônimo de idiomaticidade; ainda que em alguns autores encontremos incluídos nessa categoria idiotismos (expressões peculiares de um idioma) e até mesmo expressões tais como: *não há de que / muito prazer / tudo bem? / até breve...*, que classificamos como pragmatemas.

¹⁷ Para uma análise detalhada da relação entre títulos de telenovelas constituídos por UFs ver Monteiro-Plantin (2012).

1.7.3 As colocações – *Unha e carne*

As colocações são expressões linguísticas formadas por uma base e um colocado, na qual encontramos coocorrência léxico-sintática, ou seja, as palavras que constituem a expressão frequentemente aparecem juntas, dando, inclusive, a impressão de que a combinação se deu de forma natural (*correr perigo / perdidamente apaixonado / gravemente ferido / arrumar a cama / tirar a mesa / tomar ar / imprensa marrom / chave mestra / obediência cega / frase feita / condições de pagamento / colocar uma questão / dar um passeio / ter um sonho / prestar atenção / pegar um táxi...*).

Sinclair (1991) define colocação como a ocorrência de duas ou mais palavras juntas (base e colocado). Para o autor, a base é o lexema que se deseja e o colocado o lexema que combina com a base.

Cowie (2001) classifica as colocações como semifrases constituídos por estruturas polissemáticas.

Tagnin (2005:38) apresenta as colocações com exemplos em português e em inglês distribuídas nas seguintes categorias: colocações adjetivas (*prato principal / jantar a rigor / política externa*); colocações nominais (*praça pública / sal grosso / pelotão de fuzilamento*); colocações verbais (*criar problemas / marcar encontro / tomar providências*); colocações adverbiais (*fartamente ilustrado / hermeticamente fechado / profundamente magoado*); especificadoras de unidade (*barra de chocolate / folha de papel / pedra de sabão*) e coletivos (*pilha de livros / molho de chaves / enxame de abelhas*).

Duas características básicas são pertinentes para a distinção entre expressão idiomática e colocação.

A primeira delas é de cunho semântico, pois o sentido é composicional, e cada uma das unidades que constitui a colocação leva para o conjunto seu sentido primário (*prato principal, render graças, tomar cuidado, dar uma lição, bala perdida...*), em oposição ao que ocorre com as expressões idiomáticas (*saia justa, dor de cotovelo, pão duro, a queima roupa, pé de chinelo...*).

A segunda distinção é de cunho sintático, e diz respeito à restrição a flexões morfossintáticas e/ou inserção de elementos que quando ocorre nas colocações pode provocar estranhamento por não ser convencional, mesmo que o sentido possa ser recuperado (**prato protagonista, *apresentar graças, *demonstrar cuidado, *oferecer uma lição, *bala desorientada...*); de forma diferente ao que ocorre nas expressões idiomáticas, flexões e inserções de novos elementos podem fazer com que o sentido pretendido se perca; assim, *saia justa* com o sentido de situação constrangedora não pode ser atualizado com *vestido justo* ou *saia apertada*.

1.7.4 Os pragmatemas – *A educação vem do berço*

Provavelmente esta seja a categoria que menos tem recebido atenção nos estudos fraseológicos, embora alguns de seus componentes venham sistematicamente sendo tratados nos estudos da Análise do Discurso ou da Pragmática; principalmente os dedicados aos atos de fala, polidez ou impolidez etc.

Os pragmatemas estão presentes em todas as línguas e culturas, como condição à participação social e para a inclusão do falante na categoria de bem educado. Desde a mais tenra idade temos “aulas” incentivando seu uso.

É o que acontece quando a mãe, pai ou responsável por uma criança pergunta-lhe: *Como é que se pede?*, ou *Como é que se diz?*, dando sinal de aprovação quando a criança responde: *por favor; com licença ou muito obrigado*.

A denominação pragmatema justifica-se principalmente em analogia a frasema, termo cunhado por Mel Cuk. No entanto, preferimos adotá-la por seu caráter pragmático e incluímos nesta categoria:

- as fórmulas de rotina, sejam elas: de cortesia/polidez (*com licença, pois não, tenha a bondade, muito prazer, sinto muito, muito obrigado*) ou de descortesia/impolidez (*cai fora, vai se danar, não tô nem aí, azar seu, bem feito, problema seu*);
- as fórmulas epistolares (*prezado senhor, sem mais para o momento, queira desconsiderar*);
- as fórmulas ritualizadas (*um brinde, meus parabéns, feliz páscoa, feliz natal*);
- as fórmulas religiosas (*assim seja, a paz de Cristo, graças a Deus, se Deus quiser, Deus queira*);
- as fórmulas situacionais (*proibido estacionar, passagem obrigatória, acesso exclusivo a, proibido fumar, homens trabalhando, fale com o motorista somente o indispensável, não perturbe*);
- os marcadores conversacionais (*veja bem, por falar em, posso interromper, sem dúvida, falou e disse, está entendendo?, o que eu estou querendo dizer é*).

Elas estão enraizadas em nosso cotidiano, fazem parte da linguagem familiar, informal, tanto escrita quanto oral. São dificilmente interpretáveis por falantes não nativos. Tendo em vista que o léxico de uma língua reflete

sempre a cultura ligada a essa língua, para compreender essas expressões é necessário um conhecimento extra-linguístico que possibilite analogias entre as diferentes culturas. Enfim, um último ponto, que nos parece o mais importante, é que a especificidade cultural, sobre a qual repousa a originalidade dessas expressões, apresenta um obstáculo real para a tradução (SFAR, 2007, p. 319).

Vale considerar que os pragmatemas encontram-se em constante atualização. Diferentes fórmulas vão se consolidando pouco a pouco, para atender nossas necessidades comunicativas.

Procedemos um estudo dos pragmatemas sob o ponto de vista diacrônico e diastrático, a ser apresentado no capítulo 4, em experimento realizado com estudantes do ensino médio, constantemente criticados por não saberem usar as fórmulas, ou não lhes darem a devida importância, quando seus professores tentam ensinar-lhes.

Em nossa pesquisa constatamos que os jovens, sujeitos de nossa pesquisa, atualizaram algumas das fórmulas de polidez tradicionalmente utilizadas em língua portuguesa, como podemos ver em:

- muito obrigado = valeu ou imagina
- tudo bem = só alegria
- com licença = ops
- por favor = quebra um galho
- desculpe-me = foi mal

Tagnin (2005, p. 76) trata o que chamamos de pragmatemas como expressões pré-fabricadas e lembra que, na conversação, elas constituem grande parte do que é dito. Isso faz com que, muitas vezes, respondamos antes de concluída a pergunta, ou compreendamos o conteúdo de uma mensa-

gem mesmo antes que nosso interlocutor termine de dizer. Ela exemplifica mencionando a noiva que agradece os votos de felicidade, mesmo antes de recebê-los de seus convidados, e para assinalar a importância de tais expressões acrescenta:

É bastante útil termos à mão um estoque de expressões pré-fabricadas às quais podemos recorrer continuamente. Esse tipo de expressão, no entanto, costuma ser chamado, pejorativamente, de “clichê”, sendo-nos sempre recomendado evitá-lo. Mas é preciso nos conscientizarmos de seu papel na comunicação social para evitar essa atitude preconceituosa em relação a todo tipo de expressão fixa e consagrada pelo uso (TAGNIN, 2005).

A conscientização da importância dos pragmatemas na comunicação, da qual nos fala Tagnin, dependerá muito do tratamento conferido pelos professores de língua materna a tais expressões. Evidenciamos em nosso estudo que, embora muitos alunos tenham conhecimento dos pragmatemas, possuem um repertório limitado, reservado apenas aos que utilizam com mais frequência. E, além disso, muitos não têm consciência das implicaturas conversacionais derivadas da seleção de determinados pragmatemas, em detrimento de outros.

A esse respeito, julgamos necessário um tratamento didático dos pragmatemas que contemple os elementos da comunicação, as funções da linguagem, os diferentes níveis de discurso, as condições de produção, as relações entre os interlocutores, o conhecimento partilhado, e demais aspectos da interação linguística, que na prática dê conta da compreensão de quem diz (ou pode ou deve dizer), o que, para quem, como, quando, onde e por que.

1.7.5 Expressões de classificação complexa – *Carne de pescoço*

Reservamos para esse tópico, unidades que partilham de algumas das características das UF's, sem portanto poderem ser consideradas completamente como tais, postulamos classificá-las como unidades semi-fraseológicas, ou semi-fraseologismos, são elas: estereótipos, clichês, bordões e *slogans*.

1.7.5.1 *Estereótipos e clichês – Toda unanimidade é burra*

Embora estereótipos e clichês possam aparecer, às vezes, como sinônimos, preferimos estabelecer-lhes a distinção que julgamos necessária.

Consideramos *estereótipo* como o resultado do processo de estereotipia, que consiste na repetição de um modelo, sem que haja uma verdadeira reflexão, ou comprovação dos elementos que subjazem à ideia preexistente ao modelo.

Enquanto o *clichê*, por sua vez, é resultado da repetição de uma forma linguística, que se impõe como valor de verdade.

Para atender a nossos objetivos, definimos estereótipos como ideias automatizadas, ainda que de forma inconsciente, que constituem nossa visão de mundo, nossas crenças, concepções, preconceitos e superstições e sob as quais nem sequer temos necessidade de refletir, antes de aceitar e incorporar na recepção e na produção de nossas mensagens linguísticas.

Podemos então dizer que um clichê é a materialização linguística de um estereótipo, ou um estereótipo linguístico (SHAPIRA, 1999).

Certos estereótipos se fixam também na língua e se exprimem por locuções que repetimos tal e qual, sem a possibilidade de modificar nenhum dos termos que a constituem. Estas e apenas estas são estereótipos linguísticos. Os estereótipos linguísticos são expressões fixas, que vão desde um grupo de duas ou mais palavras compostas até sintagmas inteiros e até mesmo frases (SAPHIRA, 1999, p. 2).

Se nos deixarmos levar pelo imaginário coletivo vigente, o estereótipo do brasileiro segundo os estrangeiros seria o seguinte: *quem nasce no Brasil é alegre e emotivo, tem fé em Deus, não hesita em trapacear para ser bem sucedido, vive festejando, é esperançoso e persistente, sabe jogar futebol, e não gosta de trabalhar*. Se acrescentarmos o que pensam franceses e espanhóis teríamos ainda: *faz capoeira, bebe caipirinha e sempre come feijoada*.¹⁸

Seguindo o mesmo raciocínio, numa visão estereotipada do sexo feminino, teríamos: *mulher não sabe dirigir, fala demais e é difícil de compreender*.

Levando em conta que nem todos os estereótipos possuem uma UF correspondente, retomamos parte da discussão que realizamos no trabalho acima mencionado para salientar que não há, por exemplo, uma expressão cristalizada para mencionar a alegria do brasileiro; ainda que possamos considerar que, quando perguntado se está tudo bem, uma resposta possível possa ser: *só alegria*; o mesmo pode ocorrer em francês, em que a resposta pode ser: *Que de bonheur!* ou *C'est la joie!*

Com relação aos estereótipos concernentes ao sexo feminino, embora não tenhamos uma UF para a complexidade e outra para a grande eloquência, com relação à inabilidade automobilística podemos citar: *mulher no volante, perigo constante*, que, consoante nossa análise, constitui um clichê.

¹⁸ Para a discussão de cada um dos elementos que constituem o estereótipo do brasileiro ver Monteiro-Plantin (2013).

A fim de propiciar reflexões sobre a construção de sentido, baseada em UFs, frutos de estereotipia, mencionamos, a título de ilustração, alguns estereótipos linguísticos que serão objeto de aplicação didática no volume dois desta coleção: *Deus é brasileiro; sou brasileiro e não desisto nunca; brasileiro gosta de levar vantagem em tudo; mulher no volante, perigo constante; para inglês ver; perfume francês; Deus grego; falando grego; pontualidade britânica; república das bananas; amante latino...*

1.7.5.2 Os bordões –

A voz do povo é a voz de Deus

Dentre as expressões que classificamos como “carne de peçoço” devido à dificuldade de análise linguística, destacamos também os bordões, que são expressões utilizadas por personalidades reais, tais como, políticos, jornalistas, escritores, cantores e atores; ou personagens fictícios provenientes da literatura, do teatro, de filmes, de emissões televisivas ou de telenovelas, por exemplo.

Consideramos os bordões como a forma contemporânea das citações de personagens bíblicos, mitológicos, históricos, do teatro ou da literatura clássica, a exemplo de Homero, Dante, Victor Hugo, Cervantes, Camões, Shakespeare, Gil Vicente, Machado de Assis e Guimarães Rosa. Para citar dois exemplos em Língua Portuguesa temos “Ao vencedor, as batatas!” (Machado de Assis) e “Viver é perigoso, muito perigoso” (Guimarães Rosa).

Dentre os principais agentes contemporâneos de produção, disseminação e recuperação de bordões, selecionamos as telenovelas brasileiras.

Seguindo o modelo de avançar elementos que serão objeto de aplicação didática no volume dois desta coleção, mencionamos, a título de ilustração, alguns bordões lin-

guísticos sob os quais nos debruçamos, com o intuito de ampliar a competência discursiva:

- *Lerê, lerê, lerê, lerê, lerê...* (tema de abertura de *Escrava Isaura* (1976));
- *Primeiramente, secundamente, terceiramente...* (personagem Odorico Paraguaçu, de *O Bem Amado* (1973));
- *Fulaninha é biscoito fino* (personagem Elzinha, em *Ciranda de Pedra* (1981));
- *Tô certo, ou tô errado?* (personagem Sinhozinho Malta, em *Roque Santeiro* (1975 e 1985));
- *Nhê, nhê* (personagem Miro, em *Selva de Pedra* (1972 e 1986));
- *Jamanta vai matar Sandrinha* (personagem Jamanta, em *Torre de Babel* (1998));
- *Oxente, my god!* (personagem Altiva, em *A Indomada* (1997));
- *Cada mergulho é um flash.* (personagem Mara, em *O Clone* (2001));
- *Não é brinquedo não, heim?* (personagem dona Jura, em *O Clone* (2001));
- *Eu sou chique, bem!* (personagem Márcia, em *Chocolate com Pimenta* (2004));
- *Você sabe com quem está falando?* (personagem Juvenal Antena, em *Duas Caras* (2007)).

1.7.5.3 Os slogans –

Vende mais porque é fresquinho, ou é fresquinho porque vende mais?

Trataremos ainda do *slogan*, estrangeirismo que triunfou no Brasil, a despeito dos puristas e protetores da *língua nacional*.

Uma análise etimológica do termo *slogan* nos conduzirá à expressão de origem gaélico-escocesa *slaug-ghairn*, literalmente, *grito de guerra*. Um dos traços característicos do *slogan*, que às vezes pode passar despercebido, é o impedir a reflexão, como já assinalado por Reboul (1975), para quem, além disso, em francês o termo *slogan* adquiriu sentido pejorativo, passando a estar inevitavelmente relacionado à propaganda, ou à doutrinação, a nosso ver, o mesmo equivale para o sentido atribuído no Brasil.

A história do termo pode esclarecer-nos. Sua origem não é inglesa, é gaélica: SLUAGH-GHAIRM significava na velha Escócia ‘o grito de guerra de um clã’. O inglês adotou o termo por volta do séc. XVI, para transformá-lo, no séc. XIX, em divisa de um partido, e, a seguir, em palavra de ordem eleitoral, como *The full dinner pail!* (a panela cheia!), que conquistou os sufrágios populares em 1896. E os americanos acabaram dando ao termo o sentido de divisa comercial (REBOUL, 1975, p. 8).

Um *slogan* é uma expressão geralmente curta e com efeitos sonoros particulares (o que muito facilita a memorização), utilizada para fins comerciais ou ideológicos veiculados por meio de propagandas e peças publicitárias, de uma forma geral.

Os fins comerciais são aqueles ligados à venda de produtos e serviços (*Tostines vende mais porque é fresquinho, ou é fresquinho porque vende mais? / O tempo passa, o tempo voa e a poupança **Bamerindus** continua numa boa.*).

Os fins ideológicos são aqueles ligados à aceitação de uma causa, ou convencimento de uma ideia (*Drogas – não troque sua liberdade por essa prisão. / O melhor do Brasil é o brasileiro.*).

Os *slogans* partilham de algumas das características das UF's, a saber, a polilexicalidade, a fixação e a convencionalidade gerada pela repetição continuada, embora, geralmente, não sejam idiomáticas.

O que torna tais unidades particularmente interessantes para uma reflexão sobre o funcionamento da língua é a relação entre sua forma e função, uma vez que são geralmente constituídas pelo efeito de novidade, de repetição e de desvio sintático ou semântico.

Embora não haja muitos estudos fraseológicos sobre os *slogans*, acreditamos que uma análise que leve em conta suas propriedades sonoras, construção morfossintática e relações da convencionalidade com a memorização, pode revelar-se bastante frutífera, na medida em que auxiliará na descrição de expressões linguísticas comumente deixadas de lado.

Uma questão que nos instiga é compreender por que alguns *slogans* tornam-se fraseologismos e outros não. Esse e outros aspectos tentaremos elucidar na aplicação didática que faremos dos *slogans* em sala de aula da disciplina de língua portuguesa, no ensino médio, a ser apresentada no volume dois desta coleção. Citando alguns exemplos do *corpus* de nossa análise temos:

- *Bombril tem mil e uma utilidades.*
- *Não é nenhuma Brastemp.*

- *Se é Bayer é bom.*
- *Tomou doril, a dor sumiu.*
- *Deu duro, tome um Dreher.*
- *Brahma, a número 1 – Refresca até pensamento.*
- *Skol, a creveja que desce redondo.*
- *Fale de perto com Colgate.*
- *Tody, sabor que alimenta.*
- *Nescau, energia que dá gosto.*
- *Quick, faz do leite uma alegria.*
- *Vem pra Caixa você também, vem!*

2

CAIU NA REDE É PEIXE

2.1 Características das Unidades Fraseológicas – *Quem Vê Cara não Vê Coração*

2.1.1 Polilexicalidade – *Quem tem um não tem nenhum*

A polilexicalidade pode ser considerada uma característica ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa das UFs, pois diz respeito tanto ao número de elementos que constituem a expressão quanto à relação de sentido que há entre eles.

Em outras palavras, se toda UF é formada por pelo menos duas unidades lexicais, armazenadas na memória como se fossem uma só, tal qual em *rodar a baiana, chutar o pau da barraca, soltar os cachorros, água que passarinho não bebe, descascar o abacaxi, chorar o leite derramado, comer mingau pelas beiradas, comer capim pela raiz, pernas pra que te quero, sebo nas canelas...*, é porque, independentemente do número de elementos que a constituem, elas representam uma unidade. Trata-se, pois, de lexia composta.

Dizer que as UFs são sequências polilexicais nos remete a uma questão já fartamente discutida nos estudos linguísticos, embora ainda não satisfatoriamente elucidada. Trata-se da definição de palavra, tão controversa a ponto de já ter sido considerada como um conceito não operacional por alguns linguistas.

Se, quando escrita, sua identificação é fácil por estarem separadas por espaços em branco, o mesmo não se pode dizer da modalidade oral, na qual muitas vezes, por causa do *continuum* que envolve a cadeia da fala, temos dificuldade de estabelecer-lhe os limites. Como saber onde termina uma palavra e onde começa outra, ou quantas unidades há em: *está tudo bem com você?*

Tanto na tradição gramatical quanto na linguística moderna, a noção de palavra tem servido sistematicamente para denominar unidades intermediárias (situadas entre o morfema e o sintagma) que, como lembra Salah Mejri,

possam ser reduzidas a um só morfema; pertençam a uma parte do discurso; sirvam de suporte à atualização de diversas categorias gramaticais graças a características morfológicas apropriadas (2009, p. 68).

Lembramos que, se a noção de palavra segue sendo problemática, isso se deve ao não estabelecimento de limites claros. Concordando com Mejri (1997, p. 132), consideramos que, se a noção de palavra, a despeito de todos os ataques, faz prova de grande resistência, é porque faz parte de uma realidade linguística apreendida de forma intuitiva, sem que os critérios formais até então delineados sejam suficientes para sua delimitação.

Porém, longe de ser um critério simples, a polilexicalidade suscita uma série de questões em relação às formas livres e presas.

Além disso, há que se dizer que, se toda UF é polilexical, nem toda sequência polilexical é uma UF. Vejamos por exemplo em: *guarda-roupa* / *guarda-chuva* / *rádio relógio* / *marca-passo* / *saca-rolhas* / *gota d'água*. Nesses casos, estamos diante de palavras compostas, cuja formação obedece a regras produtivas (composição, derivação e justaposição). Já nas UFs,

como, por exemplo, *guarda-costas* / *dor de cotovelo* / *cabeça-dura* / *mão na massa* / *testa de ferro*, a formação apresenta algum tipo de desvio do sentido literal em pelo menos um dos constituintes e precisa ser compreendida no conjunto.

De tais considerações, já podemos depreender que a polilexicalidade, embora seja uma condição necessária, não é suficiente como critério de identificação de uma UF.

2.1.2 Fixação ou cristalização – *Pau que nasce torto morre torto*

Consideramos a fixação como um dos traços mais relevantes (ao lado da idiomaticidade), dentre as características das UFs, a exemplo dos trabalhos desenvolvidos na França, nos quais as UFs são comumente tratadas como *sequences figées*, e o fenômeno fraseológico de uma forma geral como *figement*, como vemos em Mejri (1986), Gross (1987), Fiala & Habert (1989) e Anscombre (2003).

A centralidade da fixação pressupõe a consideração das demais características (polilexicalidade, idiomaticidade e convencionalidade) como periféricamente a ela relacionadas.

Além disso, postulamos que a cristalização sintática de certas formas linguísticas, em oposição às formas livres, constitui um espaço privilegiado para a compreensão do processamento da linguagem verbal e para o desenvolvimento da competência discursiva em língua materna, segunda ou estrangeira.

Uma análise sobre a fixação das sequências linguísticas suscita uma série de questionamentos, tais como a **delimitação** e **categorização** das unidades léxicas (simples ou compostas); a **regularidade** em oposição a **irregularidades** que po-

dem ser contempladas na descrição de um sistema linguístico, e a relação entre a **mobilidade** e **variação** dos constituintes de uma UF e o **processamento** da linguagem verbal.

Enquanto característica formal, a fixação pode manifestar-se nas UFs através de restrições:

- no eixo sintagmático – restrição para flexões, pronominalizações e passivização;
- no eixo paradigmático – restrição para comutação de termos e inserção de novos elementos.

Como exemplo de restrições no eixo sintagmático podemos citar para *bater as botas*, com o sentido de morrer, há restrições semânticas para – **bater as botinhas*, **bater aquelas botas*, ou ainda, **botas batidas*.

Já do ponto de vista paradigmático, seguem as restrições para as **botas bater*, **bater as botas de couro*, ou ainda, **bater com força as botas*.

Entretanto, apenas a fixação não é suficiente para a caracterização de uma UF, uma vez que as palavras compostas também partilham da mesma restrição.

Embora a fixação seja característica essencial, tal característica não se aplica de maneira integral à totalidade de uma UF, como veremos no volume dois, o que nos faz, desde já, incluir a noção de gradação e de *continuum*.

2.1.3 Idiomaticidade, opacidade e transparência – *As aparências enganam*

Antes de tratarmos desta característica, é necessário precisar que, em nosso trabalho, a idiomaticidade diz respeito a não composicionalidade semântica, ou seja, o sentido da expressão não é resultado da soma do sentido de cada um dos elementos que a constitui.

Vale dizer que, em português, também se usa o termo idiomático como sinônimo de idiotismo, anglicismo, galicismo etc. para expressar o que é próprio de um idioma e que não se pode traduzir palavra por palavra, ainda que não haja restrição sintagmática, nem paradigmática.

Contudo, de acordo com nossos critérios, os idiotismos e afins integram a categoria dos pragmatemas, sendo na maior parte dos casos transparentes em língua materna (*não há de que / boa sorte / até logo*), ainda que haja expressões em que a transparência é relativa, nas quais o sentido se tornou opaco e só pode ser recuperado em uma análise etimológica ou diacrônica, como por exemplo em: *às ordens, estou me lixando, muito obrigado e pois não*.

Falaremos em idiomaticidade quando não houver transparência, ou, em outras palavras, quando a lexia composta for semanticamente opaca. Para ilustrarmos transparência e opacidade relacionadas à noção de composicionalidade semântica, vejamos os dois exemplos abaixo, retirados de notícias jornalísticas nas quais **cobras e lagartos** aparecem no primeiro como lexias simples, e no segundo como uma lexia complexa e idiomática.

- *A partir do próximo dia 17, o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro terá visita noturna todas as terças e quintas-feiras até o dia 31 de agosto. O passeio incluirá visitas ao leão, tigre siberiano, onça pintada, **cobras e lagartos**. Todos poderão ser vistos em plena atividade já que durante o dia têm comportamento mais lento.* (R7 Notícias – Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/->> Publicado em: 10 jun. 2010).

- *Afinal, o PT, adversário ferrenho de Kassab, já disse **cobras e lagartos** do partido presidido pelo prefeito. (Diário de Pernambuco. Publicado em: 23 jan. 2011).*

No primeiro exemplo, **cobras e lagartos** são formas livres, constituídas por duas lexias simples, com sentido independente e transparente, que têm como referentes animais que poderão ser vistos no zoológico.

Já no segundo exemplo, **cobras e lagartos** constituem uma unidade, trata-se de uma lexia complexa cujo sentido é opaco e deve ser depreendido do conjunto, tal unidade tem como referente ofensas, insultos, ou coisas desagradáveis.

Note-se ainda que a valência verbal desempenha papel preponderante nas UFs, uma vez que, no segundo exemplo, **cobras e lagartos** coocorrem com um verbo ilocucional (dizer, falar, gritar...), enquanto no primeiro exemplo tal restrição não ocorre, sendo a valência verbal significativamente mais vasta, e **cobras e lagartos** podem ser vistos, estudados, temidos, capturados, vendidos, comprados...

Tal qual a fixação, a idiomaticidade também pode apresentar gradação, ou seja, um dos elementos pode não ser totalmente opaco, ou ser mais ou menos idiomático, como em: *tapete vermelho / puxar o tapete / debaixo do tapete.*

Porém, há expressões em que um dos elementos sequer é usado (ou tem uso limitado) fora da expressão, tal como ocorre em *misturar alhos com bugalhos, de quina pra lua, sem eira nem beira, bode expiatório*. O que não exclui a idiomaticidade prototípica, ou opacidade total, como em: *conversar água, língua de trapo, a queima roupa, dedo duro, pau d'água, pé de chinelo e abotoar o paletó*, por exemplo.

2.1.4 Convencionalidade e frequência – *Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?*

A convencionalidade e a frequência estão intimamente ligadas. A tal ponto que podemos dizer que a relação entre elas é tautológica. Uma UF pode tornar-se frequente por sua convencionalidade e pode também tornar-se convencional pela sua frequência.

A convencionalidade diz respeito à seleção de determinadas estruturas em detrimento de outras, para atender a propósitos discursivos precisos; enquanto a frequência diz respeito à repetição, muitas vezes automática, de estruturas pré-fabricadas.

Tais automatismos nem sempre são perceptíveis aos falantes, quando se trata de sua língua materna, mas são rapidamente detectados quando se trata de uma língua estrangeira.

Os pragmatemas, por exemplo, formas convencionais que utilizamos para saudar (*bom dia, tudo bem?, tudo azul?, beleza*), fazem parte do processo de aquisição da linguagem, e nem sequer necessitam serem aprendidas formalmente.

Faz parte do conhecimento escolarizado saber que a água ferve a 100°, mas é a experiência que vai nos mostrar que água a 60°, por exemplo, é quente demais para o banhar-se nela, mas não o suficiente para fazer um café.

A relação existente entre experiência e convencionalidade é semelhante à existente entre aquisição e aprendizagem de uma língua (ver capítulo 3).

Através de repetidas experiências vamos percebendo que existem convenções que condicionam nossa integração e participação social, uma vez que uma atitude convencional é aquela que é esperada dentro de determinado grupo social: cumprimentar, agradecer, felicitar, despedir-se, solicitar permissão, perguntar, responder, aguardar seu turno.

Os provérbios, as expressões idiomáticas, as colocações, os pragmatemas, os clichês, bordões e *slogans* podem ter se

tornado convencionais por sua frequência, mas também podem ter sido frequentes por serem convencionais.

A convencionalidade e a frequência de uso das UFs estão intimamente ligadas às fontes de produção, manutenção e reprodução, dentre as quais podemos apontar: a Bíblia, a mitologia greco-romana, a literatura universal, a literatura de viagem, e, mais recentemente, a indústria cultural e os meios de comunicação de massa (MONTEIRO-PLANTIN, 2012).

Para citar UFs oriundas da Bíblia, podemos recorrer ao Velho Testamento e encontrar: *cova dos leões / paciência de Jó / sabedoria salomônica / arco da velha*; e ao Novo Testamento: *Madalena arrependida / lavar as mãos / onde Judas perdeu as botas / dar a outra face*.

Para citar apenas algumas legadas pela mitologia greco-romana, temos: *calcanhar de aquiles / bicho de sete cabeças / leito de Procrusto / caixa de Pandora*.

Mencionando as oriundas da literatura universal, temos: *Inês é morta / ovo de Colombo / até aí morreu o Neves / espelho mágico*, às quais Pirainen (2011) acrescenta a literatura de viagem, notadamente as histórias de contato entre europeus e indígenas, que teriam dado origem a expressões como *cachimbo da paz, pacto de sangue e o último dos moicanos*.

Como exemplo de novas fontes de produção, ou de revitalização, oriundas da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, podemos citar as canções, as citações de personagens (reais ou fictícios), os *slogans* publicitários, os títulos de filmes e de telenovelas.

A convencionalidade desses “novos” fraseologismos seria então facilitada, e até mesmo garantida, pela repetição sistemática em diferentes veículos, como por exemplo: os textos jornalísticos (impressos ou eletrônicos); os textos publicitários (considerados em todos os seus formatos); os textos que circulam na internet de uma maneira geral; e as telenovelas brasileiras.

3

É DE PEQUENO QUE SE TORCE O PEPINO

3.1 Da Competência Fraseológica à Competência Discursiva – *A União Faz a Força*

Em se tratando de comunicação, os conceitos de competência e de *performance* têm sido abordados, nas pesquisas linguísticas, principalmente em correlação aos estudos de Saussure, Chomsky e Dell Himes.

De acordo com a teoria saussureana, podemos relacionar língua (*langue*) à competência; e fala (*parole*) à *performance*, sendo a primeira um produto coletivo de uma comunidade linguística, e a segunda uma capacidade individual de um membro dessa comunidade.

Chomsky (1984) leva em conta um falante ideal, inserido em uma comunidade linguística homogênea, que conhece perfeitamente sua língua e é capaz de aplicar seu conhecimento linguístico numa *performance* atualizada a cada uso da língua, sem interferências de limitações de memória, distrações ou falta de atenção e de interesse, erros ou condições gramaticalmente irrelevantes.

Entretanto, concordamos com Baltar (2005), que lembra que:

As noções de falante ideal, de competência como conhecimento gramatical e de comunidade linguística homogênea, questões centrais na teoria chomskyana, apresentam alguns problemas. Primeiro, a palavra competência, expressando conhecimento internalizado, sugere que a

competência, entenda-se gramática, seja um modelo lingüístico-psicológico. Nesta questão, Chomsky não logrou mais amplo êxito, pois a pesquisa em psicolingüística, baseada na premissa de que a gramática transformacional representa a estrutura e a aplicação do conhecimento lingüístico, não resistiu às limitações do modelo, que estava ancorado na sintaxe da língua e apresentou inúmeros problemas quando teve que tratar do nível semântico. Segundo, como veremos a seguir, em vez de terem uma competência internalizada, a gramática, os falantes de uma língua, ao interagirem com outros falantes, utilizam-se de várias competências, e não apenas uma, estritamente psicolingüística (Versão *on-line*).

Em contraponto às formulações de Chomsky, Dell Hymes (1984) trabalha com um conceito mais amplo, denominado por ele de competência comunicativa, segundo o qual os falantes teriam diferentes tipos e níveis de conhecimento sobre a língua.

3.2 A Memória Semântica e o Desenvolvimento da Competência Discursiva – *Água Mole em Pedra Dura, Tanto Bate até que Fura*

Ao discutir o desenvolvimento da memória semântica e a capacidade de categorização é preciso lembrar que Roger Brown (1970 [1958]) foi o primeiro psicolinguista a propor uma estruturação hierárquica da memória semântica em aquisição da linguagem. Em seu trabalho, Brown esclarece que os adultos utilizam o que hoje denominamos Fala Dirigida à Criança (CDS) “buscando para alguns referentes nomes que os categorizem mais generalizadamente e, para outros referentes, nomes que categorizem mais estritamente” (BROWN, 1970, p. 3).

Merece destaque também o texto de Pan e Berko Gleason, gentilmente cedido pelas autoras, no qual elas assinalam que “Uma das tarefas primárias da criança no desenvolvimento semântico é adquirir conceitos categoriais (i.e., aprender que a palavra cachorro se refere a toda uma classe de animais) e ser capaz de aplicar a palavra a novas instâncias apropriadas da categoria”.

As autoras asseveram que muito antes de conhecerem os significados de cada uma das palavras as crianças entendem muito do que querem dizer. E também que, inicialmente, a compreensão está ligada ao nível emocional e social. Para elas, o exagerado contorno prosódico da fala das mães carrega mensagens variadas de conforto, contentamento ou raiva.

Desse modo, muitas crianças pequenas compreendem as intenções pragmáticas das expressões dos adultos muito antes de poderem entender os significados das palavras. Para ilustrar isso, as pesquisadoras dão como exemplo o caso de que a criança, ao ouvir o pai dizer: “*Está na hora do seu banho agora*”; pode responder de forma diferente se a sugestão for apresentada em uma hora particular do dia, dependendo de onde esteja, ou se estiver engajada em uma atividade familiar, ou se seus pais apontarem para o banheiro.

Gradualmente, as crianças entendem e usam as palavras da mesma forma que os adultos para romper a dependência ao contexto, e usam-nas com flexibilidade em variadas situações. A aquisição das palavras, seus significados e as ligações entre eles não aparece de repente. Durante o curso deste processo, que é usualmente chamado de desenvolvimento semântico, as estratégias das crianças para aprendizagem do significado das palavras e as suas relações para uma ou outra mudança nas representações internas da linguagem dos adultos começam a se organizar.

Ao descreverem as relações entre as palavras e seus referentes, e algumas das teorias que tentam explicar como a criança adquire e representa o significado, as autoras discutem o conhecimento sobre as primeiras palavras e os primeiros significados.

Além disso, apresentam, também, pesquisas sobre o desenvolvimento semântico tardio (posterior), cujas análises apontam para o fato de a saída do sistema semântico ser elaborada com palavras relacionadas entre si em trabalhos semânticos mais complexos. Descrevem ainda a consciência que as crianças desenvolvem de que as palavras são entidades físicas, independentes de seu significado, e discutem as implicações deste desenvolvimento metalinguístico para uma variedade de usos não literais da linguagem.

A relevância dos estudos sobre memória semântica para o escopo geral de um capítulo dedicado à compreensão da competência fraseológica, para nós, encontra-se justamente na necessidade de explicitar a realidade psicológica subjacente à capacidade de categorização que mencionamos no capítulo 1 (ver 1.3).

Além disso, propomos a distinção entre atividades cognitivas decorrentes do desenvolvimento, e aquelas que ocorrem com adultos, como resultado de diferentes interações, ou do processo de escolarização.

Mas o que significa dizer que uma criança adquire significados? O que os adultos têm em comum com as crianças quando eles conhecem o significado de uma palavra?

Primeiro, é importante notar que o significado de uma palavra reside em falantes de uma “língua comum”, não no mundo de entidades externas a eles. Enquanto as palavras são signos que se ligam a um referente, o referente, por sua vez, não se liga à palavra, pelo menos não diretamente.

Por exemplo, quando dizemos a uma criança: “olhe o cachorrinho”, o referente cachorro, presente no campo mostrativo, não significa cachorrinho se o cachorro vai embora ou se está correndo atrás de um caminhão. Dessa forma, é preciso considerar que as palavras têm significado, porque o significado é um *construto cognitivo*.

Se considerarmos que a criança aprende que a palavra cachorrinho se refere ao seu cão, neste caso o cachorro presente é o referente da palavra cachorro. Mas qual a relação entre a palavra e o cachorro? Cachorro pode ser chamado de cãozinho, cachorrinho, *dog* etc., dependendo da língua.

Porém, há algo intrínseco nos cães que faz com que um ou outro nome seja mais apropriado para estabelecer a relação entre o nome e a coisa, e esta é uma convenção social implícita que os falantes de determinada língua estabelecem para chamar um animal em particular. O que se tem, nesse caso, é a relação arbitrária entre o significado e o significante, já preconizada por Saussure (1975 [1916], p. 81). Além disso, é preciso considerar que signos não-verbais podem ter natureza simbólica: a cor vermelha significar parada, por exemplo, justifica-se porque se estabelece uma convenção social implícita.

Preconizamos ser mais fácil para uma criança aprender uma palavra relacionada ao seu referente do que outra totalmente arbitrária, e que, como as pesquisas têm demonstrado, crianças pequenas acreditam que o nome e o referente estão intimamente ligados. Para elas não é possível mudar o nome sem mudar as características naturais das coisas. Por exemplo, muitas crianças acreditam que se nós decidirmos mudar o nome de cachorro para vaca, o cão começará a mugir.

Essa crença nas propriedades essenciais dos nomes, ou seja, a questão da existência de uma relação natural entre os nomes e seus referentes, foi um assunto discutido entre os antigos filósofos, como Platão, em seus diálogos com Crátilo, no século IV a.C. Os anomalistas dos dias de Platão acreditavam que as relações eram inexplicáveis e os analogistas acreditavam que através de uma etimologia cuidadosa a natureza essencial das palavras poderia ser revelada.

Consideramos a possibilidade de que o significado seja uma imagem mental. Para tanto, lembramos que a compreensão da linguagem é processada na parte da mente conhecida como área de Wernicke, que é próxima da área das associações auditivas da mente. Desta forma, o som de uma palavra evoca uma imagem mental de seus referentes (ver SAFFRAN and SHOLL [s.d.] & CARAMAZZA and SHELTON, 1998).

Entretanto, é preciso ressaltar que, ainda que muitas pessoas sejam hábeis para visualizar as imagens que as palavras suscitam, nem todas fazem isso. Além disso, muitas palavras, como *felicidade* e *ciúme*, não possuem referentes em forma de imagens, e ainda assim nós conhecemos seus significados. Igualmente, se há uma imagem visual para uma palavra, ela seria apropriada para uma instância particular: *cachorro*, por exemplo, poderia evocar a imagem de um *poodle* negro que se conheça. No entanto, dominar o significado de cachorro permite reconhecer muitas centenas de cachorros reais de todos os tipos e formas; é necessário apenas uma imagem mental para conter todas as instâncias.

Devemos considerar, porém, que as imagens mentais podem ser idiossincráticas. Assim, um falante pode ter a imagem mental de uma casa como uma mansão, outros como uma simples cabana e, mesmo assim, ambos reconhecerão novos exemplos de casa quando se encontrarem com elas.

A aquisição dos conceitos é crucial para o desenvolvimento da competência discursiva, sendo uma das primeiras tarefas das crianças no desenvolvimento semântico (isto é, aprender, por exemplo, que a palavra cachorro refere-se a um conjunto da classe desses animais). Essa aquisição está ligada à habilidade de expandir o uso de uma palavra para apropriar-se de novos exemplos da categoria, por exemplo.

Convém lembrar que há diferentes teorias sobre a aquisição das categorizações conceituais das crianças. Uma delas é a de que a criança adquire categorias aprendendo traços essenciais da categoria. Outra, segundo a qual primeiro se aprende o exemplo prototípico da categoria. E ainda outra que usa uma estratégia probabilística para determinar a pertença de um membro a uma categoria.

De acordo com a teoria dos traços semânticos de Clark (1973), postulamos que inicialmente apreendemos um conjunto de traços distintivos para cada conceito categorial. Desta forma, primeiramente a palavra *cachorro* pode ser compreendida quando aplicada a apenas um animal pertencente à criança, mas a criança logo começa a compreender que outras criaturas podem também ser chamadas de *cachorro*; com o tempo, ela apreende um pequeno grupo pertinente de traços: cachorros são vivos, têm quatro patas, latem, são cobertos de pêlo. De acordo com essa teoria, outras extensões ocorrem quando a criança infere a pertença de outros membros a uma categoria por meio do emparelhamento parcial de traços. Ou seja, uma criança pequena pode chamar um rato de cachorro, porque ambos têm pelos e quatro patas. Neste caso, ela ainda não compreendeu a estrutura que exclui um animal da categoria cachorro.

No que diz respeito à ontogênese da categorização, retomamos a teoria dos protótipos, mencionada no capítulo 1, da qual destacaremos que: a criança adquire protótipos ou conceitos centrais, quando adquire significados e apenas mais tarde começa a reconhecer membros da categoria que estejam distantes dos protótipos. Sendo assim, maçãs, pastor alemão e rosas são exemplos de protótipos de frutas, cães e flores, respectivamente, o que poderia explicar nossa capacidade de entender UF's do tipo *perder a cabeça*, *fazer das tripas coração* e *ter o rei na barriga*, por exemplo.

Vale dizer ainda que, para os adultos, os membros prototípicos de uma categoria são mais facilmente acessados na memória, como postula Rosch (1973). Esta hipótese pode ser relacionada à facilidade de recuperação de sentenças proverbiais, por exemplo, ou ainda à produtividade fraseológica, conforme será demonstrado no volume dois desta coleção.

Ao considerar que um canário tem mais características típicas de pássaro do que um pinguim, estamos diante de uma visão diferente daquela na qual a criança, para determinar a pertença de um membro a uma categoria, não depende de uma base de traços essenciais ou dos protótipos, mas do conhecimento de probabilidades. Portanto, as pessoas veem canários como melhores exemplos de pássaros e podem classificá-los mais rapidamente quando têm de responder se um canário é um pássaro.

Ao ver um pinguim, crianças e adultos podem decidir que é provavelmente um pássaro, porque ele tem muitos traços de pássaro, tais como bico e asas. Assim, mesmo que ele não possa voar ou cantar, possui qualidades para ser membro da categoria.

Porém, ainda que exista a possibilidade de adquirir conceitos como categorias, é preciso lembrar que há grandes diferenças na natureza dos conceitos. Por exemplo, há conceitos clássicos, como triângulo, que podem ser definidos sem ambiguidade. Todos os triângulos têm três lados, ou eles simplesmente não são triângulos. Pássaro, por outro lado, é um exemplo de conceito probabilístico. Mas isto não é tudo: pássaro possui um número probabilístico de traços em comum, mas há um grupo singular de traços essenciais. Além disso, alguns conceitos têm limites rígidos e são hierarquicamente organizados, enquanto outros não: por exemplo, muitos adultos podem concordar com o que é ou não é um cão, e saber que cão é uma categoria superordenada de animal (hiperônimo), mas com relação ao nome das cores para sombreadas ou não focais, os limites são muito mais vagos, conforme os resultados de Braisby e Dockrell (1999).

Há também uma precedência das representações cognitivas, embora inicialmente os bebês tratem todos os objetos do mesmo jeito (com a boca, tocando, sacudindo e batendo), aos poucos começam a tratá-los de forma diferenciada. Neste ponto, uma boneca pode ser segurada e um carrinho puxado no chão. O tratamento diferencial dos objetos pelas crianças indica a um nível fundamental como elas estão categorizando objetos.

Devido a essas diferenças entre os conceitos, é impossível que uma única teoria seja suficiente para explicitar a natureza categorial da aquisição dos conceitos das crianças.

Semelhante é a constatação de Carey (1983 [1982]), em seu levantamento sobre o desenvolvimento semântico. Ela começa com a teoria dos traços semânticos de Clark (1973), que se baseava na análise componencial linguística. Ela lembra que o cerne da teoria era a natureza dos primitivos ou traços, isto é, as menores unidades que variam de uma maior generalidade em direção à

especificidade e que, de acordo com a Teoria dos Traços Semânticos, deveriam ser adquiridos um de cada vez, ao longo de um período de tempo, sendo as mais genéricas adquiridas primeiro.

Entretanto, é preciso ressaltar que, uma vez que estas previsões não foram confirmadas empiricamente, Clark abandonou a posição inicial em favor da Teoria do Contraste Lexical (1983, 1987, 1990, 1993, 1995) e mais recentemente defende dois princípios operacionais dominantes que guiam o processo de desenvolvimento lexical: o princípio do contraste e o princípio da convencionalidade. Com base nesses princípios, Clark (1995) postula que as crianças devem identificar os significados potenciais, utilizando categorias ontológicas já estabelecidas, tais como: objetos, ações, eventos, relações, estados e propriedades.

Embora sejam relevantes as contribuições oriundas dos trabalhos de Pan e Berko Gleason (apud PAN, 2001), Carey (1983), e Clark (1995), é preciso salientar que a contribuição mais importante para os experimentos psicolinguísticos, com relação à categorização semântica, continua sendo a proposta de Rosch (1978), do membro prototípico de uma categoria como membro que compartilha a maioria dos componentes subjacentes com outros membros e o mínimo com membros de categorias contrastantes. Porém, convém salientar que não há consenso entre os pesquisadores acerca do significado exato de um protótipo.

Além disso, fatores como o desenvolvimento linguístico e cognitivo, as relações entre campos semânticos específicos e as práticas sociais desenvolvidas pelos indivíduos parecem interferir nas formas preferenciais para com uma e outra forma de categorizar, conforme será demonstrado no volume dois, no desenvolvimento de atividades didáticas realizadas com diferentes UFs.

3.3 A Teoria dos Esquemas e a Competência Discursiva – *Dançando conforme a Música*

Embora a teoria dos esquemas, iniciada por Bartlett (1932), desenvolvida por Rumelhart (1977) e seus seguidores, tenha se demonstrado bastante produtiva no desenvolvimento de pesquisas em leitura, tentaremos relacioná-la ao desenvolvimento da competência discursiva de uma forma geral e da competência fraseológica de uma forma mais específica.

Para tanto, apresentaremos uma revisão sucinta da teoria dos esquemas, com o intuito de contemplar: suas relações com a construção do conhecimento, o conceito de esquema, o desenvolvimento dos esquemas, as relações entre esquemas e categorização semântica, e o desenvolvimento da competência fraseológica e discursiva.

Tendo como ponto de partida teorias de aprendizagem para a construção do conhecimento, estudos como os de Piaget (1991,1993) e Ausubel *et al.* (1980) podem ser relacionados à teoria dos esquemas. O primeiro por propor a aprendizagem como uma construção em busca de equilíbrio, por meio de processos de acomodação e assimilação. Ausubel, por sua vez, enfatiza a integração de conhecimentos novos de forma encaixada, propondo, assim, a existência de uma estrutura cognitiva hierarquicamente organizada. Porém, convém lembrar que os autores não chegaram a mencionar a teoria dos esquemas, e também que Bartlett (1932) é considerado seu precursor.

Frequentemente, o termo esquema é definido como uma estrutura cognitiva abstrata, construída pelo próprio indivíduo para representar a sua teoria de mundo.

Embora haja uma grande flutuação terminológica em relação a esse tema, para o objetivo deste trabalho, é suficiente considerar esquema como um hiperônimo para cenas, eventos/*frames* e histórias/*scripts*.

Desta forma, em um esquema do tipo cena, teríamos o conhecimento organizado espacialmente, dependente portanto do campo mostrativo; enquanto em um do tipo evento, teríamos o conhecimento de senso comum sobre um conceito central, como, por exemplo, Páscoa; já em um do tipo história, teríamos o conhecimento organizado de forma sequencial, de maneira geralmente estereotipada, como, por exemplo, uma missa. Não há, entretanto, relação de exclusividade entre essas estruturas cognitivas abstratas. Sendo assim, um conhecimento pode estar organizado de forma a relacionar, concomitantemente, cenas, eventos e histórias.

Os elementos que formam um esquema são denominados de variáveis. Assim, a realização de um pagamento de uma conta em um banco, por exemplo, pode ser diferente da mesma atividade realizada em uma farmácia, ou em uma casa lotérica. Porém, é preciso considerar que, necessariamente, haverá uma série de elementos comuns capazes de caracterizar a operação financeira como um pagamento: o dinheiro, cheque ou cartão de crédito; a autenticação mecânica; o comprovante de pagamento etc.

Contudo, a existência de apenas uma variável não é suficiente para configurar um esquema, ou seja, não é só a presença do dinheiro que pode configurar pagamento. Para não confundirmos com recebimento, empréstimo, doação, compra, é necessário a presença de outras variáveis. Sendo assim, o conjunto de variáveis estruturalmente organizadas é que irá determinar a construção de um esquema.

As experiências de um indivíduo possibilitam que seus esquemas se desenvolvam. Desta forma, novos elementos podem ser incorporados, algumas variáveis podem ser descartadas ou desempenharem diferentes papéis. Isto posto, pode-se considerar que os esquemas não apenas se expandem em diversas direções, mas também evoluem em sua estrutura básica. Em outras palavras, o desenvolvimento de esquemas ocorre tanto em quantidade quanto em qualidade, pois aumentam em número e em complexidade, de acordo com as experiências de cada um.

É importante considerar aqui o papel da aprendizagem, seja ela decorrente do processo de escolarização, ou consequência do desempenho de diferentes práticas sociais. A construção de novos conhecimentos possibilita ao indivíduo, além de um número maior de esquemas para interpretar a realidade, um número maior de variáveis para cada esquema internalizado. Tal desenvolvimento propicia uma diminuição da generalidade de cada esquema e, consequentemente, um aumento na capacidade de reconhecer especificidades nos esquemas.

Se na leitura de um texto grande parte das informações necessárias para a sua compreensão não está explícita, sendo necessária a interação do leitor com informações implícitas; no processo de categorização semântica, por sua vez, a teoria dos esquemas oferece, também, pistas substanciais para evidenciar certas formas de organização e de evocação do conhecimento estruturado na memória semântica.

É preciso considerar, ainda, que a aplicação da teoria dos esquemas à investigação das formas de organização do conhecimento na memória semântica e à capacidade de categorização justifica-se, principalmente, porque categorizar é uma

atividade necessária para que não se instaure o caos e para que possamos lidar com os elementos que nos cercam da forma mais econômica possível, papéis eficientemente já desempenhados pelos esquemas na compreensão de textos, durante o processo de leitura.¹⁹

Nosso arrazoador teórico teve como objetivo mostrar sob uma perspectiva psicolinguística as relações entre usos de linguagem e o uso da cognição básica, da percepção, da memória e da categorização, evidenciando mais uma vez que a linguagem não pode ser dissociada dos processos mentais e tratada como uma entidade distinta e autônoma. Desta forma, postulamos que a faculdade da linguagem faz parte de nosso conhecimento de mundo e que a fraseologia constitui grande parte desse conhecimento materializado por formas polilêxicas, relativamente fixas, com certo grau de idiomatidade e convencionais.

Na Fraseologia encontramos ecos de um amplo leque de áreas de investigação que normalmente se entrecruzam no que se conhece como linguística e ciência cognitiva. A saber, cognição, consciência, experiência, corporização, cérebro, e interação humana, cultura, sociedade e história, numa interrelação entrecruzada na linguagem de uma maneira complexa, rica e dinâmica (LUQUE-NADAL, 2010, p. 185).

Nosso conceito de competência discursiva diz respeito à capacidade de selecionar, ou reconhecer entre as estruturas linguísticas, paralinguísticas e epilinguísticas disponíveis, as que melhor atendam aos propósitos discursivos dos interlocutores.

Do ponto de vista da produção, trata-se de seleção das estruturas para atingir aos objetivos da comunicação pretendida, enquanto que do ponto de vista da recepção, trata-se de re-

¹⁹ Conforme Rumelhart (1980), Stanovich (1981) e Smith (1989).

conhecer, identificar e correlacionar as estruturas disponíveis, fazendo inferências, se necessário, numa espécie de contrato de cooperação entre os enunciadores.

As estruturas linguísticas dizem respeito aos fonemas, morfemas, sintagmas, frases, que constituem os enunciados linguísticos. As paralinguísticas são extralinguísticas, porém com interferência crucial na enunciação, tais como: pausas hesitações, entonação, ritmo, velocidade da fala etc. Na modalidade escrita elas podem se revelar por meio de diacríticos, negritos, sublinhados, uso de maiúsculas...

Já as epilinguísticas, por sua vez, são estruturas que se prestam ao controle e reflexão sobre o uso da linguagem durante a enunciação, ou, nas palavras de Franchi (1987),

prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas lingüísticas de novas significações.

3.4 O Ensino de Língua Materna – *Fazendo Tábula Rasa do Conhecimento Linguístico?*

Levando em conta que o processo de escolarização formal inicia-se, aproximadamente, cinco anos após a aquisição da linguagem, e que o ensino de língua materna continuará de forma sistemática durante pelo menos mais uma década, cabe questionar: por que ensinar português a quem já fala português?

Entendemos como objetivo principal do ensino de língua materna o desenvolvimento da competência discursiva, na compreensão e produção de mensagens linguísticas orais e escritas.

Tal desenvolvimento implica na reflexão sobre o funcionamento da língua, de forma a propiciar o reconhecimento e seleção das estruturas linguísticas e paralinguísticas disponíveis que melhor atendam aos propósitos discursivos do aprendiz. Concebemos língua como um conjunto de sinais e de regras de combinações desses sinais utilizados por uma comunidade linguística em suas interações, que por sua vez são sócio e historicamente constituídas.

Professores de língua estrangeira já reconhecem a importância do ensino das UFs, embora se ressentam da falta de orientação didática para a concretização de um ensino que possa propiciar ao aprendiz um conhecimento linguístico suficiente para a participação em interações cotidianas (saudação, agradecimento, acordo, desacordo, polidez...).

Já no caso dos professores de língua materna, constatamos que, além da escassez de material didático, encontramos, ainda, orientações expressas para evitar o uso de algumas UFs, tais como provérbios, ditos populares e expressões idiomáticas, em produções textuais, com a justificativa de que elas demonstrariam falta de criatividade e até preguiça mental.

Para exemplificar o desprezo dedicado às UFs, lembramos que Lapa (1998) denomina o clichê como sendo a “muleta ridícula dos preguiçosos” (p. 153). Porém, é preciso lembrar que o eminente filólogo português estava se referindo ao uso abusivo de UF na produção textual.

Evidenciamos que uma das principais funções da escola é auxiliar o aluno a compreender e utilizar também estruturas linguísticas distintas daquelas que ele já conhece, quer por sua origem familiar, quer pela participação em diferentes comunidades linguísticas.

Desmarginalizar as UFs, conferindo-lhes um tratamento didático diferenciado, não significa de forma alguma passar a ensiná-las ou incluí-las como conteúdo nas atividades de compreensão leitora ou de produção textual.

Devido à grande plasticidade de tais unidades, elas se mostram extremamente propícias para a reflexão de fenômenos linguísticos específicos, conforme veremos no capítulo 4.

Avançando alguns resultados de pesquisas experimentais já realizadas com alunos do ensino médio, podemos dizer que foi possível, por meio de atividades com UFs, construir sentidos a partir de enunciados pertencentes à língua comum, que constituem grande parte de nosso léxico mental, sobre os quais eles nunca haviam refletido e nem trabalhado de forma sistemática.

A aplicação de resultados de pesquisas linguísticas ao ensino de língua materna tem sido realizada de forma lenta, gradual e assistemática. O que significa dizer que as diretrizes curriculares vigentes mantêm estreita relação com os modelos teóricos valorizados em diferentes contextos histórico-culturais, ainda que tais modelos não sejam mencionados nos documentos oficiais. Exemplo disso pode ser verificado no ensino centrado na sílaba, no morfema, na frase, no texto, no gênero e, mais recentemente, nas condições de produção e nas intenções dos sujeitos que participam das interações linguísticas.

A eleição da centralidade dos níveis ou dos elementos que serão tratados está intimamente ligada ao desenvolvimento de pesquisas fonético/fonológicas, morfossintáticas, discursivo/textuais, e semântico/pragmáticas, por sua vez condicionadas por diferentes correntes teóricas (estruturalismo, gerativismo, funcionalismo...), ainda que de forma não explícita.

Tendo em vista que todos os níveis são essenciais e importantes para a efetivação do fenômeno que possibilita a interação entre os pares em uma dada comunidade linguística, cabe aos professores de língua materna a transposição didática que possibilite a aprendizagem do funcionamento da linguagem articulada.

Para enfrentar essa empreitada, muitos professores contam apenas com livros didáticos que terminam por orientar e até mesmo engessar o caminho a ser trilhado.

3.5 Competência Fraseológica em Língua Materna – *Do Falante Ingênuo ao Poliglota em sua Própria Língua*

Do ponto de vista formal, língua é um conjunto de sinais e das regras de combinações desses sinais, do qual fazem uso os membros de uma comunidade linguística em suas interações.

Tais interações têm como objetivo partilhar dos sentidos atribuídos pelo(s) enunciador(es) na recepção (escuta e leitura), e atribuir sentidos a serem partilhados no processo de produção (fala e escrita). Vale dizer que os sentidos são, como já mencionado antes, sócio e historicamente constituídos.

Sob o ponto de vista comunicacional, uma língua é um conjunto de variedades, que está constantemente sujeita a mudanças, em todos os níveis (do fonético ao pragmático-discursivo). Entendemos por variedades as formas que se encontram em competição diacrônica (variação cronológica), competição diastrática (social) e competição diatópica (espacial).

Apenas para exemplificar, uma vez que tais variedades são exaustivamente estudadas nos estudos sociolinguísticos com grandes contribuições ao ensino, tomemos as variedades

diatópicas, que dizem respeito a formas linguísticas em competição em diferentes espaços, também conhecidas como variações regionais, como podemos ver abaixo:

- do ponto de vista fonético – os diferentes sotaques presentes em diferentes regiões do Brasil ou, ainda, em diferentes países em que se fala português;
- do ponto de vista morfológico – os diferentes morfemas que constituem os vocábulos mais produtivos em uma região do que em outras (meninazinha / menininha / meninota);
- do ponto de vista sintático – as diferenças entre a ordem dos constituintes mais utilizadas em diferentes regiões do país (sei disso não / não sei disso);
- do ponto de vista semântico – os diferentes nomes para os mesmos referentes, dependendo da região (terreno / lote / data) (gigolete / arco / diadema / tiara);
- do ponto de vista pragmático-discursivo – as diferentes formas de cumprimentar: *bom dia, tudo bem?*; *e aí véio, tudo certinho?*; *fala, guri*; *diz aí como é que tu tá, meu irmão?*

A competência discursiva que se pretende no ensino de língua materna é aquela que garanta ao estudante o efetivo domínio das atividades verbais.

Ao propormos a integração das UFs como objeto de estudo no desenvolvimento da competência discursiva, estamos propondo mais uma forma de superação do ensino de repasse de conteúdos gramaticais dispersos e descontextualizados.

Através da análise de frases proverbiais e expressões idiomáticas, por exemplo, a prática da oralidade pode ser um caminho para se ter fluência nas mais diversas situações, ultrapassando a conversação espontânea. Tais enunciados podem ser recolhidos e apresentados diante de um indivíduo ou de um conjunto plural de interlocutores; em atividades de transmissão de informações, de exposição de ideias, de troca de opiniões, de defesa de ponto de vista e de representação de diferentes realidades.

O respeito a diferentes variedades linguísticas não exige os indivíduos de aprenderem a adequar a linguagem às circunstâncias (aos interlocutores, ao assunto, às intenções), utilizando a norma padrão oral quando isso for necessário, aproveitando os imensos recursos expressivos da língua. Para tanto, faz-se necessária uma reflexão sobre regularidades e irregularidades do sistema linguístico (*risco de vida / não adianta / se não for os bobo, os otário não vive / quanta estupidez / que lindeza / cuidado com as mau companhia*).

Em relação à competência fraseológica, gostaríamos de ressaltar ainda o papel da memória semântica ao possibilitar inferências no tratamento de UFs idiomáticas.

Trata-se do que poderíamos chamar de terceira articulação da linguagem. Uma evidência dessa terceira articulação da linguagem e da possibilidade de inferência, garantida pela memória das UFs, é a possibilidade de compreensão e de estabelecimento de relação referencial de cada uma das UFs apresentadas como subtítulos neste livro:

- Comendo mingau pelas beiradas, ou botando lenha na fogueira?;
- Trilhando o caminho das pedras;
- Procurando agulha no palheiro;
- Colocando os pingos nos is;
- De grão em grão a galinha enche o papo;
- Santo de casa também faz milagre;
- Nem tudo que reluz é ouro!;
- Filho de peixe, peixinho é;
- Diz-me com quem andas e eu te direi quem és;
- Nem tanto ao mar, nem tanto à terra;
- Separando o joio do trigo;
- O filho pródigo;
- Rei da cocada preta;
- Unha e carne;
- A educação vem do berço;
- Carne de pescoço;
- Toda unanimidade é burra;
- A voz do povo é a voz de Deus;
- Quem vê cara não vê coração;
- Quem tem um, não tem nenhum;
- Pau que nasce torto morre torto;
- As aparências enganam;
- Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?;
- A união faz a força;
- É de pequeno que se torce o pepino;
- Com perseverança tudo se alcança;
- Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura;
- Dançando conforme a música;

- Fazendo tábula rasa do conhecimento linguístico?;
- Do falante ingênuo ao poliglota em sua própria língua;
- No meio do caminho tinha uma pedra;
- Não há rosas sem espinhos;
- Não há mal que sempre dure e não há bem que nunca se acabe;
- Quem espera sempre alcança;
- O despertar do cisne;
- Botando a mão na massa.

4

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA

4.1 Percurso dos Estudos Fraseológicos – *Não Há Rosas sem Espinhos*

4.2 Desafios e Perspectivas – *Não Há Mal Que sempre Dure e não Há Bem Que nunca Se Acabe*

A desmarginalização das UFs no ensino de língua materna é o principal desafio para os estudos fraseológicos no Brasil. Para tanto, faz-se necessário encurtar a distância entre a pesquisa e o ensino, através da formação de professores e da produção de material didático pertinente, para a inserção das UFs como formas pertencentes ao sistema linguístico, que devem ser descritas e analisadas, tais quais as formas livres.

Para termos uma ideia de como ainda estamos distantes de vencer tal desafio na formação de professores, basta lembrar que, na maioria dos cursos de Letras, oferecidos nas universidades brasileiras, não há sequer a disciplina de Lexicologia. Desta forma, a Fraseologia acaba sendo um luxo a ser degustado, ainda de forma escassa, apenas na pós-graduação.

Outro importante desafio é a consolidação de uma nomenclatura, ainda que não unânime, mas passível de viabilizar o diálogo entre diferentes perspectivas de investigação. Não julgamos necessário que fraseologismos, unidades fraseológicas, frasemas, formas fixas, expressões cristalizadas, idioma-

tismos, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina, fórmulas conversacionais, pré-fabricados linguísticos, frases proverbiais, colocações e pragmatemas encontrem um denominador comum. Porém, é imprescindível a definição, exemplificação e explicitação das características de tais unidades, bem como do papel que desempenham em nossa língua materna.

É preciso levar em conta que toda denominação de objeto de estudo estará ligada a diferentes perspectivas teóricas, não necessariamente excludentes. Em outras palavras, as UFs encontram-se no cruzamento de todos os níveis de análise linguística e, por isso mesmo, podem ser objeto de estudos psicolinguísticos, sociolinguísticos, funcionais, cognitivo-culturais, tradutológicos, pragmático-discursivos, entre outros.

O reconhecimento das frases proverbiais e das expressões idiomáticas como patrimônio imaterial de nossa cultura²⁰ também pode ser um grande passo para a desmarginalização.

E para que toda essa herança cultural imaterial não se perca, sugerimos a digitalização da paremiologia brasileira, e também a lematização de obras, tais como as de João Ribeiro, Câmara Cascudo e Leonardo Mota, entre outras, para que possamos encontrar nelas o que procuramos, além de entender o que encontramos.

Além disso, é preciso preencher a lacuna existente no estabelecimento do mínimo paremiológico brasileiro, que diz respeito à fixação de um conjunto prioritário de parêmiias que devam ser ensinadas em língua materna e em português como língua estrangeira.

²⁰ Como parte integrante do projeto de pesquisa que desenvolvemos na Universidade Federal do Ceará, está previsto o encaminhamento de tal proposta ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Para o estabelecimento desse mínimo, já podemos contar com consistentes pesquisas em idiomas nos quais ele já foi estabelecido.

Merecem destaque nesse campo pelo menos dois projetos de pesquisa coordenados pela professora Dra. Julia Sevilla, da Universidade Complutense de Madri:

- *O mínimo paremiológico: opções metodológicas e sua aplicação à didática de línguas*, desenvolvido no período de 31 de dezembro de 2005 a 31 de dezembro de 2008, com a participação de dez professores e de dois pós-graduandos; financiado pelo Ministério de Educação e Ciência da Espanha, com apoio do Instituto Cervantes;
- *El refranero multilíngüe*, desenvolvido no período de janeiro a dezembro de 2011, com a participação de 23 pesquisadores de 11 universidades distintas, financiado pelo Instituto Cervantes.

Necessitamos também de dicionários fraseológicos monolíngues, uma vez que já contamos com uma série de obras, sem caráter científico, em que tais unidades aparecem dispersas, de forma anedótica e com sua origem quase sempre inventada.

Vale lembrar que, embora ainda não sejam numerosos, há alguns dicionários fraseológicos bilíngues, porém carecemos de dicionários fraseológicos monolínges, em língua portuguesa, ainda que temáticos, dedicados, por exemplo, a expressões com diferentes campos semânticos: animais, partes do corpo, alimentação, vestuário, cores etc.

Para acrescentar mais alguns desafios, além dos já apresentados, seria pertinente que pesquisadores, que defenderam dissertações e teses de mestrado nessa área, se juntassem num projeto comum, a ser financiado pela indústria editorial brasileira, disponibilizando seus dados para a elaboração de um dicionário digital, ou vários dicionários temáticos impressos e eletrônicos.

Faz-se necessário, também, apresentar a contribuição em língua portuguesa (fruto de todas as comunidades lusófonas) à constituição do *Refraneiro Multilíngue*, tal qual o já publicado em 2001 e reeditado de forma ampliada em 2008 em oito idiomas, a saber: alemão, árabe, espanhol, francês, inglês, italiano, polonês, provençal e russo; constituído por 1001 refrões e seus correspondentes, tendo como língua fonte o espanhol.

Além disso, é preciso investir em traduções de qualidade para propiciar aos leitores brasileiros o acesso a relevantes pesquisas realizadas nessa área, cujos originais se encontram principalmente em russo, alemão, francês e espanhol.²¹

Insistimos na necessidade de tradução, por entendermos que é uma forma de nos beneficiarmos do capital intelectual já solidificado na área, para podermos nos concentrar no que ainda precisa ser feito, além de acrescentarmos nossas contribuições relativas ao português do Brasil.

Ao invés de ficarmos tentando inventar a roda o tempo todo, deveríamos nos apropriar do conhecimento já adquirido por nossos antecessores e, alicerçados em consistentes bases teóricas, descobrir novos fenômenos ou elaborar teorias mais pertinentes para explicá-los.

²¹ Muitos dos trabalhos de semiologia já foram traduzidos para a língua inglesa.

4.3 Do Patinho Feio ao Despertar do Cisne – *Quem Espera sempre Alcança*

Com este livrinho, esperamos ao menos termos conseguido demonstrar que, conforme sugere nosso título, o personagem de Hans Christian Andersen (1843) não era feio, apenas não era pato. Da mesma forma, UFs não são anomalias, curiosidades ou exceções, são parte integrante das línguas naturais, cuja descrição, categorização e análise podem contribuir para o efetivo alcance da competência discursiva tão almejada pelos agentes do processo de ensino de língua materna.

5

O DESPERTAR DO CISNE

5.1 Relatos de Pesquisa

Botando a Mão na Massa

Relato de pesquisa 1 – Fraseologia: *uma mão na roda* na construção do sentido

Metodologia

Tendo em vista serem difusos os objetivos de nossa pesquisa, de um lado a formação do professor de língua materna e de outro o desenvolvimento de atividades em sala de aula, com alunos entre 15 e 16 anos, nosso trabalho foi desenvolvido em dois momentos distintos.

Inicialmente, foram distribuídos aos graduandos de Letras, para leitura e preparação de seminários, textos diversos sobre Fraseologia (artigos, capítulos de livros e a revisão da literatura de dissertações de mestrado e de teses de doutorado); com vistas a propiciar-lhes uma fundamentação teórica de base sobre essa disciplina.

A apresentação dos seminários era sempre seguida de frutíferos debates em que se colocavam questões como:

- O que é Fraseologia?
- Trata-se de uma disciplina independente, ou de uma subárea da lexicologia?
- Que são unidades fraseológicas?

- O que caracteriza uma unidade fraseológica?
- Que contribuições as pesquisas fraseológicas podem oferecer ao ensino de língua materna?

Na impossibilidade de explicitarmos detalhes das discussões, sintetizamos o conhecimento sobre o assunto, partilhado entre os participantes da pesquisa.

Concebemos Fraseologia como disciplina independente, situada na fronteira entre a Sintaxe e a Semântica; que tem como objeto de estudo o conjunto de unidades fraseológicas.

As unidades fraseológicas, por sua vez, são sequências linguísticas, constituídas por pelo menos dois elementos, que se apresentam de forma mais ou menos fixa, com certo grau de idiomaticidade, convencionalizadas pelo uso e que constituem a competência discursiva dos falantes que as utilizam em contextos precisos, ainda que de forma inconsciente.

De tal definição, podemos depreender que as características constitutivas das unidades fraseológicas (colocações, fórmulas de rotina, expressões idiomáticas, ditos populares ou provérbios) são:

- Pluriverbalidade;
- Fixação;
- Idiomaticidade;
- Frequência e convencionalidade.

A título de exemplo, vejamos *mão na roda*, que, embora constituída de três elementos, tem de ser compreendida em sua totalidade, com os constituintes na mesma posição, e não *roda na mão*. Além disso, no português falado no Brasil tem o sentido de auxílio, “ajuda para o desenvolvimento de uma tarefa”, sendo, portanto, não composicional, o que equivale a dizer que o seu sentido não é o resultado da soma de sentido de *mão* + *na* + *roda*.

A convencionalidade, por sua vez, está ligada à frequência de uso na comunidade linguística para referir-se a um impulso para o atendimento de um objetivo qualquer.

Após a iniciação teórica dos alunos no campo de estudo pertinente à Fraseologia, elegemos em conjunto o campo semântico dos somatismos linguísticos, expressões relacionadas ao corpo, para as atividades que seriam desenvolvidas na escola. Por uma limitação de espaço, neste capítulo relataremos os resultados obtidos apenas em uma das classes, na qual foram tratados fraseologismos com a palavra *mão*.

Como forma de sensibilização para o tema que seria trabalhado, foram apresentadas aos alunos de uma das nove turmas de primeiro ano do ensino médio imagens (retiradas da internet) fotográficas de uma mão sobre uma roda; duas mãos dentro de uma bacia cheia de massa; um pé com um cigarro entre os dedos, outro com uma caneta; e uma mão cerrada. Tais fotos foram identificadas pelos alunos como, respectivamente, *mão na roda*, *mão na massa*, *trocando os pés pelas mãos* e *mão fechada*.

Cada aluno foi instado a criar um contexto de uso para cada uma das fotos. Em seguida, foi colocada em questão a não equivalência entre o sentido e a representação linguística de cada uma delas, que foram identificadas como: dar uma ajuda ou impulso para a realização de uma tarefa, dedicar-se de forma prática a uma atividade, equivocar-se nas ações desenvolvidas e não gostar de gastar, respectivamente.

Eles mesmos concluíram que embora a palavra *mão* estivesse presente em todos os exemplos, em nenhum deles tratava-se de parte de um dos membros superiores do corpo humano.

Os alunos foram orientados a buscar em fontes diversas (textos literários, didáticos, publicitários ou jornalísticos, nas modalidades, oral ou escrita), sequências linguísticas seme-

lhantes às apresentadas em sala de aula com a palavra mão. As sequências deveriam ser anotadas em fichas, previamente distribuídas e trazidas para a sala, na semana seguinte, para análise e discussão em grupo.

CORPUS DA PESQUISA

Abrir mão	Abrir a mão
Andar de mãos dadas	Comer na mão
Conhecer como a palma da mão	Contramão
Dar a mão à palmatória	Dar as mãos
Dar uma mão	Dar/levar uma mãozada
Deixar na mão	Em primeira mão
Estar (ficar) de mãos abanando	Estar (ficar) de mãos atadas
Estar com a faca e o queijo na mão	Estar nas mãos
Estar/ficar com o cu na mão	Estar em boas mãos
Estender a mão	Feito à mão
Ficar com a batata quente nas mãos	Ficar com uma mão na frente e outra atrás
Largar mão	Lançar mão
Lavar as mãos	Levantar (jogar) as mãos para o céu
Levar (carregar) pela mão	Macaco velho não põe a mão em cumbuca
Mais vale um pássaro na mão do que dois voando	Mão na massa
Mão aberta	Mão armada
Mão beijada	Mão boba
Mão cheia	Mão de Deus
Mão de fada	Mão de ferro
Mão de obra	Mão de veludo
Mão dupla	Mão única
Mão fechada	Mão leve
Mão na roda	Mão pesada
Mãos ao alto	Mãos frias, coração quente
Mãozinha francesa	Meter a mão
Meter os pés pelas mãos	Passar a mão na cabeça
Passar a mão	Passar de mão em mão
Pedir a mão	Pôr (colocar) a mão na cabeça
Sentar a mão	Tá na mão
Uma mão lava a outra	

EXEMPLO DE FICHA PREENCHIDA

Unidade fraseológica	Meter os pés pelas mãos
Tipologia	Expressão idiomática
Significado (plano de conteúdo)	Atrapalhar-se, agir de forma desastrosa
Contexto (criado ou reproduzido)	Lula fala pelos cotovelos, meteu os pés pelas mãos , não sabe onde tem o nariz, deu um passo maior do que as pernas, tudo lhe entra por um ouvido e sai pelo outro, tem o olho maior do que a barriga, fala dos outros pelas costas, e já não é mais unha e carne com Palocci?

FONTE: CRÔNICA DE MILLÔR FERNANDES (VEJA, 1921).

Análise dos dados

Foram analisadas 59 fichas, após a eliminação das expressões repetidas ou variantes. Cada uma delas foi discutida tendo em vista os sentidos e contextos possíveis.

As discussões foram propícias para uma reflexão sobre tais expressões linguísticas, tão idiossincráticas quanto essenciais em todas as línguas naturais. Foram abordados aspectos como:

- Grau de mobilidade e de fixação dos constituintes; efeitos de sentidos decorrentes da alteração da posição e/ou inserção de outros elementos, como por exemplo em *abrir mão* (desistir, renunciar) e *abrir a mão* (deixar de ser sovina, gastar).
- Possibilidades de flexão, como em *dar uma mão* e *dar uma mãozinha* (auxiliar), que os alunos concluíram serem usuais e aceitáveis, contrariamente a *largar mão* e **largar mãozinha*.
- Motivação e origem, como em *dar a mão à palmatória* (reconhecer um erro ou engano), que se refere a uma dolorosa experiência brasileira, inicialmente vivida pelos escravos castigados com um objeto especialmente elaborado para esse fim, chamado palmatória.

Tendo sido depois incorporado à educação escolar, durante o período em que os professores utilizavam a palmatória para sancionar os que cometiam erros de leitura, ou de cálculo, por exemplo.

- A noção de opacidade e transparência também foi colocada à prova, como por exemplo em *mão beijada*, que é transparente, mas mesmo assim idiomática, pois corresponde a conseguir algo sem esforço, mas tem sua origem nas doações feitas à igreja, e é motivada pelo beijo dado na mão dos representantes da igreja no momento da doação. Embora geralmente avessos a abordagens diacrônicas, os adolescentes, sujeitos desta pesquisa, demonstraram grande interesse em conhecer a origem e motivação das unidades fraseológicas que constituíram o *corpus* da pesquisa. Muitos deles chegaram a empreender investigações por conta própria, apresentando posteriormente o resultados de suas consultas a dicionários especializados, aos pais e familiares, e também à internet.
- No que concerne ao uso de diferentes registros, os alunos foram orientados a perceber a predominância de determinadas expressões em certos gêneros e não em outros, o que na prática propiciou a reflexão sobre o uso de registros não privilegiados pela escola, de maneira a compreender os contextos em que tais registros são legitimados. Um exemplo disso pode ser visto quando um aluno trouxe a expressão *com o cu na mão* (assustado, com medo). Em sua ficha ele apontou como fonte uma canção brasileira da banda de rock Legião Urbana, chamada “Faroeste Caboclo”. Os graduandos de Letras que dirigiam a atividade escreveram a expressão no quadro e solicitaram a todos os alunos da sala que apresenta-

sem diferentes versões, com o cuidado de manter o sentido. O que resultou em palavras como medo, receio, assustado, hesitante, temeroso... Após a reelaboração, foi solicitado aos alunos que elessem a opção mais adequada, levando em conta os interlocutores, o tema e o propósito discursivo, em que o texto estaria inserido. Uma vez mais foram os próprios alunos que concluíram que embora seja compreensível e legítima na canção em que aparece, a expressão *com o cu na mão* não seria a melhor opção para referir-se ao seu estado emocional em uma entrevista de emprego, ou na condição de orador durante uma solenidade na escola, por exemplo.

Algumas conclusões

Foi possível desmarginalizar o trabalho com as unidades fraseológicas, no ensino de língua materna, principalmente dado a grande plasticidade de tais unidades para a reflexão de fenômenos linguísticos específicos.

Por outro lado, os alunos do ensino médio tiveram a oportunidade de construir sentidos a partir de enunciados pertencentes à língua comum, que constituem grande parte de nosso léxico mental, sobre os quais eles nunca haviam refletido e nem trabalhado de forma sistemática.

Vale dizer ainda que, se a unidade de ensino é o texto, este, por sua vez, é constituído de unidades menores cuja complexidade pode dificultar a compreensão do sentido em uma análise global.

Relato de pesquisa 2 – Gastronomismos linguísticos: um olhar sobre Fraseologia e cultura

Metodologia

Foram selecionadas imagens, disponíveis na internet, relacionadas direta ou indiretamente às UFs do campo semântico da alimentação. As imagens foram impressas e em seguida dispostas em forma de varal, sem qualquer codificação linguística. Como forma de sensibilização, deixamos o varal exposto no pátio da escola três dias antes de iniciarmos as atividades em sala de aula.

A discussão sobre a categorização das UFs, em provérbios, clichês, ditos populares, expressões idiomáticas ou colocações, foge ao objetivo primordial desse trabalho, no qual privilegiamos o plano do conteúdo em detrimento do plano de expressão, tendo em vista a dicotomia saussureana.

Ao verem as imagens penduradas, alguns alunos se arriscavam a dizer a que se referiam, comentando: “essa quer dizer *engolir sapo, descascar o abacaxi, procurar cabelo em ovo, tomar chá de cadeira, pendurar uma melancia no pescoço...*”, enquanto outros se perguntavam o porquê de elas estarem ali.

Quatro dias depois da exposição, as imagens, num total de 25, foram retiradas do varal e distribuídas a cada dois alunos, que foram instados a fazerem um teatro (em forma de esquete) em que representassem uma situação na qual uma expressão linguística correspondente à imagem fosse mencionada.

Após todas as apresentações²², discutimos cada uma das imagens expostas, explorando: seus sentidos e possíveis subs-

²² As apresentações e as discussões em sala de aula levaram um mês para serem concretizadas, ocorrendo duas vezes por semana, em duas aulas geminadas de 45 minutos cada, em uma das escolas, e em quatro sábados consecutivos, com quatro aulas, sendo duas para as apresentações e duas para a discussão de cada imagem.

tituições, a oposição entre o plano de expressão e o plano do conteúdo, os propósitos discursivos, os possíveis interlocutores e as situações discursivas em que elas poderiam ocorrer.

As atividades desenvolvidas evidenciaram que, embora ainda marginalizadas no ensino de língua materna, o trabalho em sala de aula com UF propicia, além de interesse coletivo, uma excelente oportunidade para discutir questões pertinentes à produção e recepção de diferentes mensagens linguísticas em diferentes linguagens, quer sejam essas UFs conhecidas, quer não.

Dando continuidade a um tratamento didático diferenciado oferecido às UFs no ensino da língua materna, nas aulas seguintes, orientamos os alunos a elaborarem uma lista de expressões não literais (UFs) que estivessem relacionadas à alimentação, além daquelas relacionadas às imagens com as quais já haviam realizado o exercício anterior. Os alunos tiveram duas semanas para elaborar sua própria lista e deveriam mencionar a fonte em que coletaram cada uma.

Cada lista poderia constituir-se de expressões cujo sentido fosse conhecido ou não. Antes da finalização de sua lista, deveriam consultar pais, familiares e outras pessoas mais experientes, para validar as expressões listadas. Além disso, deveriam verificar diferentes contextos de uso dessas expressões na internet, em dicionários, em livros de literatura, em jornais e revistas, em propagandas impressas, radiofônicas ou televisivas, bem como outras fontes a que tivessem acesso.

Embora não houvesse a preocupação inicial com a tipologia das UFs, e nem com sua estrutura gramatical, foram os próprios alunos que acabaram levantando essas questões. Por entendermos que tais informações não iriam atrapalhar o experimento, apresentamos algumas das principais tipologias e características das UFs, deixando claro que os limites não são muito precisos e que a classificação só se justifica para dar um tratamento mais econômico ao material coletado.

Já com relação à estrutura gramatical, optamos por evitar o “esconde-esconde” terminológico que tem impedido em muitos estudos contemporâneos por entendermos que até mesmo para se criticar a nomenclatura gramatical vigente é preciso primeiro conhecê-la.

Para cada expressão constante em sua lista, os alunos preencheram uma ficha como a seguinte, que posteriormente foi apresentada em sala, antes que a UFs passasse a constituir o banco de dados da turma.

Durante essa atividade, cada um teve a oportunidade de ampliar seu repertório fraseológico, na medida em que buscou expressões sinônimas, além de ampliar seu léxico ao criar ou reproduzir um contexto de uso (ainda que artificial).

Unidade fraseológica	encher linguiça
Tipologia	expressão idiomática
Estrutura sintática	verbo + substantivo
Significado (plano de conteúdo)	preencher o tempo com atividades inúteis
Outras equivalentes ou semelhantes	enrolar, conversar água
Contexto (criado ou reproduzido)	Se algum vestibulando, aprovado ou não, estiver aguardando por consequências dessas reuniões feitas pra encher linguiça, esqueça.
Fonte de coleta	http://www.luizcalixto.com.br (Blog do Calixto, março de 2010)

NOTA: EXEMPLO DE UMA FICHA PREENCHIDA EM SALA APÓS DISCUSSÃO E ORIENTAÇÕES

Constituição do *corpus*

Levando em conta que cada turma²³ era composta por 45 alunos e que cada um apresentou uma lista com no mínimo 50 expressões, o primeiro problema foi organizar o material coletado.

²³ A pesquisa foi realizada em dez turmas (com 45 alunos cada), cinco em cada escola, com um graduando de Letras, bolsista do PIBIC, como regente em cada sala, totalizando 460 sujeitos entre alunos do ensino médio e futuros professores.

Foi possível demonstrar, na prática, a importância de procedimentos científicos tais como: organização e classificação das diferentes unidades, com base em critérios pré-determinados para possibilitar um tratamento mais econômico e produtivo, tendo em vista os objetivos pretendidos.

Ainda que de forma superficial, foi possível problematizar alguns dos dilemas enfrentados pelos lexicógrafos na inserção e classificação de verbetes em dicionários. Por exemplo:

- Como se escreve e como se pronuncia?
- Trata-se de uma unidade simples ou complexa?
- Entre os constituintes da UF, qual é o núcleo e quais são complementares?
- A UF possui estrutura sintática fixa ou variável?
- Há possibilidades de variação morfossintática? Quais?
- Quais são os possíveis campos semânticos de abrangência ou contextos de ocorrência?
- Como facilitar a localização para quem quer saber o que quer dizer essa expressão?
- Como facilitar a localização para quem quer uma expressão que transmita a ideia que tem em mente?

Mesmo que a discussão sobre as escolhas lexicográficas não tenha sido exaustiva, concluímos essa etapa com a certeza de que os participantes dessa pesquisa passaram a conhecer a importância e a necessidade das informações que acompanham os verbetes em um dicionário.

As orientações recebidas em sala, somadas à leitura de textos especificamente elaborados para esse fim, auxiliaram os alunos no reconhecimento de diferentes dicionários e de suas características, como proposto por Pontes (2009): *ter caráter intertextual, ser polifônico e ser ideológico*; bem como os tor-

naram conscientes dos respectivos destinatários de diferentes dicionários (geral, infantil, escolar, monolíngue, bilíngue, etimológico, de sinônimos, de verbo, de rimas, de provérbios...) e seus propósitos discursivos.

Apresentamos a seguir a lista²⁴ que resultou da coleta feita pelos alunos, após longas reflexões e discussões sobre as UF's do português do Brasil e sobre os gastronomismos em particular.

Acabar (terminar) em pizza	Copo d'água
Agasalhar o croquete	Cozinhar o galo
Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura	Cuspir no prato em que come
Água que passarinho não bebe	Dar o (um) bolo
Arroz de festa	Dar uma banana
Arroz com feijão (Feijão com arroz)	Dar um pepino
Assoviar e chupar cana	Dar (levar/encher a cara de) uma bolacha
Batateiro	Dar mais do que chuchu na serra
Bife do olhão	De grão em grão a galinha enche o papo
Boia-fria	Ê de pequeno que se torce o pepino
Bom apetite	Em boca fechada não entra mosca
Cão chupando manga	Encher a cara
Chá de cadeira	Encher linguça
Chá de sumiço	Enfiar (meter) o pé na jaca
Chorar as pitangas	Engolir sapo
Chorar o leite derramado	Entornar o caldo
<i>Coffee-break</i>	Estar (ficar) com (ter) uma batata quente nas mãos

²⁴ Após muita discussão, foram tomadas algumas decisões para a organização da tabela que, embora não pretenda ser exaustiva, representa o *corpus* elaborado em conjunto: as expressões foram dispostas em ordem alfabética, tendo em vista o primeiro item, para facilitar a localização; as expressões repetidas foram padronizadas após discussão com toda a turma sobre qual seria a melhor forma de apresentação; independentemente da pronúncia, as expressões apareceriam na tabela obedecendo a norma padrão da língua portuguesa; para as expressões sempre acompanhadas de verbo, por exemplo, ficou decidido que o verbo seria apresentado no infinitivo; para as que apresentaram mais de um verbo como possibilidade, foi incluído o verbo menos votado pela turma, entre parênteses, e para as expressões com menor fixação dos constituintes foram apresentadas sem os possíveis complementos. Nos casos em que persistiram dúvidas, os bolsistas, responsáveis pela condução das atividades em sala de aula, encarregaram-se da padronização, com o auxílio da tutora e autora deste trabalho.

Colher de chá	Estar azedo
Colocar em pratos limpos	Estar com a faca e o queijo na mão
Comedor de farinha	Estar embananado
Comer capim pela raiz	Estar de barriga cheia
Comer com farinha	Estar frito
Comer frango e arrotar caviar	Estar servido
Comer mingau pelas beiradas	Falar (conversar) água
Comer o pão que o diabo amassou	Falar de boca cheia
Farofeiro (ser/virar/ficar como/dar uma de)	Queimar rosca
Fazer cu doce	Quem come do meu pirão, prova do meu cinturão
Fazer tempestade em copo d'água	Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza
Fazer uma salada danada	Quer moleza, senta no pudim e enfia o dedo na manteiga
Ficar com (dar) água na boca	Rapadura é doce, mas não é mole, não.
Ganhar o pão de cada dia	República das bananas
Ir catar coquinho	Se a vida lhe der um limão, faça uma limonada
Ir chupar prego	Separar o joio do trigo
Ir com muita sede ao pote	Ser a cachaça de todo dia
Ir lamber sabão	Ser a mosca da sopa
Ir plantar batata	Ser batata
Jogar água na fervura	Ser boia-fria
Mamão com açúcar	Ser farinha do mesmo saco
Meter a colher	Ser manteiga derretida
Misturar alhos com bugalhos	Ser metade da laranja
Molhar o bico	Ser o rei da cocada preta
Molhar o biscoito	Ser osso duro de roer
No frigir (fritar) dos ovos	Ser pão duro
O gato comeu a sua língua?	Ser pego com a boca na botija
Pagar o pato	Ser um banana
Panela velha é que faz comida boa	Ser um pão
Passar a pão e água	Só o filé
Prato feito	Só o milho debulhado
Pendurar uma melancia no pescoço	Sopa no mel
Pimenta nos olhos dos outros é refresco	Ter o rei na barriga
Pisar em ovos	Ter o olho maior do que a barriga
Pó de arroz	Tirar água do joelho
Pôr a mão na massa	Tirar leite de pedra
Pôr (arrumar) a mesa	Tirar pirulito (doce) da boca de criança
Preço de banana	Trazer (defender) o leitinho das crianças
Preço salgado	Tua batata está assando

Procurar cabelo em ovo	Vender seu peixe
Quando você vinha com a farinha, meu pirão já estava pronto	

Discussão e análise dos dados

Após a organização da tabela com as UFs, com base na ficha de cada uma delas, como era de se esperar, em se tratando de adolescentes, alunos da primeira série do ensino médio, com idade entre 15 e 17 anos, surgiram UFs com conotação sexual e/ou com expressão chula, o que provocou risos e certo alvoroço na turma. As expressões *agasalhar o croquete*, *molhar o biscoito*, *queimar rosca*, *fazer cu doce* e *dar mais do que chuchu na serra* foram explicadas pelos alunos, que as apresentaram, respectivamente, como: manter relações sexuais do ponto de vista masculino, em que croquete e biscoito estariam no lugar do órgão sexual masculino; manter relação homossexual, em que rosca estaria representando o ânus; fazer frescura ou fazer de conta que não quer alguma coisa; ter muitos parceiros sexuais.

Cabe salientar que *fazer frescura* e *fazer de conta*²⁵ também são UFs, por isso, ao explicarem o sentido, os alunos, auxiliados pelo professor, apresentaram como expressão equivalente “simular uma situação, fingindo não querer algo que se quer”.

A análise prosseguiu com a UF: *dar mais do que chuchu na serra*, em que o verbo *dar* tem conotação sexual e, não por acaso, foi associado a *chuchu*, uma trepadeira que germina de forma abundante. O significado pretendido ao utilizar essa UF, em relação a alguém, é o de qualificar esse alguém como pro-

²⁵ Por inúmeras vezes, ao buscar o sentido de uma UF, os alunos apresentavam outra UF, o que mais uma vez evidenciou que as UFs estão longe de serem exceções e que fazem parte da língua, estando em pleno e constante funcionamento nos mais diferentes discursos.

míscuo. Aproveitamos essa oportunidade para explorar outras expressões cristalizadas com verbo-suporte acompanhado de sentido metafórico tais como: *dar um abraço, dar uma de João sem braço, dar um calote, dar um sermão, dar pau, dar prego, dar um susto, dar um branco, dar certo, dar errado, dar em nada...* (SMARSARO, 2010, p. 20-32).

Após receberem orientações da tutora, os futuros professores buscaram evidenciar o universo discursivo em que tais UFs têm maior probabilidade de ocorrer. Foram discutidas as relações entre oralidade e escrita, a manifestação de diferentes gêneros do discurso, os propósitos discursivos e as relações entre os interlocutores em cada um desses gêneros. Por fim, os próprios alunos mencionaram que essas expressões teriam muito maior probabilidade de ocorrerem em programas de humor, em piadas, em programas policiais sensacionalistas, do que em um livro de biologia, em uma aula de educação sexual, ou num telejornal não sensacionalista.

Vale dizer ainda que, a expressão *só o mi dibuiado*, corruptela de “só o milho debulhado”, que significa “a melhor parte”, serviu como exemplo para a explicação de alguns metaplasmos (alterações fonéticas que ocorreram, ocorrem e provavelmente continuarão ocorrendo nas línguas naturais). Foi uma excelente oportunidade para inserir também uma discussão sobre variação e mudança sociolinguística, bem como norma padrão e erro linguístico. Chegamos a discutir outros casos semelhantes de despalatização e iotização, na língua portuguesa, que ocorreram em palavras tais como mulher, olho, telhado, palha e filho, conforme Aragão (s.d.) (Disponível em: www.profala.ufc.br).

Algumas marcas culturais em gastronomismos do português do Brasil

Na impossibilidade de discutir cada uma das UFs apresentadas, evidenciaremos algumas marcas culturais no campo semântico da alimentação, explicitadas no português do Brasil, decorrentes de nossa análise.

Além de ser uma atividade dialógica e cultural, comer também é uma forma de ocupar determinado espaço na sociedade, talvez por isso tenha se estabelecido a dicotomia comida de rico *versus* comida de pobre.

Você sabe o que é caviar, nunca vi nem comi, eu só ouço falar. (Zeca Pagodinho)

Em *comer frango e arrotar caviar*, mantidos os verbos e a conjunção aditiva, os substantivos podem ser trocados sem a perda do sentido, apresentando a oposição na qual um dos alimentos goza de maior prestígio social do que o outro. Assim podemos ter: *comer ovo e arrotar frango*, *comer frango e arrotar peru*, entre outros. O que está em jogo no uso dessa UF é a manutenção da aparência de uma situação que é falsa, em que alguém faz parecer ter maior prestígio do que tem ou imagina ter.

Essa relação de prestígio também se estabelece com outros produtos alimentares, com conotação negativa, como o chuchu (anteriormente mencionado), o tomate, o pepino, o abacaxi e a banana, talvez por serem ou já terem sido abundantes e baratos, ou, como no caso do abacaxi, por ser de difícil manuseio.

- **Tomate** – era jogado em artistas que se apresentassem mal, ou em políticos que estivessem desagradando; um exemplo de uma situação que mesmo tendo deixado de existir, deixou suas marcas na linguagem coloquial.

Polícia prende homem que tentou jogar tomates em Sarah Palin, tomates não chegaram a atingir a vice-candidata dos EUA. 08/12/2009. (Disponível em: <g1.globo.com/noticias>).

- **Pepino** – tornou-se símbolo de problemas e complicações, a tal ponto de existirem UFs como: *ter um pepino para resolver* ou simplesmente *ser um pepino*.

O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, disse hoje pela manhã no Recife que o “pepino” da CPMF (imposto do cheque) “tem que ser jogado no colo do Congresso Nacional”. “Cabe ao Congresso, que nos representa, foram eleitos para isso, tentar com o governo e tentar numa equação resolver esse problema. 19/11/2010 (Disponível em: <www.blogdafolha.com.br>).

- **Abacaxi** – por ser difícil de descascar, por causa da superfície espinhosa, descascar um abacaxi acabou tendo o sentido semelhante ao de resolver um pepino (problemas). Na década de 1970, porém, em um programa televisivo brasileiro chamado *A Buzina do Chacrinha*, o apresentador dava aos calouros eliminados um abacaxi no lugar de um troféu. Desde então, usa-se a expressão *troféu abacaxi*, para ironizar a premiação que se pretenda dar ou que se dê a quem apresenta uma má atuação, independente de se tratar de competição ou não. Vale lembrar que esse sentido veio à tona em discussão que um dos alunos teve com seus pais, uma vez que ele sequer tinha conhecimento do programa de TV.



Descascando o abacaxi (07/11/2010) (Disponível em: <www.vntonline.com.br>).

- **Banana** – termo totalmente desprestigiado, enquanto constituinte de UF, como em: *ser um banana*, *dar ou levar uma banana*; sem deixar de mencionar que, quando pretendem desqualificá-lo ou satirizá-lo, o Brasil é chamado de *República das Bananas*.

Negociata no ar ou: República de Bananas (Reinaldo Azevedo, 12/01/2010. Disponível em: <www.veja.abril.com.br>).

Há também as conotações pejorativas, manifestadas linguisticamente, de forma quase acidental, como vemos em UFs como *prato feito*, *boia-fria* e *farofeiro*.

- do **prato feito (PF)** ao **prato executivo** – a combinação de feijão, arroz, batata frita, bife e salada de alface (podendo apresentar variações dependen-

do da região) é conhecida de todos os brasileiros. Quando a típica comida caseira do brasileiro passou a ser servida em restaurantes, ganhou o nome de *prato feito* e em seguida de *comercial*. Entretanto, para referir-se à refeição, na qual os alimentos são servidos já dentro do prato, em oposição aos alimentos apresentados separadamente, os restaurantes começaram a anunciar em seus cardápios, *prato executivo*. A análise dessa UF possibilitou uma discussão sob o ponto de vista diacrônico (em que a variação é condicionada pela passagem do tempo), e também sob o ponto de vista diastrático (em que a variação é condicionada pelo *status* social – real ou pretendido – dos interlocutores).



Prato feito (Disponível em: <www.google.com.br>. Acesso em: 10/08/2010).

- do **boia-fria** ao **farofeiro** – tanto uma UF quanto a outra designam aquele que leva o próprio alimento; no primeiro caso, para o trabalho, e no segundo, para o lazer. Entretanto, as duas UFs são extremamente carregadas de sentido pejorativo, uma vez que diferenciam aqueles que precisam levar o próprio alimento, por não

terem dinheiro para comprar, daqueles que podem comer em um restaurante, no meio de uma jornada de trabalho, ou durante um passeio à praia, por exemplo.

Em relação à farofeiro, particularmente, foi possível ainda discutir a necessidade de que cada UF seja composta por pelo menos duas palavras e também sua composição morfológica. Ainda que o uso mais frequente seja de mais de uma unidade lexical, *ser farofeiro*, *dar uma de farofeiro*, *estar feito um farofeiro*, *ir de farofeiro...*, o núcleo da expressão é farofeiro. Mas nessa palavra, o sufixo *eiro* não se refere ao que faz farofa, ou ao que se alimenta dela, mostrando que quando se trata de língua, nem sempre há apenas regularidades. Outros processos de sufixação, com diferentes efeitos de sentido, foram também discutidos, como os presentes em *povão*, *carrão*, *negociata*, *cachaceiro*, e *mulherzinha*, por exemplo.

A não composicionalidade semântica é posta à prova nessa UF, uma vez que o alimento que está sendo levado pode nem sequer estar relacionado à farinha. Ao buscarem uma justificativa, os alunos concluíram que farinha é um termo bastante marcado culturalmente, e, embora seja uma das bases da alimentação brasileira, é comumente relacionado à pobreza e à falta de refinamento.



Cedida/Marcios Fernandes/AE



Farofeiros (Disponível em: <<http://www.robsonpiresxerife.com/blog/notas/lula-e-farofeiro-quando-quer/>>).

Lula é farofeiro quando quer

E o presidente Lula, hem?

Os adversários podem gritar, se espernear, mas em matéria de agradar o povão é com ele mesmo. Lula é o cara! Ele até fez a sua galega Marisa Letícia aparecer numa foto em que carrega um isopor na cabeça, parecendo farofeiros indo à praia. Para o público, cachaça e isopor com cerveja. No particular, vinho Romané Conte com a garrafa custando R\$ 8 mil reais cada. Já o charuto cubano Cohiba U\$\$ 50 dólares cada (Publicado por Robson Pires, em Notas, 6/1/2010).

As UFs como parte integrante do imaginário de uma comunidade linguística

Existem alguns agentes que, de forma involuntária, ou não, criam, disseminam e mantêm no imaginário coletivo do povo brasileiro essas expressões, responsáveis por grande parte do vigor, colorido, musicalidade e brilho de nossa língua.

Para compreendermos como uma UF se torna conhecida e convencionalmente utilizada em contextos determinados de forma quase automática e muitas vezes inconsciente, passa-

mos a elencar aqueles que consideramos serem esses agentes de criação, disseminação e manutenção das unidades fraseológicas no português do Brasil.

Podemos apontar a bíblia, a literatura clássica e a cultura oral como espaços propícios para o surgimento e para a fixação de nosso universo fraseológico. Além disso, a Fraseologia Brasileira (no sentido de conjunto de unidades fraseológicas) foi imortalizada nas obras de Leonardo Mota e Câmara Cascudo, entre outros. Porém, como as UFs não estão apenas no passado e estão em constante criação, têm atualmente como fontes principais: a mídia impressa, televisiva e digital; as canções; a publicidade.

Algumas dessas expressões têm sido banalizadas na mídia digital, através de *blogs* autorais e, além disso, estão constantemente presentes em anúncios publicitários e também nos títulos de novelas e minisséries televisivas, como por exemplo: *Barriga de Aluguel*; *Corpo a Corpo*; *Duas Caras*; *Elas por Elas*; *O Quinto dos Infernos*; *Rabo de Saia*; *Selva de Pedra*; *A Gata Comeu*; *Caras e Bocas*; *Cama de Gato* e *Morde e Assopra*, para citar apenas algumas (In: *Dicionário da TV Globo* vol. 1, 2003)²⁶. Talvez por isso os jovens conheçam tantas UFs, ainda que não as utilizem em seus textos.

Como recurso publicitário elas são frequentemente utilizadas para auxiliar a fixação, principalmente por suas características sonoras (expressões curtas, com rimas, aliterações, cacofonias etc.). Sob o ponto de vista semântico, a não composicionalidade e a utilização de expressões que possam ser lidas em sentido literal e não literal, ao mesmo tempo, são alguns dos traços constitutivos desse universo discursivo.

²⁶ Dicionário da TV Globo, vol 1. Projeto Memória das Organizações Globo. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003. Material analisado em sala, juntamente com outros dicionários, com o objetivo de discutir tipos e funções de diferentes dicionários, tendo em vista principalmente o público a que se destina.

Algumas conclusões

Ao realizarmos nossa pesquisa, terminamos por evidenciar a necessidade de um tratamento aprofundado, cauteloso, sério e diferenciado com as UFs do português do Brasil, no ensino de língua materna, a despeito do caráter lúdico de algumas delas.

A automatização a que estão sujeitas tais unidades léxicas se deve principalmente à frequência com que nos deparamos com elas, seja na recepção ou na produção dos mais diferentes discursos; tendo em vista não se tratarem de exceções, mas de parte integrante e importante da língua.

Ao propormos sua desautomatização e análise, podemos compreender melhor as formas de organização do conhecimento e a própria constituição de nosso léxico mental.

Ao investigá-las como parte de nossa identidade cultural, criamos um espaço para o conhecimento de quem realmente somos, em que acreditamos e quais são os nossos valores. Além disso, ao discutir traços de diferentes culturas, temos a oportunidade de diminuirmos o egocentrismo, pararmos de achar o outro esquisito, engraçado ou nojento ao vê-lo não como melhor nem pior, mas diferente, com todas as implicações que isso possa ter.

Relato de pesquisa 3 – Estereótipos da cultura nacional na Fraseologia brasileira

Metodologia

Esta parte de nosso trabalho integra uma pesquisa mais ampla, realizada com três grupos distintos de sujeitos: 64 franceses, estudantes universitários de diferentes cursos, matriculados na disciplina de Português e Cultura Brasileira, na Universidade de Grenoble, na França, no ano de 2007; 23 espanhóis, estudantes da Faculdade de Tradução, na Universidade de Granada, na Espanha, em 2009, 2010 e 2011; 32 estudantes estrangeiros, de diferentes nacionalidades (alemã, argentina, chilena, espanhola, inglesa, francesa, mexicana, norueguesa e peruana), que participavam de intercâmbio de graduação, na Universidade Federal do Ceará, no Brasil, em diferentes semestres durante os anos 2008, 2009 e 2011; e ainda 20 falantes nativos do português do Brasil, que desempenharam papel de juízes, quando houve necessidade.

Em diferentes momentos, foi solicitado a cada participante não nativo que escrevesse o que primeiro lhe viesse à cabeça ao ouvir a palavra Brasil, apresentasse algumas palavras que conhecesse em português e dissesse como vê o brasileiro.

O experimento completo, bem como a discussão dos resultados desta investigação, encontram-se publicados no relatório do projeto de pesquisa Políticas Linguísticas para a Internacionalização da Língua Portuguesa, que teve sua primeira etapa finalizada em julho de 2012, na Universidade Federal do Ceará, Brasil. Porém, levando em conta os objetivos deste trabalho, interessa-nos, especificamente, revelar por meio de recursos linguísticos, como o brasileiro se vê, o que pensa de outros povos e o que outros povos pensam dele.

Nossos dados evidenciaram que no imaginário coletivo vigente o brasileiro: é alegre, festeiro e emotivo; tem muita fé em Deus; é otimista, esperançoso, persistente e trapaceiro. Levando em conta especificamente as respostas dos franceses e espanhóis, sujeitos da pesquisa, poderíamos acrescentar ao modelo de brasileiro alguém que: pratica capoeira, dança samba, participa do carnaval, bebe caipirinha e sempre come feijoada.

Análise e discussão

Nossa amostra, embora não exaustiva, é significativa tendo em vista ser constituída de UFs efetivamente em uso (ativo e passivo²⁷) na comunidade linguística brasileira, uma vez que foram reconhecidas e compreendidas por falantes nativos do português do Brasil, juízes de nossa pesquisa. Além disso, muitas delas estão presentes em canções brasileiras, mídia impressa e digital, programas televisivos (principalmente anúncios publicitários e telenovelas), considerados por nós como os principais responsáveis pela frequência e convencionalidade de uma UF no mundo contemporâneo.

A alegria

Embora não tenhamos encontrado em nosso *corpus* um fraseologismo para a alegria do brasileiro, essa foi a palavra que mais apareceu como sendo a primeira ideia que vem à cabeça quando se fala em Brasil. Foi também a palavra que apareceu em todas as respostas sobre o que os estrangei-

²⁷ Consideramos uso ativo aquele ligado aos processos de produção de mensagens linguísticas, quando se fala e/ou escreve; enquanto o uso passivo refere-se aos processos de recepção, quando se ouve ou lê.

ros, sujeitos de nossa pesquisa, pensam do brasileiro, que foi descrito como um povo alegre e musical.

A importância da música, por sua vez, pode ser exemplificada com um fraseologismo muito conhecido entre os brasileiros: *quem canta seus males espanta*. Em nosso levantamento, encontramos canções como: *Alegria, alegria; Escravo da alegria; Canta, canta, minha gente; Samba da minha terra e Esperanças perdidas*, que em seus respectivos trechos reforçam a ideia da alegria, do carnaval e da importância do samba:

A minha alegria atravessou o mar e ancorou na passarela
Fez um desembarque fascinante no maior *show* da Terra
...é hoje o dia da alegria e a tristeza nem pode pensar
em chegar
Diga espelho meu se há na avenida alguém mais feliz
que eu.
(Caetano Veloso)

Sou escravo da alegria...
Se o amor é fantasia, eu me encontro ultimamente em
pleno carnaval.
(Toquinho e Vinicius de Moraes)

Canta, canta, minha gente, deixa a tristeza pra lá
Canta forte, canta alto, que a vida vai melhorar.
(Martinho da Vila)

Quem não gosta de samba, bom sujeito não é
É ruim da cabeça, ou doente do pé.
(Dorival Caymmi)

Sem a cadência do samba eu não posso ficar
Não posso ficar, eu juro que não
Já fui batizado na roda de bamba
O samba é a corda, eu sou a caçamba.
(Ataulfo Alves)

A fé

A fé é outro traço marcante na cultura brasileira. Embora a religiosidade tenha sido iniciada no Brasil como herança portuguesa, ganhou diferentes contornos na mistura entre rituais africanos e indígenas, sagrados, profanos e pagões, que deixaram marcas linguísticas tais como:

baixar o santo; pomba-gira; jogar os búzios; corpo fechado; mau olhado; cruz credo; que diabo é isso?; sai de mim; o diabo a quatro; quinto dos infernos; virgem Maria; minha nossa senhora; o diabo que carregue; comer o pão que o diabo amassou; santinha do pau oco; o diabo não é tão feio quanto se pinta; Deus é mais; a voz do povo é a voz de Deus; Deus é brasileiro...

Como exemplo de versos em canções, temos:

Andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá.
(Gilberto Gil)

Fé em Deus e pé na taba.
(Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown)

Tenha calma, não se vá, meu *pop star*, tenha fé.
(Djavan)

Eu te amo e Deus é mais.
(Vinicius de Moraes)

Tenta fé em Deus, tenha fé na vida.
(Raul Seixas)

O otimismo, a esperança e a persistência

Embora não sejam expressões específicas do Brasil e nem sequer da língua portuguesa, uma vez que constituem UFs em inúmeras outras línguas, notadamente nas europeias,

destacamos os fraseologismos abaixo como de uso contemporâneo e bastante frequente no Brasil, com a particularidade de que muitos falantes se mostraram convencidos de que tais expressões proverbiais eram tipicamente brasileiras, provavelmente pela identificação de seu conteúdo com o espírito da nação, vejamos algumas delas:

Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.

De grão em grão a galinha enche o papo.

Quem espera sempre alcança.

A esperança é a última que morre.

Com perseverança tudo se alcança.

A fé move montanhas.

Deus dá o frio conforme o cobertor.

Não há mal que sempre dure, e nem bem que nunca se acabe.

Depois da tempestade vem a calmaria.

O estereótipo de povo crédulo, alegre, otimista, esperançoso e persisitente não constitui apenas o que os estrangeiros pensam do brasileiro, mas o que os brasileiros pensam de si próprios. Porém, numa análise menos apaixonada veremos que tal imagem foi cuidadosamente construída de forma nada desinteressada. Os meios de comunicação de massa, e principalmente as campanhas governamentais, investem muito dinheiro na manutenção dessa imagem.

Na época da ditadura, o governo encomendava à dupla Dom e Rafael canções com propaganda política, como por exemplo:

Eu te amo meu Brasil, eu te amo

Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil.

Este é um país que vai pra frente
de uma gente amiga e tão contente.

No século XXI, a exaltação desses valores é garantida por meio da valorização daqueles que enfrentam as dificuldades sozinhos, vencem obstáculos e alcançam o sucesso profissional, econômico, e até mesmo físico. Em 2010, a Rede Globo (o mais influente canal de televisão no Brasil) veiculou uma campanha para a valorização do Brasil e do brasileiro.

Em diferentes peças publicitárias, de três minutos cada, eram relatadas histórias de superação pela força e persistência diante das dificuldades da vida, tais como: a de um negro, ex-menino de rua, que concluiu doutorado em Educação; a de uma empregada doméstica, também negra, atualmente estudante universitária; e o ex-jogador de futebol, Ronaldo, de origem humilde, que enfrentou diversas dificuldades em sua vida.

As histórias dessas vidas sofridas são contadas tendo como fundo musical a canção “Tente outra vez”, de Raul Seixas. Vejamos alguns versos:

Não diga que a canção está perdida;
Se é de batalhas que se vive a vida;
Não pense que a cabeça aguenta se você parar;
Você será capaz de sacudir o mundo;
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida;
Tente outra vez.

Além disso, a campanha tinha um *slogan* que ficou conhecido em todas as regiões do país: “Sou brasileiro, não desisto nunca”. Fizemos um teste com falantes nativos do português do Brasil, com idade entre 20 e 35 anos, pedindo para completarem a frase: “Sou brasileiro, _____”.

Os 43 sujeitos testados completaram com a segunda parte do *slogan* mencionado: “não desisto nunca”. Apenas um entre eles inseriu “bom de bola” e “ruim de grana” antes de “não desisto nunca”. Posteriormente, verificamos que se tratava de um jovem de 33 anos, músico, que se lembrara de uma canção da década de 1980, eis alguns versos:

Sou brasileiro de estatura mediana
Bom de bola, ruim de grana...
Gosto muito de fulana, mas sicrana é quem me quer.
Sou brasileiro e não nego a minha raça
Faço versos por pirraça e também por precisão...
Ninguém leva o meu fubá. (Edu Lobo)

O que nos parece particularmente interessante no *slogan*: “Sou brasileiro, não desisto nunca”, é a relação de causa e consequência enunciada de uma maneira quase tautológica, cuja compreensão depende da cumplicidade e conhecimento partilhado entre os interlocutores de que ser brasileiro equivale a ter fé, ser otimista, ter esperança e persistir, porque tudo vai dar certo.

Embora aparentemente positivo, na medida em que incentiva a confiança em si mesmo e exalta valores como otimismo, esperança e persistência; o que nos parece nefasto na manutenção e reforço deste estereótipo, é que a responsabilidade pelo êxito passa a ser apenas individual.

A mensagem subliminar é a de que se o indivíduo não tem o que comer, nem onde morar, e não tem acesso à educação, é porque não se esforçou o suficiente, não teve forças para insistir e superar as dificuldades, para alcançar o sucesso e ser *feliz para sempre*.

A supervalorização do esforço individual para a superação das dificuldades (físicas, sociais e financeiras) exime o Estado, ou pelo menos minimiza sua responsabilidade, na promoção da qualidade de vida da população, que é sua principal razão de existir.

Os sujeitos (alemães, noruegueses e franceses) que participaram de nosso curso de língua portuguesa e cultura brasileira, em 2011, foram unânimes em concluir que uma campanha publicitária como essa jamais teria êxito em seus respectivos países, pois seus patrícios julgam que cabe ao governo promover as condições para o êxito dos habitantes.

Os estudantes oriundos de países latino-americanos, por sua vez, disseram que ainda que as pessoas não julguem que seus governos devem assumir a responsabilidade pelo bem-estar econômico e social; a população de seu país não se sensibilizaria com o apelo ao esforço individual, pois continua se vendo como vítima dos legados da colonização.

A malandragem e o jeitinho brasileiro

Mas *nem tudo são flores* na imagem que os estrangeiros têm dos brasileiros, que são vistos como crédulos, alegres, otimistas, esperançosos, persistentes e musicais. O Brasil é visto também como um país corrupto e seus habitantes como trapaceiros, melodramáticos e chantagistas. A tal ponto que há advertências explícitas em uma página eletrônica mantida pelo Ministério do Turismo da Espanha, para espanhóis que pretendam viajar para o Brasil em turismo ou a negócios, para que não se deixem levar por chantagens emocionais dos brasileiros.

O malandro brasileiro entrou em cena pela primeira vez numa revista em quadrinhos de Walt Disney, através do personagem Zé Carioca, que posteriormente ganhou uma revista exclusiva para si, publicada pela Editora Abril.

Zé Carioca é um papagaio que dança samba, conta histórias divertidas, é capaz de trapacear para alcançar sucesso em suas empreitadas, e, embora tenha uma namorada, chamada Rosinha, sempre arranja uma desculpa para não se casar.

A malandragem integra o imaginário coletivo como uma característica da brasilidade e tem sido reforçada em diferentes produtos culturais tais como literatura, teatro, cinema e música:

Zé Carioca (revista em quadrinhos);

Ópera do malandro (peça de teatro e filme);

“A volta do malandro” (canção);

“Eu só peço a Deus um pouco de malandragem” (canção);

“Malandro é malandro, mané é mané” (canção).

Encontra-se também reificada em fraseologismos que podem ser exemplos da estereotipia linguística no português do Brasil: *malandragem brasileira/carioca*²⁸; *carioca da gema*²⁹; *lei do Gerson*; *brasileiro gosta de levar vantagem em tudo*; *jeitinho brasileiro*; *malandro é malandro, mané é mané*.

As expressões *gostar de levar vantagem em tudo* e *lei do Gerson* tiveram sua origem uma propaganda veiculada na televisão nos anos 1970, tendo sido cristalizada e passando a integrar a fraseologia brasileira. Na época da propaganda, Gerson era um conhecido jogador de futebol. Vale lembrar que a seleção brasileira de futebol já havia conquistado por três vezes o título de melhor do mundo. A peça publicitária veiculada re-

²⁸ Carioca é o patrônimo de quem nasce no Rio de Janeiro.

²⁹ Autêntico carioca (modelo dos traços da brasilidade, notadamente a malandragem).

feria-se a uma marca de cigarro (Vila Rica) de tamanho maior do que os outros (*king size*), e o futebolista Gerson mostrava o cigarro e dizia que o “importante é levar vantagem em tudo”, e, por isso, deveria levar Vila Rica; o *slogan* era: “leve vantagem você também, leve Vila Rica”. Por um processo metonímico, *levar vantagem* acabou sendo associado ao jogador de futebol, e posteriormente denominado *lei do Gerson*. Essa expressão passou a ser aplicada sempre que se fazia algo para tirar proveito em benefício próprio, de forma nem sempre lícita.

A constante repetição das expressões: *lei do Gerson* e *levar vantagem em tudo* teve como consequência sua convencionalização e, mesmo atualmente quase em desuso, funcionam como hipônimos do hiperônimo *jeitinho brasileiro*.

Consideramos *jeitinho brasileiro* como uma unidade fraseológica na medida em que essas duas unidades lexicais não podem ser atualizadas individualmente, nem separadas ou intercaladas com outras unidades sem perderem o sentido, intrinsecamente não composicional.

Ao analisar os contextos de uso da expressão *jeitinho brasileiro*, verificamos que ela não se refere apenas à maneira como o brasileiro resolve seus problemas, ou age em seu cotidiano; mas a um complexo conjunto de sentimentos, ações e reações por vezes paradoxais; na medida em que podem estar ligadas tanto à criatividade e capacidade de superação pelo esforço individual quanto a trapaças, talento e engenhosidade para alcançar seus objetivos a qualquer preço. A antítese do “malandro é o mané”, como explicitado nesta canção:

Malandro é o cara que sabe das coisas
 Malandro é aquele que sabe o que quer
 Malandro é o cara que está com dinheiro
 e não se compara com um Zé Mané

Malandro de fato é um cara maneiro
que não se amarra em uma só mulher.
Já o Mané ele tem sua meta,
não pode ver nada que ele cagueta
Mané é um homem que moral não tem,
vai pro samba, paquera e não ganha ninguém
está sempre duro, é um cara azarado
e também puxa o saco prá sobreviver.
Mané é um homem desconsiderado
e da vida ele tem muito que aprender.
(Bezerra da Silva)

O futebol

Além de ser o principal esporte nacional, o futebol é desencadeador de tantas UF's, que sua análise mereceria um trabalho específico para esse tema.

A título de ilustração, selecionamos exemplos de três canções que assinalam a importância do futebol na vida o brasileiro:

Quando passas, tão bonita, nessa rua banhada de sol
Minha alma segue aflita, e eu me esqueço até do futebol.
(Tom Jobim)

Quieta, que eu quero ouvir Flamengo e River Plate.
(Chico Buarque)

Sou Flamengo e tenho uma nega chamada Tereza.
(Jorge Ben Jor)

E também algumas UF's de uso generalizado no português do Brasil contemporâneo, com seus respectivos sentidos entre parênteses: *país do futebol* (Brasil); *esporte nacional* (futebol); *vai que é tua* (incentivo para alguém agir); *jogar para escanteio / tirar da jogada* (excluir alguém de um evento qualquer); *embolou o meio de campo* (apresentar complicações ou proble-

mas); *perna de pau* (denominação para quem não sabe jogar); *bom de bola / bate um bolão* (ser bem sucedido); *show de bola* (algo muito bom ou muito bem feito); *passar a bola* (ceder o espaço para outro); *tirar o time de campo* (desistir).

Estereótipos entre brasileiros ou autoestereótipos

Em um país com um território de dimensões continentais não é de se estranhar que haja diferenças e até rivalidades regionais. Politicamente, o Brasil é dividido em cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul (além do Distrito Federal, onde se encontra a capital, Brasília).

Mas essa divisão política não impediu que muitos brasileiros considerassem o que está acima de São Paulo como Norte e o que está abaixo como Sul (inclusive São Paulo e Rio de Janeiro, que fazem parte do Sudeste).

O êxito econômico propiciado pela industrialização do Sul e do Sudeste do país, em oposição às dificuldades do Norte e Nordeste, principalmente por causa da péssima distribuição de renda, propiciou a formação de estereótipos manifestos linguisticamente, como os que veremos no quadro a seguir.³⁰

³⁰ Tendo em vista não se tratar de um estudo dialetológico, e tampouco sociolinguístico, algumas expressões podem apresentar variações em relação à origem, motivação e uso. Consideramos apenas as que foram reconhecidas por falantes nativos do português do Brasil, representantes de cada uma das diferentes regiões do país, além de termos encontrado uma menção a *cabra da peste* na canção “Menina de cabelos longos” no seguinte verso: “Eu sei que no Nordeste tem cabra da peste...” (Agepê).

Estereótipo	Origem toponímica	Motivação
<i>comedor de farinha</i>	Norte e Nordeste	forma pejorativa como são chamados os nortistas e nordestinos
<i>comedor de rapadura</i>	Norte	forma pejorativa como são chamados os nordestinos
<i>cabeça chata</i>	Nordeste	formato peculiar do crânio, resultado da miscigenação entre brancos e indígenas
<i>cabra da peste</i>	Nordeste	denominação relacionada à resistência e valentia e também com referência ao cangaço
<i>sul maravilha</i>	Sudeste e Sul	forma irônica como nordestinos e nortistas se referem ao Sudeste e ao Sul do país
<i>leite quente</i>	Sul (Curitiba)	referência ao sotaque do morador da capital do estado do Paraná
<i>pé vermelho</i>	Sul	denominação ao habitante do norte do Paraná (um dos três estados do sul do país) por causa da cor da terra
<i>chapéu atolado</i>	Centro Oeste e Sul	denominação ao trabalhador rural que usa o chapéu quase cobrindo os olhos para se proteger do sol
<i>barriga verde</i>	Sul (Santa Catarina)	referência a uma faixa usada na cintura como parte do uniforme militar em períodos de disputas internas
<i>manezinho da ilha</i>	Sul (Florianópolis)	denominação ao morador de Florianópolis (capital de Santa Catarina)
<i>de faca na bota</i>	Sul (Rio Grande do Sul)	denominação ao gaúcho em referência a sua valentia e prontidão para o confronto

Entretanto, vale dizer que muitas das expressões relacionadas à procedência dos indivíduos, e que inicialmente eram usadas de forma depreciativa por habitantes de diferentes regiões, foram posteriormente incorporadas pelos denominados como traço de sua identidade.³¹

³¹ Podemos citar como exemplo dessa valorização posterior “barriga verde”, que se tornou o nome de uma rede de televisão do estado de Santa Catarina,

Há também fraseologismos altamente estereotipados, ainda resquícios da colonização, mas que foram integrados ao falar do brasileiro para referir-se aos indígenas e aos escravos negros: *programa de índio* (para denominar qualquer atividade enfadonha ou sem interesse) e *serviço de preto* (para denominar qualquer tarefa mal executada).

O estereótipo da comida típica

Na visão dos estrangeiros (sujeitos de nossa pesquisa que estavam no Brasil), a feijoada e a caipirinha são, respectivamente, a comida e a bebida que mais representam o Brasil. Porém, em um levantamento em busca de UFs com alimentação e bebida encontramos cachaça, feijão, arroz, farinha e banana como principais representantes³².

Alimento ou bebida	Fraseologismo	Sentido
Angu (derivado da farinha)	Debaixo desse angu tem carçoço	Desconfiança de que há algo escondido ou de que as informações não estão suficientemente explicitadas
Arroz e feijão	Arroz com feijão ou Feijão com arroz	básico, rotina ou o mínimo necessário
Arroz	arroz de festa	que existe em abundância
Cachaça	ser a cachaça de todo dia	o que dá ânimo ou que se faz com prazer

e “manezinho da ilha”, que foi agregado ao nome do tenista Guga (Gustavo Kärten), três vezes campeão de ténis em torneio mundial.

³² Em outro trabalho investigamos especificamente as expressões relacionadas à gastronomia brasileira (ver referências bibliográficas), e aqui nos limitamos a mencionar expressões que emergiram de nosso *corpus* de análise – o conhecimento ativo e passivo dos sujeitos desta pesquisa.

Banana	preço de banana	muito barato ou sem valor comercial
Feijão	botar água no feijão	assinala a necessidade de aumentar a quantidade de comida porque mais alguém virá para comer
Feijão	vai ter que comer muito feijão	serve para desqualificar o outro ou mostrar que ele ainda não está pronto
Farinha	Farinha pouca, meu pirão primeiro	demonstra egoísmo ou necessidade de levar vantagem
Pirão (derivado da farinha)	Comeu do meu pirão, prova do meu cinturão	o proverdor é quem manda

Estereótipos sobre outros povos ou heteroestereótipos

Se levarmos em conta o que os habitantes de uma nação pensam dos habitantes de outras nações, com base em estereótipos linguísticos por eles veiculados através de UFs, notadamente expressões idiomáticas, poderíamos dizer que: os poloneses bebem muito (fr. *saoul comme un polonais*); os franceses saem sem se despedir (es. *despedirse a la francesa*); os espanhóis falam muito mal francês (fr. *parler français comme une vache espagnole*); os escoceses são orgulhosos (fr. *fier comme un Écossais*); os irlandeses são mentirosos (fr. *être menteur comme un Irlandais*); e os chineses falam de forma incompreensível (es. *hablar en chino/sonar a chino*).

Em relação ao que os brasileiros pensam de outros povos, com base em estereótipos linguísticos reificados em UFs, em nosso *corpus* encontramos:

Fraseologismo	Sentido
deus grego	padrão extremo de beleza
falando grego	incompreensível
churrasco grego	kebab

não ser nenhum Adônis	ser feio
pontualidade britânica	chegar sempre na hora
pra inglês ver	feito apenas para impressionar
amante latino	muito sensual
bailarino espanhol	dança muito bem
a coisa está russa	sinal de problemas, dificuldades ou complicações
negócio da china	bom para o consumidor
negócio de turco	bom apenas para o vendedor

Algumas conclusões

- Os estereótipos funcionam como um espelho de uma comunidade linguística, na medida em que podem refletir crenças, valores, costumes e demais características culturais;
- Nem todo estereótipo encontra-se marcado na língua por meio de fraseologismos;
- O português falado no Brasil também é resultado da miscigenação entre portugueses, indígenas, africanos e demais povos que se instalaram no país;
- Grande parte dos fraseologismos do português do Brasil constituem herança linguística de Portugal e demais países europeus, porém nem todos os fraseologismos portugueses e europeus ecoaram no Brasil, apenas aqueles com os quais os brasileiros se identificaram, ou partilharam dos valores por eles veiculados;
- Semelhante ao que ocorre em diversas outras culturas, no Brasil há estereótipos internos que assinalam a rivalidade entre diferentes regiões;
- Os brasileiros continuam sendo vistos como um povo alegre, festeiro e emotivo, com muita fé em Deus, otimista, esperançoso, persistente e trapaceiro;
- A supervalorização do esforço individual para o alcance do sucesso no Brasil tem como consequência a omissão do Estado no desempenho de seu papel de promover o bem comum.

Relato de pesquisa 4 – Uma análise linguística de títulos de telenovelas

Metodologia

Os seguintes procedimentos foram adotados para a realização desta pesquisa:

- Levantamento de todos os títulos de telenovelas da Rede Globo (por ser a emissora de maior audiência), no período compreendido entre 1965 e 2012;
- Identificação das UFs presentes na totalidade do *corpus*, tendo em vista as seguintes características: polilexicalidade, fixação, idiomaticidade e convencionalidade;
- Categorização das UFs identificadas de acordo com a literatura pertinente aos estudos fraseológicos, que teve como resultado: expressões idiomáticas, colocações, pragmatemas, frases proverbiais e neologismos fraseológicos;
- Tratamento estatístico dos dados;
- Análise das relações entre o universo cultural da comunidade linguística brasileira e a utilização das UFs detectadas no *corpus*.

Por uma questão de espaço optamos por apresentar apenas alguns dos títulos de telenovelas, constituídos por expressões idiomáticas, retomados em diferentes gêneros e suportes. Já as demais UFs (colocações, pragmatemas e frases proverbiais) foram apresentadas em quadros com amostras, acompanhadas de uma breve definição de cada grupo; enquanto os neologismos fraseológicos foram apresentados seguidos da expressão que lhes teria dado origem.

Justificativa para a seleção do *corpus* de análise

Embora considerada alienante por certos críticos, que a acusam de prestar um desserviço para a educação brasileira, e de ser responsável pela perpetração de maus costumes, do desrespeito a valores morais e pelo incentivo indireto a erros de linguagem; a telenovela brasileira desempenha no Brasil o papel que os livros desempenharam na civilização europeia e o cinema na norte-americana, com todas as consequências que isso possa acarretar.

As telenovelas são, provavelmente, o mais importante produto da indústria cultural contemporânea brasileira, sendo exportadas para mais de 120 países. O que amplia as possibilidades de atuação de profissionais da linguagem; na medida em que necessitam de tradução, interpretação, legendagem e dublagem; além de revisão e adaptação de títulos e expressões idiomáticas, regionais ou populares, a fim de serem compreendidas não apenas em diferentes línguas, mas também por diferentes culturas.

Em 1973, as fronteiras começaram a se expandir, quando a novela *O Bem Amado* (1973) foi exportada para o Uruguai. O *ranking* atual das produções mais vendidas para o exterior é liderado pela novela *Da Cor do Pecado* (2004), comercializada para 100 países. Na sequência estão: *Terra Nostra* (1999), para 95 países; *O Clone* (2001), 91; *Escrava Isaura* (1976), 79; e *Laços de Família* (2000), 77 (*Guia Ilustrado TV GLOBO: novelas e minisséries*, p. 31).

Além disso, as telenovelas brasileiras têm sido objeto de pesquisas desenvolvidas principalmente nas áreas do conhecimento referentes às Ciências Humanas e Sociais: Filosofia, His-

tória, Psicologia, Comunicação, Linguística, Sociologia e Antropologia; e, como bem assinala Hamburger, “se tornaram um espaço privilegiado de interpretação do Brasil” (2011, p. 37).

Um exemplo de análise desse produto cultural tão controverso pode ser vista nos trabalhos de intelectuais, como por exemplo, Renato Janine Ribeiro:

Gabriela criticou o Brasil “profundo”, dos senhores do cacau no antigo sul da Bahia, e contribuiu em larga medida para dar forma à imagem do que podemos chamar de sensualidade progressista. *Dancing Days* foi elegante na sua leitura dos costumes urbanos no final, quase interminável, da ditadura militar. *Roque Santeiro* fez uma brilhante análise da história que fora esquecida – e mentida – sob o regime de exceção. *Vale Tudo* continua sendo, mais de dez anos decorridos, uma das mais implacáveis exposições que houve da corrupção, política e social, no País, e das esperanças que sobrevivem, ainda que tímidas, de se construir uma sociedade decente e justa. E cumpre notar que, além dessa rapidíssima evocação de seus “conteúdos”, ou de seu alcance político, foram, todas elas, novelas que revolucionaram a narração (Disponível em: <<http://www.renatojanine.pro.br/Brasil/brasilentrea.html>>. Acesso em: 21 jan. 2012).

A influência das telenovelas na cultura brasileira pode ser facilmente verificada nas mais diversas áreas, tais como:

- na economia – inúmeros estabelecimentos foram criados ou rebatizados com o nome das telenovelas ou de seus personagens: *Buffet* Marron Glacê; Lanchonete Minha Deusa; Escola de Dança Baila Comigo; Academia Corpo a Corpo; Discoteca *Dancyn Days*; Ca-

minho das Índias (loja de roupas); Mandala (loja de acessórios); Salão de Beleza Locomotivas... Além da comercialização de produtos, amplamente mediatizados em campanhas publicitárias;

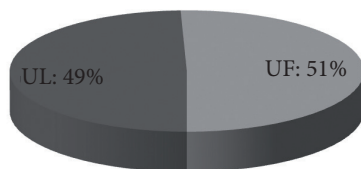
- na moda – há *sites* especializados na comercialização de roupas e acessórios que aparecem nas novelas – www.modadenovela.com; blog.modadenovela.com.br; vilamulher.terra.com.br/moda-de-novela-quer-um; somente para citar alguns;
- na saúde, na gastronomia, na decoração, no turismo e nos hábitos cotidianos dos telespectadores.

No que concerne aos estudos linguísticos contemporâneos, as telenovelas aparecem principalmente em estudos Semióticos, Sociolinguísticos e de Análise do Discurso, com uma já consistente discussão sobre identidade, representações sociais e preconceito linguístico.

Tratamento estatístico do *corpus*³³

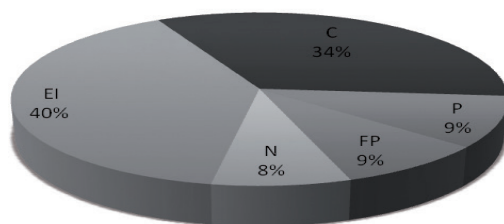
Mais da metade dos títulos das telenovelas apresentadas pela Rede Globo nos últimos 40 anos é constituído de UFs, demonstrando a grande produtividade dessas expressões linguísticas.

Títulos de Telenovelas



³³ Gostaríamos de agradecer a Lichao Zhu, do LDI (doutorando da Universidade Paris 13), pelo tratamento estatístico dos dados.

Categorização das UFs presentes no *corpus*



As expressões idiomáticas

A maior parte dos títulos das telenovelas constituídos por UFs pertencem à categoria das expressões idiomáticas, também conhecidas como idiotismos. São expressões consideradas peculiares a cada língua, nem sempre traduzíveis, nas quais podemos observar, além da fixação sintática de seus componentes, com restrição total ou parcial de inserção de novos elementos e/ou de alteração da ordem de apresentação, a não composicionalidade semântica. O que equivale a dizer que o sentido de tais expressões tem de ser compreendido globalmente, não sendo resultado da soma de sentido de cada um dos elementos da expressão: *selva de pedra* (cidade grande/urbanizada e desumanizada); *cavalo de aço* (motocicleta); *coração alado* (emocionalmente livre); *plumas e paetês* (de forma espalhafatosa); *elas por elas* (equivalência/igualdade/quitação); *corpo a corpo* (enfrentamento); *livre para voar* (desempedido emocionalmente); *de quina pra lua* (com sorte); *o salvador da pátria* (aquele que vai resolver os problemas ou encontrar a solução); *o fim do mundo* (evento grave); *torre de babel* (lugar confuso, onde ninguém se entende); *andando nas nuvens* (em estado de êxtase); *agora é que são elas* (momento decisivo); *cuca legal* (cabeça boa); *sem lenço, sem documento* (desprovido de bens materiais, ou livre); *o pulo do gato* (ação

importante e decisiva); *da cor do pecado* (atraente); *senhora do destino* (responsável pelos acontecimentos da própria vida); *alma gêmea* (pessoa com quem se tem extrema afinidade); *cobras e lagartos* (ofensas); *pé na jaca* (envolver-se em problemas ou complicações); *duas caras* (falsidade); *negócio da China* (excelente oportunidade do ponto de vista financeiro); *caminho das Índias* (rota da felicidade); *cama de gato* (armadilha); *caras e bocas* (expressões faciais exageradas); *morde e assopra* (agredir e agradar em seguida); *finha estampa* (apresentação impecável).

Gostaríamos de observar que os sentidos atribuídos às expressões acima foram depreendidos de contextos de uso em que os títulos apareceram, tendo sido consultados diversos gêneros em diferentes mídias, como ilustramos com a pequena amostra que apresentamos a seguir.

Em manchetes de notícias na imprensa jornalística

- ***Morde e Assopra*** Tucano. Os quatro pré-candidatos do PSDB à Prefeitura de São Paulo diminuiram o tom das críticas feitas à gestão do atual prefeito, Gilberto Kassab (PSD), depois de serem aconselhados pelo diretório municipal do partido a não inviabilizarem uma possível aliança. (Jornal Valor Econômico, 06 de dezembro de 2011).
- ***Pré-candidatos do PT começam ano no corpo-a-corpo***. (Manchete do jornal O POVO on-line, 2 de fevereiro de 2012) (Disponível em: www.opovo.com.br. Acesso em: 21 fev. 2012).

No corpo de notícias

- *Nas últimas semanas, todos os dias os jornais vêm publicando fotos da presidente Dilma Rousseff fazendo **caras e bocas**, a demonstrar total contrariedade com os rumos do governo e seu relacionamento com a chamada base aliada.*

(Disponível em: <http://www.tribunadainternet.com.br>. Acesso em: 23 mar. 2012).

- *Se a Dilma não controlar a PF e a SSI armam uma cama de gato para ela.*

(Disponível em: <<http://www.conversaafiada.com.br/politica/2010/12/22>>. Acesso em: 27 jan. 2012).

- *Afinal, o PT, adversário ferrenho de Kassab, já disse **cobras e lagartos** do partido presidido pelo prefeito.*

(Diário de Pernambuco, em 23 de janeiro de 2011. Acesso em: 21 fev. 2012).

Em propagandas

- *Para deixar o público masculino na mais **fina estampa**, o Tênis Adidas Nizza Hi Remodel é a pedida certa.*

(Disponível em: <<http://www.netshoes.com.br/produto/132-1931>>. Acesso em: 15 mar. 2012)



(Disponível em: <<http://femininous.com/esmaltes-hits-colecao-morde-e-assopra/>>. Acesso em: 10 dez. 2011).

Em entrevistas com personalidades

- *Estou um pouco cético... Eu acho que o Irã continua a ter **duas caras** – afirmou.* Dito em entrevista do Ministro das Relações Exteriores da França ao jornal *O Globo*.
(Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/ira-tem-duas-caras-diz-chanceler-da-franca-4246319?ixzz1q4Zf99nA>>. Acesso em: 20 mar. 2012).
- *O visual espalhafatoso, repleto de **plumas e paetês**, não quer dizer que Maria Alcina seja a vaidade em pessoa. Eu me descuido muito, sou muito doida e fico adiando a dieta, diz.*
(Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoegente/exclusivo/nov00/exc_maria_alcina_2.htm>. Acesso em: 18 mar. 2012).

Em fóruns e blogs da internet

- *Se o concerto for necessário para vender, faça, mas, você vai obter algum lucro? Se for ficar **elas por elas** (ou perder dinheiro), pense bem...*
(Disponível em: <<http://forum.cifraclub.com.br/forum/2/265440/>>. Acesso em: 23 dez. 2012).
- ***Agora é que são elas.** A copa do mundo finalmente chegou.*
(Disponível em: <<http://paixaclubistica.blogspot.fr/2011/06/agora-e-que-sao-elas.html>>. Acesso em: 12 mar. 2012).

Em letras de canções

- “Carne e unha, **alma gêmea**, bate coração, as metades da laranja [...]” (trecho da canção “Alma Gêmea”, de Fábio Júnior)
- “No escurinho do cinema, chupando *drops* de anis, longe de qualquer problema, perto de um **final feliz**” (trecho da canção “Flagra”, de Rita Lee e Roberto de Carvalho);
- “**Elas por elas** decidi, vai ser preciso te esquecer para viver em paz” (trecho da canção “Elas por Elas”, de Isolda e Milton Carlos).

As colocações

Alguns exemplos de nosso *corpus* podem ser inseridos nessa categoria.

pecado capital	sinal de alerta	marron glacê	vira lata	estrela guia
sabor da paixão	brega e chique	a próxima vítima	pai herói	partido alto
barriga de aluguel	jogo da vida	eterna magia	final feliz	cheias de charme

Os pragmatemas

Exemplos dessa categoria presentes em nosso *corpus*:

bebê a bordo	chega mais
era uma vez	final feliz
quem é você?	voltei pra você

As expressões que destacamos de nosso *corpus* não são prototípicas da categoria fórmulas de rotina, entretanto, encontram-se em processo de convencionalização, a tal ponto que se tornou comum anunciar uma gravidez dizendo **bebê a bordo**, além disso, muitos automóveis passaram a portar adesivos com tal expressão para assinalar a presença de crianças em seu interior.

Chega mais é utilizado como forma de pedir a alguém que se aproxime, porém chamamos a atenção para o seu caráter pragmático, uma vez que seu uso depende muito das relações entre os interlocutores e do registro adequado a cada enunciação.

Quem é você? / **voltei pra você** têm sido utilizados respectivamente para demonstrar espanto com a atitude de alguém já conhecido, e para marcar qualquer tipo de retorno, as duas expressões aparecem com frequência em textos orais ou escritos, principalmente sobre política, esporte e economia.

- *Mas afinal, quem é você Marina da Silva?*

(Frase pronunciada em programa de rádio CBN, difundido em 13 de agosto de 2010, por ocasião da candidatura da ex-ministra do Meio Ambiente à presidência da República).

- *Atividade Física – Voltei pra você!*

(Disponível em: <<http://emagreecerquatroquilos.blogspot.fr/2012/03/atividade-fisica-voltei-pra-voce.html>>. Acesso em: 15 mar. 2012).

- *Eu voltei pra você, meu querido Windows!*

(Disponível em: <<http://supercaras.com/2011/07/11/eu-voltei-pra-voce-meu-querido-windows-live-writer/>>. Acesso em: 20 mar. 2012).

As frases proverbiais

Não atestamos em nosso *corpus* nenhuma sequência que correspondesse ao conceito de provérbio propriamente dito:

Uma sequência linguística que se apresenta na forma de uma frase, metafórica, ou não, de origem anônima, com valor genérico e denominando uma situação geral relativa às condutas humanas, cujo valor se insere no universo de crenças (MEJRI, 1997, p. 242).

Entretanto, levando em conta que os provérbios integram uma categoria mais ampla, denominada Parêmias, que abarca ditos populares, refrões, adágios, máximas, citações, apotegmas e demais enunciados sentenciosos, incluímos os títulos abaixo nessa categoria.

pedra sobre pedra	Deus nos acuda	assim na terra como no céu
escrito nas estrelas	um anjo caiu do céu	amor com amor se paga

Da desfraseologização aos neologismos fraseológicos

Ao procedermos nossa análise nos deparamos com diversos títulos que, embora não correspondessem às características das unidades livres do discurso, também não poderiam ser perfeitamente encaixados na categoria das UFs. Como comumente ocorre na pesquisa científica, o que vai sendo deixado de lado,

por não atender às características preestabelecidas na fundamentação teórica, termina sendo o espaço privilegiado para a descoberta de novos elementos, ou pelo menos para uma reflexão mais aprofundada sobre a natureza do fenômeno analisado.

Foi o que aconteceu com as expressões do quadro abaixo, que preferimos comentar separadamente devido às suas idiossincrasias.

olho no olho	paixão de outono	dancyng days
a gata comeu	despedida de casado	top model
as filhas da mãe	sétimo sentido	terra nostra

Em **olho no olho**, **a gata comeu** e **as filhas da mãe** o processo de desfraseologização é resultado de uma alteração morfossintática em relação às UFs preexistentes, a saber: *olho por olho* (vingança), *o gato comeu sua língua* (usado para incentivar alguém a falar) e *filho da mãe* (eufemismo para o palavrão *filho da puta*).

Já em **paixão de outono**, **despedida de casado** e **sétimo sentido**, a alteração se dá no nível lexical, com a substituição de um ou mais elementos da UF preexistente, a saber: *amor de verão*, *despedida de solteiro* e *sexto sentido*. Neste caso, a aceitabilidade pragmática será garantida graças à convencionalidade da UF original.

Em **dancyng days**, **top model** e **terra nostra**, por sua vez, temos neologismos representados por estrangeirismos que passaram a ser usados pela comunidade linguística brasileira, para se referirem a festa, modelo de sucesso internacional e território próprio.

Entretanto, o processo de fraseologização desses estrangeirismos somente será consolidado quando tais expressões passarem a integrar as instituições de convencionalização de todas as expressões linguísticas: a fala do povo, a literatura, a imprensa, os dicionários...

Lembramos que a cristalização, ou fixação, seja morfofossintática, semântica ou pragmática, é, para nós, a principal das características das UFs, o que, a princípio, restringiria toda alteração em qualquer um desses níveis. Entretanto, a alteração deliberadamente praticada nos itens anteriores resulta em uma nova UF, cuja consolidação dependerá da aceitação da comunidade de uso, através de uma frequência de uso tal, que a torne também convencional.

Para finalizar a análise, gostaríamos de chamar a atenção para três títulos constituídos por onomatopeias – **bang-bang**, **uga-uga** e **ti ti ti** – que significam respectivamente: guerra, dificuldade de expressão e barulho.

- *Tucanos estão promovendo um **bang-bang** (Dito pelo deputado estadual Robert Rios em entrevista ao telejornal Agora, em 11/10/2010);*
- *...não só a estética, mas a política, a estética, o escambau tornaram-se **uga-uga**. Todavia, devemos reconhecer que existem seres que estão acima, digamos, num estágio mais avançado de **uga-uga**; por exemplo, Baby do Brasil, Carlos Vereza, Arnaldo Jabor, Augusto Nunes, Diogo Mainardi e muitíssimos outros acabaram recentemente os respectivos pós-doutoramentos em **uga-uga** (Disponível em: <rachelnunes.blogspot.fr/2011/estetica-uga-uga.html>. Acesso em: 23 mar. 2012);*
- *Em 1878, o grupo de Carnaval de rua, “Os Cavaleiros da Noite”, aparecia pela primeira vez num salão em grande forma, no Teatro São João, causando um verdadeiro “**ti,ti, ti**”. Dois anos depois – com um número maior de bailes por toda a cidade, Salvador contava com 120 mil habitantes. (Disponível em: <www.carnaval.salvador.ba.gov.br/2012/capa/pagina.php?id=66>. Acesso em: 23/03/2012).*

Algumas conclusões

A realização desta pesquisa propiciou-nos uma frutífera reflexão sobre desfraseologização e a consolidação ou não de novas UFs no sistema linguístico do português do Brasil.

Mostrou ainda que as UFs estão em constante produção, utilização e renovação, nos mais variados gêneros e modalidades discursivas.

Faz-se necessário inserir a Fraseologia na agenda dos estudos linguísticos, tendo em vista que seu objeto de análise, além de ser relevante para lexicologia, tradução, ensino de línguas estrangeiras e tratamento automático da linguagem, é também extremamente relevante nos estudos de língua materna.

Uma investigação apurada de tais unidades pode auxiliar sobremaneira na compreensão da aquisição, da aprendizagem e do próprio funcionamento do sistema linguístico.

1969 a cabana do pai tomás	1986 a bordo	1976 duas vidas	1979 marron glacé	1989 o sexo dos anjos	1986 selva de pedra
2008 a favorita	2005 beleza pura	1982 elas por elas	1979 memórias de amor	1966 o shak de agadir	1977 sem lenço sem docu-mento
1985 a gata comeu	2005 belíssima	1988 era uma vez...	1990 meu bem meu mal	1980 olhai os lirios do campo	
1968 a gata de vison	1972 bicho do mato	1975 escalada	1998 meu bem querer	1993 olho no olho	1975 senhora
1968 a grande mentira	1977 bravo e chique	1976 escreva isaura	1971 meu pedacinho de chão	1979 os gigantes	2004 senhora do destino
1997 a indonanda	1987 briga e chique	2010 escrito nas estrelas	1990 mico preto	1989 pacto de sangue	2007 sete pecados
2005 a lua me disse	1981 brilhante	1977 espírito mágico	1971 minha doce namorada	1965 padre tiao	1982 sétimo sentido
1965 a lua me disse	1979 taboá	2002 esperança	2011 morde e assopra	1986 páguas da vida	1978 sinal de alerta
1975 a moreninha	2009 catóia	2000 esplendor	2003 mulheres apaixonadas	1979 pai herói	1986 sítio moça
1975 a padroeira	2009 cama de gato	2001 estreia-guia	1993 mulheres de areia	1965 paixão de outono	1977 sinuhista ilo
1972 a patota	1986 cambalacho	1976 estúpido cupido	2008 negócio da china	1983 pau-pão beijo-beijo	1982 sol de verão
1969 a ponte dos suspiros	1989 caminho das índias	2007 eterna magia	1977 nina	1982 paraíso	1993 sonho meu
1970 a próxima atração	1995 cara e coroa	1983 eu prometo	1981 o amor é no so!	2009 paraíso	1999 suave veneno
1993 a próxima vítima	2009 caras e bocas	1995 explode coração	1997 o amor está no ar	2007 paraíso tropical	1974 supermanóia
1967 a rainha louca	1973 carinhoso	1979 feijão maravilha	1977 o astro	1984 partido alto	1978 te contei?
1967 a sombra de rebecca	1973 cavalo de aço	1991 felicidade	2011 o astro	2010 passione	2010 tempos modernos
1977 a sombra dos laranjais	2003 celebridade	1993 fera ferida	2002 o beijo do vampiro	1968 passo dos ventos	1999 terra nostra
1978 a sucessora	1983 champagne	1988 fera radical	1973 o bem amado	1994 pátria minha	1981 terras do sem fim
1969 a última valsa	1980 chega mais	1988 fera radical	1972 o bofe	2006 pé na jaca	1985 ti ti ti
1994 a viagem	2012 cheias de charme	2011 fina estampa	1971 o cafona	1998 pecado capital	1989 tieta
2011 a vida da gente	2003 chocolate com pimenta	1982 final feliz	1976 o casarão	1975 pecado capital	1989 top model
2003 agora é que são elas	1981 cianda de pedra	1974 fogo sobre terra	2001 o clone	1978 pecado rasgado	1998 torre de babel
1980 água viva	2006 cianda de pedra	1999 força de um desejo	2000 o cravo e a rosa	1992 pedra sobre pedra	1984 transas e caretas
2005 alma gêmea	2006 cobras e lagartos	1975 gabriela	1991 o dono do mundo	1992 perigosas peruas	2008 três irmãs
2005 américa	2004 começar de novo	1990 gina fina	1965 o obrto	1970 pigmalão 70	1994 tropicaliente
1984 amor com amor se paga	2004 como uma onda	1978 gina	1974 o espigão	1980 plumas e paetês	2000 uga uga
2012 amor eterno amor	1977 coquetel de amor	1983 guerra dos sexos	1976 o feijão e o sonho	1997 por amor	2001 um anjo caiu do céu
1967 anástacia, a mulher sem destino	1980 coração alado	1975 helenia	1996 o fim do mundo	1994 porto dos milagres	1965 um rosto de mulher
1999 andando nas nuvens	2011 coração de estudante	1986 hipertensão	1975 o grito	1989 que rei sou eu?	1985 um sonho a mais
1996 anjo de mim	1984 corpo a corpo	1995 história de amor	1982 o homem proibido	1996 quem é você?	1972 uma rosa com amor
1976 anjo mau	1998 corpo doado	1965 ilusões perdidas	1967 o homem proibido (de-mian, o justiciero)	1993 renascer	1988 vale tudo
1977 anjo mau	1974 corrida do ouro	2011 insensato coração	1971 o homem que deve morrer	1986 roda de fogo	1976 veja a lua no céu
2011 aquele beijo	1975 cuca legal	1995 irmãos coragem	1993 o mapa da mina	1975 roque santiero	1970 verão vermalho
2010 raquiza	2004 da cor do pecado	1974 João da Silva	1975 o novico	1985 roque santiero	1984 verão tropical
1990 raquiza	1978 dancin' days	2003 tubacanc	1987 o outro	1969 rosa rebelde	1969 veti de nova
2001 as filhas da mãe	1982 de corpo e alma	2000 haços de família	1972 o primeiro amor	1965 rosinha do sobrado	1988 vida nova
1980 as três marías	1985 de quina pra lua	1984 livre para voar	2006 o preteia	2002 sabor da paixão	1999 vila madalena
1970 assim na terra como no céu	2007 desejo proibido	1977 locomotivas	1978 o puto do gato	1991 salomé	1996 virá-lata
2012 avenida brasil	2002 desejos de mulher	1983 louco amor	1974 o rebu	1996 salsa e merengue	2009 viver a vida
1981 baila comigo	1977 despedida de casado	1990 lua cheia de amor	1996 o rei do gado	1967 sangue e areia	1983 voltei pra você
1987 bambolé	1992 despedida de solteiro	1987 mandala	1968 o rei dos ciganos	1976 sararamandaa	1997 zaza
1971 bandeira dois	1992 deus nos acuda	1978 maria maria	1989 o salvador da pátria	1987 sassaricando	
2005 bang bang	1987 direito de amar	1965 maria	1968 o santo mestiço	1972 selva de pedra	
1990 barriga de aluguel	2007 duas caras	1980 marina	1973 o semideus		

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Helena Trench de. *Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes*. Dissertação (Mestrado). São Paulo, USP, 1989.

ANASTASSIADIS-SYMEONIDIS, A. Que peut-il arriver à une expression figée?, *Cahiers de lexicologie*, 82, p. 51-59, 2003.

ANSCOMBRE, J.C. Estructura métrica y función semántica de los refranes. *Paremia*, n. 8, p. 25-36. 1999.

_____. Les proverbes: un figement du deuxième type? *Linx*, 53, p. 17-33. 2005.

_____. De l'énonciation au lexique: mention, citativité et délocutivité. *Langages*, v. 80, p. 9-34. 1995b.

_____. Les proverbes sont-ils des expressions figées?, *Cahiers de lexicologie*, n. 1, p. 159-173. 2003.

_____. Proverbes et formes proverbiales: valeur évidentielle et argumentative. *Langue française* v. 102, p. 95-106. 1994.

_____. Parole proverbiale et structures métriques. *Langages*, n. 139, p. 6-26. 2000.

_____. La semántica y las frases genéricas: viejos problemas y nuevos enfoques, *Cuadernos de filología francesa*, n. 9, p. 7-22. 1995-1996.

ANTOINE, F. Drôle de lapin - de l'origine de l'expression 'poser un lapin', *Cahiers de Lexicologie*, v. 69, p. 63-69. 1996.

APRESJAN, Ju. D. Regular polysemy, *Linguistics*, Mouton, The Hague, v. 142, 1973.

ARAUJO, Artur Antonio dos Santos & GARCIA DA SILVA, Denize Elena. *Evolução do léxico nas expressões idiomáticas das línguas da periferia: Português, Espanhol da Espanha e Romeno da antiga România*. Florianópolis: SBPC, 2006.

ARNAUD, P.J.L. Réflexions sur le proverbe. *Cahiers de lexicologie* LIX-2, p. 6-27. 1991.

ASTOLFI, J. P. & DEVELAY, M. *La Didactique des sciences*. Paris: PUF, Que sais-je?, 2^e édition, 1991. p. 125.

AUTHIER-REVUZ J. *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse. 1995.

BALIBAR-MRABTI, A. Semi-figement et limites de la phrase figée, *Linx*, v. 53, Département des Sciences du Langage, Université Paris X–Nanterre, 2005. p. 35-54.

BALLY, Charles. *Précis de stylistique*. Genève: Eggimann, 1905.

_____. *Traité de stylistique française*. v. 2, Paris: Klincksieck, 1909.

BALTAR, Marcos. A validade do conceito de competência discursiva para o ensino de língua materna. In _____. *Linguagem en (Dis)curso*, v. 5, n. 1, p. 2005. (Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/10.htm>), Acesso em: fev/2011.

BAN, E. Les unités lexicales de plusieurs mots sous l'aspect de la linguistique contrastive et de l'enseignement. *Annales Universitatis Budapestinensis*, v. 18, p. 325-229, 1987.

BARBISAN, Leci. Genericidade, metáfora e descrição lexical: um estudo do provérbio: não há rosa sem espinho. In: _____. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Tradução).

BARBOSA, Maria Aparecida. Fraseologia numa perspectiva multicultural: axiologia subjacente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA PORTUGUESA 11, CONGRESSO INTERNACIONAL DE LUSOFONIA 2, São Paulo, PUC/SP, 2006.

BARREIRO, Anabela, WITTMANN, Luzia Helena & PEREIRA, Maria de Jesus. Lexical differences between European and Brazilian Portuguese. *INESC Journal of Research and Development* 5.2, 1996. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/Repositorio/Barreiroetal95.rtf>

BECKER, J. D. The Phrasal Lexicon. *Proceedings of the Workshop on Theoretical Issues in NLP*, p. 70-73, 1975.

BARTLETT, F. C. *Remembering*. England: Cambridge University Press, 1950[1932].

BÉGUELIN, M. J. Des clauses impersonnelles aux constituants phrastiques: quelques axes de grammaticalisation, SERIOT PATRICK P. & BERRENDONNER A. (Eds). In: _____. *Les propositions impersonnelles dans les langues slaves et romanes, Le paradoxe du sujet*, Cahiers de l'ILSL n. 12, Lausanne, 2000, p. 25-41. 2000.

BENVENISTE, É. Formes nouvelles de composition nominale. *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*, v.61, n. 1, 1966.

_____. *Problèmes de linguistique générale*. v. 2. Paris: Gallimard, 1966.

BÉRARD-DUGOURD, A. & RICHARD, G. Le traitement des locutions dans l'analyse du langage naturel. *Étude* n° F 101, Centre Scientifique IBM France, 1986.

BERCKER, F. La référence au corps humain dans les expressions figées figurées. *Travaux linguistiques du Cerlico*, v. 12, p. 269-289. 1999.

BERNET, C. Le nom propre dans la phraséologie et le lexique l'exemple du mot Amérique et ses dérivés, In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANE, *Anais*, Trèves 1986, Tübingen. *Max Niemeyer*, v. 4, p. 520-529, 1989.

BLANCO ESCODA, X. Les déterminants figés. *Langages*, v. 145, p. 61-81. 2002.

_____. Les déterminants nominaux figés. Perspective contrastive espagnol-français. *Le figement lexical*. In: MEJRI S., GROSS G., CLAS A. & BACCOUCHE T. (Éds). *Tunis*, CERES, p. 19-34. 1998.

BLOY, L. *Exégèse des lieux communs*. Paris: Mercure de France, 1973.

BLUMENTHAL Peter. Schématismes dans les commentaires de presse: analyse contrastive. *Micro-et Macrolexèmes et leur figement discursif*. GRECIANO G. (Éd.). *Actes du colloque international de Saverne*, décembre 1998. Bibliothèque de l'Information Grammaticale. Louvain/Paris: Peeters, p. 107-128, 2000.

_____. (Éds.). *Les séquences figées: entre langue et discours*. Romanistik: Franz Steiner Verlag, 2008.

_____. Combinatoire des mots dans la vulgarisation. *Revue française de linguistique appliquée*, v. 12, n. 2, p. 15-28, 2007.

BOLLY, Catherine. KLEIN, J.R. & LAMIROY, Beatrice. (Éds.). *La phraséologie dans tous ses états. Actes du colloque Phraséologie 2005, Cahiers de l'Institut de linguistique de Louvain, CILL v. 31*, p. 2-4, 2005.

BOLLY, Catherine. *Les unités phraséologiques: un phénomène linguistique complexe?*, Louvain-la-Neuve, thèse de doctorat, 2008.

BONHOMME, M. Sémantique de la métonymie et théories des cas. *Actes du XV^e Congrès international des linguistes*, Québec: 9-14 août 1992, 1992.

BORGMANN, D. A. From Rags to Riches and Beyond. *Word Ways The Journal of Recreational Linguistics*, Morristown, NJ, v. 19, n. 1, p. 57-63, 1986.

BOSREDON, B. & GUÉRIN O. Le Cluny, Le Champollion: d'un emploi non prototypique de nom propre modifié. Noms propres: la modification. In: LEROY S. (Éd.). *Langue française*, v. 146, Paris: Larousse. 2005.

_____. & TAMBA, I. Verre à pied, moule à gaufres; prépositions et noms composés de sous-classe. *Langue Française*, v. 91, p. 40-55. 1991.

_____. *Les titres de tableaux*. Paris, PUF. 1997.

_____. Titres et noms propres: des voisins ou des cousins ? In: RIEGEL M., SCHNEDECKER C., SWIGGERS & TAMBA I. (Éds). *Aux carrefours du sens*. Leuven, Paris: Dudeley, Peeters, 2006.

_____. Les signalétiques de nomination ou quand le discours se fige *Rencontres Linguistiques Méditerranéennes*. Tunis: CERES, 1998.

_____. PETIT, G., TAMBA, I. Linguistique de la dénomination. *Cahiers de Praxématique*, v. 36, Praxiling université Paul Valéry – Montpellier III. (Éds), 2001.

_____. Pour une approche discursive et unitaire du fait dénominatif: quelques propositions, *BULAG*, Besançon, 2000.

BOTELHO DA SILVA, T. & CUTLER, A. Ill-formedness and Transformability in Portuguese Idioms”, In: CACCIARI, C. & TABOSSI, P. (Eds.). *Idioms: processing, structure, and interpretation*. Hillsdale: Erlbaum, p. 129-143, 1993.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

_____. *Considerações acerca da fraseologia, sua conceituação e aplicabilidade na idade média*. Disponível em: www.abrem.org.br/Considerafraseolog.pdf.

BRASIL. Ministério de Educação do Brasil. *parâmetros curriculares do ensino médio: linguagens e códigos e suas tecnologias*, 2003.

BREMOND, C. Concept et thème. *Poétique*, n. 64, p. 415-423, 1985.

BRESSON, D. La distribution du sens dans les locutions à verbe suport. *Travaux du Cercle linguistique d'Aix-en-Provence*, n. 7, p. 57-72, 1989.

BREZOLIN, Adauri. *Elogios e respostas a elogios: Estudo Contrastivo nas Línguas Portuguesa e Inglesa*. Dissertação (Mestrado). USP, São Paulo, 1994.

_____. Pergunta se macaco quer banana! Breve análise de frases feitas jocosas: estudo da língua em uso com o auxílio da Linguística de *Corpus*. *Tradterm*, v. 12, p. 127-157, 2006.

BROOKE-ROSE, Ch. *A Grammar of Metaphor*. London: Mercury Books, 343 p., 1965.

BROWN Roger. Psycholinguistics. *Psychological Review*, v. 65, n. 1, p. 14-21, 1970 [1958].

BRUNOT, F. *La Pensée et la langue*. 3. ed. Paris: Masson, p. 954, 1965.

BUCHI, É. Approche diachronique du marqueur métadiscursif français *quoi* (“La pragmatization d’un réévaluatif, *quoi*”), *Actes du XXII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes (Bruxelles, 23–29 juillet 1998)*. ENGLEBERT A. & al. (Éd.). Tübingen, Niemeyer, v. 7, p. 81-91. 2000.

BURGER, H., BUHOFER, A. & SIALM, A. *Handbuch der Phraseologie*. avec la collaboration de Brigit Eriksson, Jürg Häusermann, Angelika Linke, Thomas Scherer et Blanche Schweizer, Berlin, New York, p. 433, 1982.

_____. DOBROVOL’SKIJ, D., KÜHN, P. & NORRICK, N. (Eds.). *Phraseology: an International Handbook of Contemporary Research*, Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2007.

_____. *Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. 2. ed. Berlin: Erich Schmidt, 2003.

BURIDANT, Claude. Historische Phraseologie des Französischen. In: BURGER, H. & *et al.* (Éds.). *Phraseologie/Phraseology*. Teilband 2/Volume 2, de Gruyter, Berlin/New York, p. 1106-1125, 2007.

_____. L'Aproche diachronique en phraséologie Quelques aspects de l'ancien et du moyen français. *Travaux de Linguistique et de Philologie*, Strasbourg, v. 27, p. 127-149, 1989.

BUVET, Pierre André. *Remarques sur la détermination en français*. Mémoire d'habilitation à diriger des recherches. Université de Villetaneuse, 2009.

_____. *et al.* Bulag, 23. Besançon: Université de Franche-Comté. 322 p., 1998.

_____. Détermination: les noms. *Lingvisticae Investigationes*, Amsterdam, n. 28, p. 121-150. 1994.

_____. La construction déterminative DET N de, *Polysémie et polylexicalité Syntaxe et Sémantique*, n. 5, Caen, Presses Universitaires de Caen, p. 71-90, 2003.

_____. *Les déterminants nominaux quantifieurs*. Thèse de Doctorat, Villetaneuse, Université Paris XIII. 1993.

CABASINO, F. Les composés nominaux métaphoriques entre figement et variation. *Le figement lexical*. 1ères Rencontres Linguistiques Méditerranéennes, p. 309-320, 1998.

CADIOT, P. Représentation d'objet et sémantique lexicale: Qu'est-ce qu'une boîte ?, *French Language Studies*. v. 4, p. 1-23. 1994.

CALZOLARI, N. Acquiring and Representing Semantic Information in a Lexical Knowledge Base. In: PUSTEJOVSKY, J. (Ed.). *Proceedings of the Workshop on Lexical Semantics*. Berkeley: Calif, 1991.

_____. Detecting Patterns in a Lexical Database. *Proceedings of the 10th International COLING*, Stanford, Calif, 1984.

CAMARGO, Sidnei & STEINBERG, Martha. As Expressões Metafóricas do Português e seus campos Semânticos. *Letras & Letras*, v. 8, n. 2, p. 89-93, 1993.

_____. Metaphors in Contrast: English X Portuguese. *UNILETRAS*, v. 14, p. 98-119, 1992.

_____. Fraseologia Contrastiva Português-Alemão. In: ENCONTRO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS 2, Assis / São Paulo, 1999.

CAMUGLI GALLARDO, C. Qu'est-ce que tu chantes là ? Syntaxe et lexique dans les expressions métaphoriques figées. *Cahiers de lexicologie*, v. 82, p. 175-192. 2003.

CARAMORI, Alessandra Paola. *É o Bicho: Bestiale*. Dicionário de expressões idiomáticas no domínio dos animais com equivalências em italiano e respectivas listas temáticas. Dissertação (Mestrado), USP/São Paulo, 2000.

_____. *Expressões idiomáticas em Rodari para a elaboração de um dicionário bilíngüe (Italiano-Português)*. Tese (Doutorado), USP, São Paulo, 2009.

CAREY, S. Semantic development. In: E. Wanner and L. R. Gleitman (Org.). *Language acquisition: the state of the art*. New York: Cambridge University Press, 1983 [1982].

_____. *Conceitual change in childhood*. Cambridge, EUA: the MIT Press, 1985.

CARVALHO, Gislene Lima de. *Unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará, 2011.

CARVALHO, J.G.H. Verbes et locutions causatifs en portugais en comparaison avec le français. *Congrès international de linguistique et philologie romanes*, 17, 1983, Aix-en-Provence/Université de Provence, Marseille, J. Lafitte, v. 4, p. 325-334, 1986.

CASADEI, F. Per una definizione di 'espressione idiomatica' e una tipologia dell'idiomatico in italiano. *Lingua e Stile*, XXX/2, p. 335-358. 1995.

CASAGRANDE, J. Fossilization in French Syntax, *Janua linguarum, Series practica*, v. 207, p. 23-35, 1975.

CATHERINE, R. Anthologie de mots reçus. *Banque des Mots*, v. 36, p. 129-153, 1988.

CAZENEUVE, J. *Du calembour au mot d'esprit*. Monaco: Éditions du Rocher, 1996.

CERQUIGLINI, J. L'écriture proverbiale. *Revue des sciences humaines*, v. 163, p. 359-375, 1976.

CHAFE, W. Idiomaticity as an Anomaly in the Chomskyan Paradigm. *Foundations of Language*, v. 4, n. 2, p. 109-127, 1968.

CHARBONNIER, E. *La monnaie de singe ou comment reconnaître les expressions issues du Moyen-Âge*. Paris: Hatier, 1991.

CHARLES, W. & MILLER, G.A. Contexts of Antonymous Adjectives. *Applied Psycholinguistics*, v. 10, p. 357-375, 1989.

CHETRIT, J. Les composés nominaux à joncteur à. – 1. Étude lexicologique. *Cahiers de lexicologie*, v. 32, n. 1, p. 65-81, 1978.

CHOUL, J. C. Le vide prépositionnel et le processus néologique idiomatique. *Revue de l'Association québécoise de linguistique*, v. 2, n. 2, p. 21-30, 1982.

CHOUL, J. C. Règles d'interprétation idiomatique. *Journal of the Atlantic Provinces Linguistic Association / Revue de l'Association de Linguistique des Provinces Atlantiques*, Halifax, CAN, v. 4, p. 36-53, 1982.

_____. Sémantique de la locution. *Revue Québécoise de Linguistique Théorique et Appliquée*, Trois-Rivières, Canada, v. 6, n. 3, p. 117-130, 1987.

_____. Si muove ma non troppo An inquiry into the non-metaphorical status of idioms and phrases. *Semiotics*, p. 89-98, 1980.

CLARK, E.V. What is in a word? On the child's acquisition of semantics in his first language. In: T. Moore (Ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973.

_____. Semantic development. In: E. WANNER and L. R. Gleitman (Org). *Language acquisition: the state of the art*. New York: Cambridge University Press, 1983 [1982].

CLAS, A. & GROSS, A. Classes de figement des locutions verbales. *Le figement lexical, Rencontres Linguistiques Méditerranéennes*. Tunis, Editions du CERES, 1998.

_____. Classes de figement des locutions verbales. In: MEJRI S., GROSS G., CLAS A. & BACCOUCHE T. (Éds.). *Le figement lexical*, Tunis, Edi CERES, p. 11-18. 1998.

COELHO, Braz José. *Procedimentos de lexicalização: formação de palavras e expressões lexicalizadas na obra de Carmo Bernardes*. Tese (Doutorado). Araraquara/SP: UNESP, 2005.

COHEN, B. *Lexique des cooccurrents, Bourse – Conjoncture économique*, Montréal: Linguattech, 1986.

_____. *Méthodes de repérage et de classement des cooccurrents lexicaux*. [s.l.]: dans Osterheld, 1992. p. 505-511.

_____. *Méthodes de repérage et de classement des cooccurrents lexicaux*. In: Bessé. B. de (Édit.). 1993. p. 505-512.

COLSON, J. P. Ébauche d'une didactique des expressions idiomatiques en langue étrangère. In: BESSÉ, B. de (Édit.). 1993. p. 165-180.

CONENNA, M. et KLEIBER, G. De la métaphore dans les proverbes, *Langue française*, v. 134. Paris: Larousse, p. 58-77. 2002.

CONTI, Marcelo Félix. *Para o dicionário das expressões idiomáticas e/ou metafóricas do português (contemporâneo) do Brasil*. Tese (Doutorado). USP/São Paulo, 2003.

CORBIN, D. Locutions, composés, unité polylexématiques: lexicalisation et mode de construction. In: MARTINS-BALTAR M. (Éd.). *La locution entre langue et usages*. Fontenay-Saint-Cloud: ENS éditions, 1997. p. 53-101.

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, E. Les structures lexématiques. *Probleme der Semantik*, v. 3, n. 16, Wiesbaden, Steiner, 1968.

_____. Lexikalische Solidaritäten. *Poetica, Zeitschrift für Sprach – und Literaturwissenschaft*, v. 1, p. 293-303, 1967.

COSERIU, E. Structure lexicale et enseignement du vocabulaire. *Actes du premier colloque international de linguistique appliquée*, Nancy, 26-31 octobre 1964, Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de l'Université de Nancy, Annales de l'Est, Mémoire 31, p. 175-217, 1966.

COSTA, J. L. *Pré-fabricados linguísticos: estrutura e funcionamento de sintagmas verbais idiomatizados*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007.

COULON, B. *Deutsche und französische idiomatische Redewendungen*. Untermitarbeiter von Philippe Coulon, München, Hueber, 1983. 152 p.

COUTURE, A. *Sur le bout de la langue On the Tip of One's Tongue*. Montréal-Québec: Les Editions de l'Homme, 2006.

COWIE, A. (Ed.). *Phraseology: theory, analysis, and application*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

CREUS, S. Q. (Org.). *Letras de hoje - estudos em torno da fraseologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2004.

CREUS, Susana Quinteros de. *Expresiones idiomáticas. Un enfoque semántico argumentativo*. Tese (Doutorado), Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CULIOLI, A. Sur le concept de notion. *BULAG*, n. 8, p. 62-79, 1981.

CURAT, H. La relation privilégiée entre l'agent et l'objet dans les locutions verbales. *La locution. Actes du colloque international*, Université McGill, Montréal: 15-16 octobre 1984, *Le Moyen Français*, v. 14-15, p. 28-55, 1985.

_____. *Les déterminants dans la référence nominale et les conditions de leur absence*. Genève: Droz, 1999.

DANBLON, E. Du cri au discours expressif: une approche généalogique de l'expression des émotions. In: COLETTA J.-M. & TCHERKASSOF A. (Éds.), *Les émotions. Cognition, langage et développement*. Bruxelles: Mardaga, 2003. p. 181-186.

DANLOS L. (Org.). Les expressions figées. *Langages*, Paris, Larousse, v. 90, 1988.

_____. Introduction lexicque-grammaire des expressions figées. *Langages*, v. 90, p. 5-6, 1988.

_____. La morphosyntaxe des expressions figées. *Langages*, Paris, Larousse, v. 63, p. 53-74, 1981.

_____. Les Phrases à verbe support être Prép. *Langages*, Paris, Larousse, v. 90, p. 23-37, 1988.

_____. *Représentation d'informations linguistiques: Constructions être Prép X*, thèse (doctorat), Université Paris 7: LADL. 1980.

DARMESTETTER. A. *La Vie des mots étudiée dans leurs significations* 1887. Paris: Éditions Champ Libre, 1979.

DAVID, J. Tous les prédicats ne meurent pas idiomes. Mais nul n'est à l'abri, *Phraséologie contrastive*. In: GRÉCIANO, G. (Éd.). *Europhras* 88. Actes du Colloque International (12-16 maio 1988). (Collection Recherches germaniques. Strasbourg: Université des Sciences Humaines), 1989. p. 75-82.

DEBILI, F. *Analyse syntaxico-sémantique fondée sur une acquisition automatique de relations lexicales-sémantiques*. Thèse (Doctorat), Université de Paris XI, France, 1982.

DEESE, J. Form Class and the Determinants of Association. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 1, p. 79-84, 1962.

DELABRE, M. Les deux types de comparaisons avec comme. *Le français moderne*, v. 52, n. 1/2, p. 22-47, 1984.

DELL HYMES, H. *Sur la competence de communication*. Paris: Gallimard, 1984.

DESCAMPS, J. L. *et al. Sémantique et concordances*. CNRS-INaLF, diff. Klincksieck, [édit.] 1992. (Coll. Saint-Cloud)

DESMET, I. Terminologia e fraseologia tendencias actuais, *Terminologias*. Lisboa, TERMIP, v. 3, n. 4, p. 10-30, 1991.

_____. Terminologia e fraseologia: tendências atuais. *Terminologias*, Lisboa, Associação Portuguesa de Terminologia abr./dez., p. 10-31, 1991.

DIAZ FERREIRO, Ana Maria. La traducción de las paremias del portugués al español. *II Estudios sobre tradición e interpretación Tomo III* Capítulo 10. Málaga, 1998.

DIAZ, O. Partir du bon pneu L'Expression idiomatique à travers l'expression publicitaire / Idiomatic Expression through Journalistic Expression. *Glottodidactica An International Journal of Aplied Linguistics*, Poznan, Pologne, v. 18, p. 75-82, 1986.

_____. Schémas linguistiques le cas des expressions idiomatiques, *Schéma et schématisation*, v. 20, p. 87-94, 1984.

_____. Observations sur les expressions lexicalisées. *Cahiers du Centre Interdisciplinaire des Sciences du Langage*, v. 5, p. 139-153, 1983.

DOBROVOL'SKIJ, D. Phraseological Universals Theoretical and Aplied Aspects. In: KEFER, M. & VAN DER AUWERA, J. (Orgs.). *Meaning and Grammar. Cross-linguistic Perspectives*, Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 1992.

_____. Phraseologie als Objekt der Universalienlinguistik, Leipzig. *VEB Verlag Enzyklopädie*, 1988.

DOSTIE, G. Les marqueurs discursifs. *Langue française*, v. 154, p. 13-28. 2007.

DRASKAU, J.K. Some Reflections on Equivalence/Äquivalenz as a Term and a Concept in the Theory of Translation. *Meta*, Montréal, 36-1.

DUBOIS, J. & DUBOIS-CHARLIER, F. *Locutions en français*. Aix-en-Provence, 2004.

DUGAS, A. & CUSSON, L. Les prépositions des dénominations complexes. *Revue de l'Association Québécoise de Linguistique*, v. 4, n. 4, p. 159-165. 1985.

DUGAS, A. & DI SCIULLO, A. M. Le rôle des déterminants dans les expressions figées de langues romanes. *La locution. Actes du Colloque International*, Montréal: Université McGill, 15-16 octobre 1984, *Le moyen français*, v. 14-15, p. 56-69, 1985.

DUMAS, H. La méthode du discours Termes, mots, expressions, *Meta*, v. 22, n. 2, p. 110-116, 1977.

DUNETON, C. *La puce à l'oreille*. Paris: Stock, Le livre de poche, 1978.

EHEGÖTZ, E. Versuch einer Typologie von Entsprechungen im zweisprächigen phraseologischen Wörterbuch. *Zeitschrift für Slawistik*, v. 35, n. 4, p. 499-504, 1990.

EISELE, H. Retrouver le cliché en langue d'arrivée, In: BESSÉ, B. de (Édit.). p. 367-374, 1993.

ELEUTÉRIO, Samuel, RANCHHOD, Elisabete & BAPTISTA, Jorge. A. System of Electronic Dictionaries of Portuguese. *Linguisticae Investigationes XIX.1*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 57-82, 1995. Disponível em: <<http://label.ist.utl.pt/label/download/digrama.pdf>>.

ERVIN-TRIP, S. Substitution, context, and Association. In: POSTMAN, L. & KEPEL, G. (Eds). *Norms of Word Association*. New York: Academic Press, 1970.

ETTINGER, S. Idiomatik und Sprachpraxis. Zu einen Buch von Vilmos Bardosi. De Fil en aiguille. *Lebende Sprachen*, v. 3, n. 25, p. 131-132, 1990.

EVENS, M. W. *Relational models of the Lexicon*. Cambridge: University Press, 1992.

FALCÃO, P. C. S; XATARA, Cláudia Maria . Os animais nos idiomatismos: interface inglês-português. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: [s.n.], v. 2, p. 71-82, 2005.

FALCÃO, P. C. S. A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais. Dissertação (Mestrado). UNESP/ São José do Rio Preto, 2002.

FERNANDES, Maria da Graça. *Léxico-gramática das frases fixas do português europeu – construções intransitivas*. Tese (Mestría). Universidade do Algarve, Faro, 2010.

FERNANDO, C. Towards a Definition of Idiom its Nature and Function. *Studies in Language*, v. 2, n. 3, p. 313-343, 1978.

FERNANDO, Ch. & FLAVELL, R. On Idiom Critical Views and Perspectives. *Exeter Linguistic Studies*, Exeter University of Exeter, v. 3, p. 18-48, 1981.

FERRARO, Rita Gionvana Mouzinho. *Análisis contrastivo español/portugués de unidades fraseológicas*. Tese (Doutorado). Universidade de Cádiz, 2000.

FIALA, P. Figements et phraséologie état des recherches actuelles. In: DRIGEARD, G., FIALA, P., TOURNIER, M. (Eds). *Courants sociolinguistiques. Séminaire de lexicologie politique de l'Université de Paris III 1986-1987*. Paris: Klincksieck, p. 149-155, 1989.

_____, LAFIN, P. & PIGUET, M.F. *Locution: entre lexique, syntaxe et pragmatique*. Paris: Klincksieck, 1997.

_____. Pour une aproche discursive de la phraséologie remarques en vrac sur la locutionnalité et quelques points de vue qui s'y raportent, sans doute. *Langage et société*, v. 42, p. 27-44, 1987.

FILLENBAUM, S. & JONES, L. V. Grammatical Contingencies in Word Association. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 4, p. 248-255, 1965 .

FILLMORE, CH. J., KAY, P. & O'CONNOR, N.C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions. The Case of Let Alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FILLMORE, CH. J. The Case for Case, *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt Rinehart & Winston, 1968. p. 1-88.

_____. Innocence: a second idealization for Linguistics. *Berkeley Linguistic, Society*, n. 5, p. 63-76, 1979.

FIRZLAFF, B. & HAENELT, K. Applying Text Linguistic Principles to Modelling Meaning Paraphrases. *Euralex '92 Proceedings*, Tampere, p. 213-220, 1992.

FLEISCHER, W. Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache, Leipzig, VEB Bibliographisches Institut, 1982.

FONAGY I. *Situation et signification*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1982.

_____. Figement et changement sémantique. MARTINS-BALTAR M. (Éd.). *La locution entre langue et usages*. Fontenay-Saint-Cloud: ENS Éditions, p. 131-164, 1997.

_____. Des clichés politiques en tant que modèle d'érosion sémantique, From sounds to words essays in honor of Claes-Christian Elert. Karl-Hampus Dahlstedt, Hansson, A. et al. (Eds.). Umea Studies in the Humanities, *Acta Universitatis Umensis*, v. 60, Stockholm, p. 107-114, 1983.

FONTANIER, P. *Les Figures du discours* 1830. Paris: Flammarion, réédition, 1968. 507 p.

FONTENELLE, Th. Using Lexical Functions to Discover Metaphor. In: MARTIN, W. et al. (Eds). p. 271-278, 1994.

FORNICOLA, Marcus Vinícius. *Expressões idiomáticas da língua francesa e respectivas formas equivalentes em língua portuguesa: tratamento léxico-semântico*. Dissertação (Mestrado). USP/ São Paulo, 1999.

FRADIN, B. Décrire un verbe. *Lexique*, v. 6, p. 97-138, 1988.

FRANÇOIS, J. La représentation des structures verbo-nominales et du figement verbal dans deux formalismes de grammaire fonctionnelle. *Cahiers de lexicologie*, v. 82, p. 61-87. 2003.

FRANÇOIS, J. & MANGUIN, J.L. Dispute théologique, discussion oiseuse et conversation téléphonique: les collocations adjectivo-nominales au cœur du *débat*. *Langue Française*, v. 150, p. 50-65, 2006.

FRASER, B. Idioms within a Transformational Grammar. *Foundations of Language*, n. 6, p. 22-42. 1970.

FREIRE, António. Lexicografia latina moderna. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Universidade Católica Portuguesa, v. 1, 1997.

FULGÊNCIO, L., *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

GAATONE, D. A quoi sert la notion d'expression figée ? in *Lexique, syntaxe et sémantique*. Mélanges offerts à GROSS G. à l'occasion de son 60ème anniversaire, Bulag - n° hors série, p. 295-308. 2000.

_____. La locution: analyse interne et analyse globale, In: MARTINS-BALTAR M. (Éd.). *La locution entre langues et usages*. Fontenay-Saint Cloud: ENS éditions, 1997. p. 165-177.

_____. Les locutions verbales: pour quoi faire ?", *Revue Romane*, Copenhague, v. 16, 1981.

_____. La locution ou le poids de la diachronie dans la synchronie. *Le moyen français*, v. 14/15, p. 70-81, 1984.

_____. Locutions et catégories linguistiques. *Grazer linguistische Studien*, v. 16, p. 44-51, 1982.

GALINSKI, Ch. Terminology and Phraseology, *Terminology Science and Research*, v. 1, n. 1/2, p. 70-86, 1990.

GALISSON, R. *Inventaire thématique et syntagmatique du français fondamental*. Paris: Hachette, 1981.

_____. *Les Mots mode d'emploi les expressions imagées*. Paris: Clé internationale, CAMEL, 1984.

_____. Pour une méthodologie de l'accès aux locutions figuratives en français, langue maternelle et étrangère, *Des mots pour communiquer*. Paris: Clé Internationale, 1983. p. 87-159.

GAMBIER, Y. Socioterminologie et phraséologie: pertinence théorique et méthodologique. In: BESSÉ, B. (Édit.). *Terminologie et Traduction*, n. 2-3, p. 397-410, 1993.

GARCÍA PAGE, M. Aspectos lingüísticos de la 'comparación estereotipada' en español y en italiano, In: TROVATO S. *Pro-verbi, locuzioni, modi di dire nel dominio linguistico italiano*. Il Calamo, Roma, p. 85-95. 1999.

_____. Expresiones fijas idiomáticas, semidiomáticas y libres. *Cahiers du Prohemio*, n. 3, p. 95-109. 1999.

_____. ¿Son las expresiones fijas expresiones fijas?, *Moenia*, v. 7, p. 165-197. 2001.

_____. *Introducción a la fraseología española. Estudio de las locuciones*. Anthropos, 2008.

_____. La comparación de intensidad: la función del estereotipo, *Verba*, 2008a.

_____. La Fraseologia en España: de casares (1050) a la Nueva Gramática de la real academia (2009). In: ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luiza & UNTERBAÄMEN, Enrique Huelva (Orgs.). *Uma revisão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 277-302.

GARRÃO, Milena Uzeda. *Um Estudo de expressões cristalizadas e sua inclusão em um tradutor automático bilíngue (port/ing)*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2001.

_____. *O corpus não mente jamais: sobre a identificação e uso de combinações multivocabulares do tipo verbo mais sintagma nominal*. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

GARY-PRIEUR M. N. *Grammaire du nom propre*. Paris: PUF, 1994.

_____. *De la grammaire à la linguistique l'étude de la phrase*. Paris: Armand Colin, p. 165, 1985. (Collection Linguistique).

GAUDIN, F. et al. *Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie*. Bruxelas: Éditions Duculot, 2003.

GAVRILLIDOU, Z. Structures 'Dét N1 N2' et détermination figée *Détermination et formalisation*. In: BLANCO X., BUVET, P.A. & GAVRILLIDOU Z. (Éds.). *Lingvisticae Investigationes: Supplementa n. 23*, 2001. p. 163-175.

GEBRUERS, R. Tournures Where Valency and Idiomaticity meet. *International Journal of Lexicography*, v. 7, n. 2, p. 142-157, 1994.

GEERAERTS, D. Varieties of Lexical Variation. In: MARTIN, W. et al. [Eds]. p. 78-83, 1994.

GENETTE, G. La Rhétorique restreinte. *Communications*, v. 16, p. 158-171, 1960.

GENTILHOMME, Y. Les ensembles flous en linguistique, *Cahiers de linguistique théorique et appliquée*, v. 5, Bucarest, p. 47-65, 1968.

GHARIANI BACCOUCHE, M. *L'idiomaticité en anglais. Considérations théoriques et pratiques*, Thèse (Doctorat). Villeta-neuse: Université Paris, 13, p. 425, 2001.

GIRY-SCHNEIDER, J. Les noms construits avec faire compléments ou prédicats? *Langue française*, v. 69, p. 49-53, 1986.

GIRY, J. Syntaxe et lexique un exemple de classe sémantique, *Revue romane*, v. 9, p. 57-68, 1974.

_____. Jean fait le généreux + diable Constructions productives et expressions figées. *Revue Québécoise de Linguistique*, Montréal, Canada, v. 13, n. 2, p. 217-236, 1984.

_____. Les nominalisations en français l'opérateur **faire** dans le lexique. *Langues et cultures*, v. 9, Genève, Droz, 1978.

_____. Les prédicats nominaux en français. Les phrases simples à verbe support, *Langues et Cultures*, Genève, 1987.

GLÄSER, R., HULLEN, W. & SCHULZE, R. The Grading of Idiomaticity as a Presupposition for a Taxonomy of Idioms, *Meaning, Sense and World Knowledge in Lexical Semantics*, Tübingen, Niemeyer, 1988.

_____. Relations Between Phraseology and Terminology. In: KOCOUREK, R. (Édit.). *Specialized Language with Special Reference to English*, 1994. p. 41-60.

GLEITMAN, L. The Structural Sources of Verb Meanings, *Language Acquisition*, v. I, 1990. p. 3-55.

GLENK, E. *A função dos provérbios no texto. Uma análise lingüística de textos de Elfriede Jelinek*. Tese (Doutorado). USP, São Paulo, 1996.

_____. SANCHEZ, A. & Martha Steinberg *et al.* *Mulher, morte, dinheiro na sabedoria popular*. São Paulo: Disal, 2005.

_____. Brasilianisch-portugiesische und deutsche Phraseologismen im Kontrast: Beschreibungsverfahren und Äquivalenzsuche Pandaemonium Gernanicum. *Revista de Estudos Germânicos*, São Paulo, v. 7, p. 191-214, 2003.

GOETSCHALCKX, J. Essai d'étude comparative des locutions et termes d'un glossaire plurilingue. *Meta*, v. 18, n. 1/2, p. 261-267, 1973.

GOFFIN, R. Du syntème au phraséolexème en terminologie différentielle. In: BESSÉ, B. (Org.). *Terminologie et traduction*, Bruxelles, Luxemburgo, v. 1, n. 1/2, p. 431-438, 1993.

_____. Structures lexicales, terminologies techniques et glossaires contextuels multilingues. *Meta*, v. 18, n. 1/2, p. 237-253, 1972.

GONZÁLEZ REY, I. *La phraséologie du français*. Presses Universitaires du Mirail: Toulouse, 2002.

GOUGENHEIM, G. Une catégorie lexico-grammaticale: les locutions verbales. *Etudes de linguistique appliquée*, v. 2, p. 56-64. 1971.

GRADY, M. An English Idiom Subject – Object – Object – Actor. *Linguistics*, v. 73, p. 44-45, 1971.

GRANGER, S. & MEUNIER, F. (Éds.). *Phraseology: an interdisciplinary perspective*. Amsterdam: Benjamins, 2006.

GRAUBERG, W. Proverbs and Idioms Mirrors of National Experience? *Lexicographers and their Works, Exeter Linguistic Studies*, Exeter University of Exeter, v. 14, p. 94-99, 1989.

GRÉCIANO, Gertrud. La variance du figement. In: KLEIBER, Gertrud & RIEGEL, M. (Orgs.). *Les formes du sens*, 1997. p. 149-156.

_____. *Signification et dénotation en allemand. La sémantique des expressions idiomatiques*. Paris: Klincksieck, 1983.

_____. Actualités phraséologiques, *Verbum*, v. 9, n. 3, p. 319-340, 1986.

_____. Déterminants et idiomes, Déterminants syntaxe et sémantique. *Recherches linguistiques*, Centre d'Analyse Syntaxique, Université de Metz, Faculté des Lettres et Sciences Humaines, v. 11, p. 73-86, 1986.

_____. *Europhras '88. Phraséologie Contrastive*. Strasbourg, Université des Sciences Humaines, Département d'Études Allemandes, v. 2, 1989. (Collection Recherches Germaniques).

_____. Les inférences de l'idiome. *Travaux de linguistique et de littérature*, 24-1, p. 139-153, 1986.

_____. Phraseologismus und Nicht-Phraseologismus. Zur Abgrenzung zwischen festen und freien Wortfügungen, dans P. Valentin Ed Saat und Ernte. *Mélanges offerts à Jean Fourquet pour son 90ème anniversaire*. Paris-Sorbonne: Linguistica Palatina Colloquia, 1995.

_____. Pour un apprentissage des unités phraséologiques. *Nouveaux cahiers d'allemand*, v. 2, p. 95-113, 1984.

_____. Vers une modélisation phraséologique Acquis et projets d'EUROPHRAS, *Terminologies nouvelles*, v. 10, Bruxelles, Rint, p. 16-22, 1993.

GREIMAS, A.J. Idiotismes, proverbes, dictons. *Cahiers de lexicologie* v. 2, p. 41-61. 1960.

_____. *Semiótica do discurso científico. Da modalidade*. Tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: DIFEL-SBPL, 1976.

GRÉSILLON, A. & MAINGUENEAU D. Polyphonie, proverbe et détournement. *Langages*, v. 73, p. 112-125, 1984.

GRICE, H.P. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Mass., Harvard University Press, 1989.

GRIFFIN, J. & ENRIGHT, D.J. Euphemisms in Greece and Rome. *Fair of Speech The Uses of Euphemism*. Oxford, 1985. 222 p.

GROSS, D. & MILLER, K.J. Adjectives in WordNet. *International Journal of Lexicography*, v. 3, n. 4, p. 265-277, 1990.

GROSS, Gaston. Degré de figement des noms composés. *Langages*, v. 90, p. 57-72, 1988.

_____. *Les expressions figées en français. Noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.

_____. Classes d'objets et description des verbes. *Langages*, n. 115. Paris: Larousse, p. 15-30. 1994.

_____. *Les constructions converses du français*. Genève-Paris: Droz, 1989.

GROSS, Maurice. Les limites de la phrase figée. *Langages*, v. 90, p. 7-22. 1988a.

_____. Les phrases figées en français. *L'information grammaticale*, v. 59, p. 36-41, 1993.

_____. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages*, v. 63, p. 7-52. 1982.

_____. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann. 1975.

_____. Sur les déterminants dans les expressions figées. *Langages*. Paris, Larousse, n. 79, p. 89-117. 1985.

_____. Une classification des phrases 'figées' du français, *De la syntaxe à la pragmatique*. ATTAL P. & MULLER C. (Éds.). Amsterdam: Benjamins, 1984. p. 141-180.

_____. *Grammaire transformationnelle du français. Syntaxe de l'adverbe*. CERIL: Evry, 1990.

_____. Les Nominalisations d'expressions figées. *Langue Française*, v. 69, p. 64-84, 1986.

_____. Les noms traceurs. *Cahiers de lexicologie*, v. 44, n. 1, p. 105-136, 1984a.

_____. Sur les phrases figées complexes du français. *Langue française*, v. 77, p. 47-70, 1988.

_____. Une famille d'adverbes figés: les constructions comparatives en *comme*. *Revue québécoise de linguistique*, v. 13, n. 2, p. 237-269. 1983.

GROSSMANN, F. & TUTIN, A. *Les collocations: analyse et traitement*, Travaux et recherches en linguistique appliquée, Amsterdam: De Werelt, 2003. (Série E, n. 1).

GROSSMANN, F. & TUTIN, A. Quelques pistes pour le traitement des collocations. *Les collocations*. In: GROSSMANN, F. & TUTIN, A. (Éds.). *Analyse et traitement*. Travaux de Recherches en linguistique appliquée, 2003, p. 5-21. (Série E, n. 1).

GRUNIG, B.N. La locution comme défi aux théories linguistiques: une solution d'ordre mémorielle?, *La locution entre langue et usages*. In: MARTINS-BALTAR, M. (Éd.). Fontenay aux roses: ENS éditions, p. 225-240. 1997.

GUILBERT, L. De la formation des unités lexicales. *Grand Larousse de la langue française*. Paris: Larousse, v. 1, p. IX-XXXI, 1971.

_____. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. p. 285.

GUILLET, A. & LECLERE, C. Restructuration du groupe nominal. *Langages*, v. 63, p. 99-125. 1981.

GUILLET, A. Représentation des distributions dans un lexique-grammaire. *Langue Française*, v. 69, p. 85-107, 1986.

GUMPEL, L. The Structure of Idioms A Phenomenological Approach. *Semiotica*, v. 12, n. 1, p. 1-40, 1974.

HAENELT, K. *et al.* The Textual Development of Non-Stereotypic Concepts. *Proceedings of the 5th Conference of European Association for Computational Linguistics*, p. 263-268, 1991.

HAGÈGE, Cl. Towards a socio-operative conception of linguistics. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES LINGUISTES, Actes 15, Québec, 1992.

HAIMON, Y. *Contribution à l'étude de la syntaxe de la locution verbale en français contemporain*. Mémoire de maîtrise. Université de Tel Aviv, 1979.

HARRIS, Z.S., GROSS, M. (Éd. e Trad.). *Notes du cours de syntaxe*, coll. Travaux Linguistiques. Paris: Le Seuil, 1976.

_____. *Elementary Transformations*, T.D.A.P., v. 64, University of Pennsylvania, Philadelphia, réimprimé in *Papers in Structural and Transformational Linguistics*. Reidel, Dordrecht, 1970. 1964.

HAUSMANN, F.J. Le dictionnaire de collocations. In: HAUSMANN, F.J. *et al.* (Org.). *Dictionaries. Dictionnaires. Wörterbücher. International Encyclopedia of Lexicography*. Berlin-New York, de Gruyter, p. 1010-1019, 1989.

_____. Tout est idiomatique dans les langues, in MARTINS-BALTAR M. (Éd.), *La Locution entre langue et usages*. ENS Editions, *Langages*, Fontenay-aux-Roses, 1997. p. 277-290.

_____. Un dictionnaire des collocations est-il possible? *Travaux de linguistique et de littérature*, v. 17, n. 1, p. 187-195, 1979.

HEID, U. On Ways Words Work Together – Topics in Lexical Combinatorics, In: MARTIN, W. *et al.* (Eds.). Disponível em: <http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex1994/27_Euralex_Ulrich%20Heid%20-%20On%20Ways%20Words%20Work%20Together%20-%20Topics%20in%20Lexical%20Combinatorics.pdf>, 1994. p. 226-257.

HENRI, A. *Métonymie et métaphore*. Paris. Klincksieck, 1971.

HERDAN, G. *The Advanced Theory of Language as Chance and Choice*. New York: Springer, 1966.

HERINGER, J. Idioms and Lexicalization in English, *Syntax and Semantics*. SHIBATANI, M. (Ed.). v. 6, New York: Stanford & London, Academic Press, p. 205-216, 1976.

HERSCHBERG-PIERROT, A. Problématique du cliché. Sur Flaubert. *Poétique*, v. 43, p. 334-345, 1980.

HEYLEN, D.L. *et al.* Collocations and the Lexicalisation of Semantic Operations. EUROTRA. Utrecht, 1991.

HOCKETT, C.F. Idiom Formation. *For Roman Jakobson*. Halle, M. *et al.* (Eds.). The Hague. Mouton, p. 222-229, 1956.

HOLM, J. A Semicrioulização do Português Vernáculo do Brasil: Evidência de Contato nas Expressões Idiomáticas. *Papia. Revista de Crioulos de Base Ibérica*, v. 3, n. 2, Thesaurus Editora: Universidade de Brasília, 1994.

HORNE, Ch. La métaphore quelques définitions contemporaines, Halifax, *ALFA*, v. 5, p. 179-180, 1992.

HUBER, H. Dites-le avec des fleurs ! À propos des euphémismes de la langue courante. *Praxis des neusprachlichen Unterrichts*, v. 32, n. 3, p. 260-265, 1985.

_____. Les Métaphores du haut en bas de l'échelle sociale et professionnelle, *Moderne Sprachen Organ der Verbandes des Österreichischen Neuphilologen für Moderne Sprachen, Literatur, und Pädagogik*, Vienne, v. 29, n. 3/4, p. 33-43, 1985.

HUDSON, J. *Perspectives on fixedness: applied and theoretical*. Lund Studies in English, v. 94. Lund: Lund University Press, 1998.

HUGUET, E. *Le langage figuré au seizième siècle*. Paris: Hachette, 1933.

HULTENBERG, H. *Le renforcement du sens des adjectifs et des adverbes dans les langues romanes*. Upsala, Thèse, 1903.

HUMBERT, J. *Le français idiomatique*. Neuchâtel, 1954.

HUMBLEY, J. Exploitation d'un vocabulaire combinatoire syntaxe, phraséologie, analyse conceptuelle, *Terminologies nouvelles*, n. 10, p. 95-102, 1993.

HUNDT, Christiane. Construções de verbo + substantivo. Estrutura, semântica e posição dentro da fraseologia. Verbo e estruturas frásicas. *Revista da Faculdade de Línguas e Literatura Anexo VI*, p. 267-275. Porto, 1994.

IBRAHIM, A.H. Constructions figées et constructions à supports, *Le figement lexical*. 1ères Rencontres Linguistiques Méditerranéennes, p. 373-386. 1998.

ILG, G. Expressions. *Meta*, 30-1, p. 65-67, 1985.

IRIARTE, Sanromán, Á. *A Unidade Lexicográfica. Palavras, colocações, frasemas, pragmatemas*. Tese (Doutorado). Braga: Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho, 2001.

IRUJO, S. Don't Put Your Leg in your Mouth Transfer in the Acquisition of Idioms in a Second Language, *TESOL Quarterly*, Cedar Falls, v. 20, n. 2, p. 287-304, 1986.

ISATCHENKO, A. V. Morphologie, syntaxe et phraséologie. *Cahiers de Ferdinand de Saussure*, v. 7, p. 17-32, 1948.

ISSAC, F. Place des ressources lexicales dans l'étiquetage morpho-syntaxique. *L'Information Grammaticale*, (à paraître). 2009.

JEAY, M. Les Évangiles des quenouilles de la croyance populaire à la locution. *La locution. Actes du Colloque International*, Université McGill, Montréal: 15-16 octobre 1984, *Le moyen français*, v. 14-15, p. 282-301, 1985.

JOCHNOWITZ, G. Acceptable but Not Grammatical. *Maledicta The International Journal of Verbal Aggression*, Waukesha, Wi, v. 9, p. 71-74, 1986.

JOHNSON, M. Philosophical Implications of Cognitive Semantics. *Cognitive Linguistics*, v. 3, n. 4, Mouton de Gruyter, p. 345-366, 1992.

_____. *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Reason and Imagination*. Chicago, London: 1987.

JOLY, H. De francophonie. *Banque des Mots*, v. 36, p. 123-128, 1988.

JORGE, G. *Les expressions idiomatiques correspondantes analyse comparative*. In: BESSÉ, B. de (Édit.). 1993.

_____. *Dar à língua. Da comunicação às expressões idiomáticas*. Cosmos: Lisboa, 1997.

_____. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. *Polifonia*, Lisboa: Edições Colibri, n. 4, p. 215-222, 2001.

_____. *As expressões idiomáticas. Da língua materna à língua estrangeira. Uma Análise comparativa*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1991.

_____. Os determinantes: o caso específico das expressões idiomáticas. ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA. *Anais...*, 1997.

_____. Periplo pola fraseoloxía portuguesa: abordaxe lexicográfica. *Cadernos de Fraseoloxia Galega*, v. 7, p. 119-133, 2005

_____. Une lecture interdisciplinaire: la phraséologie. In: ENCONTRO SOBRE O ENSINO DAS LÍNGUAS VIVAS NA UNIVERSIDADE, 2, *Actas*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1991.

KATZ, J. & FODOR, J. Whats wrong with the philosophy of language? *Inquiry*, n.5, p. 197-237, 1962.

_____. Compositionality, Idiomaticity and Lexical Substitution. In: ANDERSON, S.R. & KIPARSKY, P. (Eds.). *A Festschrift for Morris Halle*. New York-Holt: Rinehart and Winston, 1973. p. 357-376.

_____. & POSTAL, P.M. Semantic interpretation of idioms and sentences containing them. *Quarterly Progress Report*, n. 70, p. 275-82. 1963.

KAYSER, D. La représentation des connaissances. *Courrier du CNRS*, n. 80, 1993 .

KJAER, A. L. Phraseology Research. State of the Art. *Terminology Science and Research, IITF*, 1-1/2, p. 3-20, 1990.

_____. Context-conditioned word combinations in legal language. *Terminology science and research*, 1-1/2, p. 21-32, 1990.

KLARE, J. Le statut des phraséolexèmes dans le cadre d'une lexicologie et d'une lexicographie moderne, *Actes du Congrès International de Linguistique et Philologie Romane*, 1986 à Trèves, Tübingen, Niemeyer, v. 4, p. 178-186, 1989.

KLEIBER G. Dénomination et relations dénominales, *Langages*, v. 76, Larousse, Paris, p. 77-94. 1984.

_____. *Sur la définition des noms propres: une dizaine d'années après*. NOAILLY M. (Éd.). Paris: Klincksieck, p. 11-36. 1995.

_____. Anaphore associative et inférences, *Lexique et inférence(s)*. TYVAERT J.E. (Éd.). Paris: Klincksieck, p. 175-201. 1992.

_____. *Problèmes de sémantique. La polysémie en questions*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 1999.

_____. Quand il n'a pas d'antécédent. *Langages*, v. 25, n. 97, p. 24-50. 1990.

_____. Remarques sur la dénomination. *Cahiers de praxématique* 36, Montpellier 3, p. 21-41. 2001.

_____. Sur la définition des proverbes, *Phraséologie contrastive*, GRECIANO G. (Éd.). *Recherches Germaniques* 2, Strasbourg: Université des Sciences Humaines, p. 233-253. 1989.

_____. Sur le sens des proverbes, *Langages*, v. 139, p. 39-58. 2000.

_____. Le problème des phrases habituelles une alternative aux approches quantificationnelles, la solution ontologique de G.N. Carlson, *Studia romanica posnaniensia*, v. 12, p. 11-26, 1986.

KLEIN, J.R. & LAMIROY B. Relations systématiques entre expressions verbales figées à travers quatre variétés de français. *La phraséologie dans tous ses états*, BOLLY C., KLEIN J.R. & LAMIROY B. (Orgs.), Louvain-la-neuve, CILL31-24: p. 77-92. 2005.

_____. Le figement, un concept aussi essentiel que fluent. Réflexions à travers la synchronie et la diatopie. Haeki Buhofer A. & Burger H. (Orgs). *Phraseology in Motion II. Theorie und Anwendung*, Actes du Colloque Europhras, Bâle, août 2004, Hohengren, Schneider Verlag, p. 75-84. 2007.

KRIPKE S. *La logique des noms propres*. Paris: Minuit, (Édition anglaise, 1972). 1982.

L'HOMME, M. C. De la finalité conceptuelle au fonctionnement linguistique, *L'Actualité terminologique*, v. 25, n. 1, p. 21-22, 1992.

LABELLE, J. Le prÉdicat nominal avec suport **avoir**. Contribution à l'étude de la phrase simple . *Lexique-grammaire des langues romanes. Actes du premier colloque européen sur la grammaire et le lexique comparés des langues romanes*, Palerme, 1981, Guillet, A. & La Fauci, N. (Édit.). *Linguisticae Investigationes Supplementa*, v. 9, Amsterdam-Philadelphia, p. 165-198, 1984.

_____. Sur les expressions figées à un complément. *Linguistica Communicatio*, 1-2, Fès, Maroc, Université de Fès, 1993.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Les métaphores dans la vie quotidienne*. Paris: Minuit, 254 p., 1985.

_____. *Metaphors We Live By*. Chicago, London: 1980.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chigago/Londres: The University Press. p. 91 -114, 1987.

LAMIROY B. & KLEIN J.R. Le vrai problème du figement est le semi-figement. *Linx*, v. 53, p. 135-154. 2005.

LAMIROY, B. Les expressions figées: à la recherche d'une définition, in *Les séquences figées: entre langue et discours*, In: BLUMENTHAL P. & MEJRI S. (Éds.). *Zeitschrift für Französische Sprache und Literatur*, Beihefte, Stuttgart, F. Steiner. Cahier n.36, p. 85-98. 2008.

_____. Les notions linguistiques de figement et de contrainte. *Linguisticae Investigationes*, v. 26, n. 1, p. 1-14. 2003.

LANGER, S. A linguistic test battery for support verb constructions, *Linguisticae Investigationes*, tome XXVII, fascicule2, p. 171-184. 2004.

LAPA, M. R. *Estilística da Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LASCANO, M. *Quand les grenouilles auront des poils*. Paris: Ellipses, 1996.

LAURENT, M. *Le prêt-à-parler essai et lexiques*. Saint-Laure, 1978.

LAURIAN. J. M. Über die grüne Grenze ou la longue marche des lexies colorées. *Contrastes*, v. 7, p. 79-95, 1983.

LAZERSON, B. H. Patterned Words and Phrases, *Verbatim The Language Quarterly*, 12-3, Essex, p. 4-6, 1986.

LE BIDOIS, R. À propos des mots-tandem, *Vie et Langage*, v. 33, p. 554-559, 1954.

LE GUERN, M. *Sémantique de la métaphore et de la métonymie*, Paris: Larousse, 1973.

LE PESANT, D. MATHIEU-COLAS, M. Introduction aux classes d'objets. *Langages*, n. 131, Paris, Larousse, p. 6-33. 1998.

LEAL, Maria Auxiliadora da Fonseca & MENDES, Soélis Teixeira do Prado. Jeitinho brasileiro - a expressão idiomática no português do Brasil: uma contribuição para o léxico da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*, volume único, UFMG/Belo Horizonte, 2006. p. 43-57.

_____. O uso da expressão idiomática no português do Brasil: alternativas para o professor. Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2000. (*Coleção Lições de Minas*).

LECOLLE, M. Changement dans le lexique – changement du lexique: lexicalisation, figement, catachrèse. *Cahiers de praxématique* 46, Praxiling, Université Paul-Valéry, Montpellier 3, p. 23-41. 2006.

LEHRER, A. Polysemy, Conventionality, and the Structure of the Lexicon. *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 207-246, 1990.

_____. Structures of the Lexicon and Transfer of the Meaning. *Lingua*, v. 45, n. 2, p. 95-123, 1978.

LEIVA, Myriam Jeanette Serey. *Lexicologia e lexicografia: a questão das expressões idiomáticas em espanhol - variante chilena*. Tese (Doutorado) USP/ São Paulo, 2000.

LENGERT, J. Phraseologie, *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (LRL). In: HOLTUS G., METZELTIN M. & SCHMITT C. (Éds.). Tübingen, Max Niemeyer, I, p. 802-853. 2001.

LEVI, J.N. *The Syntax and Semantics of Complex Nominals*. New York: Academic Press, 1978.

LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations. A Preliminary Investigation*. The University of Chicago Press, 1993.

LEWICKI, R. Phrasematik im Übersetzungstext als Träger des Fremdkonnotation. In: BESSÉ, B. de (Édit.), *Terminologie e Traduction*, v. 1, n. 213, Luxemburg, 1993.

LIEB, H. H. The General Valency Hypothesis. *Actes du XV^e Congrès International des Linguistes*, Québec, 1992.

LIEBERT, W. A. Lascaux – A Hypermedia Lexicon of Metaphor Models for Scientific Imagination. In: MARTIN, W. *et al.* (Éds.). p. 494-500, 1994.

LIMA, Paula Lenz Costa. *Usando a cabeça: um estudo da representação do substantivo CABEÇA no sistema conceitual das línguas inglesa e portuguesa, através de expressões metafóricas convencionais*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 1995.

LIPKA, L. Grammatical Categories, Lexical Items and Word-Formation. *Foundations of Language*, v. 7, n. 2, p. 211-238, 1971.

LIPSHITZ, E. La nature sémanto-structurelle des phraséologismes analytiques verbaux. *Cahiers de lexicologie*, v. 38, n. 1, p. 35-44, 1981.

LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. *Elementos Constitutivos dos Idiomatismos no Português do Brasil*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.

_____. *O idiomatismo como lugar de reflexão sobre o funcionamento da língua*. Tese (Doutorado).Unicamp, Campinas, 2007.

LOEWENBERG, I. Identifying metaphors, *foundations of language*, v. 12, 1975. p. 315-338.

LÖFFLER-LAURIAN, A. M. *et al.* Pour une étude contrastive des lexies complexes cas particulier des lexies à chiffres en français, portugais et finnois. *Cahiers de lexicologie*, v. 34, n. 1, p. 61-86, 1979.

_____. L'analyse contrastive des lexies complexes questions liées aux expressions dites idiomatiques – cas des lexies avec **piéd** et **main**, *Contrastes*, v. 4, n. 5, p. 119-138, 1982.

LONGHI, J. De intermittent du spectacle à intermittent: de la représentation à la nomination d'un objet du discours. *Corela*, v. 4, n. 2, revue en ligne. 2006.

LÜDI, G. Aspects énonciatifs et fonctionnels de la néologie lexicale. In: KLEIBER, G. (Édit.). *Recherches en pragmasémantique*. Paris: Metz, 1984. p. 165-183.

_____. Métaphore et travail lexical. *Trenel – Travaux Neuchâtelois de Linguistique*. Institut de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, n. 17, p. 17-50, 1991.

LUQUE-NAPAL, Lucia. *Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales*. Granada: Educatori, 2010, p. 245.

LURATI, O. La locution entre métaphore et histoire. *La locution. Actes du Colloque International*, Montréal. Université McGill, 15-16 octobre 1984, *Le Moyen Français*, v. 14, n. 15, p. 82-102, 1985.

MAÇÃS, Delmira. As relações entre o corpo e o carácter na língua popular portuguesa. *Boletim de Filologia*, T. IX, 1948. p. 229-250.

_____. *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1951.

MACKIN, R. On Collocations Words shall be known by the company they keep, STREVEN, P. (Ed.). *Honour of A.S. Hornby*. Oxford University Press., 1978. p. 149-165.

MAGAY, T. & ZIGANY, J. *Budalex '88 Proceedings*. In: CONGRÈS INTERNATIONAL EURALEX. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1990. p. 577.

MAKKAI, A. Idiom Structure in English. *The Hague*, Mouton, 1972. p. 371,

_____. Idiomaticity and Phraseology in Post-Chomskian Linguistics The Coming-of-Age of Semantics beyond the Sentence. *Semiotica*, v. 64, n. 1/2, p. 171-187, 1987.

_____. Idiomaticity as a language universal. *Universals of Human Language*, v. 3, p. 401-448, 1978.

_____. The Metaphorical Origins of Idiomaticity. *Four Essays on the Metaphors*. *Georgetown Working Papers in Linguistics*, DI PIETRO (Ed). v. 11, p. 10-59, 1975.

MALIS, L. Paradigme de la valence verbale et réalisations nominales et pronominales. *International Journal of Lexicography*, v. 7, n. 2, p. 142-157, 1994.

MALKIEL, Y. Studies in irreversible binominals. *Lingua*, v. 8, p. 113-160, 1959.

MAN, O. Ustalena spojeni a frazeologicke jednotky Groupes figés et unités phraséologiques. *Lexikografický sborník*. Bratislava, 1953. p. 101-110.

MANNING, C. & SCHÜTZE, H. *Foundations of Statistical Natural Language Processing*. Cambridge: MIT, 2000.

MARÇALO, Maria João. Metáfora y fraseología en portugués: cuando la lengua se pretende intraducible. In: LUQUEDURAN y PAMIES BERTRAN (Orgs.). *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*, Collectae, Método Ediciones: Granada, 2006.

MAROUZEAU, J. Le mot et la formule. *Aspects du français*. Paris: Masson et Cie, p. 181-197, 1950.

_____. Composés à l'état naissant, *Mélanges de linguistique offerts à Albert Dauzat*. Paris: Éditions d'Artrey, 1951. p. 201-207.

MARTIN, R. Sur les facteurs du figement lexical, *La locution entre langue et usages*. In: MARTINS-BALTAR, M. (Éd.). *Fontenay aux roses*: ENS Éditions, 1997. p. 291-305.

_____. *Inférence, antonymie et paraphrase. Éléments pour une théorie sémantique*. Paris: Klincksieck, 1976. p. 176.

MARTIN, W. et al. *EURALEX '94 Proceedings*. Amsterdam, 1994. 628 p.

_____. Knowledge-Representation Schemata and Dictionary Definitions. *Perspectives on English Studies in Honor of Professor Emma Vorlat*, 1994.

MARTINS-BALTAR, M. *La locution en discours*, Les cahiers du français contemporain, n. 2, Credif, Didier, 1995.

_____. *La locution entre langue et usages*. Paris: ENS Éditions. Fontenay-St Cloud, v. 3, 1997.

MASSOUSSI, T. La métonymie et la double structuration des séquences figées: le cas des locutions verbales. In: MOGORRÓN HUERTA P. & MEJRI S. (Éds.). *Las construcciones verbo-nominales libres y fijas. Aproximación contrastiva y traductológica*. Université d'Alicante, 2008. p. 165-181.

MATHIEU-COLAS M. Ruptures paradigmatiques et idiomatité, *Les séquences figées: entre langue et discours*. In: BLUMENTHAL P. & MEJRI S. (Éds.). *Zeitschrift für Französische Sprache und Literatur*, Cahier n.36, février 2008, ENS rue d'Ulm. 2008.

_____. *Les mots français à trait d'union*. Paris: Didier Erudition, 1994.

_____. Typologie de la composition nominale. *Cahiers de lexicologie*, n. 69, Didier, Paris, p. 66-118. 1996.

MATORE, G. *L'Espace humain*. Paris: Éditions du Vieux Colombier, 1962.

MATOS, Gaspar. Assim como cada qual é, assim ensina - provérbios em bibliotecas públicas para adolescentes e jovens adultos. PROCEEDINGS 1º COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR SOBRE PROVÉRBIOS, Tavira - Algarve - Portugal. Disponível em: [http://eprints.rclis.org/archive/00012010/\(2007\)](http://eprints.rclis.org/archive/00012010/(2007)).

McARTHUR, T. The Long-Neglected Phrasal Verb. *English Today The International Review of the English Language*, v. 5, n. 218, Cambridge, England: p. 38-44, Apr. 1989.

McNEILL, D. The origin of associations within the same grammatical class. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 2, p. 250-262, 1963.

MEJRI S. Structuration sémantique et variation des séquences figées. *Le Figement lexical*, Actes de la 1^{ère} Rencontre Linguistique MÉditerranéenne, Tunis, (17-19 septembre 1998), Tunis CERES, 1998. p. 103-112.

_____. & OUERHANI, B. *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. traduction du livre de Gaston Gross, (en arabe), 2009.

_____. Binarisme, dualité et séquences figées. Mélanges. In: ROBERT M., Duculot. *Les formes du sens*, 1997. p. 249-256.

_____. Constructions à verbes supports, collocations et locutions verbales. In: MOGORRÓN HUERTA P. & MEJRI S. (Org.). *Las construcciones verbo-nominales libres y fijas. Aproximación contrastiva y traductológica*. Université d'Alicante, 2008. p. 191-202.

_____. Equivalence monolexicale des séquences figées, *Les classes de prÉdicats*, Colloque franco-coréen, 7 novembre 2006, Université Paris XIII, Villetaneuse, 2006.

_____. GROSS, G. CLAS, A. & BACCOUCHE T. (Org.). *Le figement lexical. Actes de la 1^{ère} Rencontre Linguistique Méditerranéenne*, CERES. Tunis, 1998.

_____. La mémoire des séquences figées: une troisième articulation ou la réhabilitation du culturel dans le linguistique?, *La mémoire des mots*. In: CLAS, A., MEJRI, S. & BACCOUCHE, T. (Orgs.). *Actes des cinquièmes journées scientifiques du réseau LTT (AUPELF-UREF)*. Tunis: SERVICED/AUPELF UREF, p. 3-11. 1998.

_____. Défigement et jeux de mots. *Etudes linguistiques*, v.3, Tunis, 1997, p. 75-92. 1997.

_____. Du figement lexical: continuité référentielle et saillance linguistique. *Scolia*, p. 169-179. 1998.

_____. La conceptualisation dans les séquences figées. *L'information grammaticale* (spécial Tunisie), 1998c. p. 41-48.

_____. Le figement et la linéarité du signe linguistique. *L'information grammaticale* (spécial Tunisie). 1998d. p. 17-21.

_____. *Polysémie et polylexicalité Syntaxe et sémantique*, n. 5, Caen, Presses de Université de Caen, 2003.

_____. Séquences figés et expression de l'intensité. Essai de description sémantique, *Clex*, 65, p. 111-122. 1994.

_____. Unité polylexicale et polylexicalité. *Linx* 40, p. 79-93. 1999.

_____. Le figement lexical: nouvelles tendances, *Cahiers de lexicologie* 80, p. 213-223. 2002.

_____. Polylexicalité, monolexicalité et double articulation: la problématique du mot, *Cahiers de lexicologie*, 89, p. 209-221. 2006b.

_____. (Éd.). Le figement lexical. *Cahiers de lexicologie*, v. 82, n. 1. 2003.

_____. *Le figement lexical*. [s.l.]: Tunis, Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

_____. Les séquences figées adjectivales. L'adjectif en français et à travers les langues. In: FRANÇOIS, J. (Org.). *Bibliothèque de Syntaxe & Sémantique*. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2004. p. 403-412.

_____. Figement et formation d'outils syntaxiques. *Travaux linguistiques du Cerlico*, v. 14, p. 203-214, 2001.

_____. Séquences figées et blocages syntaxiques. KLEIBER, G. & LE QUERLER, N. (Org.). *Traits d'union*. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2002. p. 151-164.

_____. Syntaxe et figement. *Bulag*, Mélanges offerts à GROSS G. (numéro hors série), 2000. p. 333-342.

MEL'ČUK, I. & al. *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain: Recherches lexico-sémantiques I-IV*, Montréal: Presses de l'Université de Montréal. 1984-1999.

_____. & POLGUÈRE, A. *Lexique actif du français. L'apprentis-sage du vocabulaire fondé sur 20 000 dérivations sémantiques et collocations du français*. Bruxelles: De Boeck, 2007.

_____. & WANNER, L. *Toward an Efficient Representation of Restricted Lexical Cooccurrence*. In: MARTIN, W. et al. (Eds.). p. 325-228, 1994.

_____. Parties du discours et locutions. *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*, v. 101, n. 1, p. 29-65. 2006.

_____. "Verbes supports sans peine." *Lingvisticae Investigationes*, v. 27, n. 2, p. 203-217. 2004.

_____. Lexical Functions, *Phraseology*. In: H. BURGER, D. DOBROVOL'SKIJ, P. KÜHN & N. NORRICK (Org.). *An International Handbook of Contemporary Research*, Berlin – New York: W. de Gruyter, 2007. p. 119-131.

_____. Lexical Functions: A Tool for the Description of Lexical Relations in the Lexicon WANNER L. (Org.). *Lexical Functions in Lexicography and Natural Language Processing*. Benjamins, Amsterdam/Philadelphia, p. 37-102. 1996.

_____. Phrasemes in Languages and Phraseology in Linguistics *Idioms: Structural and Psychological Perspectives*, EVERAERT M. & VAN DER LINDEN E. J. Erlbaum, Hillsdale. 1995.

MILNER, G.B. De l'armature des locutions proverbiales. Essai de taxonomie sémantique. *L'Homme*, v. 9, n. 3, p. 49-70, 1969.

MILO, D. Le nom des rues. *Les lieux de mémoire*. In: T. II, NORA, P. (Éd.). Paris: Gallimard. 1986.

MISRI, G. Aproches du figement linguistique critères et tendances. *Linguistique La*, v. 23, n. 2, p. 71-85, 1987.

MOESCHLER, J. Idiomes et locutions verbales. In: BESSÉ, B. de (Édit.). p. 135-148, 1993.

MOHI, M. Combinaisons appropriées des constructions complétives. *Langages*, v. 115, p. 47-63. 1994.

MOIGNET, G. L'adverbe dans la locution verbale, *Études de psycho-systématique française*. Bibliothèque Française et Romane. Paris: Klincksieck, p. 137-159, 1974. Série A, *Manuels et études linguistiques*, v. 28

MOLHO, M., BLANCHE-BENVENISTE, C., CHERVEL, A. et al. L'Hypothèse du formant sur la constitution du signifiant Esp. un/no, *Grammaire et histoire de la grammaire*. Aix-en-Provence, Université de Provence, 1988. 494 p.

MOLINO, J., SOUBLIN, F. & TAMINE, J. Problèmes de la métaphore, *Langages*, Didier, Larousse, v. 54, p. 5-40, 1979.

_____. Métaphores, modèles et analogies dans les sciences, *Langages*, v. 54, p. 83-102, 1979.

_____. *Estruturação da memória semântica: os desafios do letramento e da escolarização*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma, Gastronomismos linguísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Brasília: Pontes Editores, 2011, p. 249-275.

_____. Produtividade fraseológica: do cognitivo ao cultural – uma análise linguística de título de telenovelas. In: SILVA, Suzete (Org.). *Fraseologia & Cia- entabulando diálogos interdisciplinares*. Londrina: Editora da Universidade de Londrina, 2012.

MONTORO DEL ARCO, E.T. Hacia una sistematización de la variabilidad fraseológica. Pastor Milán Á. (Org.). *Estudios lingüísticos en recuerdo del profesor Juan Martínez Marín*. Granada: Universidad de Granada, p. 125-152. 2005.

_____. La fraseología en la tradición gramatical española, *SEHL 2001*. ESPARZA TORRES M.A, FERNÁNDEZ SALGADO B. & NIEDEREHE H. J. (Org.). *Estudios de Historiografía Lingüística*. Hamburg, Helmut Buske, II, p. 925-942, 2002.

_____. *Teoría fraseológica de las locuciones particulares*, Frankfurt: Peter Lang, 2006.

MORAES, Helmara Febeliana Real de. *O tradutor pode estar redondamente enganado: um estudo constrastivo de colocações adverbiais (inglês-português) sob o enfoque da linguística de corpus*. Dissertação (Mestrado). FFLCH/USP, 2005.

MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

MOREAU, M. L. Les séquences préformées entre les combinaisons libres et les idiomatiques. Le cas de la négation avec ou sans ne. *Le français moderne*, v. 54, n. 3/4, p. 137-160, 1986.

MORIN, Y. C. A Remark About Lexicalization of Syntactic Expressions. *Recherches Linguistiques*, Montréal, v. 4, p. 173, 1975.

MORTUREUX, M. F. Figement lexical et lexicalisation, *Cahiers de Lexicologie*, v. 82, p. 11-21, 2003.

MOSKAL'SKAJA, O.J. Fixed Word Combinations of Serial Formations as Objects of Grammar. *Linguistics*, v. 143, p. 49-59, 1975.

MURILLO MELERO, M. & DÍAZ FERRERO, Ana Maria. La traducción de las expresiones idiomáticas en portugués y español. Análisis comparativo de algunas expresiones idiomáticas relacionadas con el vestuario en Charlo Brea (Ed.). 1994. p. 227-243.

NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NEDOBITY, W. Simple phrase structure grammars and their application in terminology. *Terminology science and research*, IITF v. 1, n. 1/2, p. 59-63, 1990.

NOGUEIRA, L.C.R. *A presença de expressões idiomáticas no ensino de espanhol/língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

NOLKE, H. Petite étude diachronique de *or*. De la déixis temporelle à la déixis textuelle. In: NOLKE H. & *et al.* (Eds.). *Grammatica. Festschrift in honour of Michael Herslund*, [s.l: s.n.], Lang, 2006. p. 393-404.

NORMAND, C. *Métaphore et concept*. Paris: PUF, 1976.

NUNBERG, G. SAGI, I.A. WASOW, T. Idioms. *Language* v. 70, n. 3, p. 491-538. 1994.

OLIMPIO de OLIVEIRA SILVA, Maria Eugênia. *Fraseografía teórica y práctica. Bases para un diccionario de locuciones verbales español-portugués*. Tese (Doutorado). Universidad de Alcalá, UAH, Espanha, 2004.

OLIVEIRA, M.B. *Logic and cognitive science: Frege's anti-mentalism*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados (USP), 1991b. (Coleção Documentos).

_____. Conceitos e estrutura mental. *Transformação*, v. 14, p. 73 -91, 1991a.

OPITZ, K. Linguistics between Artificiality and Art Walking the Tightrope of LSP Research, *Bulletin CILA*, v. 37, p. 8-20, 1983.

ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa. A denominação fraseológica no humor e na política. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 13, p. 131-141, 2005.

_____. Ensino de línguas próximas, isso são outros quinhentos: a questão das expressões idiomáticas nas aulas de ELE. PARQUETT, André Trouche. (Org.). *Formas & Linguagens: tecendo o hispanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Waldyr Lima Editora Ltda, 2004.

_____. Expressões idiomáticas sinônimas. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 12, p. 11-20, 2003.

_____. O papel das metáforas nas expressões idiomáticas. *Revista Horizontes de Lingüística Aplicada*. Brasília, v. 4, p. 19-36, 2004.

_____. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos do seu ensino em PLE. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti & SANTOS, Percília (Org.). *Tópicos em Português língua estrangeira*. p. 157-172. Brasília: Editora UnB, 2002.

PAGLIARO, Marília Gabriela Moreira. *Dicionário multilíngüe de cores: expressões idiomáticas*. Dissertação (Mestrado). São José do Rio Preto: UNESP, 2009.

PALM, L. *On va à la Mouff'* Etude sur la syntaxe des noms de rues en français contemporain. *Acta Universitatis Upsaliensis, Studia Romanica Upsaliensia*, 45, Uppsala, 1989.

PALMA, S. La scalarité dans les expressions figées: le cas des locutions à polarité, ANSCOMBRE J. C. (Éd). *Théorie des topoï*. Paris: Kimé, 1995. p. 145-176.

_____. Les locutions à polarité négative: une approche prototypique, *Langages*, n. 162, p. 61-72, 2006.

PAMIES, A. Comparaison inter-linguistique et comparaison interculturelle. In: QUITOUT, Michel. (Org.). *Traduction, proverbes & traductologie*. Paris: Éditions L'Harmattan, 2008. p. 143-156.

_____. De la idiomatidad y sus paradojas. In: GERMÁN Conde (Org.): *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées*. Cortil-Wodon (Belgique): InterCommunications & E.M.E. p. 173-204, 2007. (Collection *Proximités – Didactique*).

PAN, B.A. & GLEASON, Berko J. Semantic development: Learning the meanings of words. In: GLEASON, J. Berko (Org.). *The development of language*. Needham Heights, MA, Allyn & Bacon/Pearson Education, 2001. Chapter 4.

PASTORE, Paula C. F. & XATARA, Cláudia Maria . Os Anímaís nos Idiomatismos: Interface Inglês-Português. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, p. 71-82, 2005.

_____. *As expressões idiomáticas nos estudos fraseológicos e sua tradução em dicionários e outros textos*. Revista UNIRP, São José do Rio Preto, v. 3, p. 165-175. 2004.

PAUL, Herman. *Prinzipen der Sprachgeschichte*. Tübingen: Max Niemeyer, 1966 [1880].

PAWLEY, A. On speech formulas and linguistic competence. *Lenguas Modernas*, CHL, n. 12, p. 84-104, 1985.

PEDRO, Magali de Lourdes. *As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2007.

PENALVER VICEA, M. L'idiomaticité: une source incontournable du défigement. L'espace euro-méditerranéen: une idiomaticité partagée. In: MEJRI, S. (Éd.). *Actes du colloque international* (tome 2) (Hammamet 19, 20 & 21 septembre 2003). Cahiers du CERES, Série Linguistique. 12. Tunis: CERES, p. 281-291. 2004.

PERIGO, Gisele Marçon Bastos. *A compreensão de expressões idiomáticas no inglês cotidiano*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

PERMJAKOV, G.L. *et al.* On Paremiological Homonymy and Synonymy. *Kodikas/Code/Ars semeiotica*, D-7400, Tübingen, v. 7, n. 3/4, p. 269-271, 1984.

PERRIN, L. Figures et dénominations. *Semen*, 15, p. 141-154. 2002.

_____. Idiotismes, proverbes et stéréotypes. 2008. (à par.).

_____. Remarques sur la dimension générique et sur la dimension dénomminative des proverbes. *Langages* v. 139, p. 69-80. 2000.

PERRIN-NAFFAKH, A.M. *Le cliché de style en français moderne nature linguistique et rhétorique, fonction littéraire*, Lille, 1985.

PETIT Gerard. Remarques sur la structuration sémiotique des locutions familières, *Le figement lexical*, MEJRI S., GROSS G., CLASS A. & BACCOUCHE T. (Éds). Tunis: CERES, 1998. p. 145-163.

_____. La polysémie des séquences polylexicales, *Syntaxe et sémantique 5. Polysémie et polylexicalité*, Presses universitaires de Caen, p. 91-114. 2003.

_____. Lemmatisation et figement lexical: les locutions de type SV. *Cahiers de Lexicologie*, 82, p. 127-158. 2003.

PIACENTINI, J.A. La création des synthèmes publicitaires et leur intégration dans le langage courant. *La Linguistique*, v.17, n. 1, p. 49-76, 1981.

PIAGET, Jean. (1991[1964]). *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

_____. *A linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes, (1993).

PINEIRA-TRESMONTANT, C. Rigidités discursives et flou sémantique. La notion de **Lexie**, *Mots*, n. 17, p. 145-169, 1988.

PLOT, M. Conjonctions de subordination et figement. *Langages*, v. 90, p. 39-56, 1988.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologie et sémantique lexicale. Notions fondamentales*. Montréal. 2008. (collection Paramètres, Les Presses de l'Université de Montréal).

POLINSKY, M. Beyond the NP the Sentence as Media of Reference. *Actes du XV^e Congrès International des Linguistes*, Québec, 1992.

POTTIER, B. *Linguistique générale théorie et description*, Série B. *Problèmes et méthodes*, v. 3, Paris, Klincksieck, 338 p., 1974. (Coll. Initiation à la Linguistique).

_____. *Systématique des éléments de relation*. Paris: Klincksieck, 1962.

_____. Vers une sémantique moderne. *Travaux de linguistique et de littérature*. publié par le Centre de Philologie et de Littératures Romanes de l'Université de Strasbourg, v. 2, n. 1, p. 107-137, 1964.

_____. *Lingüística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença/UFRJ, 1978.

PRANDI, M. Les motivations conceptuelles du figement. MEJRI S., GROSS G., CLAS A. & BACCOUCHE T. (Éds.). *Le figement lexical*, Tunis: CERES, 1998. p. 87-101.

PUSTEJOVSKY, J. *Semantics and the Lexicon*. Kluwer: Dordrecht, 1993.

_____. Type Coercion and Lexical Selection. *Semantics and the Lexicon*: Kluwer, Dordrecht, 1993. p. 73-94.

RANCHHOD, Maria Elisabete. *O lugar das expressões fixas na gramática do português*. Projeto ENLEX. (Enhancement of large-scale Lexicons, inédito).

_____. Zé saiu da sala de orelha murcha frase simples ou complexa. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA 2, *Actas...*, 1986.

RAPOSO, Karine C. *Estudo das expressões idiomáticas do português do Brasil: uma proposta de sistematização*. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

RASTIER, F. Défigements sémantiques en contexte. In: MARTINS-BALTAR, M. (Éd). *La locution entre langue et usages*. Paris: ENS Éditions. Fontenay-St Cloud, 1997. p. 307-332.

_____. *Sémantique interprétative*. Paris: PUF, 1987. p. 277.

RAT, M. Déformations populaires des mots et locutions. *Vie et Langage*, v. 59, p. 89-93, 1957.

REBOUL, O. Le slogan et les fonctions du langage. *Le français dans le monde*, v. 143, p. 21-26, 1979.

REY, Alain. BUDALEX Presidential Debate 1988. *International Journal of Lexicography*. Oxford University Press, v. 5, n. 4, 1992.

_____. Les limites du lexique. *Le lexique images et modèles*. Paris: A. Colin, 1977.

_____. Structure sémantique des locutions françaises, *Actes du XIII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Québec, PUL, v. I, p. 831-842, 1976.

RICHARD, G. & BÉRARD-DUGOURD, A. Le traitement des locutions dans l'analyse du langage naturel. Étude, n. 101 du Centre Scientifique IBM France, 1986.

RICCEUR, Paul. *La Métaphore Vive*. Paris: Seuil, 1975, p. 414.

RIFFATERRE, M. Fonctions du cliché dans la prose littéraire, *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises*, v. 16, p. 81-95, 1964.

RIGOLOT, F. Perspectives théoriques et sémiotiques sur la locution Locutio / Locatio. *Le Moyen Français*, Montréal, v. 14, n. 15, p. 400-418, 1985.

RIOS, Tatiana H. C. ; XATARA, Cláudia Maria. O estudo contrastivo dos idiomatismos: aspectos teóricos. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro, v. 7, p. 54-80, 2007.

RIVA, Huélington Cassiano. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas da língua portuguesa do Brasil*. Dissertação (Mestrado) UNESP/ São José do Rio Preto/ SP, 2006.

ROCHA, A. *É canja! Mille et une expressions et façons de dire pour apprendre le portugais*. Paris: Ellipses, 2008.

RODEGEM, F. Un problème de terminologie les locutions sentencieuses. *Cahiers de l'Institut de Linguistique Louvain*, v. 1 n. 5, p. 677-703, 1972.

ROHRER, Ch. Definition of locutions verbales. *The French Review*, v. 41, n. 3, p. 357-367, 1967.

RONCOLATTO, Eliane. *La noción de idiomaticidad*. Londrina: Boletim do Centro de Ciências Humanas/UEL, 1999.

_____. Especificidades das expressões idiomáticas: exemplo do Português e do Espanhol. *Anais do XII CELLIP*, Foz do Iguaçu, 1998.

_____. Estudio Contrastivo de las Expresiones Idiomáticas del Portugués y del Espanol. *Boletim do Centro de Ciências Humanas/UEL*, Londrina, 1998.

_____. Estudo contrastivo das expressões idiomáticas do português e do espanhol. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Assis, 1997.

_____. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia*. (Doutorado). Universidade Estadual Paulista/Assis, 2001.

ROSCH, Eleanor. Prototype classifications and logical classification: the two systems. In: SCHOLNICK, E. (Org). *New trends in conceptual representation: challenges to Piaget's theory*. Hillsdale (EUA): Erlbaum, 1983.

_____. & MERVIS, C.B. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, v. 8, p. 382-439, 1975.

_____. One the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. E. (Ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973. p. 111-144.

_____. Principles of categorization. In: ROSCH, E. e LLOYD, B. (Orgs.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978.

ROUGET, Ch. Comment rendre compte des locutions verbales?, *International Journal of Lexicography*, v. 7, n. 2, p. 177-196, 1994.

ROULET, E. Essai de classement syntaxique et sémantique des verbes potentiellement performatifs en français. *Cahiers de Linguistiques*, v. 8, p. 437-455, 1978.

ROVENTA-FRUMUSANI, D. Cognitif et expressif dans l'étude de la métaphore. *Revue Roumaine de Linguistique*, v. 34, n. 6, p. 523-529, 1989.

RUIZ GURILLO, L. *Aspectos de fraseología española*. Anejo XXIV de Cuadernos de Filología, Valencia: Universitat de Valencia. 1997.

RUMELHART David E. & ORTONY, Andrew. The Representation of the knowledge in memory. In: ANDERSON, R. C. , SPIRO, R.J.& . Montague, W.E. (Orgs.). *Schooling and the acquisition of knowledge*. [s.l:s.n.], 1977.

RUMELHART David E. Schemata: The building blocks of cognition. In: SPIRO, R. C., BRUCE, B. C. & BREWER, W. F. (Orgs.). *Theoretical Issues in Reading Comprehension: perspectives from Cognitive Psychology, Linguistics, Artificial Intelligence and Education*. Hildale, NJ: Laurence Erlbaum Associates, 1980.

RUMO a uma teoria dialética dos conceitos. In: EPISTEMOLOGIA e cognição. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. p. 25-69, 1993.

RUWET, N. Des expressions météorologiques. *Le français moderne*, v. 58, n. 1/2, p. 43-97, 1990.

_____. Du bon usage des expressions idiomatiques dans l'argumentation en syntaxe générative. *Recherches Linguistiques de Vincennes*, v. 11, p. 5-84. 1983.

SABINO, Marilei Amadeu de. *Dicionário italiano-português de falsos cognatos e cognatos enganosos: subsídios teóricos e práticos*. Tese (Doutorado), UNESP, Assis, 2002.

SABLAYROLLES, J.F. & BEN HARIZ OUENNICHE, S. Nouveaux verbes et nouveaux emplois verbaux. *Verbum*, n. 1, v. 2, 2007.

_____. Locutions néologiques, *La Locution: entre Lexique, Syntaxe et Pragmatique*. Saint-Cloud. Paris: Klincksieck, 1997. p. 321-331.

SAINÉAN, L. La création métaphorique. Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie, *Halle*, v. 1, n. 10, 1907, 1905.

SALEM, A. *Pratique des segments répétés. Essai de statistique textuelle*. Paris: Klincksieck, 1987. p. 335.

SALES, M. P. Expression compositionnelle ou locution: *ça craint* vs *ça barde* ?, *Linx*, 53, p. 217-229, 2005.

SANDMANN, M. Monter à cheval et le problème des variations d'expressions conditionnées par les contextes situationnels. *Expériences et Critiques*, Paris: Bibliothèque Française et Romane, Série A, v. 25, p. 221-248, 1973.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975 [1916].

SAUVAGEOT, A. Les mots-tandem. *Vie et Langage*, v. 34, n. 35, p. 223-226, 1955.

SCHAPIRA, C. *Les stéréotypes en français: proverbes et autres formules*. Paris: Ophrys, 1999.

SCHINDLER, W. Phraseologismen und Wortfeldtheorie, *Studien zur Wortfeldtheorie*. Tübingen. Niemeyer, 1993.

SCHMITZ, John Robert. *A Rotulação de Itens Lexicais Supostamente Giriáticos em Dicionários de Língua Portuguesa: um estudo comparativo*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/John/GIRIA.html>>

SEABRA, M. C. T. C. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

SECHEHAYE, A. Locutions et composés. *Journal de psychologie normale et pathologique*, v. 18, p. 654-675, 1921.

SILVA, José Pereira da. *A classificação das frases feitas de João Ribeiro*. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS, 3, Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 191-200.

_____. *Ensaio de fraseologia*. Rio de Janeiro: CIEFIL/Dialogarts, 1999.

SILVA, Mirelli Caroline Pinheiro. *A busca de provérbios com nomes de cores para o Dicionário Multilíngüe de Cores DMC em italiano e português*. Trabalho de Iniciação Científica. UNESP/Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010.

SILVEIRA, J. R. C. SILVEIRA, Jane Rita Caetano. Significado literal e não-literal ou menos-que-literal? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, Edipucrs, v. 39, p. 217-228, 2004.

SIMATOS, I. *Éléments pour une théorie des expressions idiomatiques identité lexicale, référence et relations argumentales*, Thèse Paris VII, 1987, Lille, Atelier National de Reproduction des Thèses, 1988.

SINCLAIR, J.M. Collocation a progress report. In: Language Topics in honour of M. HALLIDAY, Steel, R. et al. [Org.]. Amsterdam-Philadelphia, v. 2, p. 319-331, 1988.

_____. *Corpus, concordance, collocation*, Oxford: Oxford University Press, 1991.

_____. Some Implications of Discourse Analysis for ESP Methodology. *Applied Linguistics*, Minneapolis, MN, 1-3, 1980. p. 253-261.

SKORUPKA, S. Ce que l'on entend par idiomatisme. *Slavica*, Debrecen Hongrie, v. 6, p. 163-166, 1966.

SLOBIN, D. Learning to think for speaking native language, cognition and rhetorical style. *Pragmatics*, v. 1, p. 7-25, 1991.

SMADJA, F. Retrieving Collocations from Text Xtract. *Computational Linguistics*, v. 19, n. 1, p. 143-177, 1993.

_____. & McKEOWN, K. Using Collocations for Language Generation. *Computational Intelligence*, v. 17, 1991.

SOKOLOVA, G.G. On the formation of phraseological units in French. *Voprosi iazikoznania*, v. 3, p. 91-101, 1987.

SOMERS, H.L. *Valency and Case in Computational Linguistics*. Edinburg, 1987.

SPENCE, N.C.W. Composé nominal, locution et syntagme libre. *La linguistique*, v. 5 n. 2, p. 5-26, 1969.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance. Communication and Cognition*. Oxford, Basil Blackwell, 1986.

STANOVICH, Keith E. Toward interactive-compensatory model and individual differences in the development of reading fluency. *Reading Research Quartely*, v. 15, p. 32-71, 1981.

STREHLER, René G. Fraseologismos e sinonímia. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 42, p. 145-156, 2003.

SUCCI, Thaís Marina. *Os sete pecados capitais expressos pelos provérbios*. Dissertação (Mestrado). UNESP, Araraquara, 2006.

SVENSSON, M.H. *Critères de figement. L'identification des expressions figées en français contemporain*, Skrifter från moderna språk 15, Institutionen för Moderna Språk, Umeå, Umeå University, 2004.

SWEET, Henry. *A new Grammar, logical and historical*. Oxford: The Oxford University Press, 1960 [1891].

SWEETSER, E. Metaphor, Myth and Everyday Idiom. *Actes du XV^e Congrès International des Linguistes*, Québec, 1992.

SZENDE, T. À propos des séquences intensives stéréotypées, *Clex*, 74, n. 1, p. 61-77. 1999.

TAGNIN, Stella Ester Ortweiller. Certo está, só que não é assim que a gente diz. In: GRIGOLLETO, M. & CARMAGNANI, M. (Org.). *Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade*. v. 1. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 489-498.

_____. A tradução dos idiomatismos culturais. In: TRABALHOS em Linguística Aplicada. v. 11, 1988. p. 43-52.

_____. *Linguística de corpus e Fraseologia: uma feita pra outra*. In: ORTIZ-ALVAREZ, M. & UNTERNBAÄMEN, E. H. (Orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 277-302.

_____. *O jeito que a gente diz: expressões idiomáticas e convencionais- inglês e português*. São Paulo: Disal, 2005.

_____. Os Corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. In: Tagnin, S. E. O. (Org.). *Cadernos de Tradução: Corpora e Tradução*, NUT, v. 1, n. 9. p. 191-218. Florianópolis, 2002.

_____. What's in a verbal colligation? Project for a bilingual dictionary of verbal colligations English-Portuguese/Portuguese-English. In: BESSÉ, B. (Édit.). p. 149-156, 1993.

TALLGREN-TUULIO, O.J. Locutions figurées calquées et non calquées. Essai de classification pour une série de langues littéraires. *Mémoires de la Société Néo-philologique de Helsinki*, v. 9, p. 279-324, 1932.

TALMY, L. Lexicalization Patterns Semantic Structure in Lexical Forms. *Language Typology and Syntactic Description*, v. 3, Cambridge, Cambridge University Press, p. 57-149, 1985.

TAMBA, Irene. Comparaisons hyperboliques. *Le sens figuré*, PUF, Paris, p. 144-147. 1981.

_____. *Figement sémantique*: sens compositionnel et sens idiomatique, sous presse, 2009.

_____. Formules et dire proverbial. *Langages* v. 139, p. 110-118. 2000.

_____. Le sens métaphorique argumentatif des proverbes. *Cahiers de Praxématique*, v. 35, p. 39-57. 2000.

_____. Vérité générique et vérité proverbiale: *on dit* face à *on dit* proverbiallement, le proverbe dit. 2008.

_____. A propos de la signification des figures de comparaison. *L'Information Grammaticale*, n. 1, p. 16-20. 1979.

_____. La Composante référentielle dans un manteau de laine, un manteau en laine. *Langue Française*, Paris, v. 57, p. 119-128, 1983.

TAMBA-MECZ, Igor. *Le sens figuré. Vers une théorie de l'énonciation figurative*. Paris: PUF, 1981. (Coll. Linguistique Nouvelle).

TCHOBÁNOVA, Iovka. B. As comparações fixas na língua portuguesa e os seus equivalentes funcionais na língua búlgara. In [http:// www.euralex2006.unito.it/Tchobanova](http://www.euralex2006.unito.it/Tchobanova) [1]. Doc.

TELIYA, Valerie. Lexical Collocation Denominative and Cognitive Aspects. In: MARTIN, W. *et al.* (Eds.). p. 368-377, 1994.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1959.

THAGARD, P. *Conceptual revolutions*. Princeton. New Jersey: Princeton University Press, 1992.

THIELE, J. Zum französischen nominativen Phraseologismus Versuch einer Klassifizierung nach semantischen Kriterien. *Linguistische Arbeitsberichte*, v. 26, p. 65-71, 1980.

THOIRON, P. Figement, dénomination et définition. *Le figement lexical*. 1ères Rencontres Linguistiques Méditerranéennes, p. 219-238. 1998.

THUN, H. *Probleme der Phraseologie. Untersuchungen zur wiederholten Rede mit Beispielen aus den Französischen, Italienischen, Spanischen und Rumanischen*. Tübingen, Max Niemeyer, 1978.

_____. Quelques relations systématiques entre groupements de mots figés, *Cahiers de Lexicologie*, 27-2, p. 52-71, 1975.

TOLLIS, F. *La locution et la périphrase. Du lexique à la grammaire*, Paris, L'Harmattan. (Éd), 2001.

TOSSAVAINEN, L. Zur Rolle der Phraseologismen bei der Nomination, *Neuphilologische Mitteilungen*, v. 43, p. 75-86, 1992.

TRISTA PEREZ, A.M. & CARDENADO MORE, Z. Elementos somaticos en las unidades fraseologicas. *Anuario L/L*, n. 17, p. 55-68, 1986.

TURNER, M. Aspects of Invariance Hypothesis. *Cognitive Linguistics*, v. 1-2, p. 247-255, 1990.

URDANG, L. & ABATE, F. *Idioms and Phrases Index*. Detroit: Gale Research, 1983. p. 1691.

URDANG, L. Language Changes. *Verbatim The Language Quarterly*, Essex, v. 12, n. 4, 1986.

VACHEK, J. La langue écrite selon la perspective fonctionnaliste. In: KOCOUREK, R. (Org.). 1994. p. 361-399.

VAGUER, C. Expressions figées et traduction: de la langue aux outils, Communication au Colloque International 'Traduction et communication interculturelle' (29 septembre au 1 octobre 2006), Sofia, Bulgarie, 2006.

_____. *Pédaler dans la semoule*. Approches des constructions verbales figées de structures 'V dans GN', *Linx*, 53, p. 231-245, 2005.

_____. Expressões cristalizadas: transparência e opacidade. *Signótica*, Goiânia, v. 11, p. 163-172, 1999.

_____. Sintaxe, léxico e expressões idiomáticas. In: BRITO, A. N & VALE, Oto Araújo. (Orgs.). *Filosofia, linguística, informática: aspectos da linguagem*, Goiânia, Editora UFG, v 1, p. 127-137. 1998.

_____. Some Regularities of Frozen Expressions in Brazilian Portuguese. MAMEDE, Nuno J. et al. (Orgs.). *Computational Processing of the Portuguese Language*. Berlin: Springer, 2003. p. 98-101.

_____. *Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia*. Tese (Doutorado).UNESP, Araraquara, 2001.

_____. Expressões cristalizadas negativas estativas. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 31, 2002.

_____. Une classification des expressions figées du portugais du Brésil. *Lingvisticae Investigationes*, v. 26, n. 2, p. 175-186. Amsterdam, 2004.

VAN DER VLIET, H. Conceptual Semantics for Nouns, *EU-RALEX '94 Proceedings*. In: MARTIN, W. et al. (Org.). Amsterdam, 1994. p. 216-225.

VAN DER Wouden, T. Prolegomena to a Multilingual Description of Collocations, *Euralex '92 Proceedings*, Tampere, 1992, p. 449-456, 1992.

VAN EECKE, D. L'expression des relations temporelles par les locutions, *Zielsprache Französisch*, v. 4, p. 177, 1979.

VAN VOORST, J. The Role of Verb Meaning in the Calculation of Aspectual Interpretations. In: MARTIN, W. *et al.* (Eds.). p. 384-389, 1994.

VASCONCELOS, José Leite de. *Ensaaios ethnográficos*. Lisboa: Espozende, 1891.

VIVES, R. 'Passer un savon' vs 'sonner les cloches': y a-t-il une différence? Par monts et par vaux. In: BURIDANT C., KLEIBER, G., PELLAT, J.C. (Org.), *Mélanges offerts au professeur RIEGEL M.* p. 417-427. 2001.

WEINREICH, U. On the Problem of Idioms, *Substance and Structure of Language*, Los Angeles, p. 23-81, 1969.

WERTHEIMER, Ana Maria. Um estudo comparativo das expressões idiomáticas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.39, n.1. p. 229-246. 2004.

WIERZBICKA, A. Why Can You **have a drink** When You Can't **have a eat**?. *Language*, 58-4, p. 753-799, 1982.

WILMET, M. *La détermination nominale*. Paris: PUF, 1986.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril, (1975 [1953]).

WOOD, M. *A Definition of Idiom*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1986.

WOTJAK, Gerard. ¿Un hueso duro de roer? Esencia y presencia textual, uso y abuso de las unidades fraseológicas, In: GONZÁLEZ CALVO J.M., TERRÓN GONZÁLEZ J. & MARTÍN CAMACHO J.C. (Éds.). *Jornadas de metodología y didáctica de la lengua española: las unidades fraseológicas* 8, Cáceres, Universidad de Extremadura, p. 85-226. 2004.

WRAY, A. *Formulaic Language and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

XATARA, Cláudia Maria & RIOS, Tatiana Helena Carvalho. A elaboração de um dicionário de idiomatismos: da teoria à prática. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 34, p. 165-170, 2005.

_____. A comparação nas expressões idiomáticas. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 41, p. 211-222, 1997.

_____. A linguagem erótico-obscena: interface francês-português. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 32, p. 480-486, 2003.

_____. Dicionários para tradução francês-português-francês. *Cerrados*, Universidade de Brasília, v. 23, p. 9-14, 2007.

_____. Estrangeirismos sem fronteiras. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 45, p. 149-154, 2001.

_____. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 41, esp, p. 147-158, 1997.

_____. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, v. 37, p. 49-59, 2001.

_____. O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 38, p. 195-210, 1995.

_____. Tipologia das expressões idiomáticas. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 42, p. 169-176, 1998.

_____. Tratamento lexicográfico das expressões idiomáticas . *Idioma*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 19-22, 2000.

_____. OLIVEIRA, W. L. . Novo PIP - Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso fr-port / port-fr. 2. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2008.

_____. RIVA, Huéllinton Cassiano. A linguagem idiomática organizada em pares dicotômicos. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 111-123, 2005.

_____. *A tradução para o Português de Expressões Idiomáticas em Francês*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Araraquara/SP , 1998.

_____. As unidades fraseológicas e terminológicas em dicionários bilíngües gerais. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria da Graça Krieger. (Org.). *As ciências do léxico*, Campo Grande/Porto Alegre: Ed. UFsMS/UFRGS, v. 2, p. 267-274, 2004.

_____. Dicionário de expressões idiomáticas francês-português/português-francês. *Idioma*, v. 21. Rio de Janeiro: Centro Filológico Clóvis Monteiro- UERJ, 2001. Disponível em: (www2.uerj.br/~institutodeletras/idioma.html).

_____. *Expressões Idiomáticas de matriz comparativa*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). São José do Rio Preto/SP, 1994.

_____. La traduction phraséologique. *Meta*, Montreal, v. 47, p. 441-444, 2002.

_____. RIVA, Huéllinton Cassiano & RIOS, Tatiana Helena Carvalho . As dificuldades na tradução de idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 8, p. 183-194, 2002.

YAMADA, H. Idioms from a New Point of View A Trace Theoric Aproach. *Festschrift für Professor Kazuko Inoue*, Tokyo, p. 529-551, 1979.

YOKOI, T. Knowledge Archives. In: SONNEVELD, H. & LOENING, K. [Org.], p. 181-193, 1993.

ZAVAGLIA, Cláudia & SOUZA, Vivian Regina Orsi Galdino de. Léxico erótico-obsceno em italiano e português: algumas considerações. *Tradução e Comunicação*, 2007.

ZAVAGLIA, Cláudia. (Org). *Coletânea Guia dos curiosos em espanhol, francês, inglês, italiano, latim: Xeretando a linguagem*, 2008.

ZIPF, G.K. *Selected Studies of the Principle of Relative Frequency in Language*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1932.

ŽOLKOVSKIJ, A. & MELČUK, I. “O semantičeskom sinteze” [Sur la synthèse sémantique], *Problemy kibernetiki*, v. 19, p. 177-238. (há uma tradução em francês) .A. *Informations*, 1970, n. 2, p. 1-85, 1967.

ZULUAGA OSPINA, Alberto. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*, Frankfurt/Berna, Studia Romancia, n. 10, Peter Lang, 1980.

ZULUAGA, Alberto. La fijación fraseológica. *Thesaurus*, v. 30, n. 2, p. 225-248, 1975.

BIBLIOGRAFIA TEMÁTICA

ALBUQUERQUE, Maria Helena Trench de. *Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes*. Dissertação (Mestrado). USP. São Paulo, 1989.

ALLERTON, D. J. Three or four levels of word cooccurrence restriction. *Língua, NLD*, v. 63, n. 1, p. 17-40, 1984.

ALMELA R., RAMÓN TRIVES E. & WOTJAK G. (Eds.). *Murcia*. [s.l.]: Universidad de Murcia, 2005, p. 197-210.

ANASTASSIADIS-SYMEONIDIS, A. Que peut-il arriver à une expression figée? *Cahiers de Lexicologie*, v. 82, p. 51-59, 2003.

ANSCOMBRE, J.C. Estructura métrica y función semántica de los refranes. *Paremia*, n. 8, p. 25-36, 1999.

_____. Les proverbes: un figement du deuxième type? *Linx*, v. 53, p. 17-33, 2005.

_____. De l'énonciation au lexique: mention, citativité et délocutivité. *Langages*, v. 80, p. 9-34, 1995b.

_____. *Il était une fois une princesse aussi belle que bonne Semantikos*, v. 1, n. 1, p. 1-28, 1975.

_____. Les proverbes sont-ils des expressions figées? *Cahiers de Lexicologie*, n. 1, p. 159-173, 2003.

_____. Pourquoi un moulin à vent n'est pas un ventilateur. *Langue Française*, v. 86, p. 103-125, 1990b.

_____. Proverbes et formes proverbiales: valeur évidentielle et argumentative. *Langue Française*, v. 102, p. 95-106, 1994.

_____. Il est tout jeune ce Nolke: contraintes sémantiques régissant l'emploi de tout + Adj., In: BIRKELUND, M., MOSEGAARD HANSEN, M.B. & NOREN, C. (Éds.). L'énonciation dans tous ses états. *Peter Lang, Berne*, p. 561-586, 2008.

_____. Parole proverbiale et structures métriques. *Langages*, n. 139, p. 6-26, 2000.

_____. Article zéro et structuration d'événements. *Le discours: représentations et interprétations*. In: CHAROLLES M., JAYEZ J. & FISHER S. (Éds.). Presses Universitaires de Nancy, p. 265-305, 1990. (Coll. Processus Discursifs).

_____. La semántica y las frases genéricas: viejos problemas y nuevos enfoques. *Cuadernos de Filología Francesa*, n. 9, p. 7-22, 1995-1996.

_____. Les comparatives du type être Adj. comme P: des tournures figées ou non?, Les séquences figées: entre langue et discours. BLUMENTHAL P. & MEJRI S. (Éds.). Zeitschrift für Französische Sprache und Literatur. *Cahier*, n. 36, p. 13-25, 2008.

ANTOINE, F. Drôle de lapin - de l'origine de l'expression 'poser un lapin'. *Cahiers de Lexicologie*, v. 69, p. 63-69, 1996.

APRESJAN, Ju. D. Regular Polysemy. *Linguistics*, The Hague, Mouton, v. 142, 1973.

ARAUJO, Artur Antonio dos Santos & SILVA, Garcia da, Denize Elena. *Evolução do léxico nas expressões idiomáticas das línguas da periferia: Português, Espanhol da Espanha e Romeno da antiga România*. Florianópolis: SBPC, 2006.

ARNAUD, P. J.L. Réflexions sur le proverbe. *Cahiers de lexicologie*, LIX-2, p. 6-27, 1991.

_____ & DEVELAY, M. *La Didactique des sciences*. Paris: PUF, Que sais-je?, 2e édition. 125 p., 1991.

AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi*: Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris: Larousse, 1995.

BALIBAR-MRABTI, A. & VAGUER, C. *Présentation*. Le semi-figement, *Linx*, v. 53, Département des Sciences du Langage, Université Paris X–Nanterre, 2003. p. 7-15.

BALIBAR-MRABTI, A. Semi-figement et limites de la phrase figée, *Linx*, Département des Sciences du Langage, Université Paris X–Nanterre, v. 53, p. 35-54, 2005.

BALLY, Ch. *Précis de stylistique*. Genève: Eggimann. 1905.

_____. *Traité de stylistique française*. v. 2. Paris: Klincksieck, 1909.

BAN, E. Les unités lexicales de plusieurs mots sous l'aspect de la linguistique contrastive et de l'enseignement. *Annales Universitatis Budapestinensis*, v. 18, p. 325-229, 1987.

BARBOSA, Maria Aparecida. Fraseologia numa perspectiva multicultural: axiologia subjacente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 11 / CONGRESSO INTERNACIONAL DE LUSOFONIA IP-PUC/SP, 2, 2006, São Paulo, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Abordagem intercultural da fraseologia*: diversidade conceitual e axiológica, 2006.

BARBISAN, L. B. *Genericidade, metáfora e descrição lexical*: um estudo do provérbio: não há rosa sem espinho. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Obra traduzida).

BARREIRO, Anabela, WITTMANN, Luzia Helena & PEREIRA, Maria de Jesus. Lexical differences between European and Brazilian Portuguese. *INESC Journal of Research and Development* 5.2, 1996. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/Repositorio/Barreiroetal95.rtf>

BECKER, J.D. *The Phrasal Lexicon Proceedings of the Workshop on Theoretical Issues*. In: NLP. p. 70-73, 1975.

BEGUELIN, M.J. Des clauses impersonnelles aux constituants phrastiques: quelques axes de grammaticalisation. Les propositions impersonnelles dans les langues slaves et romanes, Le paradoxe du sujet. In: SERIOT PATRICK P. & BERRENDONNER A. (Éds.). *Cahiers de l'ILSL*, n. 12, Lausanne, 2000, p. 25-41, 2000.

BENVENISTE, É. Formes nouvelles de composition nominale. *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*, v. 61, n. 1, 1966.

_____. *Le Vocabulaire des institutions indo-européennes*, 2 v., Paris: Minuit, 1969.

_____. *Problèmes de linguistique générale*. 2 v., Paris: Gallimard, 1966.

BÉRARD-DUGOURD, A. & RICHARD, G. Le traitement des locutions dans l'analyse du langage naturel. Centre Scientifique IBM France, *Étude*, n. 101, 1986.

BERCKER, F. La référence au corps humain dans les expressions figées figurées. *Travaux linguistiques du Cerlico*, v. 12, p. 269-289, 1999.

BERNET, C. Le nom propre dans la phraséologie et le lexique l'exemple du mot Amérique et ses dérivés, Actes du Congrès International de Linguistique et Philologie Romane, Trèves 1986, Tübingen. *Max Niemeyer*, v. 4, p. 520-529, 1989.

BLANCO ESCODA X. Les déterminants figés. *Langages*, v. 145, p. 61-81, 2002.

_____. Les déterminants nominaux figés. Perspective contrastive espagnol-français. In: MEJRI S., GROSS G., CLAS A. & BACCOUCHE T. (Éds.). *Le figement lexical*, Tunis: CERES, p. 19-34, 1998

BLOY, L. *Exégèse des lieux communs*. Paris: Mercure de France, 1973.

BLUMENTHAL P. Schématismes dans les commentaires de presse: analyse contrastive, Micro- et Macrolexèmes et leur figement discursif, GRECIANO G. (Éd.). *Actes du colloque international de Saverne*, décembre 1998. Bibliothèque de l'Information Grammaticale. Louvain/Paris, Peeters, p. 107-128, 2000.

_____. & BEAUMATIN, E. Langue / discours / texte à l'épreuve des faits de figement, Micro- et macrolexèmes et leur figement discursif. Etudes de linguistique comparée français / allemand. In: GRECIANO, G. (Éd.). Louvain – Paris, Peeters, 2000.

_____. & MEJRI S. (Éds.). *Les séquences figées: entre langue et discours*, Romanistik, Franz Steiner Verlag, 2008.

_____. Combinatoire des mots dans la vulgarisation. *Revue française de linguistique appliquée*, v. 12, n. 2, p. 15-28, 2007.

BOLLY, C., KLEIN, J.R. & LAMIROY, B. (Éds.). La phraséologie dans tous ses états. *Actes du Colloque Phraséologie 2005*, Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain, CILL 31, v. 2, n. 4, 2005.

BOLLY, C. Les unités phraséologiques: un phénomène linguistique complexe ?, *Louvain-la-Neuve*, thèse de doctorat , 2008.

BONHOMME, M. Sémantique de la métonymie et théories des cas, XV^e CONGRÈS INTERNATIONAL DES LINGUISTES, *Actes*, Québec: 9-14 août 1992, 1992.

BORGMANN, D. A. From Rags to Riches . and Beyond, Word Ways. *The Journal of Recreational Linguistics*, Morristown, NJ, v. 19, n. 1, p. 57-63, 1986.

BOSREDON, B. & GUERIN O. Le Cluny, Le Champollion: d'un emploi non prototypique de nom propre modifié, Noms propres: la modification. In: LEROY S., (Éd.). *Langue française*. v. 146, Paris: Larousse, 2005.

BOSREDON, B. & TAMBA, I. Verre à pied, moule à gaufres; prépositions et noms composés de sous-classe. *Langue française*, v. 91, p. 40-55, 1991.

BOSREDON, B. *Les titres de tableaux*. Paris: PUF, 1997.

_____. Titres et noms propres: des voisins ou des cousins ? in Aux carrefours du sens. In: RIEGEL M., SCHNEDECKER C., SWIGGERS & TAMBA I. (Éds.). *Leuven*. Paris: Duden, Peeters, 2006.

_____. Les signalétiques de nomination ou quand le discours se fige Rencontres. *Linguistiques Méditerranéennes*, Tunis: CERES, 1998.

_____, PETIT, G. TAMBA, I. *Linguistique de la dénomination*. Cahiers de Praxématique, v. 36, Praxiling université Paul Valéry – Montpellier III. (Éds.), 2001.

_____. *Pour une approche discursive et unitaire du fait dénominatif*: quelques propositions. BULAG: Besançon, 2000.

BOTELHO DA SILVA, T. & CUTLER, A. Ill-formedness and Transformability in Portuguese Idioms. In: CACCIARI, C. & TABOSSI, P. (Eds.) *Idioms: Processing, Structure, and Interpretation*. Hillsdale: Erlbaum, 1993. p. 129-143.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

_____. *Considerações acerca da fraseologia, sua conceituação e aplicabilidade na Idade Média*. Disponível em: www.abrem.org.br/Considerafraseolog.pdf.

BREMOND, C. Concept et thème. *Poétique*, n. 64, p. 415-423, 1985.

BRESSON, D. La distribution du sens dans les locutions à verbe suport. *Travaux du Cercle Linguistique d'Aix-en-Provence*, n. 7, p. 57-72, 1989.

BREZOLIN, Adauri. Pergunta se macaco quer banana! Breve análise de frases feitas jocosas: estudo da língua em uso com o auxílio da Linguística de *Corpus*. *Tradterm*, v. 12, p. 127-157, 2006.

_____. *Elogios e respostas a elogios*: estudo contrastivo nas línguas portuguesa e inglesa. Dissertação (Mestrado). USP. São Paulo, 1994.

BROOKE-ROSE, Ch. *A Grammar of Metaphor*. London: Mercury Books, 1965. 343 p.

BRUNOT, F. *La Pensée et la langue*. Paris: Masson, 3. éd., 1965. 954 p.

BUCHI, É. Approche diachronique du marqueur métadiscursif français quoi (“La pragmatISATION d’un réévaluatif, quoi”), Actes du XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes (Bruxelles, 23–29 juillet 1998), ENGLEBERT A. & al. (Éd.), Tübingen, Niemeyer, v. 7, p. 81-91, 2000.

BURGER, H., BUHOFER, A. & SIALM, A. *Handbuch der Phraseologie*. avec la collaboration de Brigit Eriksson, Jürg Häusermann, Angelika Linke, Thomas Scherer et Blanche Schweizer. Berlin-New York, 1982. 433 p.

BURGER, H. DOBROVOL'SKIJ, D. KÜHN, P. & NORRICK, N. (Eds.). *Phraseology: an International handbook of contemporary research*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2007.

BURGER, H. *Phraseologie*. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen. 2. ed. Berlin: Erich Schmidt, 2003.

BURIDANT, C. Historische Phraseologie des Französischen, Phraseologie/Phraseology. In: BURGER, H. & *et al.* (Éds.). *Teilband*. v. 2, Berlin-New York, Gruyter, p. 1106-1125, 2007.

BURIDANT, C. L'Approche diachronique en phraséologie Quelques aspects de l'ancien et du moyen français, Travaux de Linguistique et de Philologie. *Strasbourg*, v. 27, p. 127-149, 1989.

BUVET, P. A. Figement *et al.* *Bulag*, 23. Besançon: Université de Franche-Comté, 1998. 322 p.

_____. Détermination: les noms. *Linguisticae Investigationes*, Amsterdam, John Benjamins, n. 28, v. 1, B.V., p. 121-150, 1994.

_____. *La construction déterminative DET N de*, Polysémie et polylexicalité Syntaxe et Sémantique, n. 5, Caen, Presses Universitaires de Caen, p. 71-90. 2003.

_____. *Les déterminants nominaux quantifieurs*. Thèse (Doctorat). Villetaneuse, Université Paris XIII, 1993.

_____. *Remarques sur la détermination en français, Mémoire d'habilitation à diriger des recherches*. Université de Villetaneuse, 2009.

CABASINO, F. *Les composés nominaux métaphoriques entre figement et variation*. Le figement lexical, 1ères Rencontres Linguistiques Méditerranéennes, p. 309-320, 1998.

CADIOT, P. Représentation d'objet et sémantique lexicale: Qu'est-ce qu'une boîte? *French Language Studies*, v. 4, p. 1-23, 1994.

CALZOLARI, N. *Acquiring and Representing Semantic Information in a Lexical Knowledge Base*. Proceedings of the Workshop on Lexical Semantics. Berkeley, Calif, Pustejovsky, J. [Ed.]. 1991.

_____. *Detecting Patterns in a Lexical Database*. Proceedings of the 10th International COLING. Stanford: Calif, 1984.

CAMARGO, Sidnei. Fraseologia Contrastiva Português-Alemão. In: ENCONTRO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS. 2, Assis/SP, 1999.

_____. & STEINBERG, Martha. As expressões metafóricas do português e seus campos semânticos. *Letras & Letras*, v. 8, n. 2, p. 89-93, 1993.

_____. & STEINBERG, Martha. Metaphors in Contrast: English X Portuguese. *UNILETRAS*, v. 14, p. 98-119, 1992.

CAMUGLI GALLARDO, C. Qu'est-ce que tu chantes là ? Syntaxe et lexique dans les expressions métaphoriques figées. *Cahiers de Lexicologie*, n. 82, p. 175-192, 2003.

CARAMORI, Alessandra Paola. *É o Bicho: Bestiale*. Dicionário de expressões idiomáticas no domínio dos animais com equivalências em italiano e respectivas listas temáticas. Dissertação (Mestrado). USP/São Paulo, 2000.

_____. *Expressões idiomáticas em Rodari para a elaboração de um dicionário bilíngüe (Italiano-Português)*. Tese (Doutorado). USP/São Paulo.

CARNELÓS, Rosiléa. *Reflexões sobre a produção de um vocabulário multilíngüe na área de Direito: fraseologia em documentos emitidos em cartórios (certidões,procurações e contratos sociais)*. Dissertação (Mestrado). USP-São Paulo, 2003.

CARVALHO, Gislene Lima de. *Unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, 2011.

CARVALHO, J.G.H. Verbes et locutions causatifs en portugais en comparaison avec le français, CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANES, 17, 1983, Aix-en-Provence/Université de Provence, Marseille, J. Lafitte, v. 4, p. 325-334, 1986.

CASADEI, F. Per una definizione di 'espressione idiomática' e una tipologia dell'idiomatico in italiano. *Lingua e Stile*, XXX/2, p. 335-358, 1995.

CASAGRANDE, J. Fossilization in French Syntax, *Janua linguarum. Series Practica*, v. 207, p. 23-35, 1975.

CATHERINE, R. Anthologie de mots reçus. *Banque des Mots*, v. 36, p. 129-153, 1988.

CAZENEUVE, J. *Du calembour au mot d'esprit*. Monaco: Éditions du Rocher, 1996.

CERQUIGLINI, J. L'écriture proverbiale. *Revue des Sciences Humaines*, v. 163, p. 359-375, 1976.

CHAFE, W. Idiomaticity as an Anomaly in the Chomskyan Paradigm. *Foundations of Language*, v. 4, n. 2, p. 109-127, 1968.

CHARBONNIER, E. *La monnaie de singe ou comment reconnaître les expressions issues du Moyen-Âge*. Paris: Hatier, 1991.

CHARLES, W. & MILLER, G.A. Contexts of Antonymous Adjectives. *Applied Psycholinguistics*, v. 10, p. 357-375, 1989.

CHETRIT, J. Les composés nominaux à joncteur à. – 1. Étude lexicologique. *Cahiers de Lexicologie*, v. 32, n. 1, p. 65-81, 1978.

CHOUL, J. C. Le vide prépositionnel et le processus néologique idiomatique. *Revue de l'Association Québécoise de Linguistique*, v. 2, n. 2, p. 21-30, 1982.

_____. Règles d'interprétation idiomatique, *Journal of the Atlantic Provinces Linguistic Association / Revue de l'Association de Linguistique des Provinces Atlantiques. Halifax, CAN*, v. 4, p. 36-53, 1982.

_____. Sémantique de la locution, *Revue Québécoise de Linguistique. Théorique et Appliquée*, Canada: Trois-Rivières, v. 6, n. 3, p. 117-130, 1987.

_____. Si muove ma non troppo An inquiry into the non-metaphorical status of idioms and phrases. *Semiotics*, 1980. p. 89-98.

CLASS, A. & GROSS, G. *Classes de figement des locutions verbales*. Le figement lexical. Rencontres Linguistiques Méditerranéennes. Tunis: Editions du CERES. 1998.

_____. Classes de figement des locutions verbales, Le figement lexical. In: MEJRI, S., GROSS, G., CLASS, A. & BACCOUCHE, T. (Éds.). *CERES*: Tunis, p. 11-18, 1998.

COELHO, Braz José. *Procedimentos de lexicalização*: formação de palavras e expressões lexicalizadas na obra de Carmo Bernardes. Tese (Doutorado). UNESP. Araraquara/SP. 2005.

COHEN, B. *Lexique des cooccurrents*, Bourse – Conjoncture Économique. Montréal: Linguatex, 1986.

_____. *Méthodes de repérage et de classement des cooccurrents lexicaux*. dans Osterheld (Ed.). p. 505-511, 1992.

_____. *Méthodes de repérage et de classement des cooccurrents lexicaux*. In: BESSÉ, B. de (Edit.). p. 505-512, 1993.

COLSON, J. P. *Ébauche d'une didactique des expressions idiomatiques en langue étrangère*. In: BESSÉ, B. de (Édit.). 1993. p. 165-180.

CONENNA, M. et KLEIBER, G. De la métaphore dans les proverbes. *Langue Française*, Paris, Larousse, v. 134, p. 58-77, 2002.

CONTI, Marcelo Félix. *Para o dicionário das expressões idiomáticas e/ou metafóricas do português (contemporâneo) do Brasil*. Tese (Doutorado). USP-São Paulo, 2003.

CORBIN, D. Locutions, composés, unité polylexématiques: lexicatisation et mode de construction, La locution entre langue et usages. In: MARTINS-BALTAR M. (Éd.). *Fontenay-Saint-Cloud* [s.l.]: ENS éditions, 1997. p. 53-101.

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Gredos. Madrid, 1996.

COSERIU, E. *Les structures lexématiques. Probleme der Semantik*, Wiesbaden, Steiner, v. 3, n. 16, 1968.

_____. *Lexikalische Solidaritäten*. Poetica, Zeitschrift für Sprach- und Literaturwissenschaft. v. 1, p. 293-303, 1967.

_____. Structure lexicale et enseignement du vocabulaire, Actes du Premier Colloque International de Linguistique Appliquée, Nancy, 26-31 octobre 1964, Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de l'Université de Nancy. *Annales de l'Est, Mémoire*, v. 31, p. 175-217, 1966.

COSTA, J. L. *Pré-fabricados linguísticos: estrutura e funcionamento de sintagmas verbais idiomatizados*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007.

COULON, B. *Deutsche und französische idiomatische Redewendungen*. Untermitarbeiter von Philippe Coulon. München: Hueber, 1983. 152 p.

COUTURE, A. *Sur le bout de la langue On the Tip of One's Tongue*. Montréal-Québec, Les Editions de l'Homme, 2006.

COWIE, A. (Ed.). *Phraseology: theory, analysis and application*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

CREUS, S. Q. (Org.). *Letras de hoje - estudos em torno da Fraseologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2004.

_____. *Expresiones idiomáticas. Un enfoque semántico argumentativo*. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

CULIOLI, A. Sur le concept de notion. *BULAG*, n. 8, p. 62-79, 1981.

CURAT, H. La relation privilégiée entre l'agent et l'objet dans les locutions verbales, La locution. *Actes du Colloque International*, Université McGill, Montréal: 15-16 octobre 1984, Le Moyen Français. v. 14-15, 1985. p. 28-55.

_____. *Les déterminants dans la référence nominale et les conditions de leur absence*. Droz, Genève, 1999.

DANBLON, E. Du cri au discours expressif: une approche généalogique de l'expression des émotions, Les émotions. Cognition, langage et développement. In: COLETTA, J. M. & TCHERKASSOF, A. (Éds.). *Bruxelles*. Mardaga, 2003. p. 181-186.

DANLOS L. (Org.). Les expressions figées. *Langages*, Paris, Larousse, v. 90, 1988.

_____. Introduction lexicale-grammaire des expressions figées, *Langages*. v. 90, p. 5-6, 1988.

_____. La morphosyntaxe des expressions figées. *Langages*, v. 63, p. 53-74, 1981.

_____. Les Phrases à verbe support être Prép. *Langages*, Paris, v. 90, p. 23-37, 1988.

_____. *Représentation d'informations linguistiques: Constructions être Prép X*, thèse (Doctorat), Université Paris 7: LADL, 1980.

DARMESTETTER, A. *La Vie des mots étudiée dans leurs significations 1887*. Paris: Éditions Champ Libre, 1979.

DAVID, J. Tous les prédicats ne meurent pas idiomes. Mais nul n'est à l'abri, Phraséologie contrastive. In: GRÉCIANO, G. (Éd.). *Europhras 88, Actes du Colloque International* (12-16 maio 1988). Collection Recherches Germaniques. Strasbourg: Université des Sciences Humaines, 1989. p. 75-82.

DEBILI, F. *Analyse syntaxico-sémantique fondée sur une acquisition automatique de relations lexicales-sémantiques*. Thèse (Doctorat), Université de Paris XI, France, 1982.

DEESE, J. Form Class and the Determinants of Association. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 1, p. 79-84, 1962.

DELABRE, M. Les deux types de comparaisons avec comme. *Le français moderne*, v. 52, n. 1/2, p. 22-47, 1984.

DESCAMPS, J. L. et al. *Sémantique et concordances*. CNRS-INaLF. diff: Klincksieck, 1992. (Coll. Saint-Cloud).

DESMET, Isabel. Terminologia e fraseologia: tendências atuais. In *Terminologias*, abril-dez. Lisboa: Associação Portuguesa de Terminologia, 1991. p. 10-31.

_____. Terminologia e fraseologia tendencias actuais. *Terminologias*, TERMIP. Lisboa, v. 3, n. 4, p. 10-30, 1991.

DIAZ, O. Partir du bon pneu L'Expression idiomatique à travers l'expression publicitaire / Idiomatic Expression through Journalistic Expression, *Glottodidactica An International Journal of Applied Linguistics*. Poznan. Pologne: v. 18, p. 75-82, 1986.

_____. Schémas linguistiques le cas des expressions idiomatiques. *Schéma et schématisation*, v. 20, p. 87-94, 1984.

_____, 1984 *Observations sur les expressions lexicalisées, Cahiers du Centre Interdisciplinaire des Sciences du Langage*, v. 5, p. 139-153, 1983.

DIAZ FERREIRO, Ana Maria. La traducción de las paremias del portugués al español. In: *Estudios sobre tradición e interpretación* 2, Tomo III, Capítulo 10, p. 1187 Málaga, 1998.

DOBROVOL'SKIJ, D. Phraseological Universals Theoretical and Applied Aspects, Meaning and Grammar. In: KEFER, M. & VAN DER AUWERA, J. (Orgs.). *Cross-linguistic Perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

_____. *Phraseologie als Objekt der Universalienlinguistik. Leipzig*. VEB Verlag Enzyklopädie, 1988.

DOSTIE, G. Les marqueurs discursifs. *Langue Française*, v. 154, p. 13-28, 2007.

DRASKAU, J. K. Some Reflections on Equivalence/Äquivalenz as a Term and a Concept in the Theory of Translation. *Meta*, Montréal, v. 36, n. 1.

DUBOIS, J. & DUBOIS-CHARLIER, F. *Locutions en français, Aix-en-Provence*, 2004.

DUGAS, A. & CUSSON, L. Les prépositions des dénominations complexes. *Revue de l'Association Québécoise de Linguistique*, v. 4, n. 4, p. 159-165, 1985.

DUGAS, A. & DI SCIULLO, A. M. Le rôle des déterminants dans les expressions figées de langues romanes. La locution. *Actes du Colloque International*, Montréal: Université McGill, 15-16 octobre 1984, *Le moyen français*, v. 14-15, p. 56-69, 1985.

DUMAS, H. *La méthode du discours* Termes, mots, expressions, *Meta*, 22-2, p. 110-116, 1977.

DUNETON, C. *La puce à l'oreille*. Paris: Stock, Le livre de poche, 1978.

EHEGÖTZ, E. Versuch einer Typologie von Entsprechungen im zweisprächigen phraseologischen Wörterbuch. *Zeitschrift für Slawistik*, v. 35, n. 4, p. 499-504, 1990.

EISELE, H. Retrouver le cliché en langue d'arrivée. In: BESSÉ, B. de (Ed.). p. 367-374, 1993.

ELEUTÉRIO, Samuel, RANCHHOD, Elisabete & BAPTISTA, Jorge. A. System of Electronic Dictionaries of Portuguese. *Linguisticae Investigationes* XIX.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 57-82, 1995. Disponível em: <http://label.ist.utl.pt/label/download/digrama.pdf>.

ERVIN-TRIP. S. Substitution, Context, and Association. Norms of Word Association. In: POSTMAN, L. & KEPEL, G. (Eds.). New York: Academic Press, 1970.

ETTINGER, S. Idiomatik und Sprachpraxis. Zu einen Buch von Vilmos Bardosi. De Fil en aiguille. *Lebende Sprachen*, v. 3, n. 25, p. 131-132, 1990

EVENS, M. W. *Relational Models of the Lexicon*. Cambridge: University Press, 1992.

FALCÃO, P. C. S., XATARA, C. M. Os animais nos idiomatismos: interface inglês-português. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, [s.d.], v. 2, p. 71-82, 2005.

FALCÃO, P. C. S. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais*. Dissertação (Mestrado). São José do Rio Preto, UNESP, 2002.

FERNANDES, Maria da Graça. *Léxico-Gramática das Frases Fixas do Português Europeu – Construções Intransitivas*. Tese (Mestría). Universidade do Algarve, Faro, 2010.

FERNANDO, C. Towards a Definition of Idiom its Nature and Function. *Studies in Language*. v. 2, n. 3, p. 313-343, 1978.

FERNANDO, Ch. & FLAVELL, R. On Idiom Critical Views and Perspectives. *Exeter Linguistic Studies*, Exeter, University of Exeter, v. 3, p. 18-48, 1981.

FERRARO, Rita Gionvana Mouzinho. *Análisis contrastivo español/portugués de unidades fraseológicas*. Tese (Doutorado). Universidade de Cádiz, 2000.

FIALA, P. Figements et phraséologie état des recherches actuelles, Courants sociolinguistiques. *Séminaire de Lexicologie Politique de l'Université de Paris III 1986-1987*, sous la direction de G. Drigeard, P. Fiala, M. Tournier. Paris: Klincksieck, p. 149-155, 1989.

_____, LAFIN, P. & PIGUET, M. F. *Locution: entre lexique, syntaxe et pragmatique*. Paris: Klincksieck, 1997.

_____. Pour une approche discursive de la phraséologie remarques en vrac sur la locutionnalité et quelques points de vue qui s'y rapportent, sans doute. *Langage et Société*, v. 42, p. 27-44, 1987.

FIGGE, U. L. *Portugiesische und portugiesisch-deutsche Lexikographie*. Lexicographica. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1994. (Series Maior 56).

FILLENBAUM, S. & JONES, L. V. Grammatical Contingencies in Word Association. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 4, p. 248-255, 1965.

FILLMORE, Ch. J., KAY, P. & O'CONNOR, N.C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions The Case of Let Alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FILLMORE, Ch. J. *The Case for Case, Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt Rinehart & Winston, p. 1-88, 1968.

FIRZLAFF, B. & HAENELT, K. *Appling Text Linguistic Principles to Modelling Meaning Paraphrases*, Euralex '92 Proceedings. Tampere, p. 213-220, 1992.

FLEISCHER, W. *Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache*. Leipzig: VEB Bibliographisches Institut, 1982.

FONAGY I. *Situation et signification*. John Benjamins, Amsterdam-Philadelphia, 1982.

_____. Figement et changement sémantique, La locution entre langue et usages. In: MARTINS-BALTAR M. (Éd.). *Fontenay-Saint-Cloud*. [s.l.]: ENS éditions, 1997. p. 131-164.

_____. Des clichés politiques en tant que modèle d'érosion sémantique. In: DAHLSTEDT, Karl-Hampus, Hansson, A. *et al.* (Eds.). *From sounds to words essays in honor of Claes-Christian Elert*, Umea Studies in the Humanities, *Acta Universitatis Umensis*, v. 60, Stockholm, p. 107-114, 1983.

FONTANIER, P. *Les Figures du discours 1830*. Paris: Flammarion, 507 p. , 1968.

FONTENELLE, Th. *Using Lexical Functions to Discover Metaphor*. p. 271-278, 1994.

FORNICOLA, Marcus Vinícius. *Expressões idiomáticas da língua francesa e respectivas formas equivalentes em língua portuguesa: tratamento léxico-semântico*. Dissertação (Mestrado). USP/ São Paulo, 1999.

FRADIN, B. Décrire un verbe. *Lexique*, v. 6, p. 97-138, 1988.

FRANÇOIS, J. La représentation des structures verbo-nominales et du figement verbal dans deux formalismes de grammaire fonctionnelle. *Cahiers de Lexicologie*, v. 82, p. 61-87, 2003.

_____. & MANGUIN, J.L. Dispute théologique, discussion oiseuse et conversation téléphonique: les collocations adjectivo-nominales au cœur du débat. *Langue Française*, 150, p. 50-65, 2006.

FRASER, B. Idioms within a Transformational Grammar. *Foundations of Language*, n. 6, p. 22-42, 1970.

FREIRE, António. Lexicografia latina moderna. In *Revista Portuguesa de Humanidades*. v. 1. Universidade Católica Portuguesa, 1997.

FULGÊNCIO, L. *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

GAATONE, D. *A quoi sert la notion d'expression figée?* in *Lexique, syntaxe et sémantique. Mélanges offerts à GROSS G. à l'occasion de son 60ème anniversaire*. Bulag - n. hors série, p. 295-308, 2000.

_____. La locution: analyse interne et analyse globale, La locution entre langues et usages. MARTINS-BALTAR M. (Éd.). *Fontenay-Saint Cloud*, ENS éditions, p. 165-177, 1997.

_____. Les locutions verbales: pour quoi faire ?” *Revue Romane*, v. 16, Copenhague, 1981.

_____. La locution ou le poids de la diachronie dans la synchronie. *Le moyen français*, v. 14/15, p. 70-81, 1984.

_____. Locutions et catégories linguistiques. *Grazer Linguistische Studien*, v. 16, p. 44-51, 1982.

GALINSKI, Ch. Terminology and Phraseology. *Terminology Science and Research*, v. 1, n. 1/2, p. 70-86, 1990.

GALISSON, R. *Inventaire thématique et syntagmatique du français fondamental*. Paris: Hachette, 1981.

_____. *Les Mots mode d'emploi les expressions imagées*. Paris: Clé Internationale. CARMEL, 1984.

_____. *Pour une méthodologie de l'accès aux locutions figuratives en français, langue maternelle et étrangère: des mots pour communiquer*. Paris: Clé Internationale, 1983. p. 87-159.

GAMBIER, Y. *Socioterminologie et phraséologie*. [s.l.: s.n.], 1993. p. 397-410.

GARCÍA PAGE, M. Aspectos lingüísticos de la 'comparación estereotipada' en español y en italiano, Proverbi, locuzioni, modi di dire nel dominio linguistico italiano. In: TROVATO S. (Éd.). *Il Calamo*, Roma, p. 85-95, 1999.

_____. *Expresiones fijas idiomáticas, semidiomáticas y libres*. Cahiers du Prohemio, n. 3, p. 95-109, 1999.

_____. ¿Son las expresiones fijas expresiones fijas? *Moenia*, v. 7, p. 165-197, 2001.

_____. *La comparación de intensidad: la función del estereotipo*, Verba, e. p. 2008a.

_____. Introducción a la fraseología española. *Estudio de las locuciones*. [s.l.]: Anthropos, 2008.

GARRÃO, Milena Uzeda. *O corpus não mente jamais: sobre a identificação e uso de combinações multivocabulares do tipo verbo mais sintagma nominal*. Tese (Doutorado). PUC/RIO. Rio de Janeiro, 2006.

_____. Um Estudo de Expressões cristalizadas e sua Inclusão em um Tradutor automático bilíngüe. In: CONGRESSO DA ASSEL, 11. *Anais...* Pontifícia Universidade Católica: Rio de Janeiro, v. 11. p. 10, 2001.

_____. *Um Estudo de Expressões Cristalizadas e sua Inclusão em um Tradutor Automático Bilíngüe(port/ing)*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica: Rio de Janeiro, 2001.

_____. & Dias, Maria Carmelita Pádua. Um estudo de expressões cristalizadas do tipo V+SN e sua inclusão em um tradutor automático bilíngüe Português/Inglês. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 8, p. 183-194, 2002.

GARY-PRIEUR M. N. *Grammaire du nom propre*. Paris: PUF, 1994.

_____. *De la grammaire à la linguistique l'étude de la phrase*. Paris: Armand Colin, 1985. 165 p. (Collection Linguistique).

GAUDIN, F. et al. *Sémantique et terminologie sens et contextes*, 1993. p. 411-422.

GAVRILLIDOU, Z. Structures 'Dé_t N₁ N₂' et détermination figée Détermination et formalisation. In: BLANCO X., BUVET, P. A. & GAVRILLIDOU Z. (Éds.). *Lingvisticae Investigationes*: supplementa n. 23, 2001. p. 163-175.

GEBRUERS, R. Tournures Where Valency and Idiomaticity meet. *International Journal of Lexicography*, v. 7, n. 2, p. 142-157, 1994.

GEERAERTS, D. Varieties of Lexical Variation. In: MARTIN, W. *et al.* (Eds.). p. 78-83, 1994.

GENETTE, G. La Rhétorique restreinte. *Communications*, v. 16, p. 158-171, 1960.

GENTILHOMME, Y. Les ensembles flous en linguistique, *Cahiers de Linguistique Théorique et Appliquée*, 5, *Bucarest*, p. 47-65, 1968.

GHARIANI BACCOUCHE, M. *L'idiomaticité en anglais*: Considérations théoriques et pratiques. Thèse (Doctorat). Villetaneuse: Université Paris 13. 425 p. 2001.

GIRY SCHNEIDER, J. Les noms construits avec faire compléments ou prédicats?. *Langue Française*, v. 69, p. 49-53, 1986.

_____. Syntaxe et lexique un exemple de classe sémantique, *Revue Romane*, v. 9, p. 57-68, 1974.

_____. Jean fait le généreux + diable Constructions productives et expressions figées, *Revue Québécoise de Linguistique*, Montréal, Canada: v. 13, n. 2, p. 217-236, 1984.

_____. Les nominalisations en français l'opérateur faire dans le lexique. *Langues et Cultures*, v. 9, Genève, Droz: 1978.

_____. Les prédicats nominaux en français. Les phrases simples à verbe support, *Langues et Cultures*, Genève, 1987.

GLÄSER, R., HULLEN, W. & SCHULZE, R. *The Grading of Idiomaticity as a Presupposition for a Taxonomy of Idioms*. Meaning, Sense and World Knowledge in Lexical Semantics, Tübingen, Niemeyer, (Eds.), 1988.

GLÄSER, R. Relations Between Phraseology and Terminology in Specialized Language with Special Reference to English. In: KOCOUREK, R. (Ed.). p. 41-60, 1994.

GLEITMAN, L. The Structural Sources of Verb Meanings, *Language Acquisition*, v. I, p. 3-55, 1990.

GLENK, E. A função dos provérbios no texto: uma análise lingüística de textos de Elfriede Jelinek. In: SEMANA INTER-DISCIPLINAR DE ESTUDOS ANGLO-GERMÂNICOS, v. 7, Rio de Janeiro: Arte e Verdade, 1998. p. 28.

_____. Brasilianisch-portugiesische und deutsche Phraseologismen im Kontrast: Beschreibungsverfahren und Äquivalenzsuche Pandaemonium Germanicum. *Revistas de Estudos Germânicos*, São Paulo, v. 7, p. 191-214. 2003.

_____. O provérbio 'détourné' em Elfriede Jelinek. *Caderno da V Semana de Literatura Alemã: A recepção da Literatura Alemã no Brasil*. USP/São Paulo, 1991. p. 41-46.

_____. Provérbios em contraste. *TRADTERM*, São Paulo, v. 8, p. 281-284, 2002.

_____. A fraseologia em dicionários bilingües. In: *Jornada de Língua Alemã*, 1, USP/São Paulo, 2005.

_____, AL, E.. Três grandes temas da sabedoria popular. *Boletim Citrat*, USP/São Paulo, v. 3, p. 6, 1995.

_____, STEINBERG, Martha; ROCHA, R. *et al.* O tema da morte em paremiologia: Cultura e Tradução. In ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 4. *Anais...* p. 919-923. Recife, 1989.

_____, SANCHEZ, A.; STEINBERG, Martha *et al.* *Mulher, morte, dinheiro na sabedoria popular*. São Paulo: Disal, 2005.

_____. *A função dos provérbios no texto: Uma análise lingüística de textos de Elfriede Jelinek*. Tese (Doutorado). USP. São Paulo, 1996.

GOETSCHALCKX, J. Essai d'étude comparative des locutions et termes d'un glossaire plurilingue. *Meta*, v. 18, n. 1/2, p. 261-267, 1973.

GOFFIN, R. Du syntème au phraséolexème en terminologie différentielle. In: BESSÉ, B. de (Org.). p. 431-438, 1993.

_____. Structures lexicales, terminologies techniques et glossaires contextuels multilingues. *Meta*, v. 18, n. 1/2, p. 237-253, 1972.

GONZÁLEZ REY, I. *La fraseología del francés*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002.

GOUGENHEIM, G. Une catégorie lexico-grammaticale: les locutions verbales. *Etudes de Linguistique Appliquée*, v. 2, p. 56-64, 1971.

GRADY, M. An English Idiom Subject – Object – Object – Actor. *Linguistics*, v. 73, p. 44-45, 1971.

GRANGER, S. & MEUNIER, F. (Éds.). *Phraseology: an interdisciplinary perspective*. Amsterdam: Benjamins, 2006.

GRAUBERG, W. Proverbs and Idioms Mirrors of National Experience?, Lexicographers and their Works. *Exeter Linguistic Studies*, Exeter University of Exeter, v. 14, p. 94-99, 1989.

GRÉCIANO, G. *La variance du figement, Les formes du sens*. KLEIBER, G. & RIEGEL, M. (Éds.). p. 149-156, 1997.

_____. Signification et dénotation en allemand. *La sémantique des expressions idiomatiques*. Paris: Klincksieck, 1983.

_____. Actualités phraséologiques. *Verbum*, v. 9, n. 3, p. 319-340, 1986.

_____. *Déterminants et idiomes, Déterminants syntaxe et sémantique, Recherches linguistiques*. Centre d'Analyse Syntaxique, Université de Metz, Faculté des Lettres et Sciences Humaines, v. 11, 1986. p. 73-86.

_____. *Europhras '88. Phraséologie Contrastive, Collection Recherches Germaniques*. Strasbourg, Université des Sciences Humaines, Département d'Études Allemandes, v. 2, (Édit.). 1989.

_____. Les inférences de l'idiome. *Travaux de linguistique et de littérature*, v. 24, n. 1, p. 139-153, 1986.

_____. *Phraseologismus und Nicht-Phraseologismus*. Zur Abgrenzung zwischen festen und freien Wortfügungen, dans P. Valentin Ed Saat und Ernte. *Mélanges offerts à Jean Fourquet pour son 90ème anniversaire*, Paris-Sorbonne: Linguistica Palatina Colloquia, 1995.

_____. Pour un apprentissage des unités phraséologiques. *Nouveaux Cahiers d'Allemand*, v. 2, p. 95-113, 1984.

_____. Vers une modélisation phraséologique Acquis et projets d'EUROPHRAS, *Terminologies nouvelles*, Bruxelles, Rint, v. 10, p. 16-22, 1993.

GREIMAS, A.J. Idiotismes, proverbes, dictons. *Cahiers de Lexicologie* 2, p. 41-61, 1960.

GRÉSILLON, A. & MAINGUENEAU, D. Polyphonie, proverbe et détournement. *Langages*, v. 73, p. 112-125, 1984.

GRICE, H.P. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Mass., Harvard University Press, 1989.

GRIFFIN, J. & ENRIGHT, D.J. Euphemisms in Greece and Rome. *Fair of Speech The Uses of Euphemism*, Oxford, 1985. 222 p.

GROSS, D. & MILLER, K.J. Adjectives in WordNet. *International Journal of Lexicography*, v. 3, n. 4, p. 265-277, 1990.

GROSS, G. Degré de figement des noms composés. *Langages*, v. 23, n. 90, p. 57-72, 1988.

_____. *Les expressions figées en français*. Noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.

_____. Classes d'objets et description des verbes, *Langages*, n. 115. Paris, Larousse, p. 15-30, 1994.

_____. Degré de figement des noms composés, *Langages*, v. 90, p. 57-72, 1988.

_____. *Les constructions converses du français*. Genève-Paris: Droz, 1989.

GROSS, M. Les limites de la phrase figée. *Langages*, v. 90, p. 7-22, 1988a.

_____. Les phrases figées en français, *L'information grammaticale*, v. 59, p. 36-41, 1993.

_____. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages*, v. 63, p. 7-52, 1991.

_____. *Méthodes en syntaxe*, Paris: Hermann, 1975.

_____. Sur les déterminants dans les expressions figées. *Langages*, Paris, Larousse, n. 79, p. 89-117, 1985.

_____. ATTAL P. & MULLER C. (Éds.). *Une classification des phrases 'figées' du français*. De la syntaxe à la pragmatique, Benjamins, Amsterdam, 1984. p. 141-180.

_____. Une famille d'adverbes figés: les constructions comparatives en comme. *Revue Québécoise de Linguistique*, v. 13, n. 2, p. 237-269, 1983.

_____. Grammaire transformationnelle du français. *Syntaxe de l'adverbe*, Evry, CERIL, 1990.

_____. Les Nominalisations d'expressions figées. *Langue Française*, v. 69, p. 64-84, 1986.

_____. Les noms traceurs. *Cahiers de Lexicologie*, v. 44, n. 1, p. 105-136, 1984.

_____. Sur les phrases figées complexes du français. *Langue Française*, v. 77, p. 47-70, 1988.

GROSSMANN, F. & TUTIN, A. Les collocations: analyse et traitement, Travaux et recherches en linguistique appliquée, n. 1. Amsterdam: De Werelt. (Eds.). 2003. (Série E).

_____. Quelques pistes pour le traitement des collocations, Les collocations. Analyse et traitement. In: GROSSMANN, F., & TUTIN, A., (Éds.). *Travaux de Recherches en linguistique appliquée*, n. 1, p. 5-21, 2003. (Série E).

GRUNIG, B.N. La locution comme défi aux théories linguistiques: une solution d'ordre mémorielle ?, La locution entre langue et usages. In: MARTINS-BALTAR, M. (Éd.). *Fontenay aux roses*: ENS éditions, 1997. p. 225-240.

GUILBERT, L. De la formation des unités lexicales. *Grand Larousse de la langue française*. Paris: Larousse, v. 1, p. IX-XXXI, 1971.

_____. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. 285 p.

GUILLET, A. & LECLERE, C. Restructuration du groupe nominal, *Langages*, v. 63, p. 99-125, 1981.

GUILLET, A. Représentation des distributions dans un lexique-grammaire. *Langue française*, v. 69, p. 85-107, 1986.

GUMPEL, L. The Structure of Idioms A Phenomenological Approach, *Semiotica*, v. 12, n. 1, p. 1-40, 1974.

HAENELT, K. *et al.* *The Textual Development of Non-Stereotypic Concepts*, Proceedings of the 5th Conference of European Association for Computational Linguistics, 1991. p. 263-268.

HAGÈGE, Cl. Towards a socio-operative conception of linguistics. *Actes du XVe Congrès International des Linguistes*, Québec, 1992.

HAIMON, Y. Contribution à l'étude de la syntaxe de la locution verbale en français contemporain. *Mémoire de maîtrise*, Université de Tel Aviv, 1979.

HARRIS, Z.S. (Ed.). *Notes du cours de syntaxe*. Paris: Le Seuil, 1976. (Coll. Travaux Linguistiques).

_____. *Elementary Transformations*, T.D.A.P. 64, University of Pennsylvania, Philadelphia, réimprimé in *Papers in Structural and Transformational Linguistics*, Reidel, Dordrecht, 1970, 1964.

HAUSMANN, F.J. *Le dictionnaire de collocations*. Dictionaries. Dictionnaires. Wörterbücher. International Encyclopedia of Lexicography. In: HAUSMAN, F.J. *et al.* (Org.). Berlin, New York: de Gruyter, 1989. p. 1010-1019.

_____. Tout est idiomatique dans les langues. In: MARTINS-BALTAR M. (Éd.). *La Locution entre langue et usages*. ENS Editions, Langages, Fontenay-aux-Roses, 1997. p. 277-290.

_____. Un dictionnaire des collocations est-il possible? *Travaux de linguistique et de littérature*, v. 17, n. 1, p. 187-195, 1979.

HEID, U. *On Ways Words Work Together – Topics in Lexical Combinatorics*, p. 226-257, 1994.

HENRI, A. *Métonymie et métaphore*. Paris. Klincksieck, 1971.

HERDAN, G. *The Advanced Theory of Language as Chance and Choice*. New York: Springer, 1966.

HERINGER, J. Idioms and Lexicalization in English, Syntax and Semantics. In: SHIBATANI, M. (Ed.). v. 6. New York: Stanford & London, Academic Press, p. 205-216, 1976.

HERSCHBERG-PIERROT, A. Problématique du cliché. Sur Flaubert. *Poétique*, v. 43, p. 334-345, 1980.

HEYLEN, D.L. et al. *Collocations and the Lexicalisation of Semantic Operations*, EUROTRA. Utrecht, 1991.

HOCKETT, C.F. Idiom Formation, For Roman Jakobson, Halle, M. et al. (Eds.). *The Hague*. Mouton, p. 222-229, 1956.

HOLM, J. A Semicrioulização do Português Vernáculo do Brasil: Evidência de Contato nas Expressões Idiomáticas. *Papia. Revista de Crioulos de Base Ibérica*, Thesaurus Editora: Universidade de Brasília, v. 3, n. 2, 1994.

HORNE, Ch. La métaphore quelques définitions contemporaines, *ALFA*, v. 5, Halifax, p. 179-180, 1992.

HUBER, H. *Dites-le avec des fleurs ! À propos des euphémismes de la langue courante*. Praxis des neusprachlichen Unterrichts, v. 32, n. 3, p. 260-265, 1985.

_____. Les Métaphores du haut en bas de l'échelle sociale et professionnelle, *Moderne Sprachen Organ der Verbandes des Österreichischen Neuphilologen für Moderne Sprachen, Literatur, und Pädagogik*. Vienne, v. 29, n. 3/4, p. 33-43, 1985.

HUDSON, J. Perspectives on fixedness: applied and theoretical. *Lund Studies in English*, Lund, Lund University Press, v. 94, 1998.

HUGUET, E. *Le langage figuré au seizième siècle*. Paris: Hachette, 1933.

HULTENBERG, H. *Le renforcement du sens des adjectifs et des adverbes dans les langues romanes*. Upsala, Thèse, 1903.

HUMBERT, J. *Le français idiomatique*, Neuchâtel, 1954.

HUMBLEY, J. *Exploitation d'un vocabulaire combinatoire syntaxe, phraséologie, analyse conceptuelle*. Terminologies Nouvelles, n. 10, p. 95-102, 1993.

HUNDT, Christiane. Construções de verbo + substantivo. Estrutura, semântica e posição dentro da fraseologia. Verbo e estruturas frásicas. *Revista da Faculdade de Línguas e Literatura Anexo VI*, Porto, p. 267-275, 1994.

IBRAHIM, A.H. Constructions figées et constructions à supports, Le figement lexical. *1ères Rencontres Linguistiques Méditerranéennes*, 1998. p. 373-386.

ILG, G. Expressions, *Meta*, v. 30, n. 1, p. 65-67, 1985.

IRIARTE, Sanromán, Á. *A unidade lexicográfica. Palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. Tese (Doutorado). Braga: Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho, 2001.

IRUJO, S. *Don't Put Your Leg in your Mouth Transfer in the Acquisition of Idioms in a Second Language*. TESOL Quarterly, Cedar Falls, v. 20, n. 2, p. 287-304, 1986.

ISATCHENKO, A. V. Morphologie, syntaxe et phraséologie, *Cahiers de Ferdinand de Saussure*, v. 7, p. 17-32, 1948.

ISSAC F. *Place des ressources lexicales dans l'étiquetage morpho-syntaxique*. L'Information Grammaticale, (à paraître), 2009.

JEAY, M. Les Évangiles des quenouilles de la croyance populaire à la locution, La locution. *Actes du Colloque International*, Université McGill, Montréal, 15-16 octobre 1984, Le moyen français, v. 14-15, p. 282-301, 1985.

JOCHNOWITZ, G. Acceptable but Not Grammatical. Male-dicta. *The International Journal of Verbal Aggression*, Waukesha, Wi, v. 9, p. 71-74, 1986.

JOHNSON, M. Philosophical Implications of Cognitive Semantics. *Cognitive Linguistics*, v. 3, n. 4, Mouton de Gruyter, p. 345-366, 1992.

_____. *The Body in the Mind*. The Bodily Basis of Reason and Imagination. Chicago, London: [s.n.], 1987.

JOLY, H. De francophonie. *Banque des Mots*, v. 36, p. 123-128, 1988.

JORGE, Guilhermina. Da palavra às palavras - Alguns elementos para a tradução das expressões idiomáticas. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 2010.

_____. *Les expressions idiomatiques correspondantes analyse comparative*, 1993.

_____. Um dicionário bilingue de expressões idiomáticas: alguns elementos para a sua construção. In: ENCONTRO SOBRE O ENSINO DAS LÍNGUAS VIVAS NA UNIVERSIDADE, 3. *Actas...* Coimbra, 1993.

_____. *Dar à língua. Da comunicação às expressões idiomáticas*. Lisboa: Cosmos, 1997.

_____. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. Edições Colibri: Lisboa, *Polifonia*, n. 4, p. 215-222, 2001.

_____. *As expressões idiomáticas. Da língua materna à língua estrangeira. Uma Análise comparativa*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1991.

_____. Les locutions métalinguistiques à l'oral. In: ACTAS DO 5º CONGRESSO DA INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR DIALOGUE ANALYSIS - *Nouvelles perspectives dans l'analyse de l'interaction verbale*. Paris IV. 1994.

_____. Os determinantes: o caso específico das expressões idiomáticas. *Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 1997.

_____. *Periplo pola fraseoloxía portuguesa:abordaxe lexicográfica*. In *Cadernos de Fraseoloxia Galega* 7 p. 119-133, 2005

_____. Une lecture interdisciplinaire: la phraséologie. *ACTAS DO 2º ENCONTRO SOBRE O ENSINO DAS LÍNGUAS VIVAS NA UNIVERSIDADE*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1991.

KATZ, J. *Compositionality, idiomaticity and lexical substitution*. A Festschrift for Morris Halle. In: ANDERSON, S. R. & KIPARSKY, P. (Eds.). New York: Holt, Rinehart and Winston, 1973. p. 357-376.

_____. & POSTAL, P. M. Semantic interpretation of idioms and sentences containing them. *Quarterly Progress Report*, n. 70, p. 275-82, 1963.

KAYSER, D. La représentation des connaissances. *Courrier du CNRS*, n. 80, 1993.

KJAER, A. L. Phraseology Research. State of the Art. *Terminology Science and Research*, IITF, .v 1, n. 1/2, p. 3-20, 1990.

_____. Context-conditioned word combinations in legal language. *Terminology science and research*, v. 1, n. 1/2, p. 21-32, 1990.

KLARE, J. Le statut des phraséolexèmes dans le cadre d'une lexicologie et d'une lexicographie moderne. *Actes du Congrès International de Linguistique et Philologie Romane, 1986 à Trèves*, Tübingen, Niemeyer, v. 4, p. 178-186, 1989.

KLEIBER G. Dénomination et relations dénominales, *Langages*, Larousse, Paris, v. 76, p. 77-94, 1984.

_____. *Sur la définition des noms propres*: une dizaine d'années après. In: NOAILLY M. (Éd.). Paris: Klincksieck, 1995. p. 11-36.

_____. *Anaphore associative et inférences*, Lexique et inférence(s), TYVAERT J.E. (Éd.). Paris: Klincksieck, p. 175-201, 1992.

_____. *Problèmes de sémantique*. La polysémie en questions. Lille, Presses Universitaires du Septentrion. 1999.

_____. Quand il n'a pas d'antécédent. *Langages*, v. 25, n. 97, p. 24-50, 1990.

_____. *Remarques sur la dénomination*. Cahiers de Praxématique 36, Montpellier 3, p. 21-41, 2001.

_____. Sur la définition des proverbes, Phraséologie contrastive, GRÉCIANO G. (Éd.). *Recherches Germaniques 2*, Strasbourg: Université des Sciences Humaines, 1989. p. 233-253.

_____. Sur le sens des proverbes. *Langages*, v. 139, p. 39-58, 2000.

_____. *Le problème des phrases habituelles une alternative aux approches quantificationnelles, la solution ontologique de G.N. Carlson*, *Studia romanica posnaniensia*. v. 12, p. 11-26, 1986.

KLEIN, J.R. & LAMIROY B. Relations systématiques entre expressions verbales figées à travers quatre variétés de français, La phraseologie dans tous ses états. In: BOLLY C., KLEIN J.R. & LAMIROY B. (Orgs.). Louvain-la-neuve, CILL v. 31, n. 24, p. 77-92, 2005.

KLEIN, J.R. *Le figement, un concept aussi essentiel que fluent. Réflexions à travers la synchronie et la diatopie, Phraseology in Motion II. Theorie und Anwendung*, Haeki Buhofer A. & Burger H. (Orgs.). Actes du Colloque Europhras, Bâle, août 2004, Hohenegren, Schneider Verlag, p. 75-84, 2007.

KRIPKE S. *La logique des noms propres*. Paris: Minuit, 1982. (édition anglaise-1972)

L'HOMME, M. C. De la finalité conceptuelle au fonctionnement linguistique. *L'Actualité terminologique*, v. 25, n. 1, p. 21-22, 1992.

LABELLE, J. Le prédicat nominal avec suport avoir. Contribution à l'étude de la phrase simple. Lexique-grammaire des langues romanes. Actes du premier colloque européen sur la grammaire et le lexique comparés des langues romanes, Palerme, 1981. In: GUILLET, A. & LA FAUCI, N. (Édit.). *Linguisticae Investigationes Suplementa*, Amsterdam-Philadelphia, 9, p. 165-198, 1984.

_____. Sur les expressions figées à un complément. *Linguistica Communicatio*, Fès, Maroc, Université de Fès, v. 1, n. 2, 1993.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Les métaphores dans la vie quotidienne*. Paris: Minuit, 1985. 254 p.

_____. *Metaphors We Live By*. Chicago, London, [s.n.], 1980.

LAMIROY B. & KLEIN J.R. Le vrai problème du figement est le semi-figement. *Linx*, 53, p. 135-154, 2005.

LAMIROY, B. Les expressions figées: à la recherche d'une définition, in Les séquences figées: entre langue et discours. In: BLUMEN-THAL P. & MEJRI S. (Éds.). *Zeitschrift für Französische Sprache und Literatur*. Beihefte, Stuttgart, F. Steiner. Cahier n. 36, p. 85-98, 2008.

_____, 2003, Les notions linguistiques de figement et de contrainte, *Linguisticae Investigationes*, v. 26, n. 1, p. 1-14, 2003.

LANGER, S. A linguistic test battery for support verb constructions. *Linguisticae Investigationes*, tome XXVII, fascicule 2, p. 171-184, 2004.

LARANJINHA, Ana Lucinda Tadei. *Para um glossário Bilingue- Português/Inglês - de Termos do Direito Comercial: Colocações Verbais*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, 1999.

LASCANO, M. *Quand les grenouilles auront des poils*. Paris: Ellipses, 1996.

LAURENT, M. *Le prêt-à-parler essai et lexiques*. Saint-Laure, 1978.

LAURIAN, J. M. Über die grüne Grenze ou la longue marche des lexies colorées. *Contrastes*, v. 7, p. 79-95, 1983.

LAZERSON, B. H. Patterned Words and Phrases, *Verbatim The Language Quarterly*, Essex, v. 12, n. 3, p. 4-6, 1986.

LE BIDOIS, R. À propos des mots-tandem. *Vie et Langage*, v. 33, p. 554-559, 1954.

LE GUERN, M. *Sémantique de la métaphore et de la métonymie*. Paris: Larousse, 1973.

LE PESANT, D., MATHIEU-COLAS, M. Introduction aux classes d'objets. *Langages*, n. 131, Paris, Larousse, p. 6-33, 1998.

LEAL, M. A. F. O uso da expressão idiomática no português do Brasil: alternativas para o professor. In: SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MG. (Org.). *Coleção Lições de Minas*. Belo Horizonte, 2000.

_____, MENDES, Soélis Teixeira do Prado. Jeitinho brasileiro - a expressão idiomática no português do Brasil: uma contribuição para o léxico da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O léxico em estudo*. UFMG/Belo Horizonte, 2006. p. 43-57.

LECOLLE, M. *Changement dans le lexique* – changement du lexique: lexicalisation, figement, catachrèse, Cahiers de Praxématique 46, Praxiling, Université Paul-Valéry, Montpellier, 3, p. 23-41, 2006.

LEHRER, A. Polysemy, Conventionality, and the Structure of the Lexicon. *Cognitive Linguistics*, 1-2, p. 207-246, 1990.

_____. Structures of the Lexicon and Transfer of the Meaning. *Lingua*, v. 45, n. 2, p. 95-123, 1978.

LEIVA, Myriam Jeanette Serey. *Lexicologia e lexicografia: a questão das expressões idiomáticas em espanhol - variante chilena*. Tese (Doutorado). USP/ São Paulo, 2000.

LENGERT, J. Phraseologie, Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL). In: HOLTUS, G., METZELTIN, M. & SCHMITT, C. (Éds.). Tübingen, Max Niemeyer, I, p. 802-853, 2001.

LEVI, J.N. *The Syntax and Semantics of Complex Nominals*. New York: Academic Press, 1978.

LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations*. A Preliminary Investigation. The University of Chicago Press, 1993.

LEWICKI, R. Phrasematik im Übersetzungstext als Träger des Fremdkonnotation. In: BESSÉ, B. de (Éd.). p. 359-366, 1993.

LIEB, H. H. The General Valency Hypothesis. *Actes du XVe Congrès International des Linguistes*, Québec: 1992.

LIEBERT, W. A. Lascaux – A Hypermedia Lexicon of Metaphor Models for Scientific Imagination. In: MARTIN, W. *et al.* (Eds.). p. 494-500, 1994.

LIMA, Paula Lenz Costa. *Usando a cabeça: um estudo da representação do substantivo CABEÇA no sistema conceitual das línguas inglesa e portuguesa, através de expressões metafóricas convencionais*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 1995.

LIPKA, L. Grammatical Categories, Lexical Items and Word-Formation. *Foundations of Language*, v. 7, n. 2, p. 211-238, 1971.

LIPSHITZ, E. La nature sémanto-structurelle des phraséologismes analytiques verbaux. *Cahiers de Lexicologie*, v. 38, n. 1, p. 35-44, 1981.

LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. *Elementos Constitutivos dos Idiomatismos no Português do Brasil*. Dissertação (Mestrado). Pontificia Universidade Católica de São Paulo, 1990.

_____. *O idiomatismo como lugar de reflexão sobre o funcionamento da língua*. Tese (Doutorado). Unicamp. Campinas, 2007.

LOEWENBERG, I. Identifying Metaphors. *Foundations of Language*, 12, p. 315-338, 1975.

LÖFFLER-LAURIAN, A. M. *et al.* Pour une étude contrastive des lexies complexes cas particulier des lexies à chiffres en français, portugais et finnois. *Cahiers de Lexicologie*, v. 34, n. 1, p. 61-86, 1979.

_____. L'analyse contrastive des lexies complexes questions liées aux expressions dites idiomatiques – cas des lexies avec pied et main. *Contrastes*, v. 4, n. 5, p. 119-138, 1982.

LONGHI, J. De intermittent du spectacle à intermittent: de la représentation à la nomination d'un objet du discours. *Corela*, v. 4, n. 2, Revue en Ligne, 2006.

LÜDI, G. *Aspects énonciatifs et fonctionnels de la néologie lexicale*, *Recherches en pragmasémantique*, Paris: Metz, 1984. p. 165-183.

_____. *Métaphore et travail lexical*, *Trenel – Travaux Neuchâtelois de Linguistique*, Institut de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, n. 17, p. 17-50, 1991.

LURATI, O. *La locution entre métaphore et histoire*, *La locution. Actes du Colloque International*, Montréal. Université McGill, 15-16 octobre 1984, *Le Moyen Français*, 14-15, 1985. p. 82-102.

MAÇÃS, D. *Os animais na linguagem portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1951.

_____. As relações entre o corpo e o carácter na língua popular portuguesa. *Boletim de Filologia*, T. IX, 1948. p. 229-250.

MACKIN, R. On Collocations Words shall be known by the company they keep. Honour of A.S. Hornby. In: STREVS, P. (Ed.). Oxford University Press., 1978. p. 149-165.

MAGAY, T. & ZIGANY, J. *Budalex '88 Proceedings, 3e Congrès International Euralex*. Budapest. Akadémiai Kiadó, v. 577, p. 1990.

MAKKAI, A. *Idiom Structure in English*. Mouton: The Hague, 1972. 371 p.

_____. Idiomaticity and Phraseology in Post-Chomskian Linguistics The Coming-of-Age of Semantics beyond the Sentence, *Semiotica*, v. 64, n. 1/2, p. 171-187, 1987.

_____. Idiomaticity as a language universal. *Universals of Human Language*, v. 3, p. 401-448, 1978.

_____. *The Metaphorical Origins of Idiomaticity, Four Essays on the Metaphors*. Georgetown Working Papers in Linguistics, Di Pietro (Ed.). v. 11, p. 10-59, 1975.

MALIS, L. Paradigme de la valence verbale et réalisations nominales et pronominales. *International Journal of Lexicography*, v. 7, n. 2, p. 142-157, 1994.

MALKIEL, Y. Studies in irreversible binominals. *Lingua*, v. 8, p. 113-160, 1959.

MAN, O. Ustalena spojeni a frazeologicke jednotky Groupes figés et unités phraséologiques. *Lexikograficky Sbornic*, Bratislava, 1953. p. 101-110.

MANNING, C. & SCHÜTZE, H. *Foundations of Statistical Natural Language Processing*. Cambridge: MIT, 2000.

MARÇALO, Maria João. Metáfora y fraseologia en portugués: cuando la lengua se pretende intraducible. In: LUQUE Durán y PAMIÉS Bertrán (Eds.). *La creatividad en el lenguaje: colocaciones idiomáticas y fraseología*, Collectae, Método Ediciones: Granada, 2006.

MAROUZEAU, J. *Le mot et la formule, Aspects du français*. Paris: Masson et Cie, p. 181-197, 1950.

_____. *Composés à l'état naissant, Mélanges de linguistique offerts à Albert Dauzat*. Paris: Éditions d'Artrey, 1951. p. 201-207,

MARTIN, R. Sur les facteurs du figement lexical, La locution entre langue et usages. In: MARTINS-BALTAR, M. (Éd.). Fontenay aux roses: ENS Éditions, p. 291-305, 1997.

_____. *Inférence, antonymie et paraphrase*. Éléments pour une théorie sémantique. Paris: Klincksieck, 1976. 176 p.

MARTIN, W. *et al.* EURALEX '94 *Proceedings*, Amsterdam. (Eds.). 1994. 628 p.

_____. *Knowledge-Representation Schemata and Dictionary Definitions, Perspectives on English Studies in Honor of Professor Emma Vorlat*, 1994.

MARTINS-BALTAR, M. *La locution en discours*, Les Cahiers du Français Contemporain, n. 2, Credif, Didier. (Éd.), 1995.

_____. *La locution entre langue et usages*. Paris: ENS éditions. Fontenay-St Cloud, 3 v., 1997.

MASSOUSSI, T. *La métonymie et la double structuration des séquences figées: le cas des locutions verbales*, Las construcciones verbo-nominales libres y fijas. Aproximación contrastiva y traductológica. In: MOGORRÓN HUERTA P. & MEJRI S. (Éds.). Université d'Alicante, p. 165-181, 2008.

MATHIEU-COLAS M. Ruptures paradigmatiques et idiomatité, Les séquences figées: entre langue et discours, BLUMENTHAL P. & MEJRI S. (Éds.). *Zeitschrift für Französische Sprache und Literatur*, Cahier n. 36, février 2008, ENS rue d'Ulm, 2008.

_____. *Les mots français à trait d'union*. Paris: Didier Érudition. 1994.

_____. Typologie de la composition nominale. *Cahiers de Lexicologie*, Didier, Paris, n. 69, p. 66-118, 1996.

MATORE, G. *L'Espace humain*. Paris: Éditions du Vieux Colombier, 1962.

MATOS, Gaspar. Assim como cada qual é, assim ensina - provérbios em bibliotecas públicas para adolescentes e jovens adultos. In: *Proceedings 1º COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR SOBRE PROVÉRBIOS*, Tavira - Algarve - Portugal. Disponível em: [http://eprints.rclis.org/archive/00012010/\(2007\)](http://eprints.rclis.org/archive/00012010/(2007))

McARTHUR, T. The Long-Neglected Phrasal Verb, English Today. *The International Review of the English Language*, Cambridge, England: apr. 5-218, p. 38-44, 1989.

McNEILL, D. The origin of associations within the same grammatical class. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, v. 2, p. 250-262, 1963.

MEJRI, S. Structuration sémantique et variation des séquences figées, Le Figement lexical, *Actes de la 1ère Rencontre Linguistique Méditerranéenne*, Tunis, (17-19 septembre 1998), Tunis CERES, p. 103-112, 1998.

_____. & OUERHANI, B. *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. traduction du livre de Gaston Gross, (en arabe), 2009.

_____. Binarisme, dualité et séquences figées. Mélanges. In: ROBERT M., Duculot, *Les formes du sens*, 1997. p. 249-256.

_____. Défigement et jeux de mots. *Etudes Linguistiques*, v.3, Tunis, 1997, p. 75-92, 1997.

_____. *Du figement lexical: continuité référentielle et saillance linguistique*. Scolia, 1998. p. 169-179.

_____. *La conceptualisation dans les séquences figées, L'information grammaticale (spécial Tunisie)*, p. 41-48, 1998c.

_____. *Le figement et la linéarité du signe linguistique, L'information grammaticale (spécial Tunisie)*, p. 17-21, 1998d.

_____. *Polysémie et polylexicalité Syntaxe et sémantique*, n. 5, Caen, Presses de Université de Caen, 2003.

_____. Séquences figés et expression de l'intensité. Essai de description sémantique, *Clex*, v. 65, p. 111-122, 1994.

_____. Unité polylexicale et polylexicalité, *Linx*, v. 40, p. 79-93, 1999.

_____. *Le figement lexical: nouvelles tendances. Cahiers de Lexicologie*, v. 80, p. 213-223, 2002.

_____. Polylexicalité, monolexicalité et double articulation: la problématique du mot. *Cahiers de Lexicologie*, v. 89, 2006b. p. 209-221.

_____. (Éd.). *Le figement lexical. Cahiers de Lexicologie*, v. 82, n. 1, 2003.

_____. *Figement et dénomination, Meta*, n. 45, Montréal, Presses de l'Université de Montréal. p. 609-621, 2000.

_____. *Constructions à verbes supports, collocations et locutions verbales, Las construcciones verbo-nominales libres y fijas. Aproximación contrastiva y traductológica*. In: MOGORRÓN HUERTA P. & MEJRI S. (Org., Université d'Alicante, 2008. p. 191-202.

_____. Equivalence monolexicale des séquences figées, Les classes de prédicats, *Colloque franco-coréen*, 7 novembre 2006, Université Paris XIII, Villetaneuse, 2006.

_____. GROSS, G., CLAS, A. & BACCOUCHE, T. (Org.). *Le figement lexical. Actes de la 1ère Rencontre Linguistique Méditerranéenne*, Tunis, CERES, 1998.

_____. *La mémoire des séquences figées: une troisième articulation ou la réhabilitation du culturel dans le linguistique ?*, La mémoire des mots. In: CLAS, A., MEJRI, S. & BACCOUCHE, T. (Orgs.). *Actes des cinquièmes journées scientifiques du réseau LTT (AUPELF-UREF)*. Tunis: SERVICED/AUPELF UREF, p. 3-11, 1998.

_____. *Le figement lexical*. Tunis: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

_____. *Les séquences figées adjectivales, L'adjectif en français et à travers les langues*, François, J. (Org.). *Bibliothèque de Syntaxe & Sémantique*. Caen: Presses Universitaires de Caen, p. 403-412, 2004.

_____. *Figement et formation d'outils syntaxiques*. *Travaux linguistiques du Cerlico*, v. 14, p. 203-214, 2001.

_____. *Séquences figées et blocages syntaxiques*. *Traits d'union*. In: KLEIBER, G. & LE QUERLER, N. (Org.). Caen: Presses Universitaires de Caen, p. 151-164, 2002.

_____. *Syntaxe et figement*, Bulag, *Mélanges offerts à GROSS G.* (numéro hors série), 2000. p. 333-342.

MEL'ČUK, I. *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain: recherches lexico-sémantiques I-IV*, Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1984-1999.

_____. & POLGUERE, A. *Lexique actif du français. L'apprentissage du vocabulaire fondé sur 20 000 dérivations sémantiques et collocations du français*. Bruxelles: De Boeck, 2007.

_____. & WANNER, L. Toward an Efficient Representation of Restricted Lexical Cooccurrence. In: MARTIN, W. *et al.* (Eds.). p. 325-228, 1994.

_____. Parties du discours et locutions. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, v. 101, n. 1, p. 29-65, 2006.

_____. “Verbes supports sans peine.” *Lingvisticae Investigationes*, v. 27, n. 2, p. 203-217, 2004.

_____. *Lexical Functions, Phraseology. An International Handbook of Contemporary Research*. In: BURGER, H., DOBROVOL'SKIJ, D., KÜHN, P. & NORRICK, N. (Org.). Berlin – New York: W. de Gruyter, p. 119-131, 2007.

_____. Lexical Functions: A Tool for the Description of Lexical Relations in the Lexicon. WANNER L. (Org.). *Lexical Functions in Lexicography and Natural Language Processing*. Benjamins: Amsterdam/Philadelphia, p. 37-102, 1996.

_____. Phrasemes in Languages and Phraseology in Linguistics Idioms: Structural and Psychological Perspectives. In: EVERAERT, M. & VAN DER LINDEN, E. J. Erlbaum, Hillsdale, 1995.

MILNER, G.B. De l'armature des locutions proverbiales. Essai de taxonomie sémantique. *L'Homme*, v. 9, n. 3, p. 49-70, 1969.

MILO, D. *Le nom des rues*. In: T. II, NORA P. (Éd.). *Les lieux de mémoire* Paris: Gallimard, 1986.

MISRI, G. Aproches du figement linguistique critères et tendances. *Linguistique La*, v. 23, n. 2, p. 71-85, 1987.

MOESCHLER, J. *Idiomes et locutions verbales*. In: BESSÉ, B. de (Édit.). p. 135-148, 1993.

MOHI, M. Combinaisons appropriées des constructions complétives. *Langages*, v. 115, p. 47-63, 1994.

MOIGNET, G. *Ladverbe dans la locution verbale, Études de psycho-systématique française*, Bibliothèque Française et Romane. Paris: Klincksieck, p. 137-159, 1974. (Série A, Manuels et études linguistiques, v. 28).

MOLHO, M., BLANCHE-BENVENISTE, C., CHERVEL, A. & GROSS, M. *L'Hypothèse du formant sur la constitution du signifiant* Esp. un/no. Grammaire et histoire de la grammaire, Aix-en-Provence, Université de Provence, 494 p., 1988.

_____. *Parâmetros Curriculares do Ensino Médio: Linguagens e Códigos e suas Tecnologias*. Ministério da Educação do Brasil, 2003.

_____. *Projeto Pedagógico do Curso de Letras Integralização Curricular*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2005.

MOLINO, J., SOUBLIN, F. & TAMINE, J. Problèmes de la métaphore. *Langages*, v. 54, Didier, Larousse, p. 5-40, 1979.

MOLINO, J. Métaphores, modèles et analogies dans les sciences. *Langages*, v. 54, p. 83-102, 1979.

MONTEIRO-PLANTIN, R.S. Gastronomismos Linguísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Brasília: Pontes Editores, 2011. p. 249-275.

MONTORO DEL ARCO, E. T. *Hacia una sistematización de la variabilidad fraseológica, Estudios lingüísticos en recuerdo del profesor Juan Martínez Marín*, Pastor Milán Á. (Org.). Granada, Universidad de Granada, 2005. p. 125-152.

_____. La fraseología en la tradición gramatical española, SEHL 2001. Estudios de Historiografía Lingüística. In: ESPARZA TORRES M.A, FERNÁNDEZ SALGADO B. & NIEDEREHE H. J. (Org.). *Hamburg, Helmut Buske*, II, p. 925-942, 2002.

_____. *Teoría fraseológica de las locuciones particulares*. Peter Lang: Frankfurt, 2006.

MORAES, Helmara Febeliana Real de. *O tradutor pode estar redondamente enganado: um estudo constrastivo de colocações adverbiais (inglês-português) sob o enfoque da linguística de corpus*. Dissertação (Mestrado). FFLCH/USP. 2005.

MOREAU, M. L. Les séquences préformées entre les combinaisons libres et les idiomatiques. Le cas de la négation avec ou sans ne. *Le français moderne*, v. 54, n. 3/4, p. 137-160, 1986.

MORIN, Y. C. A Remark About Lexicalization of Syntactic Expressions. *Recherches linguistiques*, Montréal: v. 4, p. 173, 1975.

MORTUREUX, M. F. Figement lexical et lexicalisation. *Cahiers de Lexicologie*, 82, p. 11-21, 2003.

MOSKAL'SKAJA, O. J. Fixed Word Combinations of Serial Formations as Objects of Grammar. *Linguistics*, v. 143, p. 49-59, 1975.

MURILLO MELERO, M. & DÍAZ FERRERO, Ana Maria. *La traducción de las expresiones idiomáticas en portugués y español. Análisis comparativo de algunas expresiones idiomáticas relacionadas con el vestuario*. In: BREA, Charlo (Ed.). 1994. p. 227-243

NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NEDOBITY, W. Simple phrase structure grammars and their application in terminology. *Terminology science and research*, IITE, v. 1, n. 1/2, p. 59-63, 1990.

NOGUEIRA, L. C. R. *A presença de expressões idiomáticas no ensino de espanhol/língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

NØLKE, H. Petite étude diachronique de or. De la déixis temporelle à la déixis textuelle. Festschrift in honour of Michael Herslund. In: NØLKE H. & *et al.* (Éds.). *Grammatica*. Berne, Lang, p. 393-404, 2006.

NORMAND, C. *Métaphore et concept*. Paris: PUF, 1976.

NUNBERG, G. SAGI, I.A. WASOW, T. Idioms. *Language*, v. 70, 3, p. 491-538, 1994.

OLIMPIO de OLIVEIRA SILVA, M^a Eugênia. *Fraseografía teórica y práctica. Bases para un diccionario de locuciones verbales español-portugués*. Tese (Doutorado). Universidad de Alcalá, UAH, Espanha, 2004.

OPITZ, K. Linguistics between Artificiality and Art Walking the Tightrope of LSP Research. *Bulletin CILA*, v. 37, p. 8-20, 1983.

ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa. A denominação fraseológica no humor e na política. *Revista Brasileira de Linguística*, v. 13, p. 131-141, São Paulo, 2005.

_____. As expressões idiomáticas dentro da obra lexicográfica. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 9, p. 181-212, 1997.

_____. As metáforas em uso: a linguagem metafórica das expressões idiomáticas. In: Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva. (Org.). *Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais. As interfaces dos estudos linguísticos*. Belém do Pará: Editora da Universidade da Amazônia UNAMA, v. 4, p. 149-170, 2006.

_____. Dicionário fraseológico ou Dicionário de expressões idiomáticas? *Revista Língua e Ensino*, Cascavel, Paraná, v. 2, p. 83-96, 2001.

_____. Ensino de línguas próximas, isso são outros quinhentos: a questão das expressões idiomáticas nas aulas de ELE. In: Márcia Parquett; André Trouche. (Org.). *Formas & Linguagens: tecendo o hispanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Waldyr Lima Editora Ltda, 2004.

_____. Expressões idiomáticas do Português do Brasil em interface com expressões idiomáticas do Espanhol do Chile. In: CARMONA, Carmen Balart; SIEWIERSKI, Henryk (Org.). *Heranças e desafios na América Latina: Brasil-Chile*. 01 Ed. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2003. p. 127-136.

_____. Expressões idiomáticas sinônimas. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 12, p. 11-20, 2003.

_____. O papel das metáforas nas expressões idiomáticas. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 4, p. 19-36, 2004.

_____. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos do seu ensino em PLE. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti; SANTOS, Percília.(Org.). *Tópicos em Português língua estrangeira*. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 157-172.

_____. Traduzir uma expressão idiomática é uma mistura de alhos com bugalhos ou um fazer aos trancos e barrancos. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 11, p. 163-184, 2001.

PAGLIARO, Marília Gabriela Moreira. *Dicionário multilíngue de cores: expressões idiomáticas*. Dissertação (Mestrado). UNESP/São José do Rio Preto, 2009.

PALM, L. On va à la Mouff' Etude sur la syntaxe des noms de rues en français contemporain. *Acta Universitatis Upsaliensis, Studia Romanica Upsaliensia*, Uppsala, v. 45, 1989.

PALMA, S. La scalarité dans les expressions figées: le cas des locutions à polarité. In: ANSCOMBRE J. C. (Éd.), *Théorie des topoï*, Kimé, Paris, 1995. p. 145-176.

_____. Les locutions à polarité négative: une approche prototypique. *Langages*, n. 162, p. 61-72, 2006.

PAMIES, A. De la idiomatidad y sus paradojas. In: GERMÁN Conde (Org.). *Nouveaux apports à l'étude des expressions figées*. Cortil-Wodon (Belgique): InterCommunications & E.M.E. p. 173-204, 2007. (Collection Proximités – Didactique).

_____. Comparaison inter-linguistique et comparaison interculturelle. In: QUITOUT, Michel (Org.). *Traduction, proverbes & Traductologie*. Paris: Éditions L'Harmattan, p. 143-156, 2008

PASTORE, P. C. F. ; XATARA, C. M. Os Animais nos Idiomatismos: Interface Inglês-Português. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis: v. 2, p. 71-82, 2005.

_____. As expressões idiomáticas nos estudos fraseológicos e sua tradução em dicionários e outros textos. *Revista UNIRP*. São José do Rio Preto, v. 3, p. 165-175, 2004.

PAUL, Herman. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Tübingen: Max Niemeyer, 1966 [1880].

PAWLEY, A. On speech formulas and linguistic competence. *Lenguas Modernas*, CHL, n. 12, p. 84-104, 1985.

PEDRO, Magali de Lourdes. *As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2007.

PENALVER VICEA, M. L'idiomaticité: une source incontournable du défigement, l'espace euro-méditerranéen: une idiomaticité partagée. In: MEJRI, S. (Éd.). *Actes du Colloque International* (tome2) (Hammamet 19, 20 & 21 septembre 2003). Cahiers du CERES, Série Linguistique, 12. Tunis: CERES, 2004. p. 281-291.

PERIGO, Gisele Marçon Bastos. *A compreensão de expressões idiomáticas no inglês cotidiano*. Dissertação (Mestrado). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

PERMJAKOV, G.L. *et al.* On paremiological homonymy and synonymy, Tübingen, Kodikas/Code/Ars semeiotica, D-7400, v. 7, n. 3/4, p. 269-271, 1984.

PERRIN, L. Figures et dénominations. *Semen*. v. 15, p. 141-154, 2002.

_____. *Idiotismes, proverbes et stéréotypes*, 2008. (à par.).

_____. Citation, lexicalisation et interprétation des expressions idiomatiques, Parler des mots. In: AUTHIER-REVUZ J., DOURY M. & REBOUL-TOURE S. *Le fait autonymique en discours*. [s.l.]: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2003. p. 281-291.

_____. Remarques sur la dimension générique et sur la dimension dénomminative des proverbes. *Langages*, v. 139, p. 69-80, 2000.

PERRIN-NAFFAKH, A. M. *Le cliché de style en français moderne nature linguistique et rhétorique*. fonction littéraire, Lille: 1985.

PETIT G. Remarques sur la structuration sémiotique des locutions familières. In: MEJRI S., GROSS G., CLASS A. & BACCOUCHE T. (Éds.). *Le figement lexical*, Tunis: CERES, 1998. p. 145-163.

_____. *La polysémie des séquences polylexicales, Syntaxe et sémantique 5, Polysémie et polylexicalité*. Presses Universitaires de Caen, 2003. p. 91-114.

_____. Lemmatisation et figement lexical: les locutions de type SV. *Cahiers de Lexicologie*. v. 82, p. 127-158, 2003.

PIACENTINI, J. A. La création des synthèmes publicitaires et leur intégration dans le langage courant. *La Linguistique*, v. 17, n. 1, p. 49-76, 1981.

PINEIRA-TRESMONTANT, C. Rigidités discursives et flou sémantique. La notion de Lexie. *Mots*, n. 17, p. 145-169, 1988.

PLOT, M. Conjonctions de subordination et figement. *Langages*, v. 90, p. 39-56, 1988.

POLGUÈRE, A. *Lexicologie et sémantique lexicale*. Notions fondamentales, collection Paramètres. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2008.

POLINSKY, M. Beyond the NP the Sentence as Media of Reference. *Actes du XVe Congrès International des Linguistes*, Québec, 1992.

POTTIER, B. *Linguistique générale théorie et description*. Coll. Initiation à la Linguistique, Paris: Klincksieck, 1974. 338 p. (Série B, Problèmes et méthodes, v. 3).

_____. *Systématique des éléments de relation*. Paris: Klincksieck, 1962.

_____. *Vers une sémantique moderne, Travaux de linguistique et de littérature, publié par le Centre de Philologie et de Littératures Romanes de l'Université de Strasbourg*, v. 2, n. 1, p. 107-137, 1964.

PRANDI, M. Les motivations conceptuelles du figement. In: MEJRI, S., GROSS, G., CLASS, A. & BACCOUCHE, T., (Éds.). *Le figement lexical*. Tunis, CERES, p. 87-101, 1998.

PUSTEJOVSKY, J. *Semantics and the Lexicon*. Kluwer: Dordrecht, 1993.

_____. *Type coercion and lexical selection*, semantics and the lexicon. Kluwer: Dordrecht, 1993. p. 73-94.

RANCHHOD, Elisabete. *O lugar das expressões fixas na gramática do português*. Projeto ENLEX. (Enhancement of large-scale Lexicons, inédito).

_____. O Zé saiu da sala de orelha murcha frase simples ou complexa. In: *Actas do 2º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 1986.

RAPOSO, K.C. *Estudo das expressões idiomáticas do português do Brasil: uma proposta de sistematização*. Tese (Doutorado). Belo Horizonte, Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.

RASTIER, F. Défigements sémantiques en contexte, In: MARTINS-BALTAR, M. (Éd.). *La locution entre langue et usages*, Paris: ENS éditions. Fontenay-St Cloud, 1997. p. 307-332.

_____. *Sémantique interprétative*. Paris: PUF, 1987. 277 p.

RAT, M. Déformations populaires des mots et locutions. *Vie et Langage*, v. 59, p. 89-93, 1957.

REBOUL, O. Le slogan et les fonctions du langage. *Le Français dans le Monde*, v. 143, p. 21-26, 1979.

REY, A, BUDALEX Presidential Debate. *International Journal of Lexicography*, Oxford University Press, v. 5, n. 4, 1988.

_____. Les limites du lexique. *Le lexique images et modèles*. Paris: A. Colin, 1977.

_____. Structure sémantique des locutions françaises. *Actes du XIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Québec, PUL, v. I, p. 831-842, 1976.

RICHARD, G. & BÉRARD-DUGOURD, A. Le traitement des locutions dans l'analyse du langage naturel, *Étude*, n. 101 du Centre Scientifique IBM France, [s.d.].

RICŒUR, P. *La Métaphore Vive*. Paris: Seuil, 1975. 414 p.

RIFFATERRE, M. Fonctions du cliché dans la prose littéraire. *Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises*, v. 16, p. 81-95, 1964.

RIGOLOT, F. Perspectives théoriques et sémiotiques sur la locution Locutio / Locatio. *Le Moyen Français*. Montréal: v. 14-15, p. 400-418, 1985.

RIOS, T. H. C. ; XATARA, C. M. O estudo contrastivo dos idiomatismos: aspectos teóricos. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro, v. 7. p. 54-80, 2007.

RIVA, Huélington Cassiano. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas da língua portuguesa do Brasil*. Dissertação (Mestrado) São José do Rio Preto / UNESP/ SP. 2006.

ROCHA, A. *É canja ! Mille et une expressions et façons de dire pour apprendre le portugais*. Paris: Ellipses, 2008.

RODEGEM, F. Un problème de terminologie les locutions sentencieuses. *Cahiers de l'Institut de Linguistique Louvain*, v. 1, n. 5, p. 677-703, 1972.

ROHRER, Ch. Definition of locutions verbales. *The French Review*, v. 41, n. 3, p. 357-367, 1967.

RONCOLATTO, E. *Especificidades das expressões idiomáticas; exemplo do Português e do Espanhol*. In: XII CELLIP. 1998, Foz do Iguaçu. Anais do XII CELLIP. 1998.

_____. *Estudio Contrastivo de las Expresiones Idiomáticas del Portugués y del Español*. Londrina: Boletim do Centro de Ciências Humanas/ UEL, 1998.

_____. La noción de idiomaticidad. Londrina: *Boletim do Centro de Ciências Humanas/ UEL*, 1999.

_____. *Estudo contrastivo das expressões idiomáticas do português e do espanhol*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Assis/SP. 1997.

_____. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista/Assis, 2001.

ROUGET, Ch. Comment rendre compte des locutions verbales? *International Journal of Lexicography*, v. 7, n. 2, p. 177-196, 1994.

_____. Essai de classement syntaxique et sémantique des verbes potentiellement performatifs en français. *Cahiers de Linguistiques*, v. 8, p. 437-455, 1978.

ROVENTA-FRUMUSANI, D. Cognitif et expressif dans l'étude de la métaphore. *Revue Roumaine de Linguistique*, v. 34, n. 6, p. 523-529, 1989.

RUIZ GURILLO, L. Aspectos de fraseología española. *Anejo XXIV de Cuadernos de Filología*, Valencia: Universitat de Valencia, 1997.

RUWET, N. Des expressions météorologiques. *Le français moderne*, v. 58, n. 1/2, p. 43-97, 1990.

_____. Du bon usage des expressions idiomatiques dans l'argumentation en syntaxe générative. *Recherches Linguistiques de Vincennes*, 11, p. 5-84, 1983.

SABINO, Marilei Amadeu de. *Dicionário italiano-português de falsos cognatos e cognatos enganosos: subsídios teóricos e práticos*. Tese (Doutorado), UNESP. Assis, 2002.

SABLAYROLLES, J. F. & BEN HARIZ OUENNICHE, S. Nouveaux verbes et nouveaux emplois verbaux. *Verbum*, n. 1/2, 2007.

SABLAYROLLES, J. F. *Locutions néologiques*. La Locution: entre Lexique, Syntaxe et Pragmatique. Saint-Cloud. Paris: Klincksieck, 1997. p. 321-331.

SAINÉAN, L. La création métaphorique, Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie, Halle, v. 1, n. 10, 1907, 1905.

SALEM, A. *Pratique des segments répétés*. Essai de statistique textuelle, Paris: Klincksieck, 1987. 335 p.

SALES, M. P. Expression compositionnelle ou locution: ça craint vs ça barde? *Linx*, v. 53, p. 217-229, 2005.

SANDMANN, M. *Monter à cheval et le problème des variations d'expressions conditionnées par les contextes situationnels*. Expériences et critiques. Paris: Bibliothèque Française et Romane, 1973. p. 221-248, (Série A, v. 25).

SAUVAGEOT, A. Les mots-tandem. *Vie et Langage*, v. 34, n. 35, p. 223-226, 1955.

SCHAPIRA, C. *Les stéréotypes en français: proverbes et autres formules*. Paris: Ophrys, 1999.

SCHINDLER, W. *Phraseologismen und Wortfeldtheorie*. Studien zur Wortfeldtheorie. Tübingen. Niemeyer, 1993.

SCHMITZ, John Robert. *A Rotulação de Itens Lexicais Supostamente Giriáticos em Dicionários de Língua Portuguesa: um Estudo Comparativo*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/John/GIRIA.html>>

SEABRA, M. C. T. C. A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. v. 3, p. 93-103. Campo Grande: Ed. UFsMS/ Humanitas, 2007.

_____. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

SECHEHAYE, A. Locutions et composés. *Journal de psychologie normale et pathologique*, v. 18, p. 654-675, 1921.

SILVA, A. S. da. *A Semântica de DEIXAR. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. Tese (Doutorado). Universidade Católica Portuguesa-Faculdade de Filosofia de Braga, 1997.

SILVA, José Pereira da. A classificação das frases feitas de João Ribeiro. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS, 3, UFRJ. Rio de Janeiro, p. 191-200, 1992.

_____. As “frases feitas” de João Ribeiro. Rio de Janeiro: UERJ / Faculdade de Letras, 1985. (Mimeo).

_____. *Ensaio de fraseologia*. Rio de Janeiro: CIFEFIL/Diálogos, 1999.

SILVA, Mirelli Caroline Pinheiro. *A busca de provérbios com nomes de cores para o Dicionário Multilíngüe de Cores DMC em italiano e português*. Iniciação Científica. UNESP/Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2010.

SILVEIRA, J. R. C.; SILVEIRA, Jane Rita Caetano. Significado literal e não-literal ou menos-que-literal? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, Edipucs, v. 39, p. 217-228, PORTO ALEGRE: EDIPUCRS, 2004.

SIMATOS, I. *Éléments pour une théorie des expressions idiomatiques identité lexicale, référence et relations argumentales*, Thèse Paris VII, 1987, Lille, Atelier national de reproduction des thèses, 1988.

SINCLAIR, J. M. Collocation a progress report, *Language Topics in honour of M. HALLIDAY*, Steel, R. et al. (Org.). *Amsterdam-Philadelphia*, v. 2, p. 319-331, 1988.

_____. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

_____. Some Implications of Discourse Analysis for ESP Methodology. *Applied Linguistics*, Minneapolis, MN. v. 1, n. 3, p. 253-261, 1980.

SKORUPKA, S. Ce que l'on entend par idiomatisme. *Slavica*, Debrecen Hongrie, v. 6, p. 163-166, 1966.

SLOBIN, D. Learning to think for speaking native language, cognition and rhetorical style. *Pragmatics*, v. 1, p. 7-25, 1991.

SMADJA, F. Retrieving Collocations from Text Xtract. *Computational Linguistics*, v. 19, n. 1, p. 143-177, 1993.

_____. & MCKEOWN, K. Using Collocations for Language Generation. *Computational Intelligence*, v. 17, 1991.

SOKOLOVA, G. G. On the formation of phraseological units in French. *Voprosi iazikoznania*, v. 3, p. 91-101, 1987.

SOMERS, H. L. *Valency and Case in Computational Linguistics*. [s.l.]: Edinburg, 1987.

SPENCE, N. C. W. Composé nominal, locution et syntagme libre. *La linguistique*, v. 5, n. 2, p. 5-26, 1969.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance*. Communication and Cognition. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

STREHLER, René G. *Fraseologismos e sinonímia*. In: _____. *Trabalhos em linguística aplicada*. Campinas, v. 42, p. 145-156, 2003.

SUCCI, Thaís Marina. *Os sete pecados capitais expressos pelos provérbios*. Dissertação (Mestrado). Araraquara: UNESP, 2006.

SVENSSON, M. H. *Critères de figement*. L'identification des expressions figées en français contemporain, Skrifter från moderna språk 15, Institutionen för moderna språk, Umeå, Umeå University, 2004.

SWEETSER, E. Metaphor, Myth and Everyday Idiom. *Actes du XVe Congrès International des Linguistes*. Québec, 1992.

SZENDE, T. À propos des séquences intensives stéréotypées. *Clex*, v. 74, n. 1, p. 61-77, 1999.

TAGNIN, S. E. O. Certo está, só que não é assim que a gente diz. In: Grigoletto, M. , A. M. Carmagnani (Org.). *Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade*. São Paulo: Humanitas, v.1. p. 489-498, 2001.

_____. Os Corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. In: TAGNIN, S. E. O. (Org.). *Cadernos de tradução: corpora e tradução*, v. 1, n. 9. p. 191-218. Florianópolis, NUT, 2002.

_____. A tradução dos idiomatismos culturais. In: *Trabalhos em lingüística aplicada*, v. 11, p. 43-52, 1988.

_____. *O jeito que a gente diz*: expressões idiomáticas e convencionais- inglês e português. São Paulo: Disal, 2005.

_____. What's in a verbal colligation? Project for a bilingual dictionary of verbal colligations English-Portuguese/Portuguese-English. In: BESSÉ, B. (Éd.). 1993. p. 149-156.

TALLGREN-TUULIO. O. J. *Locutions figurées calquées et non calquées*. Essai de classification pour une série de langues littéraires, Mémoires de la Société Néo-philologique de Helsinki, v. 9, p. 279-324, 1932.

TALMY, L. Lexicalization Patterns Semantic Structure in Lexical Forms. *Language Typology and Syntactic Description*, v. 3, Cambridge, Cambridge University Press, p. 57-149, 1985.

TAMBA, I. *Comparaisons hyperboliques*. Le sens figuré. Paris: PUF, 1981. p. 144-147.

_____. *Figement sémantique*: sens compositionnel et sens idiomatique. [s.l.]: Sous Presse, 2009.

_____. Formules et dire proverbial. *Langages*, v. 139, p. 110-118, 2000.

_____. Le sens métaphorique argumentatif des proverbes. *Cahiers de Praxématique*, v. 35, p. 39-57, 2000.

_____. *Vérité générique et vérité proverbiale*: on dit face à on dit proverbialement. le proverbe dit, 2008.

_____. A propos de la signification des figures de comparaison. *L'Information grammaticale*, n. 1, p. 16-20, 1979.

_____. La Composante référentielle dans un manteau de laine, un manteau en laine. *Langue Française*, Paris, v. 57, p. 119-128, 1983.

_____. *Le sens figuré*. Vers une théorie de l'énonciation figurative. Paris: PUF, 1981. (Coll. Linguistique Nouvelle).

TCHOBÁNOVA, I. B. *As comparações fixas na língua portuguesa e os seus equivalentes funcionais na língua búlgara*. Disponível em: <<http://www.euralex2006.unito.it/Tchobanova> [1]. Doc>.

TELIYA, V. Lexical collocation denominative and cognitive aspects, In: MARTIN, W. *et al.* (Éds.). 1994. p. 368-377.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1959.

THAGARD, P. *Conceptual Revolutions*. Princeton. New Jersey: Princeton University Press, 1992.

THIELE, J. *Zum französischen nominativen Phraseologismus Versuch einer Klassifizierung nach semantischen Kriterien*. *Linguistische Arbeitsberichte*, v. 26, p. 65-71, 1980.

THOIRON, P. Figement, dénomination et définition. Le figement lexical. *1ères Rencontres Linguistiques Méditerranéennes*, 1998. p. 219-238.

THUN, H. *Probleme der Phraseologie. Untersuchungen zur wiederholten Rede mit Beispielen aus den Französischen, Italienischen, Spanischen und Rumanischen*. Tübingen, Max Niemeyer, 1978.

_____. Quelques relations systématiques entre groupements de mots figés. *Cahiers de Lexicologie*, v. 27, n. 2, p. 52-71, 1975.

TOLLIS, F. *La locution et la périphrase*. Du lexique à la grammaire. Paris: L'Harmattan, 2001.

TOSSAVAINEN, L. Zur Rolle der Phraseologismen bei der Nomination. *Neuphilologische Mitteilungen*, v. 43, p. 75-86, 1992.

TRISTA PEREZ, A. M. & CARDENADO MORE, Z. Elementos somaticos en las unidades fraseologicas. *Anuario L/L*, n. 17, p. 55-68, 1986.

TURNER, M. Aspects of Invariance Hypothesis. *Cognitive Linguistics*, v. 1-2, p. 247-255, 1990.

URDANG, L. & ABATE, F. *Idioms and Phrases Index*. Detroit, Gale Research, p. 1691, 1983.

_____. *Language Changes*. Verbatim The Language Quarterly, Essex, v. 12, n. 4, 1986.

VACHEK, J. *La langue écrite selon la perspective fonctionnaliste*. 1994. p. 361-399.

VAGUER, C. *Expressions figées et traduction: de la langue aux outils*, Communication au Colloque International 'Traduction et communication interculturelle' (29 septembre au 1 octobre 2006), Bulgarie: Sofia, 2006.

_____. Pédaler dans la semoule. Approches des constructions verbales figées de structures 'V dans GN'. *Linx*, v. 53, p. 231-245, 2005.

VALE, Oto Araújo. Classificação de expressões cristalizadas construídas com verbo suporte: primeira abordagem. In: *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*, p. 500-505, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Expressões cristalizadas negativas estativas. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. XXXI, 2002.

_____. Expressões cristalizadas: transparência e opacidade. *Signótica*, Goiânia, v. 11, p. 163-172, 1999.

_____. Sintaxe, léxico e expressões idiomáticas. In: BRITO, A. N.; VALE, O. A. (Org.). *Filosofia, lingüística, informática*: aspectos da linguagem. Goiânia: Editora UFG, 1998. p. 127-137.

_____. Some Regularities of Frozen Expressions in Brazilian Portuguese. In: MAMEDE, Nuno J.; BAPTISTA, Jorge; TRANCOSO, Isabel; *et al.* (Org.). *Computational Processing of the Portuguese Language*, Berlin, Springer, v. p. 98-101, 2003.

_____. Une classification des expressions figées du portugais du Brésil. *Lingvisticae Investigationes*, Amsterdam, v. 26, n. 2, p. 175-186, 2004.

_____. *Expressões cristalizadas do português do Brasil*: uma proposta de tipologia. Tese (Doutorado), UNESP. Araraquara, 2001.

VAN DER VLIET, H. *Conceptual Semantics for Nouns*. EU-RALEX '94 Proceedings. In: MARTIN, W. *et al.* (Org.). Amsterdam, p. 216-225, 1994.

VAN DER Wouden, T. Prolegomena to a Multilingual Description of Collocations. *Euralex '92 Proceedings*, Tampere, 1992, 1992. p. 449-456.

VAN EECKE, D. L'expression des relations temporelles par les locutions. *Zielsprache Französisch*, v. 4, p. 177, 1979.

VAN VOORST, J. The Role of Verb Meaning in the Calculation of Aspectual Interpretations. In: MARTIN, W. *et al.* (Eds.). 1994. p. 384-389.

VASCONCELOS, J. Leite de. *Ensaaios ethnográficos*. Lisboa: Espozende, 1891.

VIVES, R. 'Passer un savon' vs 'sonner les cloches': y a-t-il une différence ? Par monts et par vaux, In: BURIDANT C., KLEIBER, G., PELLAT, J.C. (Org.). *Mélanges offerts au professeur RIEGEL M.* 2001. p. 417-427.

WEINREICH, U. On the Problem of Idioms, Substance and Structure of Language. *Los Angeles*, p. 23-81, 1969.

WERTHEIMER, Ana Maria. Um estudo comparativo das expressões idiomáticas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.39, n.1, p. 229-246, 2004.

WIERZBICKA, A. Why Can You have a drink When You Can't have a eat ?, *Language*, v. 58, n. 4, p. 753-799, 1982.

WILMET, M. *La détermination nominale*. Paris: PUF, 1986.

WOOD, M. *A Definition of Idiom*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1986.

WOTJAK, G. ¿Un hueso duro de roer? Esencia y presencia textual, uso y abuso de las unidades fraseológicas, VII Jornadas de Metodología y Didáctica de la Lengua Española: las unidades fraseológicas. In: GONZÁLEZ CALVO, J. M., TERRÓN GONZÁLEZ, J. & MARTÍN CAMACHO J. C. (Éds.). Cáceres. Universidad de Extremadura, 2004. p. 85-226.

WRAY, A. *Formulaic Language and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

XATARA, C. M. A comparação nas expressões idiomáticas. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 41, p. 211-222, 1997.

_____. A linguagem erótico-obscena: interface francês-português. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 32, p. 480-486, 2003.

_____. As unidades fraseológicas e terminológicas em dicionários bilíngües gerais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico*, v. 2, Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 267-274.

_____. Dicionários para tradução francês-português-francês. *Cerrados*, Universidade de Brasília, v. 23, p. 9-14, 2007.

_____. Estrangeirismos sem fronteiras. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 45, p. 149-154, 2001.

_____. La traduction phraséologique. *Meta*, Montreal, v. 47, p. 441-444, 2002.

_____, OLIVEIRA, W. L. Novo PIP - *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras em uso fr-port / port-fr*. 2. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2008.

_____. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 41 esp. p. 147-158, 1997.

_____. O ensino do léxico: as expressões idiomáticas. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, v. 37, p. 49-59, 2001.

_____. O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 38, p. 195-210, 1995.

_____. Tipologia das expressões idiomáticas. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 42, p. 169-176, 1998.

_____. Tratamento lexicográfico das expressões idiomáticas. *Idioma*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 19-22, 2000.

_____. & RIOS, Tatiana Helena Carvalho. A elaboração de um dicionário de idiomatismos: da teoria à prática. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 34, p. 165-170, 2005.

_____. RIVA, Huéinton Cassiano. A linguagem idiomática organizada em pares dicotômicos. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 111-123, 2005.

_____. RIVA, Huéinton Cassiano; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. As dificuldades na tradução de idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 8, p. 183-194, 2002.

_____. Dicionário de expressões idiomáticas francês-português/português-francês. *Idioma*, v. 21, Rio de Janeiro, Centro Filológico Clóvis Monteiro- UERJ, 2001. (Disponível em: www2.uerj.br/~institutodeletras/idioma.html).

_____. *A tradução para o Português de Expressões Idiomáticas em Francês*. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Araraquara/SP, 1998.

_____. *Expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). São José do Rio Preto/SP. 1994.

YAMADA, H. *Idioms from a New Point of View A Trace Theoric Aproach, Festschrift für Professor Kazuko Inoue*, Tokyo, p. 529-551, 1979.

YOKOI, T. Knowledge Archives. In: SONNEVELD, H. & LOENING, K. (Org.). 1993. p. 181-193.

ZAVAGLIA, Cláudia. (Org). *Coletânea Guia dos curiosos em espanhol, francês, inglês, italiano, latim: xeretando a linguagem*, 2008.

_____, SOUZA, Vivian Regina Orsi Galdino de. *Léxico erótico-obsceno em italiano e português: algumas considerações. Tradução e Comunicação*, 2007.

ZIPF, G.K. *Selected Studies of the Principle of Relative Frequency in Language*. Cambridge: Mass., Harvard University Press, 1932.

ŽOLKOVSKIJ, A. & MEL'ČUK, I. "O semantičeskom sinteze" [Sur la synthèse sémantique], *Problemy kibernetiki*, v. 19, p. 177-238. (há uma tradução em francês). A. *Informations*, 1970, n. 2, p. 1-85.], 1967.

ZULUAGA OSPINA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt/Berna. *Studia Romancia*, n. 10, Peter Lang, 1980.

_____. La fijación fraseológica. *Thesaurus*, v. 30, n. 2, p. 225-248, 1975.

No longo de toda sua existência, a Universidade Federal do Ceará (UFC) vem contribuindo de modo decisivo para a educação em nosso país. Grandes passos foram dados para sua consolidação como instituição de ensino superior, hoje inserida entre as grandes universidades brasileiras. Como um de seus avanços, merece destaque o crescimento expressivo de seus cursos de pós-graduação, que abrangem, praticamente, todas as áreas de conhecimento e desempenham papel fundamental na sociedade ao formar recursos humanos que atuarão na preparação acadêmica e profissional de parcela significativa da população.

A pós-graduação brasileira tem sido avaliada de forma sistemática nas últimas décadas graças à introdução e ao aperfeiçoamento contínuo do sistema nacional de avaliação. Nesse processo, o livro passou a ser incluído como parte importante da produção intelectual acadêmica, divulgando os esforços dos pesquisadores que veiculam parte de sua produção no formato livro, com destaque para aqueles das áreas de Ciências Sociais e Humanas. Em consonância com esse fato, a *Coleção de Estudos da Pós-Graduação* foi criada visando, sobretudo, apoiar os programas de pós-graduação *stricto sensu* da UFC. Os objetivos da coleção compreendem:

- Implantar uma política acadêmico-científica mais efetiva para viabilizar a publicação da produção intelectual em forma de livro;
- Oferecer um veículo alternativo para publicação, de modo a permitir maior divulgação do conhecimento, resultante de reflexões e das atividades de pesquisa nos programas de pós-graduação da UFC, considerando, principalmente, o impacto positivo desse tipo de produção intelectual para a sociedade.

Em 2012, ano de sua criação, a *Coleção de Estudos da Pós-Graduação* apoiou a edição de 21 livros, envolvendo diversos cursos de mestrado e doutorado.

